



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Ciências Sociais  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Henrique Restier da Costa Souza

***De pé como homem...: a construção da masculinidade na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental do Negro***

Rio de Janeiro

2021

Henrique Restier da Costa Souza

***De pé como homem...: a construção da masculinidade na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental do Negro***



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos

Rio de Janeiro

2021

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D - IESP

S729 Souza, Henrique Restier da Costa.  
De pé como homem...: a construção da masculinidade na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental do Negro / Henrique Restier da Costa Souza. – 2021.  
176 f. : il.

Orientador: Luiz Augusto Campos.  
Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

1. Masculinidade - Teses. 2. Negros – Comportamento sexual – Brasil - Teses. 3. Movimentos sociais – Teses. 4. Negros - Identidade racial - Brasil - 1931-1937 - Teses 5. Teatro – Brasil - Teses. I. Campos, Luiz Augusto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título.

CDU 159.922.4

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Henrique Restier da Costa Souza

***De pé como homem...: a construção da masculinidade na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental do Negro***

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 17 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Luiz Augusto de Souza Carneiro de Campos (Orientador)  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – UERJ

---

Prof. Dr. José Eduardo Leon Szwako  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – UERJ

---

Prof. Dr. Julio Cesar de Souza Tavares  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Laura Moutinho  
Universidade de São Paulo

---

Prof. Dr. Deivison Mendes Faustino  
Universidade Federal de São Carlos

Rio de Janeiro  
2021

## DEDICATÓRIA

Ao meu grande amigo José Roberto Mesquita (*In Memoriam*).

## AGRADECIMENTO

Agradeço, antes de tudo, à minha amada esposa, Joyce Gonçalves Restier da Costa Souza, que acreditou em mim até quando eu mesmo não acreditava. Sua confiança, inteligência, disposição e respeito me inspiram há anos, e agora não seria diferente, e mais do que nunca necessário. Às minhas filhas, que foram concebidas durante a tese e que me ofereceram uma nova maneira de encarar a vida.

Institucionalmente, quero agradecer à CAPES por ter me concedido uma bolsa de doutorado que viabilizou esta pesquisa. Sou grato ao meu orientador, professor Luiz Augusto Campos, pelo olhar perspicaz, trazendo apontamentos extremamente pertinentes e precisos para o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço aos professores do IESP-UERJ com os quais tive aulas, todos, à sua maneira, forneceram subsídios para a presente pesquisa, em especial o professor Frédéric Vandenberghe, com sua prestatividade, simpatia e erudição. Agradeço também aos colegas com os quais tive o prazer de trocar ideias sobre o projeto, sobretudo nas aulas de Seminário de Pesquisa, Seminário de Tese e Desenho e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais. Meu muito obrigado aos funcionários da instituição, em especial ao Leonardo Magalhães de Oliveira, sempre prestativo e eficiente nas demandas administrativas.

Agradeço aos professores Flávia Rios e José Szwako, que fizeram parte da banca de exame de qualificação. Suas observações fizeram com que velhos rumos fossem retomados com novos olhares. Aos professores que compuseram a banca de defesa da tese: Júlio Tavares, Deivison Faustino, José Swako e Laura Moutinho.

Meu muito obrigado ao IPEAFRO na figura de Elisa Larkin Nascimento e Milsoul Santos que me forneceram acesso ao acervo do jornal *Quilombo*. Quero agradecer aos queridos amigos e pesquisadores Ricardo Riso, Fernando Senzala e ao professor Rolf de Souza, que em conversas informais e estimulantes contribuíram para a pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus amados pais Sandra Restier da Costa Souza e Manoel Luiz da Costa Souza, e minha querida irmã Fernanda Restier da Costa Souza, vocês estão no meu coração sempre.

Agradeço a Nossa Senhora Aparecida, que nos momentos mais difíceis me trouxera conforto e perspectivas.

O Homem é movimento em direção ao mundo e ao seu semelhante. Movimento de agressividade que engendra a escravização ou a conquista; movimento de amor, de doação de si, ponto final daquilo que se convencionou chamar de orientação ética. Qualquer consciência é capaz de manifestar, simultânea ou alternativamente, essas duas componentes. Energicamente, o ser amado me ajudará na manifestação da minha virilidade, enquanto que a preocupação em merecer a admiração ou o amor do outro tecerá, ao longo de minha visão de mundo, uma superestrutura valorativa.

*Frantz Fanon*

## RESUMO

SOUZA, Henrique Restier da Costa. *De pé como homem...: a construção da masculinidade na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental do Negro*. 2021. 176f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A presente tese se insere nos campos de estudo de homens e masculinidades e relações raciais, tendo como fio condutor entre os dois campos, as noções de masculinidade dos homens negros. Procuramos compreender como essas masculinidades se constituíram discursivamente nos periódicos *A Voz da Raça*, da Frente Negra Brasileira, e no *Quilombo*, do Teatro Experimental do Negro. Ambos os movimentos sociais negros foram importantes do início do século XX, o primeiro em São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro. Nesse sentido, compomos a seguinte pergunta de pesquisa: Como as noções de masculinidade foram elaboradas no *A Voz da Raça* e no *Quilombo*? Nossa hipótese é a de que a masculinidade seria usada como uma estratégia potencializadora do discurso antirracista e, em última instância, humanizadora dos homens negros ao utilizar um repertório discursivo com a intenção de afastá-los dos significados animalizantes atribuídos a eles, colocando-os como líderes e modelos a serem seguidos por mulheres e homens negros, e admirados por mulheres e homens brancos. No entanto, essa sinergia discursiva não se apresentaria da mesma forma nos periódicos. Ao que tudo indica, ocorreria determinadas gradações onde a masculinidade mobilizada no *A Voz da Raça* adotaria traços entendidos como mais viris, atrelados aos valores militares, patrióticos e de retidão moral, enquanto no *Quilombo* haveria um maior alinhamento com elementos de refinamento, excelência intelectual e liderança política. Nosso objetivo geral, portanto, é examinar a pertinência e os sentidos dados à masculinidade e à virilidade nos periódicos trabalhados e no seu uso para determinados fins.

Palavras-chave: Masculinidade. Virilidade. Homem negro. Movimentos sociais. Frente Negra Brasileira. Teatro Experimental do Negro.



## ABSTRACT

SOUZA, Henrique Restier da Costa. *Standing as a man...: the construction of masculinity in the Brazilian Black Front and in the Black Experimental Theater*. 2021. 176 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This thesis is inserted in the fields of study of men and masculinities and racial relations, having as a guideline between the two fields, the notions of masculinity of black men. We seek to understand how these masculinities were constituted discursively in the periodicals *A Voz da Raça*, from Frente Negra Brasileira, and in *Quilombo*, from Teatro Experimental do Negro. Both black social movements were important in the early 20th century, the first in São Paulo and the second in Rio de Janeiro. In this sense, we composed the following research question: How were the notions of masculinity elaborated in *A Voz da Raça* and *Quilombo*? Our hypothesis is that masculinity would be used as a strategy that enhances the anti-racist discourse and, ultimately, humanizes black men by using a discursive repertoire with the intention of moving them away from the animalizing meanings attributed to them, placing them as leaders and role models to be followed by black women and men, and admired by white men and women. However, this discursive synergy would not present itself in the same way in journals. Apparently, there would be certain gradations where the masculinity mobilized in *A Voz da Raça* would adopt traits understood as more virile, linked to military, patriotic and moral rectitude values, while in *Quilombo* there would be greater alignment with elements of refinement, intellectual excellence and political leadership. Our general objective, therefore, is to examine the relevance and meanings given to masculinity and virility in the periodicals worked on and in their use for certain purposes.

Keywords: Masculinity. Virility. Black man. Social movements. Frente Negra Brasileira. Teatro Experimental do Negro.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	FRENTE NEGRA Especial para A VOZ DA RAÇA.....	57
Figura 2 –	A Conferência do Negro e as Nações Unidas.....	69
Figura 3 –	De pé como homem.....	73
Figura 4 –	Hino da Gente Negra Brasileira.....	75
Figura 5 –	Milícia Frentenegrina.....	78
Figura 6 –	Milícia Frentenegrina.....	79
Figura 7 –	Aproxima-se o cinquentenário da abolição da escravatura no Brasil.....	83
Figura 8 –	Mãe Preta.....	85
Figura 9 –	Minha candidatura.....	87
Figura 10 –	Nós e a sucessão.....	90
Figura 11 –	Tópicos: O negro e as eleições.....	93
Figura 12 –	O aniversário de Cruz e Souza.....	101
Figura 13 –	Luiz Gama, Herói e Santo da Abolição.....	103
Figura 14 –	Continuação de Luiz Gama, herói e Santo da Abolição.....	104
Figura 15 –	Avante.....	107
Figura 16 –	Delírio da Covardia.....	109
Figura 17 –	Henrique Dias.....	111
Figura 18 –	Abolição.....	116
Figura 19 –	Democracia Racial: uma carta esquecida.....	118
Figura 20 –	Salve 13 de Maio.....	120
Figura 21 –	Datas históricas.....	122
Figura 22 –	Pensando na vida.....	127
Figura 23 –	Um apello aos brasileiros.....	131
Figura 24 –	Eng. Antônio Martins dos Santos.....	133
Figura 25 –	O êmprego do Contador.....	137
Figura 26 –	O que foi a Raça Negra.....	139
Figura 27 –	Bilhete é uma noiva.....	142
Figura 28 –	Por acaso.....	145
Figura 29 –	São Paulo.....	148
Figura 30 –	Queremos Estudar.....	151

Figura 31 – Vida Trabalhista.....	153
Figura 32 – Formatura: Djalma Arruda da Costa.....	154
Figura 33 – O negro gaúcho quer estudar e progredir.....	156
Figura 34 – Ministros, senadores e diplomatas negros.....	157
Figura 35 – Instalado o ‘Conselho Nacional das Mulheres Negras’ .....	159

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
1	<b>A PESQUISA EM TERMOS CENTRAIS: A EMERGÊNCIA DOS HOMENS NEGROS COMO SUJEITOS DE ESTUDO.....</b>	18
1.1	<b>Delineando conceitos: uma conversa com a literatura.....</b>	18
1.2	<b>Os estereótipos raciais e de gênero como um discurso sobre virilidade.....</b>	32
1.3	<b>O homem de côr: raça e gênero entre o universal e o particular.....</b>	40
1.4	<b>Desenho Metodológico.....</b>	41
2	<b>CONTEXTUALIZANDO A FNB E O TEN.....</b>	45
2.1	<b>A Imprensa Negra.....</b>	45
2.2	<b>Frente Negra Brasileira e <i>A Voz da Raça</i>: contextualização histórica.....</b>	51
2.3	<b>O Teatro Experimental do Negro e o <i>Quilombo</i>: contextualização histórica.....</b>	62
3	<b>A VIRILIDADE COMO TRAÇO PATRIÓTICO.....</b>	72
3.1	<b>O patriotismo viril no <i>A Voz da Raça</i>.....</b>	72
3.2	<b>O patriotismo viril no <i>Quilombo</i>.....</b>	87
3.3	<b>O patriotismo viril nos dois periódicos: um quadro comparativo.....</b>	97
4	<b>OS GRANDES HOMENS NEGROS DO PASSADO.....</b>	100
4.1	<b>A masculinidade virtuosa do <i>Quilombo</i>.....</b>	101
4.2	<b>A masculinidade viril do <i>A Voz da Raça</i>.....</b>	107
4.3	<b>Homens negros e brancos do passado no <i>Quilombo</i> e no <i>A Voz da Raça</i>.....</b>	115
4.4	<b>Distinções e afinidades entre masculinidades.....</b>	123
5	<b>O HOMEM NEGRO EDUCADO E TRABALHADOR.....</b>	126
5.1	<b>Masculinidade, educação e trabalho no <i>A Voz da Raça</i>.....</b>	127
5.2	<b>Masculinidade, educação e trabalho no <i>Quilombo</i>.....</b>	147
5.3	<b>Masculinidade, educação e trabalho no <i>A Voz da Raça</i> e no <i>Quilombo</i>.....</b>	161
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	164
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	168

## INTRODUÇÃO

Uma pesquisa quase que invariavelmente tem uma motivação (ou mais de uma), seja pessoal e/ou profissional. É ela que impulsiona o pesquisador a seguir em frente a despeito das adversidades de qualquer investigação, sobretudo no período de pandemia da Covid-19, em que a possibilidade de morte é mais real do que nunca, e pode acometer pessoas queridas, familiares e até a nós mesmos. Durante a escrita da tese atravessei momentos cruciais de minha trajetória, perdi alguns amigos de décadas, fui aprovado em concurso público, me tornei marido de Joyce Gonçalves e pai de duas lindas meninas: Manuela e Ana Flor. Isto é, se por um lado fui acometido por enormes tristezas irreversíveis, em contrapartida, parcela considerável dos meus sonhos foram realizados durante o doutorado, sendo ele próprio parte desses sonhos. Esses acontecimentos tiveram um impacto ambíguo no desenvolvimento da pesquisa, visto que ao mesmo tempo em que impuseram contratempos concretos quanto à concentração e ao tempo de dedicação à pesquisa, potencializaram o empenho em fazê-la da melhor maneira possível. Em suma, minha família, amigos e trabalho me desafiaram e me impulsionaram para a realização de mais esse sonho.

No meu caso, motivações pessoal e profissional se entrecruzam e não tenho razões para crer que na maioria dos casos não seja assim. De todo modo, um fator decisivo que me levou a estudar a masculinidade e, em especial, a masculinidade dos homens negros foram os debates que acompanhei, principalmente entre 2015 e 2017 nas redes sociais sobre relações raciais e gênero, em que a tendência predominante era a caracterização do homem negro como violento, machista inveterado, fracassado profissional, moralmente e *vilanizado* na sua afetividade. Em síntese, o degenerado perfeito. Essas avaliações vinham de ativistas, pesquisadores, curiosos e interessados em geral. O que me provocou grande desconforto e conseqüente interesse pelo assunto. Não só por julgá-las, em parte, como leituras baseadas em estereótipos racistas, ressentimentos e experiências pessoais negativas, mas também por trazerem certas verdades e questionamentos incômodos quanto à minha própria construção como homem, assim como das relações raciais e de gênero como um todo. As perspectivas publicizadas nas redes sociais e também em conversas informais nas quais estive presente serviram como pontapé inicial para a busca por entender o que ocorria nesta conjuntura. Assim, conversei com as mulheres negras do meu convívio, mormente minha esposa, visto que parte importante das críticas provinham desse grupo sociorracial. Além disso, entrei em alguns grupos virtuais voltados especificamente para homens negros, dialoguei pessoalmente

com amigos e conhecidos sobre o assunto ao mesmo tempo em que me debruçava sobre a bibliografia especializada no assunto.

Ao me deparar com a literatura, decidi pela transformação da curiosidade e da inquietação em um projeto de doutoramento, não somente pela complexidade que o tema apresentava, e que merecia uma atenção mais sistematizada de minha parte, mas também pelas semelhanças e divergências com aquelas representações negativas que havia encontrado nos debates das redes sociais e pessoais. Junto a isso, já há algum tempo pensava em fazer algo ligado aos movimentos sociais negros, algo que, apesar de anos inserido no campo das relações raciais, ainda não tinha me aprofundado. Foi então que procurei conciliar esses dois anseios ao fazer uma discussão sobre a masculinidade dos homens negros no movimento social negro.

Nesse sentido a presente tese se insere nos campos de estudo de homens e masculinidades e relações raciais, tendo como fio condutor entre os dois campos as noções de masculinidade dos homens negros. A literatura indica que os estereótipos de raça e de gênero vigentes em um determinado período histórico tendem a influenciar de maneira significativa o modo como se dá as construções masculinas, o que pode ser verificado, dentre outras maneiras, através dos discursos.

Desse modo, nosso problema de pesquisa foi investigar como essas construções se apresentaram discursivamente em dois movimentos sociais negros, a saber: a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental do Negro (TEN). O primeiro foi formado em 1931, em São Paulo, por Arlindo Veiga dos Santos, Isaltino Veiga dos Santos, Alfredo Eugênio da Silva, Pires de Araújo e Roque Antônio dos Santos, que se tornou partido político em 1936 e foi fechado em 1937 com o advento do Estado Novo. O segundo iniciou em 1944 no Rio de Janeiro, por Abdias do Nascimento, encerrando suas atividades em 1961. Dois movimentos de significativa relevância na história dos movimentos negros brasileiros e que tiveram seus próprios jornais, assim o recorte para tal investigação recai sobre *A Voz da Raça*, da FNB, e o *Quilombo*, do TEN. Destarte, o objeto de nossa investigação são os discursos contidos nesses periódicos que apontem pistas e caminhos sobre as concepções e elaborações do masculino.

Considerando esses aspectos, e que no Brasil há, historicamente, um movimento negro ativo que inspirou a consciência sobre “o ser negro”, compomos a seguinte pergunta que norteará a presente pesquisa: Como as noções de masculinidade foram elaboradas no *A Voz da Raça* e no *Quilombo*? Nossa hipótese é a de que a masculinidade seria usada como uma estratégia potencializadora do discurso antirracista e, em última instância, humanizadora dos homens negros. No entanto, essa sinergia discursiva não se apresentaria da mesma forma nos

periódicos. Ao que tudo indica, ocorreria determinadas gradações em que a masculinidade mobilizada no *A Voz da Raça* adotaria traços mais viris, atrelados aos valores militares, patrióticos e de retidão moral, enquanto no *Quilombo* haveria um maior alinhamento com elementos de refinamento, excelência intelectual e liderança política.

Essas concepções exploram diferentes sentidos físicos, morais e intelectuais que compõem o conceito. Além disso, será possível perceber no decorrer da pesquisa uma relação, mais ou menos direta, com os contextos históricos nos quais os movimentos emergiram e o uso nuançado dos ideais masculinos. Isto é, existiria um discurso de combate ao preconceito e da discriminação de *côr*, que manusearia toda uma *gramática* vinculada à raça, masculinidade e virilidade com a aparente intenção de se contrapor a estereotipia que incidia não só nos negros em geral, mas principalmente nos homens negros. Uma hipótese subsidiária que decorre da primeira é que haveria um embate (e conformidade) discursivo entre homens, negros e brancos, pela afirmação de suas masculinidades dentro de um “projeto de Nação Brasileira” em gestação na primeira metade do século XX. Nesse sentido, poderíamos falar de uma possível apropriação do repertório masculino da época por parte desses periódicos, com a intenção de “regenerar” os homens negros.

Desse modo, nossa intenção é adentrar nesses discursos na tentativa de compreender a construção dessas masculinidades, seus confrontos, convergências e negociações, entre eles mesmos, com os homens brancos e de maneira suplementar com as mulheres. Essas dinâmicas possuiriam como eixo central uma disputa narrativa masculina em que um “controle representativo” se impusera ao corpo do homem negro. Por sua vez, este utilizaria os recursos e estratégias disponíveis em constante (re)elaboração para embrenhar-se nesse “campo de batalha” discursivo e político.

É possível constatar uma lacuna no Brasil de análises sócio-históricas que se debrucem sobre os processos de constituição das masculinidades dos homens que fizeram parte de movimentos sociais negros. É como se tal construção fosse dada, ou dispensável para entender tais movimentos, o que não é o caso. Postulamos que os ideais masculinos que compõem a construção dos homens negros nos periódicos estudados seriam fundamentais para entendermos certas dimensões da luta antirracista e suas transformações no tempo e no espaço. Destarte, esse trabalho procura apresentar subsídios históricos e sociológicos para a compreensão de determinados aspectos que atravessam o movimento negro brasileiro, contribuindo, mesmo que modestamente, tanto para o campo de estudos de gênero como para o de relações raciais.

Nosso objetivo geral com essa empreitada é examinar a pertinência e os sentidos dados à masculinidade e à virilidade nos periódicos trabalhados e no seu uso para determinados fins. Alguns de nossos objetivos específicos são: 1) Averiguar as diferenças e semelhanças nas concepções do masculino entre esses dois periódicos; 2) Verificar as normas, concepções e expectativas formuladas sobre as masculinidades em conexão com os períodos históricos pesquisados; e 3) Investigar como o uso do repertório masculino era utilizado nos discursos, sobretudo dos homens negros como substrato para a luta contra o preconceito e a discriminação racial ou de *côr*. Para atingir tais objetivos, pretendemos abordar as continuidades, descontinuidades, ressignificações e rupturas com os discursos disseminados à época e entre os próprios movimentos.

Quanto ao diálogo com a literatura especializada abordaremos alguns autores que percorreram, direta ou indiretamente, as relações, ambíguas e tensas, entre homens, sobretudo negros e brancos. Desse modo, as dinâmicas entre alianças e conflitos, estereótipos e reapropriações, masculinidade e virilidade, identidade negra e nacional, dentre outros assuntos, serão alvo de nossa apreciação. Isso será apresentado de forma pormenorizada no capítulo I, no qual me debruço sobre o arcabouço teórico-metodológico.

A tese possui cinco capítulos. No primeiro capítulo, trato de explicitar o arcabouço teórico-metodológico a qual irei dialogar para interpretar os dados do material empírico. Não há, porém, nenhuma grande corrente sociológica preponderante na tese. A proposta no decorrer do trabalho foi colocar em primeiro plano os discursos contidos nos periódicos e a partir deles usar, principalmente, os conceitos de masculinidade, virilidade e raça para abordar as questões pertinentes ao trabalho. No capítulo apresento, em especial, como esses conceitos são abordados pela literatura especializada apontando minhas afinidades e distanciamentos com determinados autores(as), explicitando a maneira como escolhi os fragmentos a serem analisados e a forma de interpelá-los.

O segundo capítulo é basicamente de contextualização dos dois movimentos sociais negros e os seus respectivos periódicos, localizando-os histórica, política e sociologicamente. Apresento, igualmente, de forma sucinta, suas estruturas internas, percepções sobre a realidade e propostas de integração do negro, além de alguns indícios sobre o papel da masculinidade na visão de mundo dos movimentos. A imprensa negra é apresentada como uma espécie de “moldura” para entender a própria existência dos periódicos e de que forma eles se inserem em um processo mais amplo de trânsito de ideias e preocupações dos movimentos.



O terceiro capítulo é o início das análises dos periódicos desta pesquisa. Exponho uma articulação discursiva, encontrada nos jornais, entre patriotismo e as construções dos homens negros sobre si próprios e da população negra em geral. Suas proposições tendem a reivindicar certos ideais masculinos para a composição de um “novo homem negro”, visando o questionamento do estereótipo de degenerados e a busca da plena cidadania.

No quarto capítulo, investigo a forma como homens negros, também brancos, reivindicam e enaltecem aquelas personalidades consideradas heróis pela FNB e pelo TEN. Pergunto-me que atributos seriam necessários para que um homem fosse aceito como uma referência positiva. Isto é, um conjunto de personagens históricos com suas masculinidades tidas como exemplares seriam acionados para guiar o comportamento moral e político de seus integrantes, fazendo-os com que eles mesmos servissem de modelos para outras pessoas negras.

No quinto, e último capítulo, os tópicos da educação e do trabalho ganham relevo. Concatenado com os ideais de masculinidade, podemos verificar a interessante ligação desenvolvida pelos periódicos sobre os significados que cada um deles assume em suas respectivas páginas. As nuances no entendimento sobre as masculinidades têm implicações nos sentidos dados ao que pode ser considerado um homem educado e trabalhador, tópicos que já aparecem diluídos nos outros capítulos, mas nesse surge de maneira mais acentuada, principalmente devido à importância dada ao trabalho e à educação pelos jornais.

Teoricamente o que entendemos como contribuições para a bibliografia especializada, foram os impasses que historicamente a construção das masculinidades dos homens negros atravessaram a partir e contra os estereótipos existentes sobre elas. Além da virilidade como um motor dinâmico que estimularia outras configurações de sentidos e práticas sobre a masculinidade. Espero, no fim das contas, ter algum êxito em sustentar as conexões entre a construção dos homens negros, e a história de luta contra a discriminação racial, dentro dos marcos pleiteados pela tese.

# **1 A PESQUISA EM TERMOS CENTRAIS: a emergência dos homens negros como sujeito de estudo**

## **1.1 Delineando conceitos: uma conversa com a literatura**

De acordo com David Lipset (2009), o psicólogo Gregory Batenson é tido como o precursor do conceito de masculinidade em sua monografia de 1936, que aborda um ritual da sociedade Iatmul, da Nova Guiné, chamado *Naven*. No entanto, as discussões sobre homens e masculinidades se tornam efetivamente um campo acadêmico por volta dos anos 80 e 90 como um desdobramento das críticas e agendas políticas empreendidas pelo feminismo e os movimentos de libertação gay. Parte significativa de seus aportes teóricos é oriunda da Antropologia, Sociologia, História, Psicanálise e da Psicologia Social.

Esse debate ganha volume nos países anglo-saxões a partir dos anos 70 e consolida-se nos anos 80, com críticas sobre os papéis sexuais, desnaturalização do gênero masculino, discussões sobre os privilégios dos homens, dentre outros assuntos.

No Brasil, os estudos dos homens e masculinidades têm sido um campo com um crescimento e interesse vertiginosos nos últimos anos. Os homens se tornaram seres “generificados” e, portanto, sujeitos de diferentes análises, vindas dos mais diversos movimentos sociais e arcabouços teóricos. Quanto aos temas, a antropóloga colombiana Mara Viveiros Vigoya (2018, p. 67) aborda 499 trabalhos de 1990 a 2016, oriundos da análise de artigos acadêmicos pesquisados no Scielo e na Biblioteca Digital Feminista *Ofelia Uribe de Acosta*, do Sistema de Bibliotecas da Universidade Nacional da Colômbia. Baseado nisso, a autora aponta sete eixos principais dos estudos sobre masculinidades: identidades masculinas (30%), masculinidades e violências (18%), problemas, dilemas e tensões em torno da saúde dos homens (16%), afetos, sexualidades e reflexões epistemológicas, ambos com 14%, representações e produções culturais das masculinidades (6%) e, por último, espaços de homosociabilidade masculina (2%). O perfil de gênero dos pesquisadores é bastante equitativo, homens e mulheres correspondem respectivamente a 41% e 40%, enquanto os outros 19% são de grupos mistos.

Além disso, o Brasil aparece em primeiro lugar em volume de produção de conhecimento sobre esse campo na América Latina, seguido por México, Colômbia, Chile e Argentina. Nesse sentido, creio que o nosso trabalho dialoga mais precisamente com as

identidades masculinas, tema de maior volume na pesquisa feita pela autora. A própria antropóloga traz uma importante contribuição para esse campo ao refletir sobre as experiências das masculinidades na América Latina, mostrando a preocupação em introduzir a raça como um marcador social importante para se pensar as experiências das masculinidades na América do Latina. No Brasil, como colocado acima, percebemos os avanços dos estudos de homens e masculinidades nos últimos anos com um maior volume de congressos, encontros e trabalhos sobre o assunto. Também no espaço público, com campanhas sobre cuidados com a saúde do homem, violência doméstica, paternidade, entre outros. Há, ainda, os estudos das relações raciais também têm percebido o tema como um lugar privilegiado para o aprofundamento das interconexões entre raça e gênero, e seus desdobramentos nas pesquisas científicas e nas lutas políticas.

Não obstante, o crescimento e dinamismo do campo das masculinidades nos últimos anos, ainda é possível constatar uma lacuna sobre análises sócio-históricas que se debrucem sobre os processos de constituição das masculinidades dos homens negros, sobretudo no Sul Global, como o Brasil. Em geral, essas masculinidades são tratadas como “recortes”, inclusive por nós, pesquisadores das relações raciais, isto é, compartimentos específicos e racializados com um pequeno espaço para o debate. Assim, ao mesmo tempo que tais discussões trazem importantes contribuições para o campo, seu alcance ainda é muito limitado e particularizado, como aponta o sociólogo Pedro Paulo de Oliveira no seu artigo *Discursos sobre a masculinidade*:

(...) costuma-se tratar os homens como se eles não tivessem gênero (...) Assim os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se vêem como um ser humano universalmente generalizável (...) Não é o que ocorre com os negros, pobres, mulheres, gays e todos os que de uma forma ou de outra vêem-se como diferentes (OLIVEIRA, 1998, p. 1).

Malgrado os estudos de masculinidades *generificarem* os homens, outros marcadores, como o racial, ainda precisam de desenvolvimento teórico e empírico. Por outro lado, também não é comum nos estudos sobre relações raciais, o homem negro como categoria de análise central, via de regra ele aparece diluído na categoria negro, ou pessoas negras, logo, não generificado. Ao contrário das mulheres negras, que já possuem um vasto e consistente campo de reflexão conectado com vários campos do saber e das experiências dos povos negros na diáspora. Destarte, nossa intenção é trazer o homem negro, racializado e generificado, com um aprofundamento analítico apresentando sugestões e referências para um maior entendimento de determinados aspectos e questões que atravessam os movimentos sociais negros estudados.

Além disso, e talvez mais fundamental, seria um olhar contextualizado, processual e relacional sobre o “tornar-se homem negro”, no TEN e na FNB, buscando, dessa maneira, subsídios históricos e sociológicos para entendermos a polissemia e a pluralidade do que seja essa construção, nos seus respectivos contextos, apresentando suas possíveis regularidades e rupturas.

Retornando às reflexões de Vigoya, há por parte da antropóloga a preocupação em realizar uma reflexão crítica em torno das relações de poder que atravessam a construção do gênero, especialmente, em *Nossa América* (VIGOYA, 2018 p. 28). Para a antropóloga, “os estudos sobre homens e masculinidades deveriam se orientar para documentar o sexismo que persiste e se intensifica de muitas maneiras” (VIGOYA, 2018, p. 18). Mas não só isso, utilizando o aporte da *interseccionalidade*<sup>1</sup>, a antropóloga busca analisar as desigualdades sociais e as formas de dominação entre grupos em posições historicamente marginalizadas e dominantes, de diferentes ordens sociais, utilizando marcadores sociais como raça, classe, gênero e sexualidade. Além disso, para a autora:

(...) a masculinidade não é um atributo dos “homens”, mas sim uma noção relacional e que não há uma masculinidade, mas muitas. Esta ideia se constrói em oposição à de feminilidade e em contraste com distintas masculinidades, elas mesmas inscritas em diferentes relações sociais (de classe, idade, raça, etnicidade, cor de pele e região) que organizam hierarquicamente os vínculos entre homens. Ao mesmo tempo, busquei dar conta do caráter extenso das normas de masculinidade que se impõem a todos os homens sob a forma de mandados comportamentais e orais, apesar da pluralidade de formas de masculinidade identificadas. Seja para adequar-se a elas ou para rejeitá-las, os homens devem situar-se perante essas normas (VIGOYA, 2018, p. 25).

Em síntese, a antropóloga tem se debruçado sobre a construção da masculinidade na América Latina investigando as relações de poder entre os diferentes grupos sociais e adotando para tal uma noção de masculinidade relacional, localizada no espaço-tempo, variável quanto aos marcadores sociais e normas de gênero e com implicações particulares para homens e mulheres. Essa é uma perspectiva muito próxima da que assumimos em nossa pesquisa. Um elemento que aparece de maneira significativa em seu trabalho (e em muitos outros) é a forma que o imaginário de erotismo, sexualidade e raça atravessam o corpo masculino negro, que, em suas palavras, são vistos como “seres dionisíacos” (VIGOYA, 2018, p. 102).

---

<sup>1</sup> Cunhado pela afroamericana Kimberley Crenshaw (2002), a interseccionalidade pode ser entendida como um conjunto de ferramentas conceituais que procura compreender as desigualdades e hierarquias ilegítimas da sociedade dialogando com os marcadores sociais de diferença, tendo no feminismo negro sua matriz teórica.

Segundo a antropóloga, o homem negro tenderia a introjetar parte dos estereótipos sobre si (do musical, dançarino, sexual e fisicamente potente) e transformá-lo em algo positivo, ainda que isso não seja o suficiente para escapar inteiramente de seu aprisionamento simbólico. Agora, como explicar a marginalidade da questão do erotismo e da sexualidade nos periódicos? Mesmo que os homens negros fossem vistos como “seres dionisíacos”, os jornais não os retratam como tal, nem para positivá-lo. O erotismo é simplesmente sublimado do discurso da FNB e do TEN. Assim, duas questões podem ser mencionadas, uma histórica, relativa ao lugar da sexualidade no início do século XX (muito mais tabu do que objeto de disputa), e outra pragmática, no sentido de que as demandas desses movimentos passavam por uma cidadania equiparada a do branco, uma real integração do negro à nacionalidade, o combate ao preconceito racial e, em última instância, à humanização das pessoas negras. Já a força física, um atributo recorrentemente atado aos homens negros, não é descartada, sobretudo no *A Voz da Raça*, na verdade, é mobilizada como um atributo importante para o desempenho de certos trabalhos, como contraponto aos brancos e também aos imigrantes, e mesmo como um fator de relevância histórica para a construção material e simbólica do Brasil.

O trabalho nas pesquisas da antropóloga se configura como um fator marcante para a construção da identidade masculina adulta e reconhecimento social. O desemprego, por seu turno, tende a ameaçar a identidade masculina, incapacitando o homem de cumprir suas “obrigações masculinas”, mas também gerando um sentimento de abandono e falta de referência (VIGOYA, 2002, p. 68). Com as mudanças impostas pela globalização, o desenvolvimento tecnológico e organizacional, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e a grande flexibilidade atribuída ao trabalho no mundo contemporâneo, coloca-se a necessidade de novas estratégias pelos homens para a entrada nesse mercado e nas relações com suas companheiras.

Penso que uma diferença significativa colocada pelos periódicos é a de que as noções de trabalho que os permeiam estão direta ou indiretamente ancoradas em momentos históricos de formação, disputa e consolidação da identidade nacional, em que o discurso sobre o negro procura caracterizá-lo como agente civilizador e construtor do país. Assim, o nacionalismo exacerbado da Frente com sua necessidade de projetar uma imagem patriótica do negro e o TEN com a valorização das suas contribuições culturais e intelectuais para o Brasil, sobretudo nas artes, poderiam ser considerados aspectos desse embate. Nesse aspecto, mais do que estabelecer uma ligação entre trabalho e masculinidade negra, esses homens parecem, a partir dessa conexão, se colocarem como brasileiros. Essa relação com a nação aparece em Vigoya ao tratar da *branquitude*, que integrada à masculinidade, à classe e à região forjariam na figura

de Álvaro Uribe (ex-presidente colombiano) a personificação do país. Se aos homens negros seria conferida uma fisicalidade épica, ou seja, eles seriam *hipervirilizados*, Uribe, ao representar a Colômbia, é *virilizado* em seus aspectos morais, possuindo um “caráter vigoroso” (VIGOYA, 2018, p. 146), ligado à autoridade, obstinação, coragem, disciplina, austeridade, controle etc., assim como às características intelectuais da virilidade moderna porque vinculado ao senso de economia, progresso, atitude pragmática e racionalidade empreendedora (VIGOYA, 2018, p. 148), forjando, assim, “uma robusta figura heróica e viril” (VIGOYA, 2018, p. 152). Esses são elementos quase nunca pensados para os homens negros. Assim, o que parece que os homens da FNB e do TEN tentaram fazer, foi fabricar para si uma imagem de virilidade e virtuosidade ao se reapropriar do repertório no imaginário social vigente para, dessa maneira, figurarem, também, como representantes legítimos do Brasil. Um último ponto que visa contribuir com as observações de Vigoya, é que as masculinidades dos homens negros, além de atuarem em relação aos outros homens e mulheres sincronicamente, agem também em relação a si mesmos no tempo. As diferenças e continuidades entre as masculinidades no *A Voz da Raça* e no *Quilombo* apontam para essa dinâmica.

Os cientistas sociais Alan Ribeiro e Deivison Faustino no artigo *Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos sobre Masculinidades Negras na Diáspora (2017)* fazem uma revisão e sistematização de alguns estudos publicados em língua portuguesa e inglesa sobre a temática das masculinidades negras, organizando-os em três grandes abordagens. A primeira privilegiaria a raça em detrimento do gênero, evocando o que eles chamam de “status sócio-antropológico da subordinação” (RIBEIRO; FAUSTINO, 2017, p. 175), na qual as mazelas e infortúnios pelos quais passam os homens negros ganhariam relevo, já a segunda sublinha o gênero em detrimento da raça, enfatizando um “status sócio-antropológico do privilégio” (RIBEIRO; FAUSTINO, 2017, p. 176), de benefícios patriarcais e mágoas machistas, e a terceira tende a mesclar as duas outras abordagens ao trabalhar com estereótipos de virilidade e experiências sociais complexas.

Ao final, os autores propõem pesquisas que produzam “(...) narrativas rigorosas e não autoindulgentes sobre como nos tornamos homens e negros, e, simultaneamente, pensar sobre nós mesmos como múltiplos, instáveis, multifacetados, conflitivos, tensos e, certas vezes, paradoxais e com interesses politicamente contraditórios e díspares” (RIBEIRO; FAUSTINO, 2017, p. 176-7). É nessa chave interpretativa que esta tese se movimenta. Isto é, não haveria um ponto de partida que indicasse de antemão o status dos homens negros baseando-se em algum marcador social privilegiado pela investigação. Isso foi estabelecido durante o percurso

e de acordo com as circunstâncias discursivas e sócio-históricas. É plausível, entretanto, considerar que do ponto de vista da pesquisa, o status do homem negro estivesse situado abaixo dos homens brancos em termos simbólicos e materiais. Por um motivo relativamente simples, ao longo dos periódicos percebe-se uma busca, por parte dos homens negros, por uma espécie de *equiparação de cidadania* com os homens brancos, que o preconceito de *côr*, o passado escravocrata e a discriminação dificultavam.

Em todo caso, os estudos de Ribeiro e Faustino nos apresentam uma diversidade de abordagens, perspectivas e métodos sobre a masculinidade dos homens negros. O que aponta para um campo com diferentes desdobramentos entre o masculino e as relações raciais que podem evidenciar práticas, discursos, dentre outras configurações, de acordo com os interesses do pesquisador e/ou sua área de atuação. De maneira geral, o campo de homens e masculinidades nas últimas décadas tem rejeitado valores essencialistas, universais e dicotômicos para pensar o masculino e o feminino. Tidos como dois marcos teóricos nesse campo são os livros *Masculinities* (1995), de R. W. Connell, e *Senhores de si* (1995), de Miguel Vale de Almeida. A cientista social R. W. Connell formulou o conceito de masculinidade hegemônica (proveniente das análises de Antônio Gramsci sobre as relações de classe) como um modelo construído e reconstruído historicamente abarcando três características básicas: ideal cultural, poder institucional e autoridade, e que serviria como modelo normativo para todos os homens (e mulheres), seja para negá-lo, endossá-lo ou manuseá-lo. Baseado nele, construiu uma tipologia com os principais padrões de masculinidades na ordem de gênero Ocidental, são eles: masculinidade hegemônica, cúmplice, subalterna e marginal. A hegemônica seria um modelo de domínio e referência para homens e mulheres, a cúmplice adotaria certos traços do projeto hegemônico visando tirar vantagens patriarcais, a subalterna estaria mais associada aos homens que não cumpriram do ponto de vista da sexualidade as normas dominantes, a marginal seria composta pelos homens de grupos étnico-raciais de baixo status social.

Connell, porém, admite intercâmbios entre esses conceitos, não os considerando como formas fixas, mas “sino configuraciones de la práctica generadas em situaciones particulares y en una estructura de relaciones mutable”<sup>2</sup> (CONNEL, 2003, p. 122). Essa tipologia ganha contornos surpreendentes nos periódicos, pois se mostra profundamente circunstancial e fluida, se embaralhando nos discursos dos homens negros, uma vez que padrões hegemônicos

---

<sup>2</sup> “mas configurações de prática geradas em situações particulares e em uma estrutura mutável de relacionamentos”

de masculinidade, estereótipos raciais e de classe são manipuladas conforme suas necessidades e aspirações dentro das possibilidades de seus respectivos contextos históricos.

Essa é uma leitura de suma importância para o nosso estudo, porque, ao mesmo tempo que não abdica de um modelo de masculinidade que orientaria as condutas dos homens e regularia seu prestígio frente à sociedade, de acordo com a maior ou menor proximidade com tal modelo, este não seria unívoco, nem equivaleria a um mero modelo de reprodução social. A influência dinâmica entre o modelo e suas gradações ao longo das experiências vividas dos homens emprestariam componentes das ditas masculinidades marginalizadas para as hegemônicas e vice-versa. Isto é, os padrões de masculinidades seriam (re)negociados constantemente e transversalizados por diversos marcadores sociais e contextos. Essa perspectiva tende a mitigar um tipo de leitura que poderia enxergar muitas das prescrições morais dos periódicos apenas como um mimetismo dos comportamentos dos homens brancos, ou seja, meras masculinidades marginalizadas procurando ser cúmplices para alcançar certo prestígio social dentro de uma ordem estabelecida pela masculinidade hegemônica.

Ainda que esse seja um componente dentro desse processo, porque uma das facetas da masculinidade hegemônica busca maximizar o arcabouço sócio-cultural oriundo de um determinado conjunto de homens para se tornar referência, ainda que não forneça os elementos necessários para que todos possam cumpri-lo, entendemos os modelos de masculinidade como uma amálgama de convenções e códigos em disputa, proveniente de diversos “grupos de homens” e cenários sociais específicos. A hegemonia de um determinado tipo de modelo se daria através das condições objetivas e subjetivas de um período, mas ainda assim não calcificado. Essa provavelmente é uma das razões pela qual encontramos distinções nas concepções de masculinidade e virilidade entre *A Voz da Raça* e o *Quilombo*. E indo mais longe, uma de nossas hipóteses é a de que o uso de elementos da masculinidade hegemônica pelo homem negro dos movimentos sociais contestatórios pesquisados procura reivindicar sua humanidade, degradada não somente pela sua condição socioeconômica, mas também, e sobretudo, simbolicamente impingida pelos estereótipos racistas que os distanciavam do respeito e responsabilidades masculinas de suas respectivas épocas, rebaixando-os ontologicamente.

Sendo assim, o uso do repertório masculino, muitas vezes hegemônico, pelos homens negros, explícita ou implicitamente, pode ser concebido, em certa medida, como uma reapropriação desses códigos de dignidade masculina que no processo de escravização e discriminação racial durante o pós-abolição foram depreciados e subtraídos. Nesse ponto, os homens negros dos dois periódicos, cada um à sua maneira, jogaram com essas noções em



suas narrativas, como forma de convertê-las em seu benefício com o objetivo de engendrar uma masculinidade respeitável e honrada.

Já o antropólogo português Miguel Vale de Almeida se propõe a investigar a *identidade masculina hegemônica* deslocando o eixo de análise que geralmente esteve, até então, voltado, sobretudo, para as masculinidades *desviantes*, principalmente em torno dos homens gays. Outro ponto importante a ressaltar, é o de que o antropólogo não aparta a masculinidade hegemônica das outras tidas como subordinadas, mas que essas últimas a comporiam, pois “já estão lá potencialmente” (ALMEIDA, 1997, p. 1). Vale de Almeida privilegiou, em parte de seus estudos, as masculinidades dos homens, o que é diferente de estudar apenas as masculinidades, se entendida como “metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres” (ALMEIDA, 1997, p. 2). Para nossa pesquisa esse é um ponto de vista especialmente relevante, uma vez que nosso foco é propriamente os discursos de masculinidades dos homens.

Para o cientista social Michael Kimmel (1998, p. 107), as masculinidades seriam “um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança”. E que essas masculinidades se constituiriam em um contexto de oposição, em que o ideal hegemônico necessariamente produziria sua “contraparte”, o “outro” subalternizado e desvalorizado. Essa concepção inspirada nos desdobramentos da tipologia de Connel, amplia a noção relacional da pluralidade masculina e suas configurações inseparáveis e, muitas vezes hierarquizadas. Isso se mostra “palpável” ao nos depararmos com um tipo de discurso dos homens negros nos jornais, que se esforçava em distanciar-se do seu presumido status de subordinação através de uma série de estratégias, muitas delas calcadas na utilização de características ideais da masculinidade hegemônica que serão perscrutadas na pesquisa.

Lembrando que a masculinidade hegemônica possuiria numerosas configurações e que apesar de parte considerável da literatura recorrentemente apontar suas práticas como sinônimo de dominação coletiva dos homens sobre as mulheres e dos próprios homens, Connel e Messerschmidt (2013), incorporando certas críticas ao conceito, indicam que haveria propriedades positivas nela (paternidade, provimento etc.), pois, se assim não fosse, dificilmente seria hegemônica já que seria necessário, em alguma medida, a participação dos grupos subalternizados. Novamente, a masculinidade hegemônica não poderia ser interpretada como uma conformação intrinsecamente nociva e definida por qualquer grupo de homens especificamente, mesmo que alguns deles tenham maior capacidade de se apossar de seus símbolos. Por esse ângulo, ao tratar do conceito, o sociólogo Pedro Paulo Oliveira (1998) traz sua contribuição ao considerar que:

A manutenção da masculinidade hegemônica não pode ser pensada como elaboração orquestrada e consciente de um grupo de homens nela interessados. Trata-se antes de uma complexa trama de situações e condições que a favorecem mais ou menos, dependendo das circunstâncias. Este tipo de análise enfatiza a idéia de que as estruturas de poder não podem ser tomadas como definitivamente estabelecidas, mas sim como ajustadas a uma dinâmica na qual a busca de sua legitimação e o auto-velamento de suas características históricas procura fixá-las como coisas naturais e eternas, de tal forma que se tornem a-históricas (OLIVEIRA, 1998, p. 104).

É relevante destacar nesses esquemas teóricos que o caráter recíproco, dinâmico e histórico da masculinidade hegemônica não seria monolítico nem teria plenos poderes sobre os demais grupos, estando em uma disputa permanente com outras masculinidades.

O antropólogo Osmundo Pinho (2004), ao se debruçar sobre as masculinidades dos homens negros, endossa a perspectiva tensa e relacional, propondo que as dinâmicas de poder e dominação ocorreriam “em contextos sociais estruturados, porém abertos à inovação” (PINHO, 2004, p. 65). Dessa maneira, ao investigarmos nosso objeto, essa tensão entre estrutura e agência tende a aparecer ao longo do desenvolvimento do trabalho. Aliás, Osmundo Pinho argumenta que o homem negro tem sido hiper-representado no Brasil, em geral, meramente como um corpo negro, “corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado” para o outro, “o branco dominante” (PINHO, 2004, p. 67).

Ao encarcerar sua humanidade em um fenótipo estigmatizado por sentidos ultrajantes, buscava-se legitimação social de sua subalternidade. O antropólogo, então, defende a necessidade de “*desrepresentá-lo* como um modo prático de desalienação e reconstrução de possibilidades políticas e culturais” (PINHO, 2005, p. 66). A noção de *desrepresentação* pôde nos auxiliar a pensar os discursos dos homens negros, pois dialoga estreitamente com a “arena dos embates racializados” (PINHO, 2005, p. 129) que parecem ser os periódicos. Porque põe à mostra a introjeção discursiva de determinadas estereotípias atribuídas a eles e, por outro lado, um contradiscurso que pretendia subverter e deslocar tais representações, procurando emprestar-lhes certo brio, força e aceitabilidade. Com efeito, esse contradiscurso pode ter decorrido de uma concepção que entendia o homem negro como:

(...) um homem deficitário porque *vis-à-vis* outros homens se emasculam pela subordinação racial a que está submetido. Ele é ainda aquele super-sexuado, mais sexual ou mais sexualmente marcado que o homem branco, na medida em que é mais corpo, presença corporal significativa (PINHO, 2005, p. 138).

O sociólogo Deivison Faustino, no seu artigo *O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo* (2014), possui um ponto de vista similar quando trata das relações, muitas vezes dramáticas, entre homens negros e brancos, ao enfatizar, baseando-se em Lacan, Edricle Cleaver e Fanon, a diferença entre o falo (poder) e o

pênis (órgão genital). Em termos mais claros, o homem negro teria sido aprisionado simbolicamente em seu corpo, relegado a realizar trabalhos braçais e brutalizado em sua sexualidade, executando o trabalho pesado, através de uma virilidade domesticada em um corpo varonil, enquanto os homens brancos administrariam a sociedade com um corpo débil e sexo fragilizado. Haveria uma cisão entre corpo (homens negros) e mente (homens brancos), onde seus respectivos atributos seriam *racialmente* distribuídos.

Dois aspectos se mostram pertinentes para nossas análises, na primeira essa “divisão racial do trabalho”, aparece nos periódicos, muitas vezes, de forma ambígua. Por exemplo, de um lado a herança escravocrata é acionada através de uma perspectiva fundacional do Brasil pelo “braço forte do escravo”, escamoteando os aspectos degradantes do trabalho escravo e imprimindo um significado de vigor e sacrifício pelo país. Por outro, essa mesma herança seria uma chaga e confirmação da inferioridade do negro, sobretudo do homem negro que, em tese, seria aquele que deveria no confronto colonial defender seu povo, mulheres e crianças. Como veremos, essa tensão entre os sentidos da escravidão e dos trabalhos corporais e intelectuais no pós-abolição irá permear os discursos do *A Voz da Raça* e do *Quilombo*, inclusive com muitos deles reivindicando outras possibilidades de inserção do negro no mundo do trabalho. Não sem motivo, uma das principais reivindicações de ambos os jornais era justamente a educação, entendida como a maneira por excelência de integração e ascensão social.

O outro aspecto seria uma forma de efeito colateral desse tipo de estereotipia, que, ao mesmo tempo em que privava o homem negro das qualidades mentais indispensáveis para as posições de comando, tolhia o homem branco dos traços físicos viris, mormente a potência sexual. Cleaver (1971) tem uma passagem reveladora dessa possível “troca”:

O Administrador Onipotente concedeu ao Criado Supermasculino todos os atributos da masculinidade associados com o Corpo: vigor, força bruta, músculos, e até mesmo a beleza do corpo bruto. Exceto um. Havia um único atributo da masculinidade ao qual ele não desejava renunciar, *embora este predicado particular fosse a essência e a sede da masculinidade: o sexo. O pênis.* O pênis do homem negro era a chave-inglesa perdida nas engrenagens da máquina perfeita do homem branco. *O pênis, virilidade, é do Corpo.* Não é do Cérebro: o Cérebro é neutro, HOMO, MÁQUINA. Mas na partilha que o homem branco impôs ao homem negro, este recebeu o Corpo como seu domínio, enquanto ele se apropriava antecipadamente do Cérebro (CLEAVER, 1971, p. 154, grifo nosso).

Cleaver endossa uma visão muito recorrente do significado da virilidade, que é o seu vínculo com o corpo, e, por conseguinte, com o pênis, o membro viril. Esse ponto de vista faz com que necessariamente a perda do corpo leve à perda da virilidade física e consigo não só a força física, mas a potência sexual. Mais à frente veremos que a virilidade não se circunscreve aos atributos físicos, mas essas questões aqui levantadas não devem ser negligenciadas, pois

atravessam os debates, de forma furtiva, sobre as posições sociais ocupadas por homens negros e brancos.

O historiador David Friedman, em seu livro *Uma mente própria: a história cultural do pênis* (2002), aborda as variadas concepções pela qual o pênis atravessou ao longo da história humana, sobretudo na Ocidental. Para o historiador:

Desde o começo da civilização ocidental, o pênis foi mais do que uma parte do corpo. *Foi uma idéia, uma medida-padrão conceitual, ainda que real, do lugar do homem no mundo.* Os homens terem um pênis é um fato científico; como pensam a seu respeito, se sentem em relação a ele e o usam, não é. Idéias acerca do pênis variam de cultura para cultura e de época para época. É possível identificar os momentos principais da história ocidental em que uma nova idéia de pênis tratou do mistério maior da sua relação com o homem e mudou para sempre a maneira como esse órgão era concebido (FRIEDMAN, 2002, p. 15).

A fim de exemplificar esse fato, Friedman percorre séculos e culturas, revelando como o *órgão definidor do homem* (FRIEDMAN, 2002, p. 53) era compreendido. O historiador elabora, então, um modelo de interpretação calcado em uma tipologia de fases, onde a forma de abordagem definia os termos nos quais o pênis era compreendido. Nesse modelo, inicialmente o pênis teria sido tratado pelo viés teológico, mostrando como as civilizações clássicas o viam, na maior parte dos casos, como o propulsor da vida, ligação com o sagrado, cercado de fascínio, reverência e enigma. No entanto, Santo Agostinho é apontado como um divisor de águas, porque teria promovido a “queda” do pênis, transformando-o na “vara do demônio” (FRIEDMAN, 2002, p.41), símbolo do pecado original. Em seguida, outra lente seria mobilizada para examinar o pênis: a biologia. Nesse caso, Leonardo da Vinci aparece como um dos principais investigadores seculares preocupados em dissecar os mecanismos psicológicos e fisiológicos que descortinariam o funcionamento da “alavanca de câmbio” (FRIEDMAN, 2002, p. 56). Utilizando conhecimentos, principalmente, de anatomia, Da Vinci procurou decifrar a mecânica da ereção, revelando a importância do sangue para esse processo. Ademais, relacionou o pênis com “as atitudes e ansiedades que compreendem o mistério masculino” (FRIEDMAN, 2002, p. 58). Sua questão era: “Sou eu que controlo o meu pênis ou é ele que me controla? E se me submeto, a que estou me submetendo?” (FRIEDMAN, 2002, p. 59). Com Freud, o pênis seria psicanalisado: “Para Freud, o pênis representava o poderoso, o criativo, o intelectual e o belo, assim como o feio, o irracional e o animal dentro de todos nós” (FRIEDMAN, 2002, p. 139). O psicanalista forjou uma relação psíquica e ontológica entre o homem e seu pênis, compondo conceitos vitais da psicanálise, como “a inveja do pênis” e “o complexo de castração”. E mais, relacionou o advento da

civilização com a neurose, a castração e a impotência. O *mal-estar da civilização* sintetizaria a renúncia dos instintos, sobretudo o sexual para o bom funcionamento da ordem pública.

Em seguida, o pênis irá passar pelo processo de politização com o feminismo, que iria redefinir “o pênis como um instrumento de opressão sexual e política” (FRIEDMAN, 2002, p. 173). Para Friedman, esse foi um período conturbado, em que antigas verdades sobre o pênis seriam interrogadas por aquelas que não o têm. O que ensejaria uma torrente de críticas e reflexões: a liberdade sexual das mulheres, o orgasmo feminino provocado não apenas pela penetração, a dominação masculina na maioria dos aspectos da vida moderna, a heterossexualidade questionada em definir os termos do erotismo feminino, pornografia, estupro, dentre outras questões (FRIEDMAN, 2002, p. 176).

Visto dessa maneira, o pênis não era nem divino nem demoníaco, nem biológico nem psicológico. O que os homens jocosamente chamavam de sua “ferramenta” foi seriamente (e às vezes, sem humor) criticado como uma ferramenta de opressão. O significado e o propósito do pênis – não somente no quarto, mas na cultura – foram debatidos como nunca antes. A era Freud foi obrigada a ceder à era de Friedan, e o então tornou-se AGORA. Se a primeira metade do século XX viu o pênis psicanalisado, a segunda o viu politizado (FRIEDMAN, 2002, p. 177).

Voltando alguns séculos no tempo, o historiador ainda enfrenta a questão da *racialização* do pênis construída pelos europeus, especialmente o medo e a ansiedade que isso geraria nos homens brancos (maiores criadores dos mitos sexuais sobre os homens negros), em que o tamanho, volume e potência do pênis negro seriam inversamente proporcionais à sua capacidade intelectual e controle emocional, o que justificaria inúmeros tipos de violência. Segundo o autor, essa “tradição” remontaria ao período clássico ocidental até o mundo moderno, onde um conjunto de estereótipos baseados no fenótipo e no pênis do homem negro o associaria à bestialidade. Sobre os pensadores modernos segue o seguinte trecho

Apesar de pontos de partidas diferentes, a maioria dos pensadores raciais baseou muitas de suas conclusões mais importantes no mesmo critério – o pênis do africano. Ele foi olhado, temido (e, em alguns casos, desejado), pesado, interpretado segundo as Escrituras, meditado por zoólogos e antropólogos, preservado em frascos de amostragem e, acima de tudo, calibrado. *E, praticamente em todos os exemplos, o seu tamanho foi considerado prova de que o negro era mais um animal do que um homem* (FRIEDMAN, 2002, p. 98, grifo nosso).

Essa leitura dialoga com as reflexões de Faustino e Pinho (2014, 2004) porque parte dos embates masculinos entre esses homens passa justamente pelos estereótipos que aproximam os homens brancos à racionalidade, lucidez e equilíbrio, e os homens negros à natureza, devassidão, descontrole emocional e, portanto, incompatíveis com a civilização, “visto que estar mais próximo da natureza era estar mais próximo do sexo – e mais distante da civilização” (FRIEDMAN, 2002, p. 104). Assim como Freud relacionou civilização com

repressão sexual, um homem considerado atavicamente um desregrado sexual, com um pênis, supostamente descomunal, seria incapaz, ou teria pouca probabilidade, de civilizar-se. A pesquisa ampara essas máximas fundamentais, pois o tipo de discurso adotado pelos periódicos, precipuamente *A Voz da Raça*, a despeito de não remeterem diretamente ao pênis, mobilizou um discurso moral e civilizatório incisivo quanto aos comportamentos de seus participantes, e dos negros em geral. A ênfase no casamento e na família, por exemplo, eram maneiras de moralização dos impulsos sexuais dos (homens) negros. Aparentemente essa foi uma tentativa de combater esses estereótipos *animalizadores*, e assim alcançar a *civilidade* e, por conseguinte, a cidadania.

O filósofo e psiquiatra Frantz Fanon (2008) é outro autor que, ao se engajar em compreender a construção da subjetividade negra, e em certo grau masculina, não descarta os nexos entre os mitos corpóreos e intelectuais. Conforme aponta Fanon, “o negro foi eclipsado. Virado membro. Ele é pênis.” (FANON, 2008, p. 146). A mitologia colonial sobre o negro teria o transformado no símbolo fálico por excelência, referência absoluta da virilidade sexual, fruto de inveja e fascínio pelos brancos, mas como a virilidade não se esgota no plano sexual ele continuaria sua busca pela “autêntica virilidade”. É como se a virilidade perdida, fruto da derrota no confronto colonial, e seus desdobramentos insidiosos provocassem uma sensação de falta no homem negro que só poderia ser adquirida no *mundo branco*. Mas como estamos argumentando ao longo do capítulo, isso se daria de modo mais ambíguo, no sentido da introjção de certos mitos, coloniais ou não, em seu processo de agenciamento de acordo com a situação. Por certo, este homem procuraria mostrar aos outros, e a ele mesmo, que é um homem, em seu sentido *lato*. Pelo menos é o que sugere nossas fontes. E o que isso quer dizer? A suspeita é de uma estreita relação entre masculinidade, virilidade e humanidade. Essa é uma das questões-chave que atravessa a pesquisa. Um tópico que está embutido nessa problemática é, portanto, da tensão nas relações entre homens negros e brancos, possivelmente devido aos profundos aspectos de violência, hierarquias de poder e status social que envolveram (e envolvem) esse convívio. Vejamos a seguinte explanação:

O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. *Ele tem necessidade de se defender deste “diferente”*, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será suporte de suas preocupações e de seus desejos (FANON, 2008, p.147, grifo nosso).

Nessa linha, o antropólogo Rolf de Souza trata da formação da nação brasileira e de como os homens negros foram representados pejorativamente nesse processo e suas masculinidades tratadas como deficitárias. No artigo *Falomaquia: homens negros e brancos e*

*a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente* (2013), o antropólogo se debruça sobre as representações de ambos os grupos, servindo-se da literatura nacional, do pensamento social brasileiro, de novelas, revistas e jornais. A questão do *falo* e do pênis emerge como “um ponto de referência das interações estabelecidas entre homens negros e brancos” (SOUZA, 2013, p. 37). Para Rolf, o homem negro configuraria uma ameaça à masculinidade hegemônica do homem branco, entendemos essa perspectiva no sentido de sua concorrência aos bens simbólicos e materiais disponibilizados e apropriados de forma desigual pelos homens brancos. Desse modo que a disputa é sublinhada pelo antropólogo. A título de exemplo, podemos citar: poder, recursos, consideração e mulheres. Esse confronto de masculinidades tem repercussões importantes no pós-abolição, um momento importante na construção identitária do país.

Desta maneira, o incentivo à imigração europeia, sobretudo de homens, a miscigenação com a ausência simbólica do homem negro (vide a pintura *A redenção de Cam*<sup>3</sup>), a *hiperviolência* focada no homem negro, seu encarceramento massivo e as representações estigmatizantes construídas em torno dele, poderiam ser consideradas estratégias de manutenção do *status quo* masculino do homem branco. Ou o que o autor chama de *Falomaquia*: “Esta disputa (*maquia*) pelo poder (*phallus*) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos é o que eu chamo de *falomaquia*” (SOUZA, 2013, p. 40). E apoiado nos materiais examinados de sua pesquisa, segue com a seguinte reflexão:

Com isso, os homens negros se tornaram um obstáculo ao projeto de embranquecimento da nação, sonhado pela elite nacional. Eles eram o obstáculo que teria que ser removido e, para isso, se construiu um aparato eficaz que ecoa até hoje em vários segmentos de nossa sociedade. As representações de homens negros e brancos fazem com que estes dois grupos se coloquem em posição antagônica pela disputa pelo prestígio da masculinidade. Cabe lembrar que as interações entre homens, de qualquer grupo étnico são marcadas pela disputa entre homens de origem africana e europeia que têm características próprias, subjazendo, neste pugilato, *todos os mitos criados em torno do pênis africano, a sombra que o homem branco criou e que se voltou sobre ele mesmo...* (SOUZA, 2013, p. 40, grifo nosso).

De novo a figura fantasmagórica do pênis negro surge acompanhada de todas as ansiedades e tensões entre esses dois grupos. Em vista disso, é admissível depreender que tanto *A Voz da Raça* quanto o *Quilombo* podem ser considerados lugares onde essa disputa

<sup>3</sup> Maiores informações sobre o quadro e sua relação com as teorias raciais no final do século XIX e início do século XX, ver *Raça, gênero e projeto branqueador: “a redenção de Cam, de Modesto Brocos*, de Lotierzo e Schwarcz. LOTIERZO, T.; SCHWARCZ, L. K. M. *Raça, gênero e projeto branqueador: “a redenção de Cam”, de Modesto Brocos. Artelogie*, n° 5, Outubro, 2013. Disponível em: <<http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article254>>. Acesso: 03 dez. 2014.

ocorreu discursivamente, atravessados por grande parte dessas contraposições, mas também alianças. Decerto, não é somente através do conflito que as relações entre homens negros e brancos se deram, é possível encontrar nos periódicos certa abundância de elogios, o uso de tons conciliatórios e de admiração no tratamento entre esses dois grupos.

Apesar das denúncias de discriminação, há um tom cerimonioso e cordial entre eles. Da parte dos homens negros, a estima pelos homens brancos estava em seus grandes feitos, acesso ao poder (político, econômico e cultural) e na sua aliança contra o racismo. No que diz respeito aos homens brancos, o respeito aos homens negros estava atrelado à luta abolicionista, à ascensão social através da educação e do trabalho, e às contribuições culturais negras ao Brasil. Essa verificação nuança um olhar muito conflitivo sobre essas masculinidades.

Outro ponto oportuno para se sublinhar de imediato é que a referência explícita ao pênis não foi encontrada, ela aparece de forma latente, especialmente pela época, pela formação religiosa de seus fundadores, (Arlindo veiga era católico fervoroso e Abdias no período estudado também era católico, mais tarde na década de 70 se encontrou no Candomblé) além da grande preocupação que ambos os jornais tinham com o uso de uma linguagem polida e requintada. Essa dinâmica se enquadraria mais ao *falo* (como sinônimo de poder) como uma maneira de entender certos debates da época que se refletiriam nas fontes e pretensões ligadas aos grupos pesquisados.

## 1.2- Os estereótipos raciais e de gênero como um discurso sobre virilidade

Para lidar com as armadilhas dos estereótipos, suas gradações e polissemias, extraímos as noções de *estereotipagem* e *regime racializado de representação* do sociólogo Stuart Hall (2016), ambas úteis para os nossos objetivos. Hall trabalha com a ideia de um regime racializado de representação, em que a *estereotipagem* (ancorada nas reflexões de Richard Dyer) entendida como um conjunto de práticas de produção de significados teria um papel fundamental no exercício do poder simbólico. De início podemos elencar algumas características fundamentais da estereotipagem: 1) Caráter reducionista, essencialista e naturalizador da diferença; 2) Define e estabelece uma fronteira simbólica entre o normal e o anormal; e 3) Depende de relações desiguais de poder para obter efetividade em sua classificação de “Nós” e os “Outros”. Vejamos essa reflexão provocativa do autor:



Within stereotyping, then, we have established a connection between representation, difference and power. However, we need to probe the nature of this *power* more fully. We often think of power in terms of direct physical coercion or constraint. However, we have also spoken, for example, of power *in representation*; power to mark, assign and classify; of *symbolic* power; of *ritualized* expulsion. Power, it seems, has to be understood here, *not only in terms of economic exploitation and physical coercion, but also in broader cultural or symbolic terms*, including the power to represent someone or something in a certain way – within a certain 'regime of representation'. It includes the exercise of *symbolic power* through representational practices. Stereotyping is a key element in this exercise of symbolic violence (HALL, 1997, p.259).<sup>4</sup>

Dessa forma, o autor faz vinculações instigantes com as relações de poder, representações e produção da diferença. A sua noção de *estrutura binária do estereótipo* nos ajuda a perceber as “arapucas” da estereotipagem, nas quais os negros correriam um sério risco de serem aprisionados em uma estrutura que os classificariam de diversas formas diferentes, mas que possuiriam dois extremos opostos. As rupturas com certas estereotípias poderiam recair em outros modelos cunhados pelo imaginário social branco, “[a]ssim, as ‘vítimas’ podem ficar presas nas armadilhas do estereótipo, confirmando-o inconscientemente pela própria forma com que tentam opor-se e resistir” (HALL, 2016, p. 199). Não obstante, Hall lembra que apesar da força simbólica da estereotipagem e sua tentativa de fixidez, “o significado nunca poderá ser fixado” (HALL, 2016, p. 211). Sua visão tende a conceber as possibilidades de *transcodificação* de novos significados dentro do próprio regime racializado de representação.

As formulações de Bhabha, em seu livro *O local da cultura* (1998), trazem ótimas contribuições sobre as características do discurso colonial (e pós-colonial) e o estereótipo. Aquele teria como aparato fundamental a fixação e repetição incessante das imagens sobre os "outros" produzidas pelo colonialismo, articulados pela ambivalência, o essencialismo sincrônico e o fetiche. A primeira característica transitaria em um processo de fixidez e repetição ansiosa, na qual sua validade se dá na reiteração incessante dos estereótipos em diferentes conjunturas históricas, mantendo o conteúdo e alterando a forma do discurso. O segundo buscaria aprisionar o *outro*, cristalizando-o através da linguagem as imagens criadas

---

<sup>4</sup> Na estereotipagem, então, estabelecemos uma conexão entre representação, diferença e poder. No entanto, é preciso sondar mais profundamente a natureza deste. Muitas vezes, pensamos no poder em termos de restrição ou coerção física direta, contudo, também falamos, por exemplo, do poder *na representação*; poder de marcar, atribuir e classificar; do poder *simbólico*; do poder da expulsão *ritualizada*. O poder, ao que parece, tem que ser entendido aqui *não apenas em termos de exploração econômica e coerção física, mas também em termos simbólicos ou culturais mais amplos*, incluindo o poder de representar alguém ou alguma coisa de certa maneira – dentro de um determinado “regime de representação”. Ele inclui o exercício do *poder simbólico* através das práticas representacionais e a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica. (tradução nossa).

pelo discurso colonial. Já o fetiche articulava o histórico e a fantasia com seus desejos, mitos e obsessões.

Assim, compreendemos o estereótipo como uma das principais estratégias discursivas do colonialismo, produzindo tanto o colonizado como o colonizador (BHABHA, 1998). Nesse sentido, as articulações entre os textos de Homi Bhabha e Stuart Hall se mostraram promissoras para a compreensão das nuances do estereótipo presentes nos jornais da FNB e do TEN. Desejo e prazer se misturam com poder e dominação, medo, fascínio, repúdio e reconhecimento se retroalimentam, formando um vasto repertório de significados e conteúdo. Nas palavras de Bhabha:

É reconhecidamente verdade que a cadeia de significação estereotípica é curiosamente misturada e dividida, polimorfa e perversa, uma articulação da crença múltipla. O negro é ao mesmo tempo selvagem (canibal) e ainda o mais obediente e digno dos servos (o que serve a comida), ele é a encarnação da sexualidade desenfreada e, todavia, inocente como uma criança, ele é místico, primitivo, simplório e, todavia, o mais escolado e acabado dos mentirosos e manipulador das forças sociais (BHABHA, 1998, p. 126).

Isto é, a estereotipia procura classificar o negro de forma total, de tal maneira que seja inescapável para ele fugir da *cadeia de significação estereotípica* ou do *regime racializado de representação*. No entanto, ambos os autores percebem disputas e contradições em curso. Diante disso, defendemos que ao mesmo tempo em que certas estereotipias desqualificam, por outro lado, dependendo do contexto, prestigiam. As representações e os estereótipos apesar de sua força na conformação do imaginário social e das subjetividades individuais, não esgota as inúmeras possibilidades de se exercer as masculinidades. Nem mesmo o poder hegemônico está livre de conflitos simbólicos e subversões variadas. Desse modo, não haveria uma vitória final no jogo discursivo. Com efeito, os confrontos discursivos seriam inerentes e perenes às interações entre os grupos sociais, o que mudaria seriam as correlações de forças, influenciando nos estratagemas de conciliação, cooperação e disputas.

Importa aqui, antes de avançarmos, observar que o desenho conceitual dos estereótipos se encontra em permanente diálogo não só com a raça e a masculinidade, mas, também com a virilidade, que remeteria à potência dos órgãos sexuais masculinos e à atividade. Mas não só isso, a virilidade abrangeria códigos e fundamentos ideológicos entendidos como virtuosos oriundos da antiguidade clássica greco-romana e frequentemente assentados “num ideal de força física, firmeza moral e potência sexual” (COURTINE, 2013, p. 8). Segundo o sociólogo e historiador Georges Vigarello “... o termo latino *vir* estabelecerá por longo tempo em inúmeras línguas ocidentais, virilita, “virilidade”, virility: princípios de comportamentos e de ações designando, no Ocidente, as qualidades do homem concluído, dito

outramente, o mais perfeito do masculino” (COURTINE, 2013, p. 11, grifos do autor). Esses princípios podem ser: coragem, vigor, controle (sobre si e o outro), espírito de competição, dominância, força etc. Vigarello traz uma substantiva definição etimológica e histórica do termo:

A virilidade é marcada por uma tradição imemoral: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma, e sua parte mais “nobre”, senão a mais perfeita. A virilidade seria virtude, cumprimento. A *virilitas* romana, da qual o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades claramente enunciadas: sexuais, aquelas do marido “ativo”, poderosamente constituído, procriador, mas também ponderado, vigoroso e contido, corajoso e comedido. **O vir não é simplesmente homo; viril não é simplesmente o homem: ele é um ideal de força de virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação.** Daí esta situação tradicional de desafio: buscar o “perfeito”, a excelência, bem como o “autocontrole”. Qualidades numerosas enfim, entrecruzadas: ascendência sexual misturada à ascendência psicológica, força física à força moral, coragem e “grandeza” acompanhando força e vigor (VIGARELLO; COURTINE; CORBIN, 2013, p. 7, grifo nosso).

Percebe-se não só uma antiguidade histórica do conceito de virilidade sobre o de masculinidade, como somos capazes de identificar uma gama de atributos que constituem o ideal de homem viril, que a despeito de determinados padrões subsistirem ao longo do tempo, no mais das vezes, se dinamizam, reatualizam, são descartados e retornam. Como poderemos ver mais adiante, no *A Voz da Raça* aparece trechos relacionando “heróis negros” com grandes personagens da Grécia e Roma clássica, algo que não está presente no *Quilombo*. Isso sugere, nesse caso, o uso da virilidade em seus aspectos mais “tradicionais” pelo periódico da FNB, enquanto o TEN procuraria utilizar um repertório mais ligado à intelectualidade, ambas filtradas pelas virtudes modernas de seus respectivos contextos. Em todo caso, as duas definições, de Vigarello, Courtine e Corbin disponibilizariam uma concepção mais complexa sobre o conceito, uma vez que abarcaria atributos físicos, intelectuais e morais. Assim, seria possível modular alguns entendimentos do senso comum, inclusive acadêmico, sobre a virilidade, propondo reflexões que possibilitem uma melhor compreensão sobre seus atributos e sentidos para os homens da FNB, do TEN e seus interlocutores.

Na verdade, os componentes intelectuais e morais se mostram mais relevantes nos jornais que os físicos, ainda que haja correlação entre eles. Aqui é preciso nos determos um pouco mais em três questões: a primeira é o porquê da nossa escolha em trabalhar com a masculinidade e a virilidade em um mesmo patamar de relevância analítica. A segunda é sobre as propriedades viris e suas dinâmicas históricas que conjugam paradigmas, normas e diretrizes com adaptações, transgressões e descumprimentos. A terceira é sobre certa compreensão contemporânea que vê a virilidade como algo moralmente nocivo, a qual não

nos filiamos. Todas elas, afinal, se conectam e complementam. A respeito de nossa escolha, ela se explica, primeiramente, por uma questão histórica, que tem a ver com o período no qual estamos nos debruçando. Ainda de acordo com o antropólogo e linguista Jean-Jacques Courtine:

(...) a história da virilidade não se confunde, no entanto, com a história da masculinidade: “masculino” durante muito tempo foi somente um termo gramatical. *Também no século XIX e no início do XX não se exorta os homens a serem “masculinos”, mas “viris” homens, se dizia “verdadeiros”* (...) Que o “masculino” tenha vindo a suplantiar o “viril” é bem o sinal de que, decididamente, há algo que mudou no império do macho (COURTINE, 2013, p. 9, grifo nosso).

Isto significa que a virilidade é de suma importância para averiguar a construção dos homens no período proposto pela pesquisa. E, de fato, ao nos debruçarmos sobre os periódicos, o vocabulário empregado se associa, quando presente, intimamente com os sentidos comumente considerados viris. Masculinidade e virilidade se imbricam, mas não são a mesma coisa, porque nem todo homem é viril nem por isso tem, necessariamente, sua masculinidade questionada. Consideramos que nas épocas estudadas – década de 30 e segunda metade dos anos 40 – a virilidade, assim como a masculinidade, passou por certas transformações. Se na primeira ela pode ser considerada como um componente primordial da masculinidade, na segunda isso não parecia ser tão relevante. É como se a virilidade nos anos 30 fosse o núcleo central do homem, o locus onde fosse concentrado uma série de qualidades tidas como as “verdadeiras virtudes”, aquelas que deveriam ser cultivadas e prestigiadas, visto que seria o antídoto para vícios e fraquezas. Em meados dos anos 40, a virilidade começa a ganhar novos contornos e chega a perder centralidade na construção do masculino. Traços associados ao requinte, urbanidade e erudição ganham maior destaque. O espírito da época (Zeitgeist), e os jornais se imbricam, sem pretensões generalizantes, é claro, pois, como é sabido, dependendo dos marcadores sociais de diferença esses aspectos ganham maior ou menor expressão.

Em relação a certos padrões de características do homem viril, a socióloga e antropóloga Claudine Haroche nos faculta a seguinte reflexão:

Qualquer que seja o momento histórico, a virilidade é sinônimo de força, ou pelo menos ela a supõe: força física, simbólica, mas também moral – fala-se de força de caráter –, considerada e valorizada como um traço essencial do masculino. Isto se traduziria por algumas capacidades: a aptidão para o comando e a aptidão para a decisão racional vista como necessária para o exercício do poder. A virilidade se revelaria também por algumas disposições: autodomínio, firmeza, resistência (HAROCHE, 2013, p. 16).

Como fora indicado anteriormente, a virilidade não é somente força física, componentes morais e intelectuais integram o conceito. Haroche nos oferece a força em três aspectos: física, simbólica e moral. Representadas por capacidades e disposições consideradas basilares do masculino. Nesse sentido, a cientista social menos do que tornar a virilidade um conceito a-histórico e essencialista, mira sua análise nos significados tidos como mais vitais do conceito. Mas o que realmente importou para nosso estudo foi verificar se estes aspectos realmente estiveram presentes nos periódicos e quando sim, de que forma apareceram, buscando, dessa forma, fornecer materialidade histórica e sociológica ao conceito.

Outrossim, os valores viris têm a tendência de serem manuseados discursivamente pelos homens, mas também pelas mulheres, como elementos de valorização e desqualificação dos homens, como poderá ser verificado no percurso do trabalho. Postulamos três estratégias fundamentais que os homens, e grupos de homens, procuram utilizar visando a manutenção ou a busca de prestígio: *a desvirilização, a hipervirilização e a virilização*. Sobre as duas primeiras, a despeito de cada uma delas possuírem suas particularidades e até mesmo em um primeiro momento suscitarem dinâmicas totalmente diferentes, suas ações são complementares porque, de maneira geral, visam a desqualificação. Em outras palavras, enquanto a primeira tem por objetivo subtrair certos valores viris socialmente reconhecidos e admirados em um determinado contexto social por mulheres e homens, a segunda inverte essa lógica impondo uma série de atributos viris hiperbólicos e desmedidos usualmente vinculados ao corpo, mas também ao caráter. Já a *virilização* teria em seu cerne a valorização, ao atribuir ao indivíduo características estimadas pelo grupo e época ao qual pertencesse. É aqui que os estereótipos sobre os homens negros se revelam com mais intensidade, pois essas estratégias de desvirilização, hipervirilização e virilização acomodam disputas de sentidos onde são acionados tanto os lugares comuns em torno dos homens negros, como sua pretensa superação. Enquanto um homem desvirilizado remeteria aos significados de apatia, fraqueza e sujeição, e o hipervirilizado à violência, brutalidade e ignorância, o virilizado seria o enérgico e valoroso. Esse quadro analítico é relevante para investigarmos o programa moral e normativo que atravessam a FNB e o TEN.

As ambiguidades e apropriações dessa dinâmica nos jornais da FNB e do TEN nos oferece um abundante campo de análises sobre os valores e significados que perpassam as construções viris de homens negros e brancos, pois enquanto que no primeiro seus aspectos mais ligados ao físico e à moral são destacados, no TEN os intelectuais é que ganham relevo, muitas vezes alheios à virilidade, imprimindo outras formas de (des)valorização do masculino.

No que se refere à conotação pejorativa que a virilidade adquiriu nas últimas décadas, passa por uma crítica que tende a enxergá-la como uma fonte de opressão ao gênero feminino, mas também ao masculino, e até mesmo à toda a sociedade. É comum no campo de estudos das masculinidades e gênero, sobretudo aqueles de matriz feminista, escritos por homens e mulheres, uma severa crítica à virilidade. A historiadora Christine Bard entende que a busca pela equidade de gênero teria produzido essa desaprovação:

O impulso da igualdade entre os sexos que marca o século XX não se faz sem um profundo questionamento da virilidade. Aos olhos das feministas, a virilidade expressa a dominação masculina que elas chamam, de acordo com os momentos e as suas sensibilidades, de “masculinismo”, “patriarcado”, às vezes também de “virilismo”. O espetáculo que remete a seu espelho é aquele da violência, da guerra entre nações e da guerra entre os sexos (BARD, 2013, p. 128).

Dito de outro modo, a virilidade ao ser entendida, preferencialmente, como brutalidade e tirania, se torna forçosamente incompatível com a equidade. Mesmo Pierre Bourdieu (2016), distante teoricamente do feminismo, mas questionador da “dominação masculina”, fez críticas à virilidade, não só pelo viés da violência, com também pelo sentido de fardo para os homens. Para o sociólogo o ideal viril seria inalcançável, assim, grande parte dos homens se sentindo obrigados a correspondê-lo, devido à pressão social, demandariam uma grande energia para alcançar algo que, na maior parte dos casos, produziria somente frustração. Ademais, ele também salienta que a virilidade teria como contraste interno uma espécie de duas faces da mesma moeda, a vulnerabilidade, que dialogaria, em certa medida, com a ideia de masculinidades frábil.<sup>5</sup> E pergunta: “o que é, apesar de tudo, a virilidade senão uma não feminilidade?” (BOURDIEU, 2016, p. 92). Similarmente à Bourdieu, essa questão da vulnerabilidade aparece em Courtine ao tratar das instabilidades das identidades masculinas ao longo do século XX e XXI, e localiza as prescrições viris no âmbito físico e moral, abrindo a possibilidade do receio de uma “dupla vulnerabilidade”:

O modelo, de fato, se fundou como natureza no corpo, baseado numa imagem de força física e de potência sexual, por um lado; num ideal de autodomínio e de coragem, por outro lado. Isto significa dizer que ele sempre foi acompanhado, como sendo a sua face oculta, pelo temor da vulnerabilidade corporal, pela apreensão

---

<sup>5</sup> Aqui faremos um pequeno parêntese relacionando essa ideia de atividade masculina com a de *masculinidade frábil* muito recorrente no debate público contemporâneo, mas que possui sua relevância para nossa pesquisa. Entendemos que a primeira explica em boa medida a segunda. A masculinidade frábil, em poucas palavras, consiste em dizer que, homens seriam muito inseguros em relação à sua masculinidade e, portanto, reativos e ciosos às críticas em relação à sua “hombridade”, fazendo com que muitas dessas reações irrompessem para a violência física e verbal. Concordamos que há um elemento de fragilidade sim na masculinidade, uma vez que os testes em torno dela são constantes e contínuos, um mero deslize pode fazer com que o indivíduo seja execrado pelos seus pares e parte da sociedade, tendo sua reputação abalada temporariamente, ou mesmo definitivamente. Além do que, uma afronta a ela deveria ser imediatamente respondida, com o objetivo de que não pare nenhuma dúvida sobre a mesma.

diante do enfraquecimento sexual, pela sombra da falência moral (COURTINE, 2013, p. 11, grifo nosso).

Arquétipos e ideais, viris ou não, são de fato construções paradigmáticas que podem causar frustrações, mas simultaneamente, no campo moral, servem de guias para práticas socialmente sancionadas, e a dificuldade em correspondê-las só a fazem, em certo sentido, serem mais valorizadas. Foi o que pudemos constatar em parte de nossas fontes.

Mesmo que grande parte das críticas sejam pertinentes, sofisticadas e encontrem boas razões para serem feitas, também há um forte componente moral, e no limite moralista, que não se configurou adequado para nosso trabalho, sob pena de desqualificar, de saída, parcela de nossos sujeitos de pesquisa. Aliás, é preciso dizer, “(...) violência e virilidade não são sinônimas: é possível ser violento sem ser viril, e vice-versa” (FARGE, 2013, p. 511). Além disso, como poderemos averiguar em parte dos periódicos, principalmente no *A Voz da Raça*, muitos de seus significados são mobilizados pelos homens negros (e brancos) para se declararem “homens de verdade”, cidadãos, trabalhadores etc. Especialmente em um período histórico em que os valores tradicionalmente viris eram vistos como virtudes a serem cultivadas contra a degeneração dos vícios, fraqueza moral, doenças, alcoolismo, feminização, e todo tipo de desordem (FLORES, 2007, p. 207). Entretanto, nossa intenção não é reabilitar ou adotar um tom apologético do conceito, mas desvendar sua relevância sociológica para compreender as masculinidades desses movimentos nos marcos estabelecidos pela pesquisa. A ausência, a presença e a seletividade dos elementos viris para compor a masculinidade acaba por modificá-la, o que para nossa pesquisa foi fundamental para perceber as nuances entre as construções na FNB, no TEN e deles com relação aos homens de fora dos movimentos.

Em síntese, devido às particularidades de nosso objeto de estudo, entendemos a masculinidade e a virilidade como construções discursivas, informadas por uma série de valores, princípios, normas e sistemas de representação que definem certos atributos identificados socialmente como de um homem. Essa dinâmica não só é relacional (envolvendo homens/homens e homens/mulheres), mas varia, também, de acordo com o contexto sócio-histórico e dos marcadores sociais de diferença (raça, classe, etnia, região, crenças, sexualidade etc.) que compõem o indivíduo. Estes homens buscariam legitimidade e reconhecimento, sobretudo entre seus pares, almejando atender (e/ou transgredir) às prerrogativas masculinas de uma determinada sociedade que, em geral, envolveriam: prestígio, poder, influência, dever e respeito.

Partimos do pressuposto de que os homens negros teriam maiores dificuldades de corresponder ao imaginário corrente das responsabilidades e distinções que um homem deveria apresentar nos períodos estudados (por exemplo, o provimento, respeito e sucesso profissional), devido, em grande medida, aos obstáculos que a discriminação e os estereótipos raciais e sexuais estabeleciam. Não obstante esses empecilhos, tais homens criaram estratégias para lidar com as discriminações, negando e/ou manipulando os estereótipos sobre si mesmos, e ao fazê-los criaram dinâmicas de enfrentamento, endosso e negociação com a realidade ao seu redor. Assim, tais construções sobre si e sobre o outro, sobretudo com o homem branco, envolveriam determinadas rivalidades e acordos que se refletiriam nos lugares de enunciação dos produtores desses discursos, logo, em seus interesses e valores.

### **1.3 O homem de *côr*: raça e gênero entre o universal e o particular**

Por fim, temos a raça que, fundamentalmente, assume nessa pesquisa um valor sociológico, ou seja, é lida dentro do contexto social brasileiro, possuidor de variadas acepções construídas socialmente não só pelos sujeitos, como pelas teorias. Aquilo que Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2003) chama de categoria analítica e nativa. A primeira faria sentido dentro de uma determinada teoria, permitindo a análise de certo conjunto de fenômenos. A segunda seria quando essa categoria é oriunda, não de um corpo teórico, mas do mundo cotidiano, do dia a dia. Em todo caso, “qualquer conceito, seja analítico, seja nativo, só faz sentido no contexto ou de uma teoria específica ou de um momento histórico específico” (GUIMARÃES, 2003, p. 95). Isto posto, nossa intenção foi trabalhar calcado em “um momento histórico específico”, tendo como alicerce norteador os próprios periódicos que na maior parte das vezes fornece evidências nos próprios textos. Destarte, é comum no período investigado, como os próprios periódicos demonstram, o uso da cor como subtexto racial (GUIMARÃES 2003).

Ora, isso não quer dizer que não haveria certas complicações em lidar com o conceito, principalmente porque, ele aparece, via de regra, conjugado com o gênero. Exemplificando, tanto no *A Voz Da Raça* como no *Quilombo* é comum usarem os termos que indicam, explícita ou implicitamente, o gênero. Homem, homem de *côr*, homem negro e negro com seus plurais podem ter diferentes significados. Homem pode variar do gênero humano ao masculino (negro); homem de *côr* pode representar todas as pessoas negras ou somente os



homens negros; e negro, idem. Em geral, quando se referem exclusivamente às mulheres, de *côr/negras* ou brancas, é de forma expressa e particular, nunca se referindo à humanidade. Fica claro que o termo homem tem legitimidade de se referir a toda a humanidade, e negro, homem de *côr ou* homem negro, a todas as pessoas negras. Grada Kilomba (2019) faz uma crítica à Fanon ao uso do termo homem e homem negro como sinônimo de ser humano. E que, portanto, “O uso masculino genérico para designar humanidade reduz automaticamente a existência de mulheres à não existência” (KILOMBA, 2019, p. 108).

O sociólogo Deivison Faustino (2019) também tece uma reflexão acerca da “sexização da linguagem” (FAUSTINO, 2019, p. 13) empregada por Fanon ao discutir a humanidade do homem negro, porém não só por ele, segundo Faustino, igualmente por toda uma longa tradição filosófica, religiosa e científica Ocidental. Apesar de ser outra crítica relevante, que tem diversos desdobramentos nos estudos de gênero, ela tem o seu lugar no presente trabalho, primordialmente como uma preocupação metodológica. Um desafio que não pôde ser subestimado ao longo da pesquisa foi o de discernir, no material pesquisado, quais os sentidos emprestados a esses termos em cada momento, uma vez que não são imutáveis.

Como colocado acima, ocasionalmente negro quer dizer, pessoas negras, por vezes, homens negros e assim por diante. Além disso, há o termo que inicialmente tenha uma conotação universal, mas ao longo do trecho analisado ganhe significados mais específicos vinculados ao masculino (e vice-versa). Para tentar dar conta dessa miríade de significados, foram necessários exames meticolosos sobre quais termos estavam associados a essas palavras e em que circunstâncias. Em outras palavras, foram as qualidades e predicados vinculados a esses termos juntamente com a abordagem do texto que direcionaram nosso entendimento. A partir disso, foi possível, de modo plausível, discernir seus variados sentidos e traçar as conexões pertinentes para com nossas questões de pesquisa.

#### **1.4 Desenho metodológico**

A escolha pelos jornais *A Voz da Raça* e o *Quilombo* advém da importância que os mesmos possuíam para a difusão das ideias de seus componentes e colaboradores. Esses periódicos eram estratégicos para as atividades políticas, econômicas e sociais desses movimentos, refletindo, em grande medida, os debates pertinentes à comunidade negra da

época e do contexto na qual estava inserida. O historiador Flávio Gomes destaca a importância da imprensa negra:

A opinião por ela veiculada produz e reproduz valores, o que é certamente uma das mais importantes funções desses periódicos. O humor e a crítica são dirigidos principalmente à “classe” que o jornal representa. É também uma função educativa, na medida em que os jornais são porta-vozes dos seus valores culturais e morais (GOMES, 2010, p. 40).

A questão dos valores é de suma importância para esse trabalho, pois é primordialmente através deles que será possível explorar os significados da virilidade, da masculinidade, suas conexões com a raça e com as temáticas abordadas nos capítulos. Destaca-se nesses jornais o negro como intérprete principal da realidade brasileira, de proposições para a resolução de suas demandas e desafios. É por meio dessa interpretação que o diálogo com valores associados ao masculino pôde ser desenvolvido. Além dessas fontes, a pesquisa se debruçará sobre outras, quais sejam, as memórias, biografias e produções intelectuais de alguns desses homens, a fim de contextualizar os movimentos e algumas de suas perspectivas. Esse material se apresenta como um terreno fértil para um melhor entendimento sobre as influências dos valores, perspectivas, ideologias, pretensões e interlocutores na composição das masculinidades desses indivíduos.

O acesso ao periódico *A Voz da Raça* foi obtido através do site da Universidade de São Paulo (USP), voltado para a imprensa negra paulista. Ao todo, são setenta jornais escaneados entre os anos de 1933 e 1937. No caso do *Quilombo*, estes foram cedidos gentilmente por Elisa Larkin Nascimento através do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) situado no Rio de Janeiro, ao todo são dez edições digitalizadas de 1948 a 1950.

Como estratégia metodológica de análise do material supracitado, utilizou-se as próprias palavras, termos e expressões empregadas nos jornais, procurando com isso obter os valores que remetessem ao “universo masculino da forma que eles eram empregados. Para isso foi adotado um critério básico: a partir da leitura dos jornais foi selecionado os textos que, direta ou indiretamente, versassem sobre homens e/ou adotassem para se referir a eles, um vocabulário associado especificamente aos significados informados por esse universo, para daí realizar as análises.

Assim, matérias que apesar de discorrerem sobre homens fossem demasiadamente “técnicas” e/ou meramente informativos, isto é, que porventura trouxessem basicamente dados biográficos, datas, trabalhos, cargos etc. não oferecendo maiores características dos indivíduos e situações para análise foram descartadas. Outro ponto é que nossa intenção não foi esgotar todas as aparições desses trechos nas 80 edições dos jornais (10 do *Quilombo* e 70

do *A Voz da Raça*) por duas razões principais: 1) A redação provavelmente ficaria cansativa com muitos excertos ao longo do texto. 2) Repetitiva por esgotar-se a variedade das características conferidas aos personagens e, portanto, das próprias análises. Dessa maneira foram perscrutadas aquelas de maior “representatividade” para nosso estudo, ou seja, que fossem quantitativa e/ou qualitativamente mais expressivas quanto aos critérios elencados anteriormente. Ao todo foram analisadas trinta e cinco figuras, dezenove do *A Voz da Raça* e dezesseis do *Quilombo*.

Quanto à forma escolhida para apresentar os trechos, foi decidido exibi-los como figuras no corpo do trabalho e ao lado, ou abaixo (dependendo da diagramação) transcrever as passagens emblemáticas para exame. A transcrição foi necessária devido a parte dos trechos serem ilegíveis (ou quase isso), principalmente do *A Voz da Raça*, ou pela necessidade de reduzi-los, o que também inviabilizaria a leitura. Outra questão é que a transcrição, na maioria das vezes, não foi na íntegra, mas apenas as partes que consideramos as mais relevantes e que foram realmente fruto de exame. Além da figura no corpo do texto, também foi disponibilizado em notas de pé de página um link direto para o periódico que a contivesse. Em relação aos temas das seções, eles foram escolhidos a partir da recorrência que eles apareciam nos periódicos em consonância com os objetivos da investigação.

Concomitantemente a essa estratégia nos debruçamos sobre as ideias, valores e normas de gênero e raça vigentes nos respectivos períodos estudados, na tentativa de apreender os conceitos mais próximos possíveis de seus contextos e seus significados conjunturais. Através dessa pequena exposição é possível notar que será fruto de nossa análise não só os periódicos, mas também, de forma mais concisa, para compor o cenário histórico, o debate que estava sendo travado sobre identidade (o caráter) nacional e os lugares sociais que negros e brancos, homens e mulheres deveriam ocupar nesse processo.

Essa abordagem foi necessária não só para contextualização, mas principalmente para trazer os interlocutores desses movimentos para o debate, visto que a constituição desses discursos são relacionais, ou seja, respondem, contestam ou endossam determinados entendimentos correntes sobre qual o papel que os grupos socio-raciais e de gênero deveriam ocupar no projeto nacional da primeira metade do século anterior. Esse tipo de tratamento se mostra um desafio, uma vez que a discussão sobre masculinidade, assim como o próprio conceito não estava colocado naquele período, pelo menos não da maneira como conhecemos.

Quanto à virilidade, apesar de ser um conceito mais antigo, usualmente, sua forma de aparecer é através de sinônimos, expressões e palavras de sentido semelhante, apesar do esforço dos estudiosos terem nos fornecido algumas orientações importantes para detectá-la.

Portanto, dificilmente encontraremos tais palavras, nesse contexto, mas sim termos que possam remeter às ideias de virilidade, masculinidade, ou seja, às características socialmente atribuídas aos homens. De todo modo, nossa intenção é abordar os sujeitos sociais dos discursos de forma contextualizada, integrando os elementos textuais como as posições sociais e os interesses envolvidos entre os interlocutores e as ideologias subjacentes.

## 2 CONTEXTUALIZANDO A FNB E O TEN

Como o próprio nome do capítulo diz, seu objetivo é contextualizar os dois movimentos que serão investigados no decorrer do trabalho, para com isso oferecer uma contextualização histórica dos acontecimentos que os cercaram, introduzir algumas informações sobre suas estruturas organizacionais e seus objetivos, além de conectar suas imprensas com processos sociais anteriores que remetem à noção de “imprensa negra”. A intenção é considerar as circunstâncias gerais nas quais os discursos dos homens da FNB e do TEN foram produzidos. Indicando subsídios necessários para a inteligibilidade dos fenômenos sociais alvo de nossas preocupações, e que serão frutos de análises mais detidas nos próximos capítulos, mas que aqui, em certos aspectos, já são adiantadas.

### 2.1. A Imprensa Negra

A *imprensa negra* é parte de um longo histórico de protagonismo da população negra na luta contra o preconceito e a discriminação baseada na cor/raça, afirmação identitária e cidadã. Usualmente, tal expressão designa jornais publicados a partir do pós-abolição. Seu surgimento está intimamente ligado ao pouco e caricato espaço que era oferecido aos negros nos jornais de grande circulação (dos brancos).<sup>6</sup> Foi uma imprensa de poucos recursos financeiros, de jornais com poucas tiragens, duração curta e instável, não conseguindo manter uma regularidade temporal de edições, tanto quinzenal quanto mensal ou bimestral e praticamente limitada à própria comunidade negra, mas que, ainda assim, tivera um papel importante em abordar os problemas, perspectivas e proposições para a “elevação” do negro. Seus temas desenvolviam-se em torno dos problemas e demandas que afetavam a vida dos negros brasileiros como bem pontua a socióloga Regina Pahim Pinto:

São muitos os aspectos sobre os quais o negro dirigiu o seu olhar crítico. Os jornais estavam atentos às condições de vida da população negra e aos problemas que ela enfrentava em relação à habitação, educação, situação econômica e trabalho, havia, também, uma preocupação com o seu comportamento social e moral, com sua

---

<sup>6</sup> Segundo Maria Aparecida Silva Pinto (2003, p. 116), os jornais da grande imprensa possuíam páginas exclusivamente dedicadas aos imigrantes, inclusive escritas em suas línguas maternas, dando pouco ou nenhum espaço para as questões da população negra. Além, é claro, das representações negativas quando apareciam. A cientista social chega a especular que está pode ser uma das razões possíveis para a existência dos jornais negros.

estrutura psicológica e, ainda, com as restrições que lhe eram impostas, nos diferentes setores em que atuava ou tentava atuar e que, conseqüentemente, impediam o negro de exercer plenamente o seu direito de cidadão (PINTO, 2013, p. 65).

A reflexão acima antecipa uma variedade de questões das quais iremos tratar no decorrer do trabalho, mormente os tópicos do trabalho, educação, moralidade e cidadania que incidem de forma considerável sobre as construções masculinas e viris dos homens que participavam da imprensa negra. Aliás, uma questão que Pinto assinala é que a imprensa negra, pelo menos a paulista do início do século XX, seria formada basicamente por homens. Apoiando-se nos jornais analisados de 1907 a 1937, “Do total de 244 colaboradores computados, apenas 15 eram mulheres. A mulher também esteve ausente dos cargos de chefia. Apenas uma mulher integrou o corpo editorial do jornal O Clarim em 1935, exercendo a função de redatora” (PINTO, 2013, p. 69).

Essa conformação de gênero se mostra deveras produtiva para nossas pretensões porque, dentre outros motivos, sugere que a imprensa negra possuía em seu cerne uma disputa de narrativas masculinas, uma das hipóteses desse trabalho. Além disso, há uma complexificação com a entrada do periódico *Quilombo*, do TEN, que já compreenderia outra época, que traria consigo algumas peculiaridades em relação ao período estudado pela autora, e que será desenvolvido no decorrer de nossas reflexões.

Segundo Pinto, a mulher negra estaria também presente no movimento, mas de forma a dar suporte às ações do homem negro (PINTO, 2013, p. 63).<sup>7</sup> Ainda assim, demarca que isso mereceria um olhar mais atento com o objetivo de avaliar se realmente sua atuação teria sido menos relevante ou menos registrada em suas fontes.

Talvez fosse estratégico, naquele período, que o “rosto” do movimento fosse masculino, com o intuito de emprestar maior “aceitabilidade” no espaço público, especialmente diante de uma grande imprensa formada quase que exclusivamente por homens brancos. Talvez as mulheres negras estivessem empenhadas em outras atividades dentro dos movimentos mais associadas às suas expertises desenvolvidas historicamente e às representações correntes sobre os papéis sociais de homens e mulheres. É preciso notar que esse era um contexto onde o espaço público e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, mesmo das mulheres negras que historicamente sempre foram mais atuantes nessas duas esferas, ainda eram restritos e demarcados. Enfim, a despeito de tratarmos, em certa medida,

---

<sup>7</sup> O historiador Petrônio Domingues também faz uma leitura crítica a respeito da presença das mulheres negras nos movimentos sociais do início do século XX. Sobre a FNB, ele afirma que as mulheres negras, mesmo formando grupos como as Rosas Negras e a Cruzada Feminina, estavam ausentes das instâncias decisórias como o “Grande Conselho” (instância máxima da FNB) (DOMINGUES, 2007, p. 358).

dessas questões mais adiante, como Regina Pinto coloca, maiores investigações seriam necessárias para obter um diagnóstico mais rigoroso sobre o assunto.

Francisco Lucrécio, componente da FNB, comenta em seu depoimento para Márcio Barbosa que as mulheres foram fundamentais para o movimento e tinham grande presença no mercado de trabalho, ainda que no âmbito doméstico. Em suas palavras:

Naquela época, a maior parte dos homens negros trabalhava na Barra Funda, descarregando mercadorias que vinham de trem do interior. Outros trabalhavam na Light assentando dormentes e também na estrada de ferro. As mulheres trabalhavam como empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, passadeiras, enfim. A maior parte das mulheres era que arcava com as despesas da família, porque eram importantes na época as empregadas domésticas, principalmente as negras, pois elas sabiam lidar com a cozinha, com a limpeza. Elas encontravam emprego mais facilmente que os homens. Assim, elas eram mais assíduas na luta em favor do negro, de forma que na Frente a maior parte eram mulheres. Era um contingente muito grande, eram elas que faziam todo o movimento, que ajudavam (BARBOSA, 2012, p. 39).

É claro que esse depoimento, por si só, não é o suficiente para comprovar algo de fato mais abrangente, sendo mais um indicativo de como as coisas aparentemente se davam naquele contexto, sob a interpretação de Lucrécio. No entanto, outros membros corroboram com essa visão, além de Florestan Fernandes, como veremos mais à frente. Ademais, importância e reconhecimento também são coisas distintas.

Bom, algo que alguns intelectuais que se dedicaram a estudar a imprensa negra fizeram, foi contextualizá-la no tempo, imprimindo-lhe determinadas características gerais de acordo com o período. O sociólogo Clóvis Moura (2002) delimita seu ciclo, baseando-se na periodização de Miriam Nicolau Ferrara (1985), de 1915 a 1963, do *O Menelick* ao *Correio d'Ébano*. O primeiro período seria de 1915 a 1923, o segundo de 1924 a 1937 e o terceiro de 1945 a 1963.

O primeiro período possuía um caráter mais atrelado à divulgação de eventos sociais como: casamentos, aniversários, obituários, anúncios em geral, na maioria das vezes vinculados às associações negras, centros recreativos e esportivos. O aspecto reivindicatório, apesar de existir, estava amadurecendo. Basicamente havia a busca em integrar o negro à sociedade brasileira através do seu reerguimento moral e na sua conscientização. Alguns jornais dessa fase foram o *Menelick* (1915), *O Alfinete* (1918), *Getulino* (1923), dentre outros. No segundo período as reivindicações políticas e ideológicas ganham relevo. Os dois jornais de maior representatividade dessa fase foram o *Clarim da Alvorada* (1924), fundado por José Correia Leite e Jayme Aguiar, e *A Voz da Raça* (1933), órgão oficial da FNB. O primeiro adotou o discurso de conscientização do negro, no sentido de fortalecimento de sua identidade

negra e autoestima. Além disso, incorporou uma contundente crítica as condições sociais nas quais o negro vivia. Já *A Voz da Raça* agregaria a esses elementos uma maior politização da raça, além da ênfase no discurso da ascensão social através da moralização dos comportamentos e da educação, algo comum na maioria dos jornais da imprensa negra.

O *Quilombo* estaria no terceiro período representando, juntamente com outros, a consolidação da posição política, inclusive com negros filiando-se aos partidos e lançando-se como candidatos.<sup>8</sup> Moura consegue sintetizar muito bem os anseios que perpassaram essa imprensa ao enfatizar seu teor educacional, moralizante e integracionista, mesmo que seu foco tenha sido a imprensa negra paulista.

A preocupação com a educação é uma constante. O negro deve educar-se para subir socialmente. Para isso, deve deixar os vícios como o alcoolismo e a boêmia, deve abster-se de praticar arruaças, deve ser um modelo de cidadão. Em todas as publicações é visível a preocupação com uma ética puritana capaz de retirar o negro de sua situação de marginalizado. Daí haver, em muitos deles, a condenação aos excessos nos bailes de negros que eram tidos pelos brancos como centros de corrupção. Os jornais servem, portanto, para indicar, através de regras morais, o comportamento que deveriam seguir os membros da comunidade negra (MOURA, 2002, p. 6).

Quer dizer, essa imprensa associava a educação com a ascensão social, mas não qualquer educação, mas aquela que demoveria o negro dos “vícios”, assumindo, assim, postulados normativos moralistas que supostamente os integrariam à cidadania. Não surpreende que ambos os jornais de nosso estudo possuíssem esse “tom”, marcadamente *A Voz da Raça*. Um detalhe expressivo é a preocupação com aquilo que o branco pensava, o que ele considerasse degradante ou indecente poderia ser coibido dentro da comunidade negra, mesmo que fosse um traço cultural relevante, como a religião. Essa preocupação e o forte estigma da *côr* teriam compelido a imprensa negra a forjar um negro exemplar, um modelo que fosse admirado por negros e brancos pelas suas virtudes. É, porém, admissível que existiram distintas gradações nesse processo e que o aspecto relacional, e não apenas mimético, se configura como uma moldura interpretativa mais produtiva para a nossa empreitada. Para Pinto, o que ligava todos esses jornais:

(...) era o fato de discutirem, colocarem em evidência questões que diziam respeito ao negro e, principalmente, proporcionarem a ele um espaço que certamente não teria em outros órgãos da imprensa, além de estabelecerem uma via de comunicação entre os negros e suas associações, contribuindo para manter uma vida social bastante intensa (PINTO, 2013, p. 70).

---

<sup>8</sup> Algo que já havia acontecido, em menor monta, no *A Voz da Raça*, com a candidatura de Francisco Lucrécio e Arlindo Veiga dos Santos.



Essa é uma perspectiva importante porque indica não só que o surgimento da imprensa negra advém, como referido acima, da falta de espaço na “imprensa branca”, como ela tende a fortalecer os laços de solidariedade e de múltiplas interações entre a “classe dos homens de côr”. Algo expressivo do ponto de vista de uma maior coesão do grupo para fins reivindicatórios, assistenciais e políticos. Isso é especialmente verdadeiro na luta contra a estereotipia atrelada aos negros em geral. Quanto aos homens negros, existe uma reflexão de Fernando Góes, militante da imprensa negra, no *O Clarim d’Alvorada*, que ilustra com exemplaridade aquilo com o que nos deparamos em diversos momentos no *A Voz da Raça* e no *Quilombo*. O militante revela um desejo em ser reconhecido como homem, não como negro: “(...) é que o negro vem de há muito percebendo, impossibilitado de se colocar na posição e na altura a que tem direito, *não como negro, mas como homem*” (PINTO, 2013 p. 71, grifo nosso).

Outro exemplo claro dessa aspiração está no *Quilombo n° 5*, no texto *A morte de um grande amigo*, em que encontramos uma homenagem ao antropólogo Arthur Ramos com a seguinte passagem: “Não viu no homem negro um sêr que se deveria espesinhar como tendo manchado a paisagem brasileira, mas também se negou a ver nêle um deus, um ente sobrenatural, um herói. Pode se dizer que Arthur Ramos tratando o negro como um homem, lhe fez a justiça que a tanto estava tardando” (QUILOMBO, n° 5, p. 3, 1950). Vemos novamente a ascensão existencial de negro para homem.

Ser visto apenas como negro seria uma forma de ter tolhida sua humanidade, uma vez que a estereotipagem classificaria a “negritude” como “patológica”, “anormal” e “pervertida”. Assim, o *ser negro* seria reduzido “a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (HALL, 2016, p. 190). Frantz Fanon (2008) se debruçou sobre essa problemática em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* quando falou sobre a negação do mundo branco frente ao homem negro. Segundo o psiquiatra, filósofo e político martinicano, o homem negro “[q]ueria ser um homem entre outros homens” (FANON, 2008, p. 106). Isto é, em pé de igualdade com os homens brancos. Ou seja, o homem racializado, e, portanto, particularizado (negros), buscando a universalização atribuída aos homens brancos. No caso, ser homem, seria ter seu status de humano reconhecido, seus atributos masculinos admitidos e respeitados. Assim, humanidade e masculinidade se confundem e se retroalimentam. Relação que será desenvolvida nas análises dos jornais escolhidos.

Quanto às mulheres no *Quilombo*, do ponto de vista da iconografia a presença é marcante, em todas as edições é possível constatar a presença de imagens de mulheres negras.

Das edições 3 à 10 elas aparecem em grandes fotos de primeira página. Na edição nº 1, a bailarina Mercedes Batista surge na página seis como eleita Rainha das Mulatas de 1948, e na edição nº 2 na primeira página é retratada as candidatas ao concurso de beleza negra “Boneca de Pixe” de 1947. Em especial no *Quilombo* nº 3, a primeira página é em parte dedicada a esses dois concursos. Há uma descrição das mulheres que diz: “E as garotas bonitas *côr de canela* ou de jabuticaba madura terão assim uma oportunidade única de mostra seus dotes de beleza, elegância, charme e distinção social” (QUILOMBO nº 3, p. 1, 1949). Mais ao fim do texto é dito que esses concursos seriam “em prol da valorização estética e social das qualidades mestiças de nossa civilização”. Nesse sentido, as mulheres negras e mestiças surgem como representantes virtuosas da população negra.

Outro aspecto do jornal é que na maioria das edições é exaltado nomes de artistas e atrizes negras do Brasil e do exterior (inclusive de África), divulgando seus trabalhos, peças teatrais, participações no cinema, premiações e shows. Há no periódico a coluna chamada *Fala Mulher*, de Maria Nascimento, assistente social, professora e jornalista, que nesse espaço procurava veicular as demandas e aspirações específicas das mulheres negras. Nesse sentido, tanto a presença imagética quanto um lugar próprio para veicular as questões das mulheres negras sinalizam algumas nuances em relação ao *A Voz da Raça* que terão desdobramentos no decorrer deste trabalho.

No mais, as raízes da imprensa negra remontam aos anos 30 do século XIX com o jornal *O Homem de Côr*, do tipógrafo e jornalista Francisco de Paula Brito (1809-1861) no Rio de Janeiro, capital do Império. Além dele, outros títulos espalharam-se nesse período como: *Brasileiro Pardo*, *O Cabrito*, *O Crioulinho*, *O Lafuente*, dentre outros. (PINTO, 2006). Certas características desses jornais equiparam-se com as dos seus congêneres do pós-abolição, as principais delas eram o protesto contra a discriminação e a reivindicação por direitos de cidadania. Outra, que por dialogar estreitamente com nossos argumentos merece ser citada, é a primazia masculina também nessa imprensa oitocentista. O mesmo se verificava na grande imprensa.

Por último, a historiadora Ana Flávia Pinto (2006) lança perguntas provocativas quanto ao que seria uma imprensa negra: “(...) jornais feitos por negros?; para negros?; veiculando assuntos de interesse das populações negras?” (PINTO, 2006, p. 25). São interrogações pertinentes e complexas. No que tange nossas fontes, nelas participavam negros e brancos (ainda que menos no *A Voz da Raça*), eram feitos prioritariamente para negros, mas também para brancos. Enfim, são critérios com certa fluidez, que ao invés de invalidar nossas fontes potencializam sua investigação.

## 2.2. A Frente Negra Brasileira e *A Voz da raça*: contextualização histórica

A década de 30, sobretudo em São Paulo, período que circulou *A Voz da Raça*, jornal da Frente Negra Brasileira (FNB), foi um momento na história brasileira de grande efervescência política e social, com profundas transformações nas correlações de forças entre os diversos grupos sociais. O contexto político era bastante complexo, agitado e permeado de incertezas. Existia um grande ceticismo em relação aos princípios gerais do Liberalismo, como a liberdade individual e igualdade formal, e à exígua intervenção estatal. Com isso, a busca por alternativas políticas era difundida tanto à direita quanto pela esquerda (OLIVEIRA, 1980).

Não surpreende que pairasse certa desconfiança quanto à democracia, as críticas questionavam se esses ideais seriam viáveis no Brasil, país visto como atrasado, e, portanto, despreparado para colocar em prática os “credos democráticos e liberais” (VIANNA, 1973). Isso fez com que muitos propusessem um modelo estatal forte, centralizador e interventor tanto no âmbito social como no econômico. A Frente Negra Brasileira, a despeito de seu ecletismo ideológico interno, nesse sentido, também defendeu esse modelo estatal antiliberal. O jornalista, escritor modernista e político Menotti del Picchia, que, aliás, frequentava a FNB, no seu livro *Soluções nacionais* (1935) adotava um tom crítico aos valores liberais e à democracia, advogando a incapacidade da mesma em se consagrar como um regime político viável:

(...) Na “DEMOCRACIA”, encarada como aspiração política, há uma transferência mystica do ideal de perfectibilidade humana das mãos dos monarcas ou das castas olygarchicas, ou das elites autocratas, para o “demos”. A ideia de democracia acabou sendo a do domínio das classes pobres, que constituem a maioria dos agregados sociaes, o que sempre foi uma enganadora utopia (DEL PICCHIA, 1935[1931], p. 47-48).

Del Picchia compreendia a democracia como uma utopia que se pretendia representativa do povo, mas seria incapaz de fazer o que promete, não passando de um ideal místico, um desejo social irrealizável. O “problema das massas” e sua “instabilidade psicológica” também contribuía para essa visão pessimista quanto as possibilidades democráticas no país: “A *falta de constância* nos objetivos do *homem brasileiro* decorre da diversidade de sua “índole ethnica” (DEL PICCHIA, 1935[1931], p. 191, grifo nosso). Além do mais, o cenário nacional (Revolução de 30 e seus desdobramentos) e internacional (Primeira Guerra Mundial, Grande Depressão, Revolução Russa) geravam inquietações com

possíveis rupturas nas relações sociais de poder, que fraturavam hierarquias, dilaceravam fronteiras sociais e deslocavam zonas de influências.

A reprovação das oligarquias e dos partidos políticos tinha como contraponto propostas de um Estado Nacional forte, este representaria o *interesse geral*, colocando-se acima dos antagonismos de classe, ao mesmo tempo em que combateria a influência das oligarquias regionais e possuiria como função precípua promover a integração nacional (OLIVEIRA; GOMES; WHATELY, 1980). Por conseguinte, o nacionalismo apresentava-se como uma ideologia poderosa, que envolvia debates acalorados entre a *intelligentsia* da época. No plano internacional o avanço de Estados autoritários era inequívoco. A socióloga Lúcia Lippi Oliveira (1982) aponta certas similaridades entre os contextos internos e externos:

Nos anos 30, o Brasil não seguiu rumos muito distintos dos que estavam sendo trilhados pelos países europeus e que eram objeto da atenção dos brasileiros ilustrados. Mussolini chegou ao poder na Itália em 1923; Hitler, com sua ascensão à Chancelaria em 1933, acabou de desintegrar a República de Weimar; Salazar, em 1929, chegou a primeiro ministro de Portugal; a Espanha se encontrava, entre 1936 e 1939, banhada no sangue de uma guerra civil. A França, modelo da nossa civilização humanista, vinha enfrentando fortíssimos movimentos nacionalistas de direita desde o fim do século XIX, e teve, no caso Dreyfus, um divisor de águas da política e da sociedade (OLIVEIRA, 1982, p. 7).

Ou seja, foi uma época propícia para o surgimento de movimentos nacionalistas e/ou autoritários. No Brasil, com o foco em São Paulo, podemos citar, para nossos objetivos, a Ação Integralista Brasileira (AIB)<sup>9</sup>, o Patrianovismo<sup>10</sup> e a Frente Negra Brasileira (FNB). Segundo Jessica Graham (2014), a década de 30 foi um momento de projeção da população negra e alguns de seus movimentos, como a FNB. Para a autora, “[d]urante esse período, as realidades sociais, políticas e econômicas juntaram-se para transformar a atmosfera racial no país” (2014, p. 353). É nesse contexto de entreguerras, revoluções, forte belicismo e um profundo debate sobre a identidade nacional (e racial) que analisaremos a FNB e *A Voz da Raça*.

A Frente Negra Brasileira foi oficialmente fundada em 16 de setembro de 1931, em São Paulo, por Francisco Costa Santos, Arlindo Veiga dos Santos, Isaltino Veiga dos Santos, Jaime de Aguiar, Justiniano Costa, Alfredo Eugênio da Silva, Pires de Araújo, Gervásio de Moraes e Roque Antônio dos Santos. Transformou-se em partido político em 1936 e foi fechada em 1937 com o advento do Estado Novo. A FNB é parte do acúmulo de experiências

<sup>9</sup> Organização política de envergadura nacional inspirada no fascismo italiano, fundada por Plínio Salgado em 1932.

<sup>10</sup> Patrianovismo foi uma organização monarquista de âmbito nacional e que expressou as ideias nacionalistas de fins dos anos 20 e início dos anos 30. Concebida por Arlindo Veiga dos Santos, tinha por objetivo intuir uma nova monarquia no Brasil, calcada em uma filosofia política tradicionalista e conservadora.

do associativismo negro que através de uma gama de práticas como: associações beneficentes, clubes literários, agremiações recreativas, instituições políticas etc. tiveram na Frente sua expressão mais organizada e exitosa. Seu nascimento “coincide” com o contexto de euforia do pós-revolução de 30, pois no período precedente a população negra aspirava e pressionava por uma maior participação na vida política brasileira. Um dos canais de comunicação mais usados pelos movimentos negros para sua mobilização foram os jornais, mais conhecidos como a imprensa negra, tópico tratado anteriormente. A Frente Negra manteve essa prática ao criar *A Voz da Raça*. A cientista social Maria Aparecida Pinto Silva, em sua tese intitulada *A Voz da Raça: uma expressão negra no Brasil que queria ser branco* (2003), descreve seus aspectos mais técnicos:

O jornal *A Voz da Raça* era o órgão oficial da Frente Negra Brasileira. Foi editado de 1933 a 1937. Ao longo desse período, o jornal passou por várias frequências: foi semanal, quinzenal e mensal. Seu formato era pequeno, tipo tablóide, com 4 páginas: rosto, duas páginas internas e, na última página, havia continuação dos artigos, ou novas manchetes. Os anúncios eram, na maioria, escritos em verbetes e sem imagens; eram poucos e, em geral, anúncios dos próprios frentenegrinos. Havia ofertas de serviços de advocacia, dentistas e ainda cursos, oficinas de costura, entre outros. Quanto à tiragem, não há como obter os números exatos. A distribuição do jornal era feita na sede da Frente Negra e nos eventos. No jornal não havia referência à tiragem. O jornal passou por diversos editores, o primeiro foi Deocleciano Nascimento e o último foi o Sr. Francisco Lucrécio. A sede do jornal era a mesma da Frente Negra Brasileira, à rua da Liberdade, 196. Na primeira página havia uma espécie de editorial, sempre assinado pelo próprio editor ou colaboradores; nas páginas internas havia sessões fixas: notícias, correspondência, notícias sociais (aniversários, mortes, piqueniques e eventos) (SILVA, 2003, p. 132-133).

Silva (2003) ainda organiza os assuntos mais recorrentes em suas páginas através de nove categorias:

1- A instrução e a educação; 2- O desenvolvimento da auto-estima; 3- A exaltação das personalidades negras nacionais e internacionais; 4- O Progresso da Raça Negra; 5- O apoio a Getulio Vargas; 6- A questão do trabalho e os conflitos com os imigrantes; 7- A participação dos negros na política nacional; 8- Os conflitos entre os membros da Frente Negra; 9- A questão da mulher negra (SILVA, 2003, p. 135).

A maioria desses assuntos aparecia, com suas evidentes particularidades, na imprensa negra como um todo, mas eis o que me parece necessário dizer sobre nossas preocupações de pesquisa: mais do que tentar contemplar todos esses assuntos no decorrer do trabalho, é perguntar como essas questões, ou parte delas, poderiam desvelar aspectos das construções masculinas. Seria possível ao apresentar suas reivindicações, demandas e apreensões, emergirem certos ideais de masculinidade em consonância ou desacordo com a conjuntura social em questão? Essa é uma questão que atravessa toda a pesquisa. Por agora, nosso intento

é apresentar minimamente a estrutura da FNB e situá-la no tempo e no espaço, fornecendo, assim, subsídios para análises posteriores.

As inúmeras transformações na década de 30 contribuíram para mudanças no ambiente racial e nacional, alavancando o aprofundamento da “consciência negra”. Quanto a essas transformações, a historiadora Laiana Oliveira, na dissertação de mestrado *A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930* (2002), coloca três “incentivos” para o surgimento da Frente em São Paulo: 1) O incentivo político; 2) O incentivo cultural; 3) O incentivo econômico.

O primeiro teria na Revolução de 30, seu principal fator, no sentido de que ela traria consigo um conjunto de mudanças que interpelariam as oligarquias latifundiárias, na figura da “República Velha”, ao buscar a reorganização das relações de poder entre as elites políticas, atribuição de novos papéis ao Estado e pressões por maior participação das classes trabalhadoras. Esses pontos, aliados ao amadurecimento dos movimentos negros ao longo dos anos 20, suscitaram pretensões políticas até então impensáveis para parcelas significativas da população, sobretudo pretos e mulatos, alijadas do processo político do país (OLIVEIRA, 2002):

A denominada “Segunda Abolição”, ou seja, a luta pela verdadeira libertação e integração do negro, enquadra-se no contexto de inquietações e esperanças políticas que culminaram com a Revolução de 30. A revolução possui um papel fundamental na organização da FNB, visto que as perspectivas de mudanças sociais contribuíram para o processo de conscientização e incentivaram as lideranças negras a se juntarem à agitação contra a Primeira República (OLIVEIRA, 2002, p. 26).

Essa “esperança política” pode ser verificada no uso da identidade negra como arcabouço simbólico para o desenvolvimento de uma “plataforma político-racial integracionista”, com o intuito de visibilizar o negro como sujeito político. Mesmo sabendo das pouquíssimas chances de serem eleitos, componentes da Frente foram candidatos, como Francisco Lucrécio e Arlindo Veiga dos Santos. Segundo aquele, a ideia era sensibilizar o eleitorado quanto a possibilidade de candidaturas negras:

Nossa intenção era de criar um partido político independente e fizemos isso, transformamos a Frente em partido. Eu fui candidato a deputado, o sr. Arlindo também saiu. Mas o nosso objetivo era o de mostrar que, realmente o negro podia ser candidato e podia ser eleito, porque não existia uma compreensão nem por parte do negro nem do branco em votar num elemento negro. Nós sabíamos perfeitamente que nós não seríamos eleitos, mas era necessário que levantássemos essa bandeira para que houvesse uma conscientização de que nós também somos cidadãos brasileiros, com o direito de sermos candidatos e sermos eleitos. Na época foi um avanço. (BARBOSA, 2012, p. 46).

Isto é, a Frente possuía uma perspectiva de disputa do poder político, preocupada com uma mudança de mentalidade de eleitores negros e brancos, utilizando a “negritude” como marca política e empenhando-se em ressignificar os estigmas associados aos negros. Destarte, as lideranças negras viram nesse momento a necessidade e maiores possibilidades de participação na vida social e política do país. No que diz respeito ao incentivo cultural, as teorias raciais estariam caminhando para uma compreensão mais “culturalista” e menos “biológico-determinista”. Um processo que teria uma estreita relação com um projeto político de constituição de uma “nação mestiça”, tanto no plano fenotípico como cultural. Isso, pelo visto, possibilitou um maior otimismo para a viabilidade do país com seu estoque racial e cultural heterogêneo. Por esse ângulo, a obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, é convencionalmente tida como um divisor de águas nesse processo e na consolidação da ideia de democracia racial (OLIVEIRA, 2003):

A Revolução de 1930, a situação sócio-econômica dos negros na cidade de São Paulo e o maior debate sobre a suposta democracia racial brasileira foram determinantes para o surgimento da Frente Negra Brasileira. O mito da democracia racial, em particular, teve um efeito duplo. De um lado, minimizou os efeitos do determinismo biológico e da inferioridade racial irreversível, proporcionando, dessa forma, incentivo, esperança e estímulo para que os negros revertissem sua situação de anomia e pauperização, na medida em que estas não eram determinadas racialmente. Por outro lado, incentivou os negros a se unirem na tentativa de demonstrar que esse “mito” era de fato um mito, e que democracia racial não existia e não existe no Brasil (OLIVEIRA, 2003, p. 47).

É claro que essa não seria uma narrativa livre de embates e contradições, visto que a mestiçagem, substrato empírico e ideológico da democracia racial, se encontraria, no mais das vezes, dentro de um enquadramento branqueador e hierárquico (SKIDMORE, 1976; DA MATTA, 2010). Invocava-se, a ideia de que os brancos aos poucos iriam depurar o “sangue negro” da população brasileira e europeizar a cultura nacional, alterando o caráter “instável” do brasileiro e construindo uma “Europa tropical” sob o esteio de um homem brasileiro gerado a partir das contribuições dessa mistura. Por outro lado, o jornalista e médico Antônio José de Azevedo Amaral lançou em 1934 seu livro *A crise no Brasil atual*, em que compartilhava uma visão mais pessimista e menos romantizada que a de Freyre, na qual a heterogeneidade do elemento nacional provocaria um desequilíbrio psicológico, posto que seria composto por “raças” muito diferentes e contraditórias:

Uma civilização em que se refletissem as características combinadas do europeu, do ameríndio e do africano seria uma formação cultural instável, dentro de cuja órbita as atividades criadoras do progresso se tornariam ineficazes. As tendências contraditórias de três culturas irreconciliáveis agiriam de modo paralisador do desenvolvimento espiritual da nação (AZEVEDO AMARAL, 1934, p. 263).

Com isso, ele via apenas uma saída para o Brasil:

O branco terá de firmar a sua supremacia espiritual, aproveitando-se apenas dos valores africanos e ameríndios, quando muito como elementos decorativos do seu triunfo. Se não tiver *força e coragem* para fazê-lo, se não puder impor o ritmo da sua disciplina ética peculiar e os seus próprios valores em um domínio incontestado terá de resignar-se à *decadência e à esterilidade* que é o fundo de saco, onde desaparecem todas as tentativas de mestiçagem de raças sensivelmente afastadas entre si (AZEVEDO AMARAL, 1934, p. 264, grifo nosso).

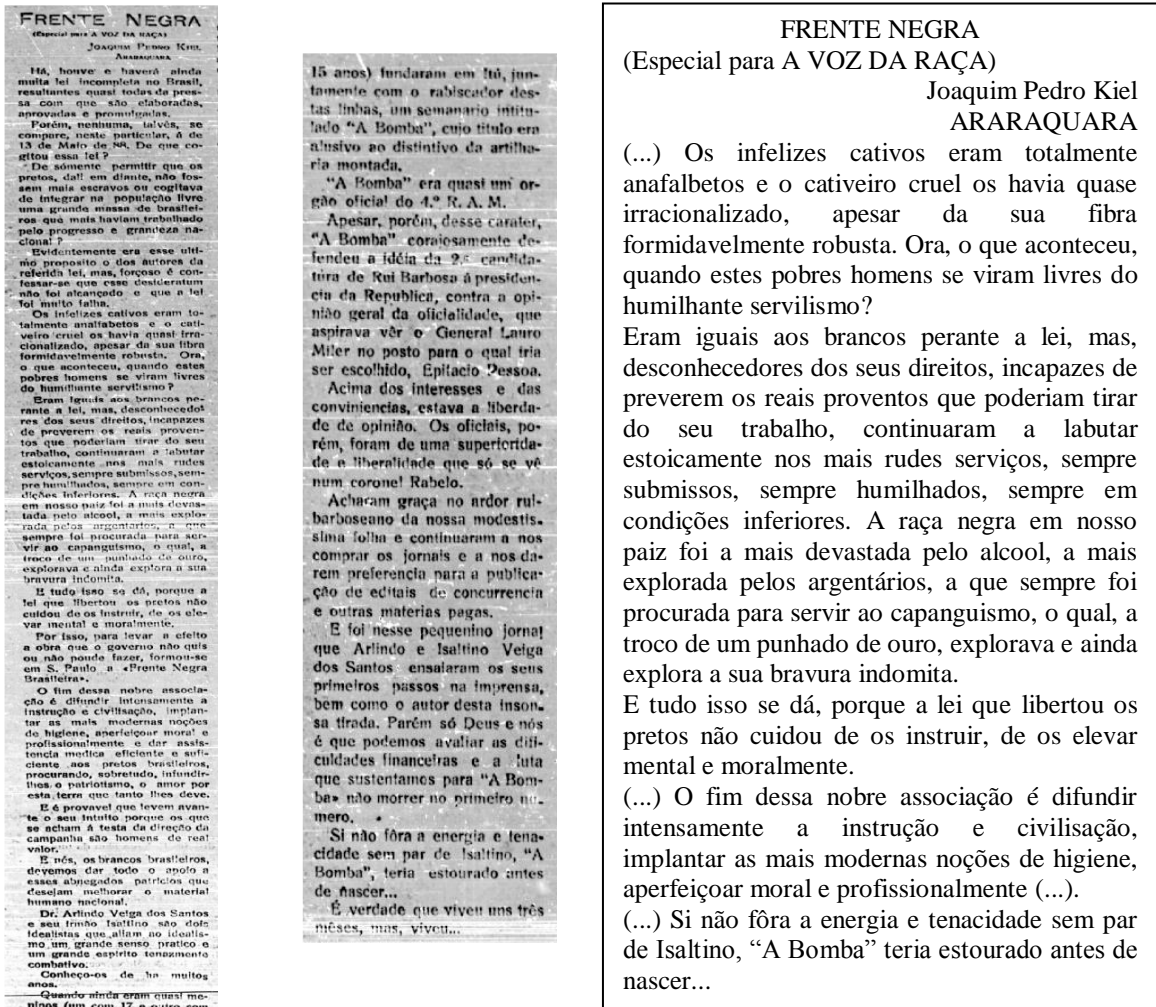
Esses trechos demonstram de forma clara parte das preocupações das elites intelectuais (Azevedo Amaral tivera muita influência no movimento eugênico e na construção ideológica do Estado Novo), que viam ainda com desconfiança o elogio da mestiçagem, mostrando seus paradoxos internos. A absorção seletiva dos símbolos das culturas não brancas deveria ser, então, manuseada de modo que os valores brancos prevalecessem a médio e longo prazo, incorporando apenas residualmente alguns elementos dessas culturas para dar sustentação ao seu domínio. Além disso, é perceptível que Azevedo Amaral contrapõe força, coragem e disciplina à decadência e esterilidade. Elementos que fazem parte de uma *gramática viril*. Conforme o médico, caso os brancos não fossem capazes de se impor *virilmente*, seriam derrotados pela degeneração no contato com os não brancos, tornando o Brasil uma nação fraca e decadente. Contato esse também sexual, porque a esterilidade estaria aí associada não só no campo da engenharia nacional, mas também na reprodução demográfica. Seria diante dessas controvérsias ideológicas que a Frente teria que caminhar.

Já o incentivo econômico seria marcado pela deplorável condição de vida a qual estava submetida a maioria da população negra, ao mesmo tempo que São Paulo passava por um forte desenvolvimento econômico. Essas terríveis circunstâncias foram historicamente denunciadas pelos movimentos negros e sua imprensa. Florestan Fernandes foi um intelectual que dedicou parte de seus escritos em refletir criticamente essa situação. A questão era que para o sociólogo: “De fato, o desemprego, o alcoolismo, o abandono do menor, dos velhos e dos dependentes, a mendicância, a vagabundagem, a prostituição, as doenças e a criminalidade constituem problemas sociais de inegável importância na história cultural desta população” (FERNANDES, 2008 p. 181). Inclusive, essa é uma leitura recorrente no *A Voz da Raça*, que usava muitas vezes o expediente da moralização para denunciar a *anomia* e o *pauperismo* nos quais viviam o negro, como poderemos constatar durante esta pesquisa. A título de exemplo, o artigo intitulado “Frente Negra”, de Joaquim Pedro Kiel (um homem branco), no *A Voz da Raça*, discute os termos da abolição de 13 de maio 1888, calcada na Lei



Áurea,<sup>11</sup> alegando a absoluta ausência de dispositivos compensatórios na lei, o que acabou se revelando trágico:

Figura 1 – FRENTE NEGRA Especial para A VOZ DA RAÇA



Fonte: jornal A Voz da Raça, n. 2, p.4, mar. 1933<sup>12</sup>

De acordo com Joaquim Pedro Kiel, todos aqueles problemas relacionados à educação, trabalho, alcoolismo, violência, discriminação etc. teriam suas raízes na “incompleta” Lei Áurea, “porque a lei que libertou os pretos não cuidou de os instruir, de os elevar, mental e moralmente”, precisamente aquilo que a Frente ambicionava fazer. Com isso, sua “integração na sociedade de classes” teria acontecido de forma precária e subalterna (FLORESTAN, 2008). Para tentar mitigar esses problemas, a FNB tinha em sua estrutura departamentos para

<sup>11</sup> Lei Áurea nº 3.353, de 13 de maio de 1888, “Declara extinta a escravidão no Brazil. A Princesa Imperial Regente, em Nome de Sua Majestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os súbditos do Império que a Assembléa Geral decretou e Ella sancionou a Lei seguinte: Art 1º- É declarada extinta, desde a data desta Lei, a escravidão no Brazil. Art 2º- Revogam-se as disposições em contrario.” (FUNDAÇÃO, 1995, p. 29)

<sup>12</sup> Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027\\_1933\\_00002.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/845027/per845027_1933_00002.pdf)>. Acesso em:

atender uma série dessas carências, que podemos citar três: 1) Departamento de Instrução ou de Cultura, que atendia a demanda educacional, com cursos de alfabetização, primário, secundário e formação social; 2) O Departamento Médico, que disponibilizava serviços de saúde aos associados; 3) E o Departamento de Artes e Ofícios, que oferecia aulas de marcenaria, pintura, serviços de pedreiro, limpeza etc.

Além desses departamentos, a Frente promovia diversos serviços como o Posto de alistamento eleitoral, fornecendo título eleitoral para aqueles que não possuíam; Gabinete dentário, onde o associado, através de um valor mensal, poderia utilizar certos tratamentos odontológicos; e a Caixa Beneficente da Frente Negra que buscava prover os associados que contribuía também com um pagamento mensal, serviços de assistência médica, hospitalar, farmacêutica e funerária (PINTO, 2013).

No seu estatuto, nos artigos 1º e 3º podemos encontrar seus principais objetivos que se coadunam com as privações simbólicas e materiais apresentadas pela população negra:

Art 1º Fica fundada nesta cidade de São Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos atuais na Comunhão Brasileira.

Art 3º A Frente Negra Brasileira, como força social, visa à elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; proteção e defesa social, jurídica, econômica e do trabalho da Gente Negra (BARBOSA, 1998, p. 111).

No artigo 1º fica evidente sua pretensão de alcançar todo o território nacional, algo que apesar de não ter conseguido na íntegra, ainda assim esteve em diversas cidades e Estados.<sup>13</sup>

Ainda no artigo 1º, a questão dos direitos fica bem clara, tanto os históricos, advindos dos papéis desempenhados pela população negra, o que na Frente significava uma vasta contribuição para o Brasil, a despeito de seu pouco reconhecimento, como os sociais e políticos relacionados com o regime jurídico e social daquele contexto. Já no artigo 3º uma gama de proposições é colocada, ao que parece, com objetivo último de materializar o estatuto de cidadania (ou humanidade?) para a “gente negra”, o que é algo que atravessa todas

---

<sup>13</sup> Petrônio Domingues, no artigo: “*Tudo pelo Brasil; tudo pela raça*”: a Frente Negra carioca, indica que “A fama da entidade expandiu-se a vários estados e até a países das Américas e da África (Domingues, 2013). Em 1936, contava com mais de 60 delegações distribuídas em São Paulo (capital e interior) e em outros estados (Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro), além de servir de referência para o surgimento de associações homônimas nas cidades de Salvador (BA), Recife (PE) e Pelotas (RS)” (DOMINGUES, 2018, p. 332). Quanto à quantidade de filiados, “O número de associados superou todas as expectativas iniciais. Embora as estimativas sejam bem divergentes — Michael Mitchell (1977) calcula 6 mil sócios em São Paulo e 2 mil em Santos; um dos depoentes da pesquisa de Regina Pahim Pinto (2013) indica 30 mil, outro, 50 mil, sem especificarem, contudo, se em São Paulo ou no Brasil; já Florestan Fernandes (1978) refere-se a 200 mil sócios —, as adesões à entidade muito provavelmente chegaram à casa dos milhares, o que indica um alcance sem precedentes para uma organização dessa natureza (ALBERTO, 2011). (DOMINGUES, 2018, p. 331).

as demandas da Frente ao longo de seu tempo em atividade. Em suma, “A Frente Negra ofereceu, a essa população marginalizada, possibilidades de organização, educação e ajuda no combate à discriminação racial. Incentivou a conquista de posições dentro da sociedade e a aquisição de bens” (BARBOSA, 2012, p. 16).

Assim como o trecho de Azevedo Amaral (1934), o fragmento supracitado do *A Voz da Raça* antecipa certos aspectos de nossa discussão, apresentando expressões imbuídas de sentidos que remetem à virilidade e sua ausência. O autor através da noção de trabalho, mas não só dela, consegue vocalizar isso. É interessante que em Azevedo Amaral a virilidade estaria concentrada nos (homens) brancos e em sua cultura, já em Kiel, apesar de associada aos homens negros, circunscrita ao físico. Atentemos para a condição de escravidão dos negros, o que, por conseguinte, os colocaria em uma situação de “humilhante servilismo”, deformados moralmente ao ponto de quase regressar ao “irracionalismo”, segundo Kiel. Dessa condição deplorável, parece restar apenas sua “fibra formidavelmente robusta”, isto é, sua potência física, ou o aspecto viril da fisicalidade. Característica usualmente associada aos negros, sobretudo aos homens. Ainda que possamos indagar que a fibra seja uma qualidade oriunda da força de vontade, e, por conseguinte, um atributo moral, desprovida de intelecto se torna mero instinto.

Bom, ao serem libertos sem qualquer tipo de apoio, o resultado foi terem vivido em situação, muitas vezes, análoga àquelas vividas antes da abolição, sendo submetidos e padecendo das similares humilhações de seus antepassados, mas, como eles, “continuaram a labutar estoicamente nos mais rudes serviços”. Ora, a narrativa de Kiel nos leva a presumir que independentemente da situação, a vocação para o trabalho árduo, especialmente braçal, seria uma característica quase inata dos homens negros, que mesmo sendo explorados colocariam esse “recurso” à disposição de seus exploradores. Esse trabalho poderia ser usado até mesmo para fins moralmente censuráveis. Isso fica mais evidente quando o autor coloca a questão do “capanguismo”, em que esse homem negro seria usado para tais “serviços” não só devido ao seu estado de penúria e dependência econômica como por sua “bravura indômita”, quer dizer, uma virtude viril.

Esse entendimento possui suas matizes, porque, se por um lado, rivalizaria com a ideia tão difundida da “indolência” do escravo, por outro, revelaria uma “mentalidade pré-lógica” (PAIXÃO, 2014, p. 310), atrelada predominantemente ao emocional e pouco ao racional. Esta última, vista como uma qualidade fundamental do homem ocidental maduro, colocada pelas teorias raciais correntes do período. Assim, a virilidade física do homem negro seria tutelada e

instrumentalizada em detrimento de seus próprios interesses porque lhe faltaria as qualidades intelectuais da virilidade.

Quando o texto avança na criação da Frente, dentre outros objetivos, logo toca nas noções de elevação moral e mental: “O fim dessa nobre associação é difundir intensamente a instrução e civilização, implantar as mais modernas noções de higiene, aperfeiçoar moral e profissionalmente...”. Com este propósito, a Frente estaria empenhada em substituir essa mentalidade pré-lógica pela da “racionalidade moderna”, fazendo com que esses indivíduos, através da observância de um conjunto de orientações e prescrições morais pretensamente civilizatórias, alcançassem a excelência moral com a esperança de obter projeção social para si e seu grupo.

Esse estratagema seria levado a cabo através de seus pretensos porta-vozes políticos e intelectuais, leia-se, as lideranças da Frente e seus mais destacados colaboradores, “homens de real valor”, como afirma o trecho do periódico. Dito de outra maneira, homens que no exercício de sua masculinidade incorporariam, supostamente, os mais elevados valores, inclusos o da virilidade, e, portanto, seriam íntegros e de caráter, logo, arredios aos estereótipos *racializados* de corrupção moral. É nesse sentido que a imprensa negra cumpriria um papel fundamental de oposição às estereotípias, pois, segundo a cientista social Elisa Larkin Nascimento, essa imprensa tinha como um dos seus papéis justamente o confronto com essas noções arraigadas no imaginário social:

(...) traduzia a recusa aos estereótipos de indolência, preguiça, criminalidade, deboche, falta de iniciativa – de inferioridade, enfim, – do negro. Os jornais da imprensa negra condenavam o alcoolismo e faziam um apelo à moralidade e à dignidade nas relações sociais. Tal postura reflete a necessidade de afirmar uma imagem limpa e positiva, de honorabilidade e polidez, contra a imagem estereotipada cultivada pelo racismo, do negro como selvagem (NASCIMENTO, 2008, p. 99).

Há farto material nesse periódico (e em seus predecessores da imprensa negra) sobre prescrições morais. O objetivo da preocupação com os comportamentos de seus leitores e associados, aparentemente, seria que: “Para as lideranças negras, somente através de uma vida regrada, pautada pela moralidade e o bom comportamento, o negro poderia enfrentar o branco e colocar-se à sua altura” (PINTO, 2013, p.205).

O *Quilombo* e *A Voz da Raça* não fugiriam dessa narrativa. No caso analisado podemos perceber um elo interessante entre moralidade e virilidade, e alguns desses ideais se consubstanciariam nas figuras dos irmãos Veiga dos Santos. Segundo Kiel, por conhecê-los há muito tempo, poderia afirmar que “aliam ao idealismo um grande senso prático e um grande espírito tenazmente combativo”. E que “Si não fôra a energia e a tenacidade sem par

de Isaltino, ‘A Bomba’, teria estourado antes de nascer...”. As passagens se descolam da virilidade associada unicamente ao vigor físico e introduzem a virilidade moral, ou seja, aquelas virtudes que lidam com faculdades mentais e/ou “espirituais” fornecedoras dos elementos necessários para uma bem sucedida confrontação com o mundo. Assim, virtudes como determinação e ânimo (energia) ganham papel de relevo, visto que o racismo, ao impor obstáculos artificiais e invisíveis (outras nem tão invisíveis assim), dificultaria ainda mais o processo de ingresso do homem negro nas instâncias de poder institucional e no desenvolvimento de suas potencialidades. O vigor intelectual e da vontade repeliriam a debilidade e os vícios comumente atrelados aos negros.

Essa associação entre valores morais e viris não é incomum no periódico, pois ao analisar a virilidade do padre católico, o historiador Paul Airiau (2012) afirma que: “A virilidade é moral: uma aplicação contínua da vontade de atingir um objetivo fixado” (AIRIAU, 2012, p. 307). Uma virilidade que busca e “enaltece a força de vontade, a perseverança nas provações, a grandeza da alma” (AIRIAU, 2012, p. 309). Cito essas passagens de Airiau não só porque ela dialoga de perto com nossas reflexões sobre o tema, mas, sobretudo porque a religião católica reveste-se de um valor fundamental para Arlindo Veiga dos Santos. O também historiador Petrônio Domingues (2006) nos esclarece sobre esse ponto na biografia do “messias negro”:

A religião influenciou imensamente a formação ideológica de Veiga dos Santos. Desde a mais tenra idade, esteve ligado ao catolicismo praticante. Quando se mudou para São Paulo, filiou-se à Congregação Mariana da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia. Foi um carola mariano muito aplicado, a ponto de ter chegado à presidência dessa irmandade, em 1940. Levava uma vida ascética, freqüentando assiduamente o culto, “fazendo do jejum e da penitência hábitos constantes” (MALATIAN ROY, 2001: 46). Veiga dos Santos colaborou ou dirigiu alguns jornais católicos, entre os quais *O Mensageiro da Paz* e *O Século*. Ele também foi membro do Centro D. Vital de São Paulo, ligado à revista “A Ordem”, periódico de orientação ultraconservadora que congregava os intelectuais católicos, dentre os quais o proeminente Jackson de Figueiredo (DOMINGUES, 2006, p. 521).

Como veremos, a influência de um “catolicismo viril” combinado com outras ideologias seculares (monarquismo, patrianovismo e integralismo) pode ser sentida nas páginas do *A Voz da Raça*, não só nos escritos de Arlindo Veiga dos Santos, como no de outros colaboradores. Além do mais, no periódico existia o lema, na primeira página, que o acompanhou do primeiro ao último número: “Deus, Pátria, Raça e Família”.<sup>14</sup>

Isso não quer dizer que não havia diferentes ideais políticos e perspectivas de mundo dos membros da Frente, sendo algumas até irreconciliáveis. Por exemplo, José Correia Leite

---

<sup>14</sup> Jargão muito próximo do Integralismo, relação que será abordada no capítulo III, *A virilidade como traço patriótico*.

outro importante militante da FNB era de esquerda e acabou rompendo com o movimento logo no começo, outro grupo também se afastou formando a Frente Negra Socialista, mas que não subsistiu por muito tempo. Também houve a dissidência que formou a Legião Negra durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Apesar das variadas correntes internas (inerentes a todo movimento social e político), a Frente mantinha uma postura conservadora, patriótica e de defesa do negro, mantendo a política da boa vizinhança com outros movimentos a despeito da disputa que havia entre o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a Ação Integralista Brasileira (AIB) pelos ativistas negros. Em todo caso, ao que parece, a luta contra a discriminação racial, a busca por ascensão social, a valorização do negro, em suma, a integração do negro em todas as instâncias da vida social brasileira de maneira digna, não precederia para sua realização de uma valorização dos atributos tidos como masculinos. Pelo contrário, nossa hipótese é de que ela seria um dado essencial na constituição desse homem *frentenegrino*.

### **2.3 O Teatro Experimental do Negro e o *Quilombo*: contextualização histórica**

Assim como o momento político de nascimento da FNB, com suas óbvias particularidades, o contexto social do Teatro Experimental do Negro (TEN) é, também, sublinhado por inúmeras e densas transformações de cunho político, social, econômico e ideológico, que tem na Era Vargas e no final da Segunda Guerra Mundial seus catalisadores de mudanças externas e internas. Nessa seção busco fazer uma sucinta contextualização do Teatro Experimental do Negro (TEN) e seu periódico *Quilombo: vida problemas e aspirações do negro* (1948-1950). Com isso, pretendo situá-los no tempo e no espaço apontando seus vínculos com um processo histórico de luta contra o preconceito, discriminação de cor/raça interseccionando com o nosso debate.

Existe um farto material sobre o TEN, diversos pensadores das ciências humanas já se debruçaram sobre esse movimento, seja para enaltecê-lo, criticá-lo ou para investigá-lo como “mero” objeto de estudo científico. Algumas dessas abordagens privilegiaram o viés educacional e formador de “consciência racial” do movimento (NUNES, 2012; ROMÃO, 2005), outras, suas conexões internacionais com a negritude e o pan-africanismo (NASCIMENTO, 2002; NASCIMENTO, 2003; BARBOSA, 2013), algumas, os espetáculos produzidos por ele (LEÃO; FILHA, 2012; MARTINS, 1995). Existem também aqueles que

se dedicaram a temas mais internos às discussões nacionais daquele período como identidade e democracia racial (GUIMARÃES, 2003, 2004; PINTO, 1998). Todas essas aproximações, e diversas outras, revelam facetas do TEN, de seus componentes e também de seu criador e líder Abdias do Nascimento. Evidente que iremos dialogar com alguns desses autores e tais temáticas, mas fundamentalmente quando iluminarem aspectos ligados aos objetivos desta pesquisa.

O cenário no qual o TEN emergiu é sublinhado por inúmeras e densas transformações de cunho político, social, econômico e ideológico, que tem na Era Vargas e no final da Segunda Guerra Mundial seus catalisadores de mudanças externas e internas. O TEN nasce em 1944, “no apogeu do Estado Novo e da participação brasileira na guerra contra o fascismo na Europa” (DÁVILA, 2005, p. 112). Em 1945 teremos o colapso do Estado Novo e o fim da Segunda Guerra. Quanto ao primeiro, diversos fenômenos concorreram para a sua derrocada, contradições oriundas da participação do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, ao mesmo tempo que mantinha uma ditadura internamente, as passeatas de estudantes promovidas pela UNE contra o nazi-facismo, pressões da oposição, inclusive buscando alianças com os militares, dissensões no próprio governo, defesa da sociedade civil pela redemocratização, dentre outros fatores. Sobre a conclusão da Segunda Guerra Mundial, verifica-se a divisão do mundo por duas superpotências oriundas dos escombros do conflito: EUA e URSS, com o primeiro ampliando sua zona de influência econômica, política e ideológica no Brasil e nos países latino-americanos. Em 1945 é criada a Organização das Nações Unidas (ONU), dentro de uma conjuntura de grande sensibilidade quanto às atrocidades produzidas pela Guerra, em que o racismo e o antissemitismo se tornam seriamente objeto de reflexão e de ações para combatê-los.

As promessas de modernização, progresso e civilização vindas dos ideais americanos e sua opulência econômica trazem uma onda de otimismo e esperança desenvolvimentista e democrática. Ou seja, a produção de bens manufaturados, consumo e comunicação de massa, urbanização acelerada, abertura política e cultural compuseram um cenário propício para a elaboração de novas perspectivas sobre a identidade nacional e, por conseguinte, sobre as relações raciais. Joselina da Silva (2003) nos fornece um panorama sintético e interessante desse contexto, relacionando-o às organizações negras:

(...) aqueles eram anos de conflitos raciais no EUA, os países africanos davam os primeiros passos rumo à independência e o fantasma do racismo e da discriminação racial rondava o mundo do pós-guerra. O Brasil do nacionalismo e da escalada crescente para a modernidade se sobressaía como o lugar da paz racial possível. Exemplo disto é a realização, aqui, dos estudos da Unesco nos anos 50. A partir do

final da década de 1940 o cenário nacional é marcado por uma urbanização e uma industrialização crescentes. As reações imediatas da sociedade conservadora, com suas frequentes demonstrações de racismo, agilizaram o discurso e a atuação das organizações negras. Paralelamente a isso, o término da ditadura varguista deu lugar às diversas manifestações de democracia, permitindo que algumas das organizações negras, que se mantiveram ativas durante o Estado Novo, se reorganizassem e várias outras fossem criadas (...) (SILVA, 2003, p. 218).

A autora nos traz um painel em que convergem diversas forças e condições tanto internas quanto externas em dinâmica tensão e possibilidades. Quanto às organizações negras, a literatura nos mostra um momento profícuo de reflexões e ações (HANCHARD, 2001; PEREIRA; SILVA, 2009) muitas delas materializadas em congressos e convenções realizadas por estas entidades, em diversos lugares do Brasil, só a título de exemplo, podemos elencar aquelas organizadas diretamente pelo TEN: a Convenção Nacional do Negro (1945/1946), a Conferência Nacional do Negro (1949) e o 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950). Além disso, o TEN também atuou na “montagem de espetáculos teatrais, escolas de alfabetização, criação de associação para empregadas domésticas, organização de um jornal próprio, concursos de beleza e eventos de debate intelectual” (OLIVEIRA, 2018, p. 13). Apontando a variedade de intervenções do TEN na realidade social que, inclusive, as duas últimas são divulgadas no próprio *Quilombo*.

Parece-nos legítimo afirmar que o quadro social desse período tendeu a encorajar questionamentos, buscar novas formas de lidar com os problemas nacionais e explorar possíveis soluções para “o racismo à brasileira” (DOMINGUES, 2004), sobretudo por parte dos movimentos sociais negros. No que diz respeito ao Rio de Janeiro, capital federal na época, a cidade fervilhava com grandes movimentos demográficos imigratórios (internos e externos), grande concentração de atividades produtivas e um processo de urbanização acelerado que alterava constantemente o rosto do Rio de Janeiro (LESSER, 2014). O antropólogo Júlio Tavares nos apresenta um coeso panorama dessa conjuntura:

No plano interno, o TEN nasceu numa conjuntura altamente crítica, pois com a crise do Estado Novo é apresentado um leque de novas questões, permitindo que os fluxos ideológicos e sociais se encarregassem de nutrir os caminhos da redemocratização, com um novo pensamento e com novas propostas para explicação do que vinha ser o Brasil. O contexto nacional da década de 1940 é bastante significativo para o estudo do debate travado no período subsequente, especialmente quanto ao problema do negro (TAVARES, 1988, p. 82).

As desigualdades desse processo são flagrantes entre os diversos atores sociais que estavam compondo a cidade na primeira metade do século XX, com negros e brancos não foi diferente, estes assumiram posições diferenciadas nas oportunidades de trabalho, nos espaços geográficos, de sociabilidade e do imaginário social. Com os primeiros comumente ocupando



os lugares físicos e simbólicos degradados e de baixo prestígio social (CHALHOUB, 2012). É diante dessa configuração social que emerge o TEN com narrativas e propostas de contestação de um estado de coisas que ao mesmo tempo possuía potencial para gestar alterações concretas nas relações raciais também trazia o fermento de sua manutenção.

O TEN, assim como a FNB, faz parte do histórico processo de luta da população negra por melhores condições de vida, direitos de cidadania e valorização de sua estética e cultura. (PEREIRA, 2008; RIOS, 2009). Essa história assumiu inúmeras formas ao longo do tempo, desde a criação de quilombos, revoltas, irmandades de santo, agremiações, imprensa negra, até os modelos de atuação que temos hoje que combinam, em diferentes graus, todo o repertório histórico das organizações negras utilizando a tecnologia, as redes sociais e o corpo a corpo. O cineasta e diretor do filme “Abdias Nascimento: Memória Negra”, Antônio Olavo (2008), sinaliza as diversas modalidades de organizações que a luta antirracista empreendeu já no final do século XIX e seus impactos na (re)construção identitária da população negra:

No pós-abolição, com deveres, mas sem direitos, o povo negro se reunia em associações comunitárias, entidades recreativas, jornais independentes, irmandades religiosas católicas e terreiros religiosos com matriz africana e essas novas formas de organização contribuíram decisivamente para a reconstrução no país de diversificadas identidades, que reafirmaram valores e acumularam forças na luta contra o racismo, já institucionalizado em toda a sociedade brasileira (OLAVO, 2008, p. 51).

Seguindo os passos dessa história e reatualizando-a, o Rio de Janeiro do pós-Guerra forjou importantes organizações em atividade:

O Rio de Janeiro, por sua face cosmopolita em virtude de ser Capital Federal, transformava-se em berço de importantes organizações, entre as quais podemos citar o Grupo de Afoxé Associação Recreativa Filhos de Gandhi, o Teatro Experimental do Negro (TEN), a União dos Homens de Cor (UHC), a União Cultural dos Homens de Cor, o Teatro Popular Brasileiro (TPB), o Renascença Clube e a Orquestra Afro-Brasileira, composta por dezoito músicos (SILVA, 2003, p. 221).

Isto é, o associativismo negro seria parte integrante da história do Brasil, e no Rio de Janeiro nas décadas de 40 e 50 suas múltiplas características se desenvolviam com trabalhos que dialogavam com a arte, a cultura, a política e a economia. De fato, não somente essas organizações, mas tantas outras tiveram experiências de tensões internas e disputas. Não somente nas ideias como também em seus campos de atuação, de todo modo, é possível afirmar que o traço contínuo que liga todas elas seria a luta contra o racismo.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Uma sintética definição da funcionalidade do racismo extraída do pensamento do etnólogo Carlos Moore parece bastar para nossos objetivos: “A sua função central, desde o início, seria regular os modos de acesso aos recursos da sociedade de maneira racialmente seletiva em função do fentótipo” (MOORE, 2008, p. 11). Leia-se aqui, recursos simbólicos, psicológicos e materiais.

Segundo Elisa Larkin Nascimento (2003, p. 284), a simples presença da palavra “negro” no nome da entidade já teria provocado “mal-estar no meio artístico e cultural”. A declaração manifesta do termo negro teria repercutido negativamente nas camadas médias e elites brancas da época, com matérias, editoriais de jornais e opiniões em conversas informais advertindo o teor equivocados de tal terminologia. Para tais grupos (inclusive das esquerdas), o credo na inexistência (ou irrelevância) do racismo, aliado à ideia de primazia das lutas de classes e a ideologia da democracia racial percebia tal expressão como uma afronta ao próprio caráter nacional brasileiro que tinha justamente como um de seus trunfos como nação o suposto convívio harmônico entre os diferentes grupos raciais. No entanto, esse “desconforto” teria sido um dos objetivos de Abdias do Nascimento, ainda segundo Elisa Larkin (2003):

Foi esta a estratégia do TEN ao definir seu nome: num movimento semântico semelhante ao que funda o estilo poético da Négritude, reverteu a carga negativa por outros atribuída ao epíteto “negro” para brandi-la qual arma simbólica a denunciar a hipocrisia do insulto e construir um novo sentido, positivo e afirmativo, capaz de sustentar uma identidade imbuída de conteúdos históricos e culturais resgatados da negação imposta pelo padrão da branquidão (NASCIMENTO, 2003, p. 288-189).

O TEN emerge sob o signo do incômodo e do embate, muito embora isso só tivesse ocorrido pelo simples fato do preconceito e da discriminação racial serem sistematicamente negados (ou amenizados) pela sociedade brasileira como um todo e as relações raciais serem tratadas como um tabu, caso não fossem tuteladas pela ideologia dominante do “paraíso racial” (NASCIMENTO, 2003). Esse trecho sublinha um dos principais objetivos do TEN: o de inversão do sentido simbólico geralmente negativo atribuído à população negra. Destarte, o TEN levava ao palco personagens negros que pretendiam subverter as amarras estereotipadas da época, pois a tônica no teatro brasileiro eram papéis folclóricos, caricatos, secundários, ridículos e grotescos. Ou então, “brochava-se de negro um ator ou atriz branca quando o papel contivesse certo destaque cênico ou alguma qualificação dramática” (NASCIMENTO, 2004, p. 209). Essa preocupação começou a tomar forma, segundo Abdias, de uma situação vivida em 1941 no Teatro Municipal de Lima, no Peru. Ao assistir o espetáculo *O Imperador Jones*, de Eugene O’Neill, o criador do TEN notou que o personagem principal era um homem branco tingido de preto:

Naquela noite em Lima, essa constatação melancólica exigiu de mim uma resolução no sentido de fazer alguma coisa para ajudar a erradicar o absurdo que isso significava para o negro e os prejuízos de ordem cultural para o meu país. Ao fim do espetáculo, tinha chegado a uma determinação: no meu regresso ao Brasil, criaria um organismo teatral aberto ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse. Antes de uma reivindicação ou um protesto, compreendi a mudança pretendida na minha ação futura como a defesa da verdade cultural do Brasil e uma

contribuição ao humanismo que respeita todos os homens e as diversas culturas com suas respectivas essencialidades. Não seria outro o sentido de tentar desfiar, desmascarar e transformar os fundamentos daquela anormalidade objetiva dos idos de 1944, pois dizer teatro genuíno – fruto da imaginação e do poder criador do homem – é dizer mergulho nas raízes da vida. E vida brasileira excluindo o negro de seu centro vital, só por cegueira ou deformação da realidade (NASCIMENTO, 2004, p. 210).

Esse protagonismo teatral logo transbordou para outras propostas/ações que perpassavam: a valorização da cultura africana<sup>16</sup> e afro-brasileira, a necessidade de alfabetização, de uma educação que trouxesse as contribuições civilizatórias negras para a Humanidade e a deslegitimação de uma ciência que tratava o negro como mero objeto temático calcificado no tempo (NASCIMENTO, 1978; RAMOS, 1957). Para a busca de tais propostas juntou-se ao TEN uma gama heterogênea (profissões, classe social, regiões etc.) de pessoas negras.<sup>17</sup> Segundo Abdias, os primeiros integrantes do TEN foram o pintor Wilson Tibério, o advogado Aguinaldo de Oliveira Camargo, José Herbel e Teodorico dos Santos. Em seguida, se reuniram ao grupo o militante negro Sebastião Rodrigues Alves, as empregadas domésticas Ruth de Souza, Marina Gonçalves, Arinda Serafim, dentre tantos outros nomes, como o sociólogo Guerreiro Ramos (NASCIMENTO, 2003). Como estamos indicando, é difícil, e provavelmente desnecessária para as nossas preocupações de pesquisa, enquadrar o TEN em alguma noção mais restrita de movimento social, pois o mesmo poderia ser alocado em uma série de definições como: grupo teatral, entidade filantrópica, escola e imprensa negra, não se resumindo a nenhum deles. Sendo a questão do negro algo multidimensional, o TEN decidiu abordá-la de várias maneiras diferentes.

É nessa conjuntura que nasce o *Quilombo*, que como tantos dos seus predecessores, atuava como porta-voz das ações e pensamentos do movimento que o concebeu e de seus colaboradores, mesmo que isso em diversos momentos e graus tenha apresentado contradições e confrontos, o que, na verdade, nos ajudará a responder parte das nossas inquietações. Nas palavras de Abdias, “O jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* divulgou os trabalhos do TEN em todos os seus campos de ação, entre 1948 e 1950. O jornal trazia reportagens, entrevistas, e matérias sobre assuntos de interesse à comunidade” (NASCIMENTO, 2004, p. 223).

Lançado em dezembro de 1948, seu principal objetivo foi fazer uma leitura crítica sobre as relações raciais no Brasil, utilizando para isso as iniciativas do TEN com divulgação de peças teatrais, sobretudo aquelas encenadas pelo próprio, ações em torno da educação,

<sup>16</sup> Essa ainda de forma muito tímida, se concentrava no mais das vezes nas religiões de matriz africana.

<sup>17</sup> Sobre as críticas em torno do suposto elitismo de seus componentes e a polêmica em torno disso ver Costa Pinto (1998) e Elisa Larkin (2003).

denúncias de preconceito e discriminação racial, concursos de beleza, artes plásticas etc. (CUNHA, 2013). O periódico apresentava uma série de notícias e opiniões vinculadas ao fazer do TEN e de seus interlocutores, negros e brancos. Sua periodicidade foi em larga medida mensal, com algumas interrupções e junções, seu financiamento provinha basicamente de componentes do próprio teatro e de parceiros, o que indica, mais ou menos, as mesmas dificuldades financeiras de seus predecessores para sua manutenção.

Não obstante, também foram encontradas certas diferenças, podemos elencar pelo menos três: 1) temas que englobavam uma conexão maior com o cenário sócio-político brasileiro, provavelmente devido à conjuntura de maior participação política de pessoas negras e das pretensões político-eleitorais de alguns de seus componentes, como o próprio Abdias do Nascimento; 2) Uma atuação mais ampla de colaboradores brancos com a possível intenção de não serem classificados como sectários, ao mesmo tempo forjar alianças mais abrangentes no seio da intelectualidade, além de pretender ampliar seu público leitor; e 3) Uma presença mais frequente das mulheres negras, com fotos, matérias e divulgação de seus trabalhos, mesmo que muito aquém de uma equanimidade no que tange à colaboração no campo editorial.

Um dos tópicos de nossas preocupações é a associação entre masculinidade e humanidade, já apontada anteriormente no *Clarim da Alvorada*, no *A Voz da Raça* e agora no *Quilombo*. Atentemos para o trecho a seguir, da coluna *Democracia Racial*, pois nele a Conferência Nacional do Negro homenageia as Nações Unidas, por esta advogar pela dignidade da pessoa humana independente “da cor, credo ou condição social” e mais especificamente “por nomear como Mediador substituto do grande sueco Folke Bernardotte, o Dr. Ralph Brunche, distinto negro norte-americano”.

Figura 2 – A Conferência do Negro e as Nações Unidas

**DEMOCRACIA Racial**

**A Conferência do Negro e as Nações Unidas**

*A CONFERÊNCIA NACIONAL DO NEGRO saúda as Nações Unidas e manifesta a sua confiança em seus esforços pela confraternização universal.*

*A Conferência Nacional do Negro espera que as Nações Unidas, como organismo promotor dos direitos do homem e da amizade e da cooperação entre todos os povos, sem considerações de cor, de religião, de língua, de organização política, continuem a representar dignamente o seu papel de mais alta tribuna da opinião mundial (1).*

**A palavra do Sr. Paul Vanorden Shaw**

“Entre as homenagens prestadas à Organização das Nações Unidas, neste grande país, uma das mais simpáticas e relevantes é esta da Conferência Nacional do Negro. Revela que os delegados a esta reunião compreendem um ponto básico da Organização Mundial e indispensável estágio de uma paz permanente — a declaração de que todo ser humano tem direitos, sem distinção de cor, credo ou condição social. Ao lado desses estão os outros que constituem os alicerces sólidos sobre os quais repousará a paz que todos nós almejamos — pão, justiça e liberdade para todos em todas as partes do mundo.

Não fica somente nisso, porém, a razão desta homenagem. Todos nós, de cor ou não, vimos de presenciar um fato de profunda significação. Primeiro, não hesitou a ONU por um instante, — pondo, assim, em boa prática o que prega —, de nomear como Mediador substituto do grande sueco, Conde Folke Bernadotte, o Dr. Ralph Bunche, distinto negro norte-americano. Este, por sua vez, levou a bom termo as negociações que foram as mais delicadas e difíceis de após-guerra, até que surgiu o caso de Berlim. O caso da Palestina havia desafiado a argúcia diplomática das grandes nações; coube a um representante das populações de cor resolvê-lo em sua grande parte. No desempenho dessa função, Ralph Bunche conquistou a admiração e respeito de todo o mundo; teve sob suas ordens civis e militares brancos e que lhe serviram dedicadamente, pois que lhe reconheciam os grandes dotes de homem e estadista.

Ao agradecer-vos a homenagem à Organização que tenho a honra de representar, venho também pedir o vosso apoio continuado, Senhores membros e delegados. A ONU, em contraste com outros organismos internacionais, pertence a NÓS OS POVOS e é nos ombros de NÓS OS POVOS, em última análise, que repousam a paz, a justiça, a igualdade e a liberdade, a que todos temos direito, sem distinções de qualquer espécie.

As valiosas contribuições das populações de cor de todos os tempos e todos os quadrantes ao progresso do mundo, tornam preciso e precioso para a Entidade Mundial o vosso apoio moral e material.

A paz mundial já muito deve a Ralph Bunche. Que o seu exemplo sirva de estímulo e inspiração a todos nós, sobretudo, porém, ao grupo humano a que pertence.

A Conferência do Negro Brasileiro formulamos votos de êxito pleno e absoluto, ao mesmo tempo apresentando nossos sinceros agradecimentos pela homenagem que vem de prestar às Nações Unidas. São gestos e atos dessa índole que conferem prestígio e força à ONU. (2)

(1) Texto aprovado por aclamação a 9-5-1949, na sessão de abertura da Conferência Nacional do Negro, na A.B.I.  
(2) Discurso pronunciado pelo sr. Paul Vanorden Shaw, representante da ONU no Brasil, na sessão inaugural da Conferência Nacional do Negro.

Fonte: jornal *Quilombo* n. 3, p.7, jun. 1949<sup>18</sup>

Nesse trecho é colocada a relevância da escolha de um homem negro para ser mediador de importantes negociações internacionais, e que balizado pela força de sua competência e caráter, liderou um *staff* de pessoas brancas, civis e militares, provavelmente quase todos homens “que lhe serviram dedicadamente, pois que lhe reconheciam os *grandes*

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-03/>>.

*dotas de homem e estadista*” (p.7, grifo nosso). Cabe dizer com alto grau de certeza que ao supostamente romper com a *clausura da cor*, através de suas qualidades masculinas, o Dr. Ralph Bunche ganha respeito e obediência por parte dos brancos, invertendo as relações de poder geralmente postas entre homens negros e brancos. É claro que em certo nível, porque sua nomeação dependeu, principalmente, desses últimos. Ademais, esse rompimento deve ser matizado porque apesar dele ser reconhecido como um homem, e, portanto, ganhar um status de humanidade, ele continua sendo um homem negro, e, logo, teria que eventualmente provar sua masculinidade/humanidade.

Quer dizer, a humanidade dos homens negros deveria ser provada, porque os pressupostos animalizadores se encontrariam, usualmente, enquadrados pelo “regime racializado de representação” estabelecido (HALL, 2016). Assim, uma das estratégias empregadas para se “humanizar” parece ter sido a adoção dos traços masculinos estimados em um dado período. Especulemos um pouco sobre as capacidades necessárias para ser um respeitado mediador de conflitos no plano internacional. Poder de convencimento, eloquência intelectual, conhecimentos sobre as culturas e as relações de poder implicadas nas negociações entre os países, vontade determinada, autoridade, assertividade, influência e sobretudo um valor usualmente atribuído ao homem ocidental adulto: o pensamento racional.

Em suma, seriam as “virtudes dos fortes”. Sem a intenção de querer esgotar as propriedades para tal cargo, é perceptível que parcela considerável desses predicados não comporiam as representações em voga sobre os homens negros. Dessa maneira, ao corporificar essa “masculinidade virtuosa” em um corpo masculino negro, tudo indicaria uma maior probabilidade de que viesse a reboque sua humanidade, avaliação que será fruto de melhor apreciação nas análises dos periódicos. Evidentemente, o fragmento assume um estilo elogioso da figura do Dr. Ralph Bunche, não obstante é esse material discursivo a fonte de nossas análises, sendo precisamente as modulações no tom utilizado para descrever personagens e situações a riqueza desse material para compreendermos as interpretações sobre os encadeamentos entre virilidade, masculinidade e raça.

Bom, já que foi mencionado a coluna *Democracia Racial*, no que diz respeito à sua organização, a socióloga Daniela Roberta Rosa (2007) esclarece que:

Os editoriais eram de autoria de Abdias do Nascimento e o periódico tinha como colunas permanentes: Livros, Tribuna Estudantil, Escolas de Samba, Cinema, Música, Rádio, Negros na História, Fala A Mulher, sempre escrita por Maria de Lourdes Nascimento, Pelourinho, Democracia Racial, Cartaz, Sociais, Close Up e Notícias do Teatro Experimental do Negro. Além de um número de matérias assinadas (ROSA, 2007, p. 82-83).

Com efeito, essas colunas nos apresentam uma gama de possibilidades para a investigação. Havia uma sinergia e permanente diálogo entre o TEN e o *Quilombo*, mas o periódico marcou um período temporal específico na história do TEN que durou dois anos, de 1948 a 1950, enquanto o TEN se estendeu por 17 (dezesete) anos. Portanto, o foco da investigação se restringe ao período que o *Quilombo* vigorou. Nesse primeiro momento tomamos o TEN como personagem central, com uma sucinta apresentação do *Quilombo*, contudo, no desenrolar do trabalho concentraremos nossas análises no periódico.

### 3 A VIRILIDADE COMO TRAÇO PATRIÓTICO

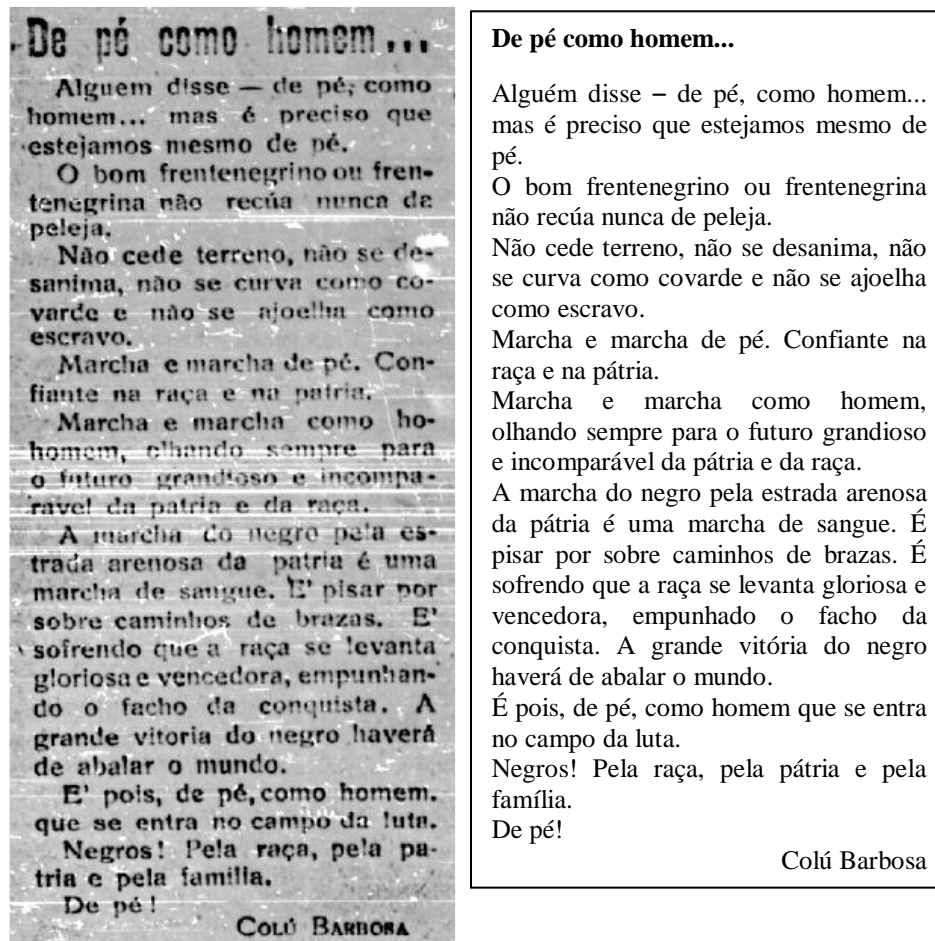
Após uma concisa contextualização no capítulo anterior acerca dos movimentos sociais em questão, interessa-nos indicar a hipótese e o objetivo deste capítulo. Partimos da hipótese de que haveria uma estreita relação entre pátria, masculinidade/virilidade em conexão com a elevação moral e existencial do homem negro. Ao que nos parece, configurou-se uma dinâmica entre patriotismo e ideais masculinos, que em sinergia dignificariam o status simbólico do homem negro. Seria uma tentativa de expiar o estigma de degenerado, obtendo a respeitabilidade da honradez e da atitude patriótica. Ao demonstrar compromisso e abnegação pela pátria, talvez esses homens estivessem buscando seus direitos enquanto cidadãos plenos brasileiros, uma condição social dificultada pelo racismo. Portanto, nosso objetivo busca investigar não só essa relação, porém, mais importante, de que maneira ela apareceria nos dois jornais investigados.

#### 3.1. O patriotismo viril no *A Voz da Raça*

O primeiro fragmento analisado é de Colú Barbosa no jornal *A Voz da Raça* nº 2. O trecho abaixo é bem representativo daquilo que estamos trazendo para o debate.



Figura 3 – De pé como homem...



Fonte: Jornal *A Voz da Raça* nº 2, p.2, mar. 1933.<sup>19</sup>

O primeiro elemento que destacamos é a postura com a qual os homens negros<sup>20</sup> deveriam enfrentar as pelejas: de pé. Isto é, o corpo rijo, ereto, sólido, altivo, orgulhoso e que não recua. Essa postura representaria a postura viril necessária para o confronto, pois seria assim que um “homem de verdade” deveria encarar o mundo. A essa postura, o autor contrapõe aquele que se curva e se ajoelha como um covarde, como um escravo. Esta oposição passa uma mensagem muito clara, o homem fretenegrino seria um homem de verdade, ou seja, um homem viril e não um covarde e/ou escravo. Essa correlação, entre “masculinidade autêntica” e virilidade, pode ser encontrada em Badinter (1992) em que muitas vezes na linguagem corrente o “homem verdadeiro” seria quase sinônimo de um homem viril. Outro ponto é a rejeição aos sentidos pejorativos da escravidão, muito vivas ainda naquele período, marcante no discurso fretenegrino e que parece relacionar elevação

<sup>19</sup> Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensaneira/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-25031933/>

<sup>20</sup> Ainda que o texto se refira a fretenegrinos e fretenegrinas fica claro ao longo da exposição a quem preferencialmente, ou de fato, o texto é dirigido.

moral e virilidade. Não obstante, essa relação tendia a ser um discurso relativamente comum em momentos de crises, guerras e instabilidades políticas. No plano internacional das primeiras décadas do século XX, o cientista social Pedro Paulo de Oliveira (2004) salienta que em tais circunstâncias haveria uma valorização de certa masculinidade:

A primeira década do século XX foi marcada pelo novo movimento expansionista colonial europeu, voltado agora para regiões da África e da Ásia e pelo clima de acirramento em torno da busca de novos mercados. Nessa atmosfera de belicosidade internacional deflagrou-se a Primeira Grande Guerra. Depois de quatro anos de combates, alguns derrotados iriam preparar um novo *round* do conflito internacional, ao fermentar e entronizar, nas duas décadas seguintes, movimentos políticos com forte apelo para uma mitificação do ideal masculino (OLIVEIRA, 2004, p. 33).

No plano doméstico tínhamos não só os ecos das transformações externas, como os desdobramentos das Revoluções de 30<sup>21</sup> e 32,<sup>22</sup> além das vicissitudes sociais e políticas já colocadas anteriormente. Assim, o enaltecimento dos ideais viris estaria, a princípio, em consonância com o momento histórico. É preciso atentar para as metáforas militares presentes no texto, visto que o negro “não cede terreno”, “marcha e marcha de pé”, “marcha e marcha como homem”, marcha no campo de luta pela raça, família e pátria. Interpretamos essas imagens na chave das ideologias militaristas e nacionalistas muito comuns nesse período (FLORES, 2007). Mais à frente discorreremos sobre o militarismo presente na FNB, ao falarmos da milícia frentenegrina. De todo modo, a defesa da pátria surge aqui de forma central, o negro seria seu grande defensor, enfrentando inúmeros percalços e sacrifícios; virilmente, de pé. Para essa tarefa a lealdade à pátria, a retidão moral, o vigor e a abnegação seriam características destacadas no fragmento, basicamente recomendando para seus leitores uma espécie de “virilidade guerreira” (AUDOIN-ROUZEAU, 2013, p. 504). Acompanhadas da pátria viriam a raça e a família, esta última seria um microcosmo da nação, enquanto a raça faria a ligação entre as duas.

O próximo trecho é o Hino da Gente Negra Brasileira escrito por Arlindo Veiga dos Santos no *A Voz da Raça* nº 7. Nesse fragmento encontramos reflexos da formação ideológica patrianovista do autor e seu nacionalismo exacerbado.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> A Revolução de 1930, grosso modo, foi um movimento armado, liderado pelos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, que resultou em um golpe de Estado, e depôs o presidente da República Washington Luís, impedindo a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pondo fim à República Velha.

<sup>22</sup> A Revolução de 1932, em síntese, foi um movimento armado ocorrido nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul entre os meses de julho e outubro, que tinha por objetivo derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e convocar uma Assembleia Nacional Constituinte.

<sup>23</sup> Essa é uma questão polêmica, foram feitas várias acusações à FNB quanto ao seu suposto caráter monárquico por influência de seu presidente, tanto é que no *A Voz da Raça* nº 3, na p. 4, em uma entrevista intitulada *A Frente Negra Brasileira e o Patrianovismo*, Arlindo Veiga se defende dessa possível influência patrianovista na FNB.

Figura 4 – Hino da Gente Negra Brasileira

<p><b>Hino da Gente Negra Brasileira</b>          Letra do Dr. Arlindo Veiga dos Santos          Música do Professor Alfredo Pires</p> <p>1.<sup>o</sup>          Salve! Salve! hora gloriosa,          Em que aponta, no país,          Esta aurora luminosa          Que fará a Patria feliz.</p> <p>Corô          Gente Negra, Gente forte,          Ergue a fronte varonil,          És a Impávida coorte          – Honra e gloria do Brasil.</p> <p>2.<sup>o</sup>          Os herdeiros dos lauréis          Do trabalho, n ciência, a guerra,          Surgem, nobres e fiéis,          Pelo amor da Patria Terra.</p> <p>3.<sup>o</sup>          São do sangue escravo herdeiros,          De Tupis e de Africanos,          Que, confiantes Brasileiros,          Bradam soberbos e ufanos.</p> <p>4.<sup>o</sup>          Cesse a voz dos preconceitos!          Caia a bastilha feroz,          Que o valor dos nossos feitos          Ruge altivo dentro em nós!</p> <p>5.<sup>o</sup>          Nossa côr é o estandarte          Que entusiasma Norte e Sul;          Une a todos para o marte          Sob o Cruzeiro do Azul.</p> <p>6.<sup>o</sup>          Ouve: - os clarins dos PALMARES          Vêm falar da Patria nova!          Resson o clangor nos ares          Chamando os bravos à prova!</p> <p>7.<sup>o</sup>          Seja o toque da alvorada          Que diga a todos: - "Reunir"          E a Nação, alvoroçada,          Corra à voz de ressurgir.</p>	<p><b>Hino da Gente Negra Brasileira</b>          Letra do Dr. Arlindo Veiga dos Santos          Música do professor Alfredo Pires</p> <p>1.<sup>o</sup>          Salve! Salve! Hora gloriosa          Em que aponta, no país,          Esta aurora luminosa          Que fará a Patria feliz</p> <p>Corô          Gente Negra, Gente forte,          Ergue a fronte varonil.          És a Impávida coorte          – Honra e glória do Brasil.</p> <p>2.<sup>o</sup>          Os herdeiros dos lauréis          Do trabalho, a ciência, a guerra,          Surgem, nobres e fiéis,          Pelo amor da Pátria Terra</p> <p>3.<sup>o</sup>          São do sangue escravo herdeiros,          De Tupis e de Africanos,          Que confiantes Brasileiros,          Bradam soberbos e ufanos.</p> <p>4.<sup>o</sup>          Cesse a voz dos preconceitos!          Caia a bastilha feroz,          Que o valor dos nossos feitos          Ruge altivo dentro de nós!</p> <p>5.<sup>o</sup>          Nossa côr é o estandarte          Que entusiasmo Norte e Sul;          Une a todos para o marte          Sob o Cruzeiro do Azul.</p> <p>6.<sup>o</sup>          Ouve: – os clarins dos PALMARES          Vêm falar da Pátria nova!          Ressoa o clangor nos ares          Chamando os bravos à prova!</p> <p>7.<sup>o</sup>          Seja o toque da alvorada          Que diga a todos: – “Reunir”          E a Nação, alvoroçada,          Corra à voz de ressurgir.</p>
--	--

Fonte: Jornal A Voz da Raça nº7, p. 3, abr. 1933.<sup>24</sup>

O historiador Petrônio Domingues (2006), no seu artigo “O ‘messias’ negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978) ‘Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III!’”, traça um conciso perfil do primeiro presidente e um dos fundadores da FNB com destaque para sua

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-29041933/>>.

trajetória como ideólogo monarquista e também presidente da Ação Imperial Patrianovista Brasileira (1932-37;1945-64). Domingues levanta certas hipóteses a respeito da influência patrianovista na FNB, tanto em sua organização interna quanto no campo das ideias, são algumas delas: um intenso nacionalismo, preservação das tradições nacionais, rejeição ao comunismo, arranjo institucional altamente verticalizado e centrado na figura do Chefe Geral, além da constituição de milícias (DOMINGUES, 2006, p. 527). Ademais, para Domingues (mas não só para ele) tanto a FNB quanto a Ação Patrianovista possuíam características do Integralismo,<sup>25</sup> sobretudo em relação ao autoritarismo, conservadorismo e nacionalismo vigente nesse movimento. Novamente esses traços fariam parte de um momento histórico de rechaço às tendências horizontalizantes e democratizantes, vistas como desorganizadoras das hierarquias e da autoridade, e como postulamos na presente pesquisa, e também da virilidade, trazendo assim a necessidade de reivindicá-la e enaltecê-la.

Nesse trecho, o enfoque é no patriotismo e nas qualidades exaltadas para a defesa da nação. Na penúltima estrofe, Arlindo Veiga escreve “Ouve: – os clarins dos PALMARES *Vêm falar da Pátria nova!* Ressoa o clangor nos ares Chamando os bravos à prova” (grifo nosso). O autor se refere expressamente à Pátria nova revelando suas raízes ideológicas, o que será melhor esboçado ao longo do hino. A segunda estrofe indica, assim como no texto anterior, a importância da postura viril, “Gente Negra, gente forte, Ergue a frente varonil”. Quer dizer, o rosto deve estar erguido mostrando vigor e valentia. Encarar nos olhos o futuro e outras pessoas, sobretudo as brancas. A antítese do olhar cabisbaixo, humilde, acanhado, com vergonha de si, algo com que o negro teve de lidar ao longo de sua história na diáspora. Do ponto de vista masculino, levantar a frente e encarar a realidade, as situações adversas e, principalmente, outros homens mostraria potência.

A segunda parte da mesma estrofe, “És a impávida coorte Honra e Glória do Brasil”, sugere uma imagem militar, visto que “coorte” pode significar força armada, tropa, que conjugada com o adjetivo “impávida” nos forneceria uma espécie de unidade militar destemida. As referências à guerra como algo valoroso, um momento singular para demonstrar bravura, nobreza e lealdade com seus companheiros, e especialmente para com a pátria, são razoavelmente comuns no periódico. Na terceira estrofe temos a menção à guerra de forma expressa, tendo o amor à pátria como fundamento da guerra, pois a guerra pela guerra degradaria o caráter para o barbarismo. A construção do homem viril se daria, nesse

---

<sup>25</sup> Um componente de semelhança com o integralismo, aventada, inclusive recorrentemente pela literatura, é o slogan que acompanhou *A Voz da Raça* do primeiro ao último número “Deus, pátria, raça e família”, pois ao retirar o vocábulo raça, passa a ser o mesmo do integralismo.

caso, ao colocar sua força e energia a serviço de uma causa e um ideal maior como a pátria e na afirmação do valor da “gente negra”.

Essa “virilidade belicosa” se embaralha com o período entreguerras, em que o campo de batalha poderia ser considerado uma escola fundamental para lapidar corpo e mente (OLIVEIRA, 2004). Maria Bernardete Ramos Flores (2007) nos fala da conexão entre nacionalismo, corpo, raça e caráter:

O nacionalismo com seu cortejo de práticas e discursos – militarismo, industrialismo, racismo –, que se instaurou no Ocidente no período que vai da segunda metade do século XIX até os regimes fascistas e estado-novistas, de modo geral, embora não da mesma forma e nem da mesma intensidade, constituiu a chamada *era das etnias*, época de criação e afirmação das nações modernas. *A nação confundiu-se com a raça, e esta, qualificada e classificada pela estética do corpo e do caráter do indivíduo*, configurava o status do progresso e do desenvolvimento nacional (FLORES, 2007, p. 64, grifo nosso).

Admitindo-se essa relação entre nação e raça verídica, pode-se compreender com mais clareza a estratégia da FNB de hastear a bandeira do nacionalismo. Em um contexto de disputas políticas acirradas, imigração galopante e lutas por definições da identidade nacional, a afirmação patriótica e a firmeza moral teriam na visão da FNB o potencial de tornar o negro cidadão pleno, digno de respeito e consideração. Francisco Lucrécio, integrante de relevo da FNB, no livro *Frente Negra Brasileira: depoimentos*, de Márcio Barbosa, expressa os desafios e a habilidade de se manter nacionalista diante de um farto “cardápio” de ideologias.

Não foi fácil para nós nos situarmos naquela ocasião no meio de tanta ideologia política de esquerda e de direita, socialismo, comunismo, trotskismo, *mas nós mantivemos aquela linha nacionalista em defesa da pátria, família e raça. Nosso objetivo principal era defender o torrão brasileiro, em virtude de que aqui correu sangue, com o sacrifício de muitos de nossos antepassados, e nós teríamos de nos situar considerando isso*, de forma que a Frente Negra não podia ser nem integralista, nem comunista. Nós não nos filiamos a nenhum desses partidos e fomos assediados por eles. Não os combatíamos, porque não havia possibilidade disso. Até fizemos a política da boa vizinhança tanto com Plínio Salgado como com Prestes, porque tinha elementos que frequentavam a Frente Negra e intelectuais comunistas que eram nossos amigos, como o Oswald de Andrade; tínhamos também elementos como professores de universidade que eram nacionalistas, que pertenciam ao partido do Plínio Salgado, e, embora nós fôssemos de ideologia contrária, não hostilizávamos, *já que tínhamos uma bandeira nacionalista, inatacável de qualquer maneira* (BARBOSA, 1998, p. 47, grifo nosso).

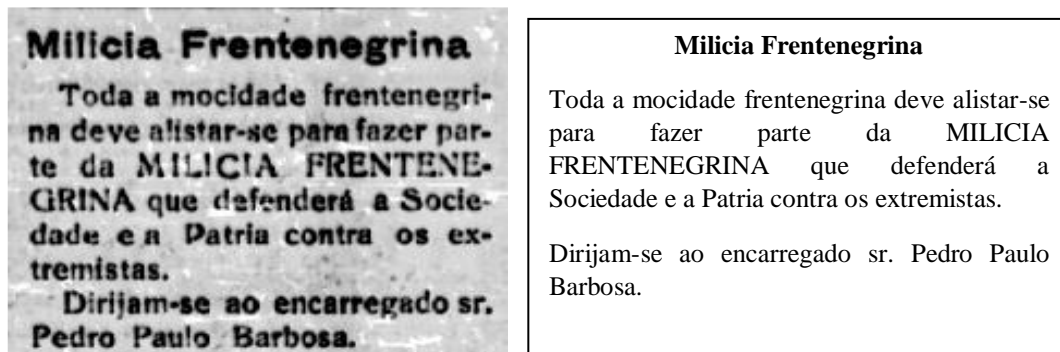
Conforme Lucrécio, aderir ao nacionalismo, era uma espécie de “tática” que pretendia blindar a Frente Negra contra os ataques de ambos os lados do espectro ideológico (não que isso tenha de fato dado certo, já que no próprio jornal inúmeras controvérsias ideológicas eram travadas) visto que em um contexto de grandes polaridades essa era uma forma, mais ou menos eficiente, de manter sua legitimidade política. Além do que, assinalava um compromisso com as lutas pretéritas empreendidas por seus “ancestrais”, e isso era

demasiadamente importante, sobretudo quando a nação era, em geral, representada por homens brancos da elite (MISKOLCI, 2012). No mesmo livro, José Correia Leite, em seu depoimento, endossa a visão de grandes oposições doutrinárias, em que o negro não tinha muita opção, podendo ser perseguido para qualquer lado que fosse, assim afirma o militante:

A política naquela época era uma coisa... se você não fosse comunista, você era fascista. Então não tinha jeito de se fazer política, porque a ideia democrática, republicana, essas ideias estavam fora de questão. Eram essas duas coisas: ou era da direita ou da esquerda. E eram duas coisas que levavam o negro para a morte ou para a cadeia porque não davam resultado algum (BARBOSA, 1998, p. 76).

Sendo assim, diversas causas convergiram para que o nacionalismo fosse uma das principais ideologias da FNB. Em um contexto beligerante e polarizado como o retratado ao longo da seção, um recurso utilizado pela FNB para se “defender” foi o uso de uma milícia. No *A Voz da Raça*, em diversos números, constatamos o apelo para que negros se juntassem a esse grupo. Seguem dois exemplos:

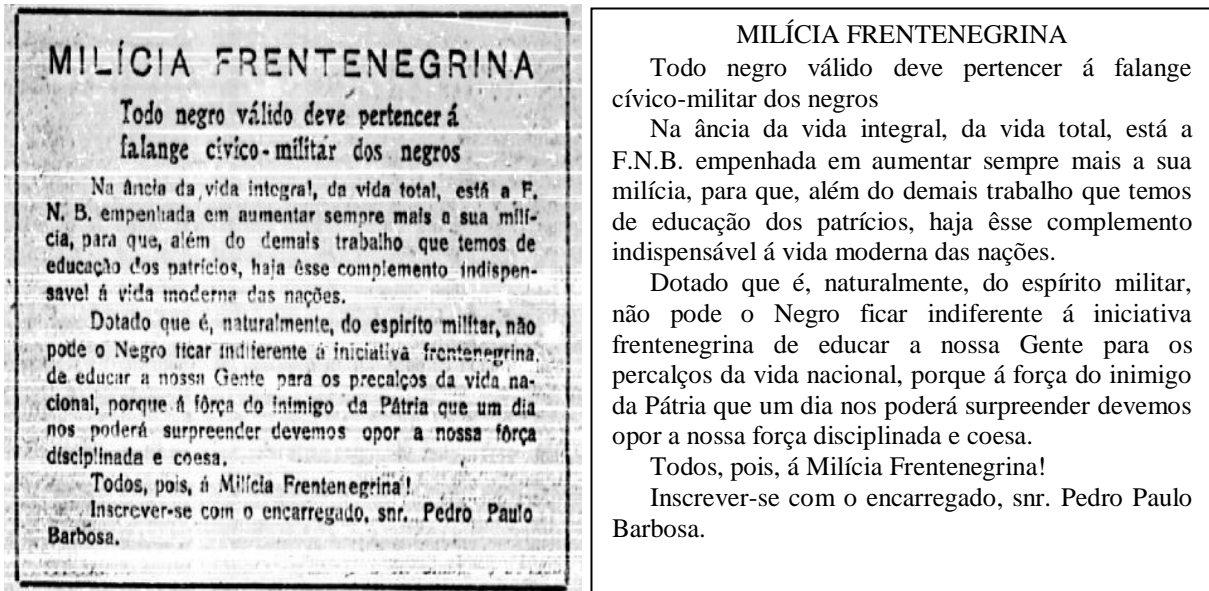
Figura 5 – Milícia Frentenegrina



Fonte: Jornal *A Voz da Raça* nº 4, p. 3, abr. 1933.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-08041933/>>.

Figura 6 – Milícia Frentenegrina



Fonte: *Jornal A Voz da Raça* nº 7, p. 3, abr. 1933.<sup>27</sup>

No primeiro fragmento, vemos a convocação voltada para a juventude negra com a intenção de “defender a Sociedade e a Pátria contra os extremistas”. No segundo, “todo negro válido” estaria convidado a fazer parte da “falange cívico-militar dos negros”. Nesse trecho, encontramos relevantes indicativos da conjuntura histórica e de certas concepções que orientavam a Frente. O primeiro ponto é o seu notório flerte com o integralismo, já que “a vida integral, a vida total” é uma terminologia muito próxima daquela usada pelo integralismo como: “homem integral, Estado integral”, “homem na sua totalidade” etc. (SCHMIDT, 2008). Outra compatibilidade é a própria formação de milícias, algo que a Ação Integralista Brasileira (AIB) tivera, onde havia um “verdadeiro treinamento militar, desde a instrução de ‘técnica, tática e moral’ até a elaboração de planos de combate. Aliás, a instrução militar era compatível com as cinco armas militares que constituíam a ‘tropa’ integralista: infantaria, cavalaria, engenharia, artilharia e aviação” (verbete CPDOC).

Evidente que esse tipo de iniciativa era fruto de muitas críticas nos jornais da época, nesse mesmo número do *A Voz da Raça*, no texto “Milicianos de fé”, Olavo Xavier responde as acusações de que as milícias criadas em São Paulo e no Brasil teriam uma influência daquelas formadas na Itália e na Alemanha, remetendo indiretamente ao Fascismo e ao Nazismo. Segundo Olavo Xavier, os negros estariam do ponto de vista moral, cívico e militarmente disciplinados em prol da Pátria. As críticas também vinham de ex-integrantes, como José Correia Leite, que viam nessas iniciativas forte conotações fascistas e nazistas:

<sup>27</sup> Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-29041933/>>.

“Agora é certo que a milícia era uma conotação do fascismo, do hitlerismo, ou mesmo do integralismo, que era o fascismo brasileiro, caboclo... Mas tudo aquilo tinha na Frente Negra: braço estendido, hinos...” (BARBOSA, 1998, p. 72). Também havia as defesas, enquanto Olavo Xavier justificava a criação das milícias, tanto integralista quanto frentenegrina, com o objetivo de manter a paz e a ordem contra forças desordeiras, Francisco Lucrécio alegava principalmente a proteção da FNB contra ameaças vindas de vários lugares:

Na revolução de 32 não formamos batalhão de negros porque lembramos da Guerra do Paraguai, onde o negro lutou e não recebeu nada em troca. Nessa época, a Frente Negra recebeu ameaças. Em 1935 também recebeu ameaças, mas nós formamos um *grupo de defesa armada* tendo em vista os movimentos tanto de esquerda como de direita. Sustentariamos alguma luta se houvesse necessidade. Nós estávamos também preparados para defender a bandeira da Frente Negra, essa era a grande verdade. Tinha um grupo armado, tinha um grupo que recebeu instrução militar para que, se nós fossemos atacados, nós respondêssemos à mesma altura. Porque os inimigos nós tínhamos de todos os lados, inclusive negros que não rezavam pela nossa cartilha e instigados por alguns racistas ou por outros que não eram nacionalistas poderiam nos atacar. De forma que foi isso que aconteceu, nós tínhamos a nossa defesa (BARBOSA, 1998, p. 47, grifo nosso).

Para além dos embates entre aqueles que defendiam e os que censuravam a formação de milícias, o que é necessário destacar é o forte militarismo nesse período e as correlações com o nacionalismo. O fragmento ainda fala de um *espírito militar* inerente ao negro, naturalizando uma característica valorizada nessa conjuntura, ao mesmo tempo remetendo a um legado de séculos de lutas da população negra contra a escravidão. Em outra parte, o texto evoca o inimigo da pátria como argumento para que a *gente negra* faça parte da milícia e esteja pronta para o combate. Combate esse que deve ser travado por uma “força disciplinada e coesa”. Disciplina e coesão são terminologias militares para definir pelotões, batalhões, tropas e a própria organização institucional das forças armadas. Essa virilidade patriótica e militar (BERTAUD, 2013) se entrelaçaria com a virilidade fascista (CHAPOUTOT, 2013). Segundo o historiador Johann Chapoutot, “[f]requentemente se atribui aos fascismos, com razão, o projeto de fazer surgir um ‘novo homem’, depois da suposta degenerescência do século XIX e do massacre da Grande Guerra” (CHAPOUTOT, 2013, p. 335, grifos do autor). E não somente de um novo homem, mas de uma nova virilidade (CHAPOUTOT, 2013, p. 335). Virilidade essa que abarcaria uma educação moral e física, passando pelo amor à pátria, firmeza de caráter, robustez física e virtudes cívicas. O tema do novo homem é recorrente durante os anos 30 e no Estado Novo (GOMES, in OLIVEIRA, 1982; CERCHIARO, 2016). A ideia do novo homem perpassou o socialismo, o fascismo, o nazismo e o Estado Novo (OLIVEIRA, 2004).



Suspeitamos que *A Voz da Raça*, ao recorrer às alusões à guerra, combates, sacrifícios em nome da pátria, convocações para milícias, ou seja, toda uma “gramática viril-militarizada”, parte desse “homem novo frentenegrino” que se almejava construir, baseado na “elevação moral do negro”, dialogava profundamente com os modelos masculinos ligados aos movimentos políticos autoritários e nacionalistas. Seja influenciado pela AIB, seja pela Ação Patrionovista ou mesmo pelos fascismos europeus, o que nos interessa são dois aspectos: 1) Se realmente há nesses discursos elementos que evidenciem a virilidade como uma das bases constitutivas do homem frentenegrino; e 2) Caso tenham esses elementos, que tipo de virilidade seria essa?

No que diz respeito ao debate dessa seção, ao que parece esses elementos existem e eles tendem a traduzir um tipo de virilidade que tem a preocupação em se afirmar amalgamada à nação e à gente negra, sobretudo aos homens, de forma rígida, moralizada e virtuosa, em consonância com os valores considerados “respeitáveis” da época. Isto é, a antítese de uma virilidade degrada propalada pelo racismo, normalmente associando a figura do homem negro à bestialidade e selvageria. A degenerescência era um tópico recorrente das preocupações das elites pensantes sobre os caminhos da Nação, que perpassava a construção de uma identidade, um caráter para o Brasil, em que essas elites tendiam a crer que o pobre, o negro e o mestiço eram profundamente degenerados. De acordo com Dain Borges (2005), “o declínio nacional deveria ser entendido através da metáfora da enfermidade progressiva e hereditária de um corpo, onde a nação era um *homem doente*” (BORGES, 2005, p. 44, grifo nosso). E segue:

A degeneração foi um veículo importante da crítica e da análise social para os intelectuais brasileiros entre 1880 e 1940. Originária da psiquiatria criminológica, ela se tornou popular e se espalhou na literatura e na sociologia. O perigo da degeneração forneceu um denominador comum ideológico para diversas propostas de reforma dos governos republicanos. *A imigração branca, a renovação urbana, a vacinação contra a varíola, a regulação da prostituição, tudo visava restaurar a energia e a saúde do corpo da nação.* Como tal, a degeneração provia uma das escoras ideológicas do consenso do Estado do bem-estar social que se desenvolveu depois de 1930. Entre 1919 e 1945, o fundamento na “ciência racial” da degeneração em teorias da hereditariedade desintegrou-se e desacreditou o racismo de cor, mas temas derivados da ideologia social organicista sobreviveram. O nacionalismo dos anos vinte e trinta mantiveram a preocupação de que a diversidade da nação nunca poderia ser balanceada. Tanto a direita quanto a esquerda encontraram a harmonia e a fusão do povo em identidades que transcendiam diferenças, quer como crianças do campo, anti-heróis míticos ou fraternidades espirituais. Uma ciência fraca forneceu uma matriz criativa para a visão social (BORGES, 2005, p. 63, grifo nosso).

É significativa a metáfora da nação como um homem doente e as propostas para a sua “cura” objetivarem “restaurar a energia e a saúde do corpo da nação”. Energia, como veremos, é um termo muito utilizado para se referir às qualidades viris, ao mesmo tempo em que os

degenerados seriam caracterizados pelas suas ausências, isto é, “síndrome da preguiça, “falta de decisão e de caráter” (BORGES, 2005, p. 52). Como, então, combater essa degenerescência? Ao que tudo indica, um dos rumos, foi aquilo que Silva e Flores (2010) argumentaram de forma habilidosa: a ideia de *virilização da raça*<sup>28</sup>, título do livro de Mário Pinto Serva publicado em 1923, no qual a tese central é que tal projeto embutiria a prescrição de um *ethos* viril à Nação. As autoras avaliam que a masculinidade e a virilidade ocupariam um lugar de destaque na ideologia do nacionalismo e da noção de civilização: “O viril era tomado como um valor universal que media o grau de civilização” (SILVA; FLORES, 2010, p. 83). Assim, o bom cidadão seria aquele que possuísse um caráter viril, ou seja, “[v]iver virilmente significava viver na plenitude do vigor físico, da energia mental, do preceito das ciências, da vontade de lutar, do governo democrático e consciente dos problemas da nação. Viver virilmente era o dever do cidadão” (SILVA; FLORES, 2010, p. 83). Só que na década de 30 o governo democrático não estava com boa reputação, diferentemente no pós-Estado Novo como veremos mais à frente ao analisarmos o jornal *Quilombo* do Teatro Experimental do Negro.

Em todo caso, de acordo com as historiadoras é justamente nesse período histórico, que misturava nacionalismo, militarismo, fascismo, modernização e certa crise na cultura ocidental, que “[o] discurso da melhoria da raça, ou da regeneração da Nação, vinha ainda acompanhado pelo discurso da virilização da raça” (SILVA; FLORES, 2010, p. 83). Essa noção prescreveria uma série de atributos necessários para o bom desenvolvimento do Brasil diante do concerto das nações. O país passava por um delicado e controverso processo de construção de povo, com uma formação racial e/ou étnica heterogênea, que a despeito das mudanças em curso, ainda era muito mal vista por boa parte da elite.

Em um momento histórico em que nação se confundia com raça, e com a busca de uma suposta unidade cultural e social, a heterogeneidade racial brasileira era vista como um problema e os tidos como “diferentes” eram tratados como subcidadãos. Não é gratuito os acalorados debates sobre os mestiços, certas vezes vistos como degenerados, outras como fator de integração e estabilização nacional. Pelo visto, a FNB, na figura de seu periódico, procurou *virilizar* o homem negro e mulato buscando se contrapor aos estereótipos da época, regenerando-os ao associá-los à pátria e às virtudes cívicas, demarcando, dessa maneira, um território de pertencimento à *brasilidade* (LESSER, 2014), com todos os direitos e deveres que advêm disso.

---

<sup>28</sup> Raça aqui significa a “raça brasileira”, uma noção relativamente comum na primeira metade do século XX no Brasil.

Antes de adentrarmos no jornal Quilombo, analisaremos um último excerto que adota um tipo de abordagem muito próximo desse, e que engendra dois movimentos: 1) a centralidade do negro na formação do Brasil; e 2) a utilização de uma retórica em que o país estaria em débito com os negros, devido justamente a essa atuação imprescindível para a construção da pátria, mas que não tinha seu reconhecimento de fato. Vejamos como isso aparece no texto de Francisco Lucrecio chamado *Aproxima-se o cincoentenário da abolição da Escravatura no Brasil*, texto que aproveita a data comemorativa da abolição e procura celebrar os feitos da população negra ao longo da história do Brasil, e reivindica a estima da nação através de festejos, homenagens e monumentos.

Figura 7 - Aproxima-se o cincoentenário da abolição da Escravatura no Brasil

**Aproxima-se o cincoentenário da abolição da Escravatura no Brasil**

**F. LUCRÉCIO**

(...) Óra! ninguém desconhece os grandes feitos dessa raça, e a sua influencia, na formação ética, espiritual e econômica dessa dádiosa terra de Santa Cruz. É preciso que se diga com justiça, que foi incontestavelmente o negro o melhor colonizador dentre todos em que para cá aportaram.

(...) A ocasião é oportuníssima para ser erigido oficialmente, um monumento ao “Negro Brasileiro”, perpetrando assim, o seu esforço e a sua contribuição profícua nas coisas do Brasil. (...) – A Nação Brasileira deve muito á essa gente negra simples e honesta, dívida essa que talvez, mesmo a geração do seculo futuro, não chegue a receber.

— Isso geralmente se dá: Os que tem muito a receber, são os que menos têm para viver. E os, se encontram sempre com inimigos, que os chamam de cadáveres, pela razão de serem os eternos credores. (cadáveres do Brasil?).

Contudo cabe ainda ao negro, essa gente forte, a dar conta do seu papel, aliás importantíssimo na vida nacional. Suportando todas as séries de injustiças, vai ele defendendo com profundo amor, a terra, a tradição, e a liberdade patria.

Fonte: Jornal *A Voz da Raça* nº 63, p. 4, mar. 1937.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-031937/>>.

No 6º parágrafo, Lucrécio diz: “A ocasião é oportuníssima para ser erigido oficialmente, um monumento ao *Negro Brasileiro* perpetrando assim, o seu esforço e a sua contribuição profícua nas coisas do Brasil” (grifo nosso). Observa-se que o autor faz questão de destacar, no monumento, o vínculo entre raça e pátria, dois dos principais preceitos que compõem o slogan do periódico, “Deus, Pátria, Raça e Família”, demonstrando a importância da nacionalidade para o grupo. O terceiro parágrafo expressa a influência “(...) na formação ética, espiritual e econômica dessa dadivosa terra de Santa Cruz”, e no quarto parágrafo essa influência aparece como dominante entre as matrizes formadoras do país, pois “(...) foi incontestavelmente o negro o melhor colonizador dentre todos os que para cá aportaram”.

Há duas inversões nos trechos acima, no primeiro a influência do negro de periférica, surge como predominante, no segundo o negro de escravo ergue-se como colonizador, algo que o sociólogo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2004) chama a atenção nos escritos de Manuel Querino do início do século XX:

Manuel Querino opera com “O colono preto como fator da civilização brasileira” dois importantes pontos de corte com a historiografia tradicional: primeiro, trata o africano como “colonizador”, e não apenas como elemento passivo, mão-de-obra escrava; segundo, aponta o seu papel civilizador, sua atuação como elemento que cria e promove civilização, invertendo a tradicional associação do “preto” com a “barbárie” e como elemento objeto da obra civilizadora do branco português (GUIMARÃES, 2004, p. 13, grifos do autor).

Lucrécio faz um movimento parecido, altera seu status social e com isso coloca o Brasil em dívida com o negro, uma vez que não há o devido reconhecimento dessas realizações, “a Nação Brasileira deve muito à essa gente negra, simples e honesta”. Ainda assim, o negro “Suportando todas as séries de injustiças, vai ele defendendo com profundo amor, a terra, a tradição e a liberdade pátria”. Ou seja, o seu patriotismo continua incólume independente da ingratidão “dessa dadivosa terra de Santa Cruz”. Apesar do tom de resignação, o sacrifício pela pátria era prova de virilidade, uma virtude guerreira inspirada pela força moral do patriotismo. A cobrança por reconhecimento fecharia o “ciclo” com as devidas honrarias com as quais se coroariam a retidão de caráter, o amor à pátria e a coragem. Por último, no que se refere ao gênero do negro no texto de Lucrécio, ele parece se referir a homens e mulheres apontando a ideia de *virilização da raça negra*.

Todavia, a mulher Negra tende a entrar nessa dinâmica por um viés mais voltado para certas virtudes do mundo feminino. A figura que consubstanciaria isso seria a *Mãe Preta*. O texto de Jayme de Aguiar, não por coincidência chamado *Mãe Preta*, faz uma homenagem à sua avó usando a Lei do Ventre Livre, o Abolicionismo e o papel da Mãe Preta na construção da nação.

Figura 8 – Mãe Preta



### Mãe Preta

Jayme de Aguiar

Como preto de gratidão, a memória de minha vovó senhora: - Emilia Rachel do Nascimento, cujo passo evoco nesse dia de hoje. 28 de setembro de 1936. Nesse dia que comemorámos há anos passados era aprovado o projeto da Lei de Ventre Livre, concedendo liberdade aos filhos do Ventre escravo, após alguns anos de um penoso trabalho sob as guardas do Senhor fazendeiro. Apesar dos pezares, devemos anotar em nossas colunas de hoje essa efeméride que consagra Rio Branco, um dos vultos eminentes do 2º Imperio, o abolicionista de nomeado. (...)

É por esta razão, que prestamos, nesta data com reverente culto de gratidão à figura consagrada da mulher negra; que nos dias amargurados da escravidão nefasta de nossa terra, soube resignadamente, amamentar muitos dos maiores vultos de destaque dos tempos do Brasil Império e a sua dedicada magnanimidade e afetiva consideração para com o “Senhor moço”.

– Mãe Preta és a expressão mais fiel do sentimentalismo do nosso povo, desta grande raça que fez o Brasil: és o símbolo aprimorado do sentir das mães bondosas que têm no verdadeiro lar: – o encanto, o sacrifício e a esperança no amanhã bendito. Foste a sacerdotisa de todos os tempos [?] da formação desta nacionalidade dentro dos salões aristocraticos ensinastes os primeiros passos á meninice brasileira, as primeiras preces ao Redemptor: e [?] mãe da nacionalidade brasileira (...)

Salve! Mãe Preta, símbolo de gratidão e de respeito, de carinho e resignação, de amor e de penitência.

Fonte: *Jornal A Voz da Raça* nº 58, p. 4, 1936. <sup>30</sup>

Jayme de Aguiar mobiliza o mito da Mãe Preta com a intenção não só de homenagear sua avó, mas sobretudo de oferecer à nacionalidade uma personagem negra. Aquela que através de seu servilismo e fidelidade incondicional à classe senhorial teria fornecida as condições afetivas necessárias para a constituição da nação “mãe da nacionalidade brasileira”. Como pano de fundo, temos a ideia de uma nação brasileira “racialmente fraterna”, edificadora do Brasil, algo que já se encontrava no jornal *Clarim da Alvorada* (FRANCISCO, 2017).

Segundo Sônia Roncador (2008), como subtexto das primeiras décadas do século XX, tínhamos no discurso público brasileiro certa aversão em discutir a escravidão, vista como uma chaga e atraso nacional, dessa forma, a mãe preta ou não aparecia ou aparecia de forma

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-101936/>>.

depreciativa como “uma perigosa portadora de doenças, além de transmissoras de superstições, fanatismos e outros valores que comprometiam mais tarde o caráter moral das crianças” (RONCADOR, 2008, p. 138). Na segunda metade dos anos 20 isso começaria a mudar com Gilberto Freyre e os modernistas, na esfera da imprensa negra também. O fato é que Jayme Aguiar manipula as representações da Mãe Preta, como forma de “celebrar uma fraternidade racial idealizada e sentimentalizada” (ALBERTO, 2014, p. 390) com o objetivo de filiar os negros à nação, e colocando os brancos, sobretudo os homens, em débito com a população negra, principalmente com as mulheres, personificadas nela. Afinal de contas, o autor faz questão de destacar que a Mãe Preta teria amamentado “muitos dos maiores vultos de destaque dos tempos do Brasil Império” e a sua dedicada magnanimidade e afetiva consideração para com o “Senhor moço”.

Nesse sentido, certas características fundamentalmente ligadas à passividade, à resignação e ao amor incondicional, usualmente ligadas ao feminino, e corporificadas na Mãe Preta, se transformaram nessa narrativa em um conjunto de “vínculos sentimentais com as elites brancas... como um baluarte contra discursos “científicos” de exclusão racial” (ALBERTO, 2014, p. 379, grifos da autora). O interessante é que quando o caminho para a “inclusão da raça negra na família brasileira” (ALBERTO, 2014, p. 380) vem do gênero masculino negro, ou até mesmo quando ele é indefinido, a tendência é a adoção de características viris, inversamente proporcionais as da Mãe Preta. Essa dinâmica aponta para a possibilidade de que em um embate entre grupos de homens (no caso negros e brancos pelos sentidos da nacionalidade) a demonstração de um arcabouço viril seria pré-requisito para o respeito e possibilidade de equidade. Já para o estabelecimento de laços fraternos e harmônicos (em termos raciais e nacionais), o corpo feminino negro e seus significados mais conservadores, e estereotipados, parecia ser o mais conveniente à época. Seria através dele que uma leitura sentimental de cidadania e nação, em contraponto à ciência do racismo, poderia ser viabilizada.

Por mais desconfortáveis que seus retratos muitas vezes açucarados de amas de leite escravizadas possam soar aos ouvidos modernos, os homens negros que endossaram tais interpretações da Mãe Preta não foram enganados ou coagidos pela política retrógrada de seus colegas brancos. Sua adoção da Mãe Preta como símbolo da fraternidade racial foi, antes, uma estratégia para dar impulso a uma incipiente visão mais inclusiva da nação do que a visão excludente apoiada pela ciência que predominara desde a abolição (ALBERTO, 2014, p. 386).

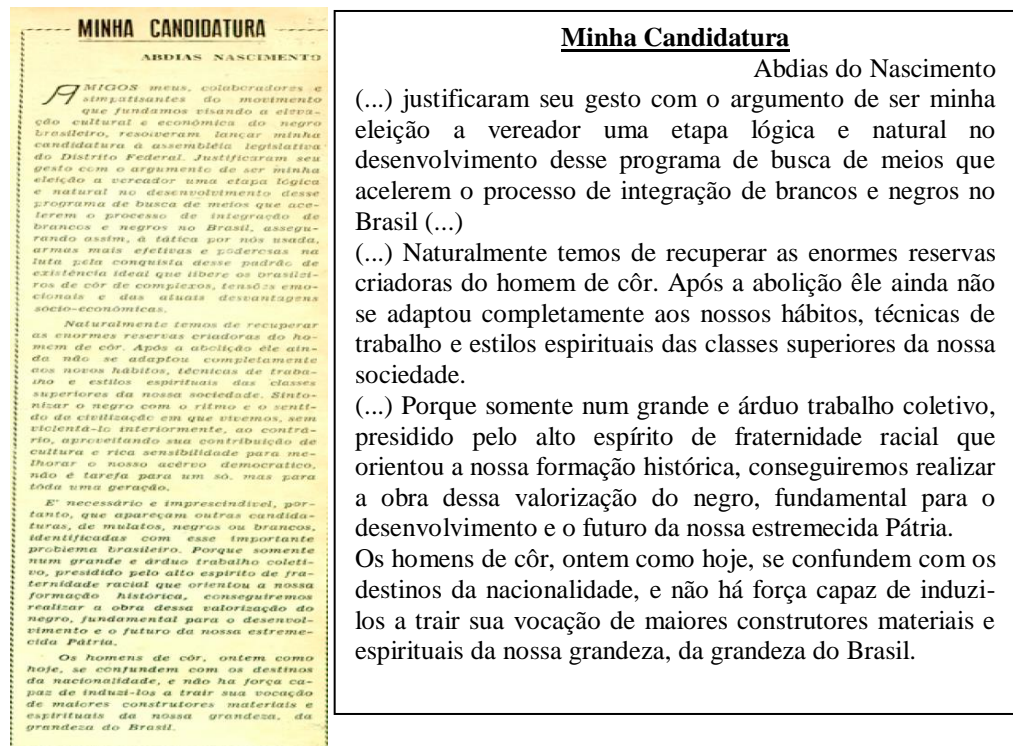
A historiadora Paulina L. Alberto resume a estratégia da Mãe Preta como forma de integração nacional reivindicada por homens negros, e também por brancos, nas primeiras décadas do século XX. O que acrescentamos a essa perspectiva é que, a despeito do uso da

Mãe Preta como símbolo de fraternidade inter-racial, os homens negros não abdicavam da masculinidade viril como instrumento de luta por reconhecimento e direitos, talvez esse seja um dos motivos para que não houvesse uma figura masculina negra de peso que pudesse fazer essa integração simbólica em nível nacional. Uma intimidade física e psicológica com os homens brancos parece ter sido primordial. É como se o processo se desse em níveis distintos, baseado no gênero, porém com os mesmos objetivos.

### 3.2- O patriotismo viril no *Quilombo*

Dando sequência a nossas análises sobre as correlações entre raça, virilidade e pátria, chegamos ao jornal *Quilombo*, o que nessa época significava certa sintonia com um projeto de Nação, em que o vigor intelectual, moral, estético e físico eram algumas das qualidades desejáveis para os homens (FLORES, 2007). O trecho abaixo é de um editorial de Abdias do Nascimento chamado “Minha candidatura”, o qual versa sobre o apoio e incentivo que estava recebendo para a assembleia legislativa do Distrito Federal como vereador.

Figura 9 – Minha Candidatura



Fonte: Jornal *Quilombo* nº 7-8, p. 1, mar. e abr. 1950<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal\\_quilombo\\_ano\\_ii\\_n7-8](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_ii_n7-8)>.

Esse encorajamento, segundo Abdias, viria de uma compreensão que sua candidatura seria “uma etapa lógica e natural no desenvolvimento desse programa de busca de meios que acelerem o processo de integração de brancos e negros no Brasil...”. Sugerindo que era uma proposta que perpassava, em maior ou menor grau, o TEN, o *Quilombo* e o Abdias político, Guimarães (2004) levanta a hipótese de que a integração do negro à sociedade brasileira se deu de diferentes maneiras e que tal integração se relacionaria intimamente com os intelectuais negros (portanto, não só com os brancos) que tiveram um papel ativo em sua disseminação entre a “massa negra”, articulada com as ideias de nação brasileira e de democracia racial.

Essa articulação entre integração e pátria pode esclarecer, em parte, a maneira caldeada que o negro costumava aparecer, tanto no *Quilombo* como no *A Voz da raça*, com a história e destino da pátria. Por exemplo, no penúltimo parágrafo, Abdias salienta a necessidade de que negros, mulatos e brancos identificados com o problema da exclusão do negro se elejam para que, através desse trabalho conjunto que alude a uma suposta herança de “fraternidade racial”, o negro fosse valorizado e, por conseguinte, alavancasse necessariamente “(...) o desenvolvimento e o futuro de nossa estremeçada Pátria”. Quer dizer, a incorporação, de fato, não subalternizada do negro na vida política, econômica e social brasileira seria pré-condição para o progresso e prosperidade do país. Esse discurso procura tornar o negro vital para a pátria.

Já no último parágrafo, Abdias sacramenta essa noção ao conferir aos “homens de côr” um papel central no futuro do país, sendo os “maiores construtores materiais e espirituais da nossa grandeza, da grandeza do Brasil”. Ao fechar com essa frase, o autor pretende, assim como no *A Voz da raça*, dignificar uma contribuição que, no mais das vezes, é vista como residual e fadada ao folclore. Pelo contrário, o periódico dar a entender que para se fazer um país é preciso um espírito empreendedor, diligente e vigoroso. Abdias parece querer torná-los grandes homens. Esse tipo de virilização dos homens negros e dos negros em geral que procura assimilá-los à pátria de maneira influente tem a intenção de retirá-los de uma posição subalterna, pretende, em um contexto de democratização, colocá-los como artífices do Brasil, e, por conseguinte, indispensáveis para seus novos rumos. Ainda mais quando levamos em consideração que a sugestão do texto é de acesso ao espaço político e decisório, espaço essencialmente formado por homens brancos.

O subtexto, também no *A Voz da raça*, indica uma disputa de narrativa com as estereótipias vigentes nesses respectivos períodos, sustentadas, teoricamente e pragmaticamente, tanto por uma elite intelectual composta quase que exclusivamente, de novo,



por homens brancos, como pela população em geral diversa em sua composição racial. Essa disputa emerge de forma mais explícita na frase ainda no último parágrafo, que “não há força capaz de induzi-los a trair sua vocação...” A traição faz parte do rol de estereótipos que circunscreviam os homens negros, muitas vezes vistos como traiçoeiros e dissimulados, sobretudo os considerados mestiços (mulatos) (SOUZA, 2009). O texto rejeita essa estereotípiia, colocando-os como confiáveis e leais cidadãos a serviço, além de construtores da pátria.

É interessante que no segundo parágrafo Abdias avalia que no pós-abolição os “homens de côr” não estariam adaptados às novas conformações do trabalho, novos hábitos e mentalidades das “classes superiores”, e que seria necessário um grande trabalho coletivo para que houvesse um maior equilíbrio nesse sentido, para aproveitar toda sua potencialidade. Essa era uma interpretação muito comum na época e que tem em Florestan Fernandes sua forma, talvez, melhor acabada (FERNANDES, 2008).

Percebe-se certa tensão entre esse suposto *déficit negro* e suas presumidas virtudes, estas entendidas como fundamentais para a nação. Aparentemente, para Abdias isso seria resolvido, pelo menos em parte, com uma maior representação dos negros, e também dos brancos, na política, comprometidos com a valorização do negro. Talvez seja esse intrincado processo um dos fatores de inspiração para esse discurso entusiástico de filiação do negro à pátria, visto que esse *gap*, juntamente com os estereótipos e discriminações, impediriam o exercício concreto de sua cidadania. Ao mesmo tempo em que as capacidades e conhecimentos do negro que, para Abdias, ergueram o país, não seriam reconhecidos.

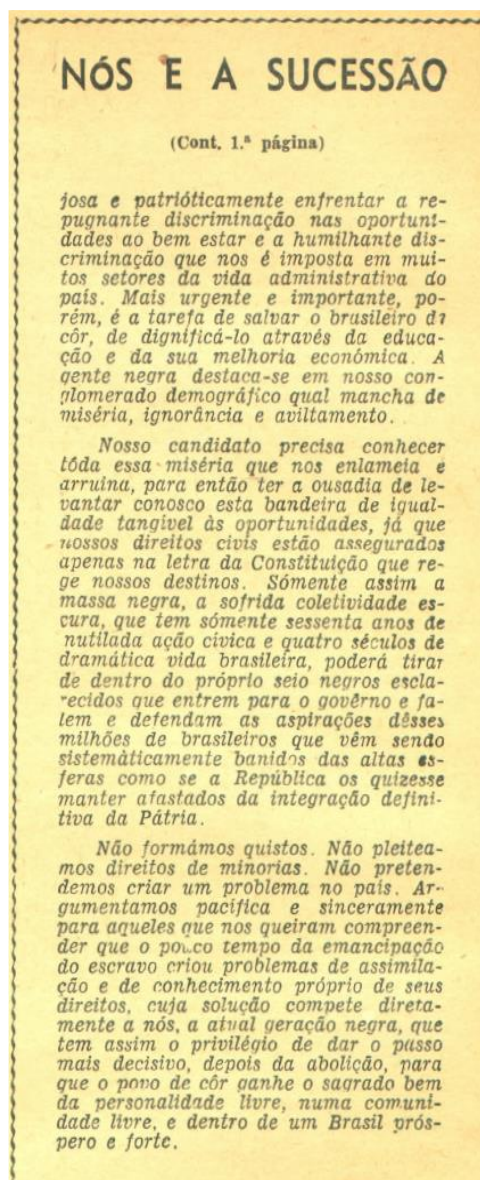
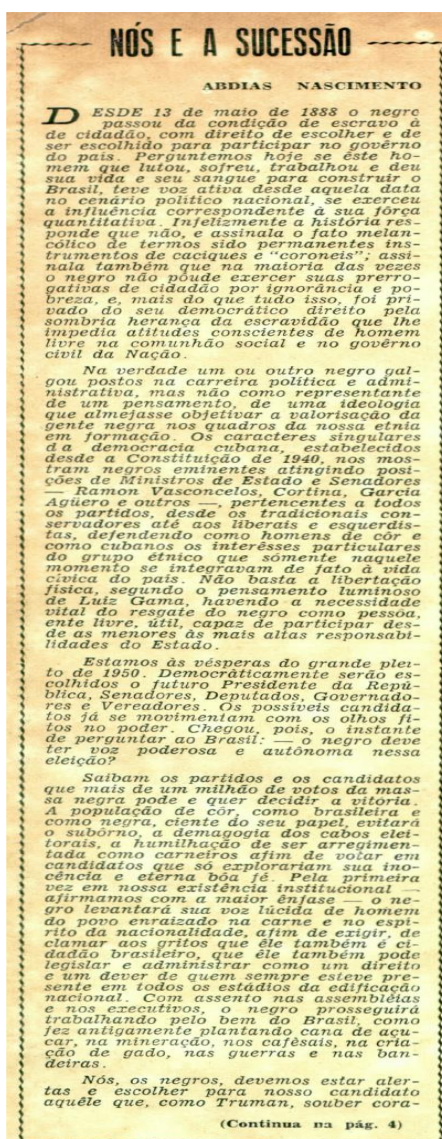
No *A Voz da Raça* também foi possível verificar uma preocupação com a distância entre o lugar social e o comportamento do negro com as pretensões vocalizadas pelo periódico. Neste caso, nos parece que o discurso moralizante da FNB contra um hipotético estilo de vida degradado de homens e mulheres negros era bastante acentuado. Existiria uma espécie de dinâmica implacável entre internalização, reprodução de estereótipos e discriminações sofridas que se retroalimentariam, obstruindo a mobilidade social do negro. Ao que tudo indica, os dois periódicos tiveram que lidar com essa distância entre situação vivida e desejada, mas encontraram maneiras ligeiramente diferentes de lidar com isso. Já o *Quilombo* tende a abordar o tema de maneira mais comedida, sem um tom moralista acusatório, que era mais recorrente no *A Voz da Raça*.

Em todo caso, por hora, podemos dizer que o processo de integração colocado por Abdias, conjugado com uma *gramática viril* empregada com sutileza e atrelada à

nacionalidade, seria não só uma maneira de equalizar as distâncias sociais entre negros e brancos, como uma maneira de regenerar a imagem dos homens negros.

Isso aparece de forma mais marcada no texto abaixo, também de Abdias do Nascimento, chamado *Nós e a sucessão*. É um texto que questiona a rarefeita inserção histórica do negro no cenário político, e uma chamada para que nas eleições de 1950 o negro tenha maior projeção e seja representado por candidatos negros que realmente conhecessem seus problemas e propusessem efetivas soluções.

Figura 10 - Nós e a ascensão; Abdias Nascimento



Fonte: Jornal *Quilombo* n. 3, p.1-4, junho de 1949<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Disponível em: [https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal\\_quilombo\\_ano\\_i\\_n3](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_i_n3).

## NÓS E A SUCESSÃO

Abdias Nascimento

DESDE 13 de maio de 1888 o negro passou da condição de escravo à de cidadão, com direito de escolher e de ser escolhido para participar do governo do país. Perguntemos hoje se êste homem que lutou, sofreu, trabalhou e deu sua vida e seu sangue para construir o Brasil, teve voz ativa desde aquela data no cenário político nacional, se exerceu a influência correspondente à sua força quantitativa. Infelizmente a história responde que não e assinala o fato melancólico de termos sidos permanentes instrumentos de caciques e “coronéis”; assinala também que na maioria das vezes o negro não pôde exercer suas prerrogativas de cidadão por ignorância e pobreza, e, mais do que tudo isso, foi privado de seu democrático direito pela sombria herança da escravidão que lhe impedia atitudes conscientes de homem livre na comunhão social e no governo civil da Nação.

(...) A população de côr, como brasileira e como negra, ciente de seu papel (...) Pela primeira vez em nossa existência institucional – afirmamos com a maior ênfase – o negro levantará sua voz lúcida de homem do povo enraizado na carne e no espírito da nacionalidade, a fim de exigir, de clamar aos gritos que êle também é cidadão brasileiro, que êle também pode legislar e administrar como um direito e um dever de quem sempre esteve presente em todos os estádios da edificação nacional. Com assento nas assembléias e nos executivos, o negro prosseguirá trabalhando pelo bem do Brasil como fez antigamente plantando cana de açúcar, na mineração, nos cafêsais, na criação de gado, nas guerras e nas bandeiras.

Nós, os negros, devemos estar alertas e escolher para nosso candidato aquêle que, como Truman, souber corajosa e patrioticamente enfrentar a repugnante discriminação nas oportunidades ao bem estar e a humilhante discriminação que nos é imposta em muitos setores da vida administrativa do país. Mais urgente e importante, porém, é a tarefa de salvar o brasileiro de côr, de dignificá-lo através da educação e da sua melhoria econômica. (...)

O texto inicia com uma reflexão sobre a nova condição do negro que após a abolição da escravatura, teoricamente como cidadão, deveria ter “o direito de escolher e de ser escolhido para participar no governo no país”, mas que a realidade seria bem diferente. Essa crítica vem acompanhada de um questionamento, se aprofunda na contribuição do negro para o país e como isso se reverteu a seu favor politicamente. A essa pergunta, o próprio autor responde: “perguntemos hoje, se este homem que lutou, sofreu, trabalhou e deu sua vida e seu sangue para construir o Brasil, teve voz ativa desde aquela data no cenário político nacional, se exerceu a influência correspondente à sua força quantitativa. Infelizmente a história responde que não...”. Nota-se que Abdias ostenta um homem negro corajoso, heroico, trabalhador, que saiba morrer pela pátria. Seriam virtudes viris que, a princípio, lhe dariam um lugar legítimo na política nacional. Infere-se, ainda, que Abdias, em um primeiro momento, usa negro, depois homem, indicando que a despeito das mulheres negras estarem embutidas nesse negro, é com ênfase no homem negro que ele parece trabalhar.

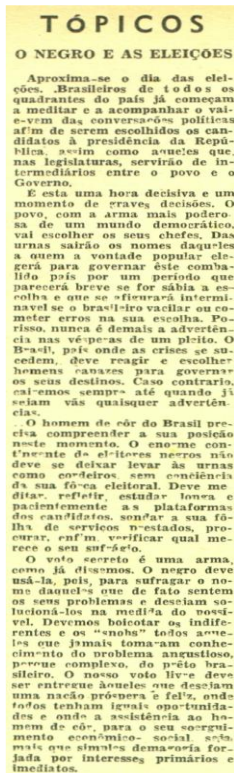
A princípio, tais virtudes não seriam suficientes devido à herança da escravidão, que teria retirado desses homens certas habilidades fundamentais para o exercício da cidadania no pós-abolição, como as “atitudes conscientes de homem livre”. Sem entrar no mérito de que

atitudes conscientes seriam estas, no quarto parágrafo, temos uma amostra das conexões entre raça, gênero masculino, povo e nacionalidade. O líder do TEN coloca o negro como “homem do povo enraizado na carne e no espírito da nacionalidade” e que este “sempre esteve presente em todos os estádios da edificação nacional” e, que, portanto, deveria ter “assento nas assembléias e nos executivos e dentro desses espaços prosseguirá trabalhando pelo bem do Brasil como fez antigamente plantando cana de açúcar, na mineração, nos cafêsais, na criação de gado, nas guerras e nas bandeiras”. Nessa passagem são conjugados uma série de signos da “excelência viril” (RAUCH, 2013). Vemos a força moral e física em sinergia pelo bem da pátria. Aquele que participou de todas as etapas de construção do Brasil em comunhão com o povo e fazendo parte dele, logo o conhecendo de perto. Participação essa não só em uma variada gama de setores da economia fundamentais para o Brasil, como nas batalhas pelo país. Nesse sentido, para Abdias, o homem negro do final dos anos 40, a despeito da escravidão, e, por mais irônico que pareça, também por causa dela, estaria pronto para alçar cargos de liderança política.

Finalmente, no parágrafo posterior podemos considerar como a luta antirracista dialogaria com toda essa dinâmica. Abdias adverte para a necessidade da escolha de um candidato pelo eleitorado negro que saiba, assim como Truman, “(...) corajosa e patrioticamente enfrentar a repugnante discriminação nas oportunidades ao bem estar e a humilhante discriminação que nos é imposta em muitos setores da vida administrativa do país”. É curioso Abdias recorrer ao nome de Harry Truman, um homem branco e presidente dos EUA, que depois do fim da guerra colocou em evidência os Direitos Civis na sua plataforma política. Isso sugere que não somente homens negros eram vistos como exemplos a serem seguidos, mas homens brancos imbuídos de poder político e social conduzindo ações antidiscriminatórias pelo bem da nação possuíam sua cota de estima. Aliás, era com certa recorrência que homens brancos que empreenderam esforços contra o racismo eram laureados no *Quilombo*. Em todo caso, para lutar contra a discriminação racial na arena política, seriam indispensáveis coragem e patriotismo. Melhor dizendo, um homem de grande determinação moral, força de caráter e comprometimento patriótico, ou seja, todas as características de um homem forte. Esse poderia ser considerado o “modelo viril-patriótico-antirracista” na leitura de Abdias? Seria ele o próprio modelo?

Encontram-se variadas alusões à pátria, à urgência da real cidadania para negros e de igualdade de oportunidades, principalmente nos textos que versam sobre campanhas e candidaturas eleitorais. Vejamos o texto da seção Tópicos no *Quilombo* nº 3, *O negro e as eleições*, sem autoria expressa.

Figura 11 - Tópicos O negro e as eleições



Fonte: Jornal *Quilombo* n. 5, p.3, jun. 1950<sup>33</sup>

**TÓPICOS**

**O NEGRO E AS ELEIÇÕES**

Aproxima-se o dia das eleições. Brasileiros de todos os quadrantes do país já começam a meditar e acompanhar o vai-e-vem das conversações políticas a fim de serem escolhidos os candidatos à presidência da República, assim como aqueles que nas legislaturas, servirão de intermediários entre o povo e o Governo.

(...) O Brasil, país onde as sucessivas crises se sucedem, deve reagir e escolher homens capazes para governar os seus destinos. Caso contrário, cairemos sempre até quando já sejam vãs quaisquer advertências.

O homem de côr do Brasil precisa compreender a sua posição neste momento. O enorme contingente de eleitores negros não deve se deixar levar às urnas como cordeiros sem consciência da sua força eleitoral. Deve meditar, refletir, estudar longa e pacientemente as plataformas dos candidatos, sondar a sua folha de serviços prestados, procurar, enfim verificar qual merece seu sufrágio.

(...) O nosso voto livre deve ser entregue àqueles que desejam uma nação próspera e feliz onde todos tenham iguais oportunidades e onde a assistência ao homem de côr, para o seu soerguimento econômico-social seja mais que simples demagogia forjada por interesses primários e imediatos.

Esse texto trata da importância do voto para o povo negro, que deve ser avaliado com “consciência”, no sentido de que as eleições teriam a possibilidade de abrir caminho para uma participação mais efetiva dos negros na vida política nacional, porém o texto não deixa claro se esse voto seria exclusivo para pessoas negras, como nos textos supracitados, em todo caso, independente se negros ou brancos, “O Brasil, país onde as crises se sucedem deve reagir e escolher homens que sejam capazes para governar seus destinos”. Nessa frase percebe-se que o Brasil, devido as suas sucessivas instabilidades, precisaria de um homem para governá-lo, aqui homem sugere o gênero masculino e não o gênero humano. Lembremos também que essa passagem é extraída de um jornal de 1950 e que há pelo menos vinte anos, desde a Revolução de 30, o país tem passado por sucessivas vicissitudes. Governar, destarte, teria o sentido de ter a habilidade de controlar tais crises e guiar o país para o futuro. O “verdadeiro homem público” seria, então, aquele investido da qualidade viril de trazer a autoridade, a ordem, a estabilidade e o progresso à pátria.

O final do texto é claro, aquele a ser escolhido pelos negros deveria impulsionar a prosperidade da nação, a equalização das oportunidades e o apoio aos “homens de côr para

<sup>33</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal\\_quilombo\\_ano\\_ii\\_n5](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_ii_n5)>.

seu soerguimento econômico-social”. A integração<sup>34</sup> costuma ser a tônica do debate político no *Quilombo*, integração nos direitos, nas oportunidades e nos acessos em geral, além, é claro, da supressão da discriminação racial, porém, diferente do periódico da FNB, nesse quesito, o subtexto viril mais associado à belicosidade se encontra mais diluído e esporádico. Parece-nos que a noção de masculinidade utilizada pelo *Quilombo* privilegiava sentidos mais associados aos ideais de civilidade, vigor intelectual e elevação espiritual, em contraste com os princípios de sacrifício, honra e virtudes heroicas realçados pelo *A Voz da Raça*.

Essas modulações indicariam um abundante repertório masculino que tende a se esquivar dos sentidos mais fechados ligados ao corpo e a “moralidades insensíveis”. Ou seja, as virtudes masculinas seriam muitas: leveza e vigor, refinamento e força, firmeza e graciosidade, não sendo características antitéticas, mas sobretudo componentes de um grande léxico histórico. De todo modo, os valores viris vinculados à pátria tendem a aparecer de formas mais dispersas e tímidas no *Quilombo*. A “consciência racial” (muito citada) tende a ser o principal atributo para isso, entendida como uma compreensão mais acurada sobre os processos históricos e a inserção do negro nessa trama, para dessa forma perceber os mecanismos que sabotam a real integração no negro na sociedade brasileira. De fato, essa “consciência racial” também aparece no *A Voz da Raça*, mas a tendência é que ela apareça, com mais frequência, atrelada aos “valores varonis” (BERTAUD, 2013, p. 240).

Não obstante, nos textos de Abdias do Nascimento as referências à virilidade são mais comuns, como veremos também em outras seções. Podemos especular alguns motivos disso ao nos determos um pouco em sua história de vida. Pelo menos três episódios são relevantes: 1) Abdias foi militar de 1930 a 1936, tendo inclusive estado na frente de batalha da Revolução de 1932; 2) Em 1932, Abdias começou a participar da FNB que, como estamos discutindo ao longo do trabalho, à princípio, possuiria um *ethos* viril acentuado; e 3) Em 1936, Abdias começa a colaborar para o jornal *A Offensiva*, no Rio de Janeiro, principal veículo de notícias da AIB e retira-se em 1937, segundo ele, devido a um boicote racista que sofreu.<sup>35</sup>

Essas informações conjugadas poderiam ter tornado Abdias mais sensível aos arquétipos de virilidade mais próximos do militarismo e do nacionalismo, realçando o elemento guerreiro desses arquétipos. Em sua biografia *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*, o autor nos fala o porquê de ter se aproximado do integralismo:

O que me levou ao integralismo foi sua posição antiimperialista e antiburguesa. O que me interessava era a luta contra o imperialismo, contra a penetração americana.

<sup>34</sup> E o receio de que isso não seja confundido com um racismo às avessas, ou a formação de quistos raciais.

<sup>35</sup> Ver biografia p. 84-85.

A possibilidade de estar num movimento como esse me empolgava e me tocava profundamente. O apelo do integralismo era bem mais amplo, principalmente quanto ao nacionalismo; havia uma preocupação marcante quanto à defesa da identidade nacional, do patrimônio cultural, das riquezas e reservas naturais, e os Estados Unidos representavam o destruidor disso tudo (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 82).

Percebe-se claramente o elemento nacionalista em suas razões, principalmente no que diz respeito ao combate ao imperialismo americano<sup>36</sup> e na defesa ao patrimônio material e imaterial brasileiro. E segue:

Devo dizer que o integralismo foi para mim uma rica escola de vida. Foi ali que comecei a entender realmente de arte, literatura, economia, educação, defesa nacional, os grandes problemas nacionais e outras questões de fundamental importância na vida de um país. Esse aprendizado não se refere à questão negra, mas sim no sentido amplo de cultura geral e da experiência cívica mais abrangente (SEMOG; NASCIMENTO, 2006, p. 83).

De novo, o interesse pelas grandes questões nacionais teria atraído Abdias para o integralismo. Podemos dizer que o integralismo, as Forças Armadas e a Frente Negra Brasileira teriam como traços comuns o enaltecimento da autoridade e do orgulho pátrio. Abdias participou pelas três entidades, isso pode ter influenciado uma percepção de virilidade que ressoa em seus escritos no *Quilombo*.

Se no *A Voz da Raça* a personagem feminina de maior força para representar a comunidade política brasileira unificada em torno da história e de valores culturais era ainda a Mãe Preta, no *Quilombo* ela já não teria esse papel. Segundo a historiadora Paulina Alberto:

Ao contrário da metáfora corporativista, sentimental e familiar da fraternidade racial que muitos haviam adotado no passado, a *democracia* se referia a um conjunto de instituições e direitos imparciais que os ativistas podiam usar para exigir ganhos concretos, como proteções e direitos legais para os afrodescendentes. Os ativistas desse período literalmente se apropriaram da metáfora política de democracia para as reivindicações baseadas em raça, fazendo da igualdade racial o teste da incipiente democracia política do país (ALBERTO, 2014, p. 388).

Em outras palavras, no período compreendido entre 1945 e 1955, a democracia e seus mecanismos institucionais e legais ganharam relevo para reivindicações por igualdade racial, enquanto que “suplicar a benevolência das elites patriarcais” (ALBERTO, 2014, p. 389), usando o símbolo sentimental da Mãe Preta, perde terreno entre os pensadores negros. Esse entendimento parece caber no *Quilombo* porque não encontramos o enaltecimento da Mãe Preta, nem sua substituta corporificada, mas sim um forte apelo à democracia, inclusive racial, com uma coluna que atravessa suas edições chamada justamente *Democracia racial*, um

---

<sup>36</sup> Essa defesa ao nacional era muito em razão da maneira como os Estados Unidos estavam interferindo na América Latina e Caribe durante os anos 10 e 20. Até os movimentos culturais que surgiram em Cuba, Haiti, México, República Dominicana e Peru, por exemplo, foram em resposta às invasões norte-americanas.

espaço para, em sua maioria, pensadores e políticos brancos famosos fazerem suas reflexões acerca das relações raciais no Brasil e no mundo. A mulher negra materializada no *Quilombo*, por excelência, é a artista, como já falado, ela aparece em todo o jornal, e também nos concursos de beleza, não no sentido de filiação à pátria, mas sim de democratização do acesso aos lugares sociais até então interditos, ou improváveis de serem ocupados pelas mulheres negras. A política, canal democrático por excelência para pleitear demandas grupais, também é fruto de demanda para as mulheres.

Nesse sentido, a coluna *Fala mulher*, de Maria Nascimento, faz uma crítica velada ao símbolo da Mãe Preta. No texto a seguir, a autora discute o Congresso Nacional de Mulheres e a regulamentação do trabalho doméstico. A jornalista desaprova a ausência de uma legislação protetiva às trabalhadoras domésticas e que os tempos mudaram e as mulheres negras também.

Acontece porém, que a mulher negra está abrindo os olhos. Durante a escravidão e mesmo agora na República, ela existiu passiva, amamentando “sinhôsinhos” e aos filhos de seu “dotô”. Subjugada, diminuída, refugiava-se na sua doçura e mansidão natural, sem armas para lutar e resistir aos mais vis assaltos à sua honra e dignidade pessoal. Felizmente esse tempo está passando. Empregada doméstica, funcionária pública, comerciária, industriária, médica, advogada ou mães de família, a mulher negra está aprendendo a andar de cabeça erguida a impor sua personalidade (QUILOMBO, nº 4, 1949, p. 3).

Nota-se que as características elencadas pela autora para se referir às mulheres negras do passado tem muito em comum à Mãe Preta, mas que “Felizmente esse tempo está passando”. E elabora um rol de profissões que as mulheres negras estariam exercendo, além da maternidade, e conclui com o “andar de cabeça erguida a impor sua personalidade”. Nesse sentido, a mulher negra ao desempenhar diversas atividades e papéis sociais obteria dignidade, assim como o homem em passagens anteriores do capítulo. Em síntese, o simbolismo da Mãe Preta não se enquadraria aos novos tempos, uma vez que outras aspirações e possibilidades se avizinhavam. Em outro de seus textos, a ênfase é na participação política:

Se nós, mulheres negras do Brasil, estamos mesmo preparadas para usufruir os benefícios da civilização e da cultura, se quisermos de fato alcançar um padrão de vida compatível com a dignidade de nossa condição de seres humanos, precisamos sem mais tardança fazer política. Isto é, ingressarmos nos partidos políticos, influir na elaboração dos seus programas e na escolha dos futuros candidatos a senadores, deputados, vereadores, governadores e Presidente da república (Quilombo, nº 6, 1949, p. 7).

Diferente do *A Voz da Raça*, não há no *Quilombo* um símbolo feminino nacional definido, mesmo que a mulata tenha tido grande projeção no amálgama e na formação de símbolos nacionais no fim dos anos 30 e início dos 40, neste periódico a mulata não parece



surgir como corporificação da nação, mas como valorização da estética feminina negra. Mas, ainda assim, os homens negros, por seu turno, tendem a inseri-las no discurso patriótico diluídas no gênero indefinido como “os negros”.

### 3.3 O patriotismo viril nos dois periódicos: um quadro comparativo

O que nos é permitido afirmar, até agora, a respeito do tema dessa seção, é que há sim algumas nuances entre *A Voz da Raça* e o *Quilombo* quanto ao uso do conceito de virilidade, como já sugerido anteriormente. É admissível resumirmos essas diferenças, basicamente, na seleção dos valores viris com mais recorrência no primeiro, valores esses que dialogavam de perto com o imaginário predominante da época e que eram mobilizados como forma de afirmação da *masculinidade viril* dos homens negros por meio do patriotismo, da defesa da honra, de sua negritude<sup>37</sup> e brasilidade. Potencialmente por um entendimento majoritário, que ser reconhecido como patriota e viril (atributos valorizados à época), a despeito do fenótipo negro, indicaria a possibilidade de alçar ao status de cidadão de fato, e não de segunda classe.

Já no *Quilombo*, os textos apesar de indicarem a relação entre virilidade e patriotismo, muitas vezes a virilidade era retoricamente minimizada, e quando utilizada, recorreria a um entendimento de edificação e refinamento, o que pode, igualmente, ter uma relação com o contexto, no caso, do pós-Segunda Guerra Mundial. Um período de maior abertura democrática e incitação às relações sociais horizontalizadas, com valores morais mais distendidos. Esses discursos manuseariam as qualidades e realizações dos negros, e homens negros, para o país, com o objetivo de combater a discriminação de cor e buscar legitimidade para sua plena cidadania, prescindindo de um código viril rígido.

De toda maneira, os periódicos revelam que a virilidade, em menor ou maior grau, e cada um à sua maneira, poderia ser vista como um expediente para equalizar a hierarquia racial e de gênero entre homens negros e brancos. O sociólogo Michael Kimmel, no seu artigo *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas* (1998), nos ajuda nessa interpretação ao trabalhar com a noção de que os ideais hegemônicos de masculinidade inevitavelmente produziram seu “outro” subalternizado. Em suas palavras, “[o] hegemônico

---

<sup>37</sup> A negritude aqui não tem relação com o movimento da Negritude francesa, cujos expoentes eram Aimé Césaire e Leopold S. Senghor. A negritude aqui referenciada é mais sobre atos tidos como heroicos, realizados por homens negros na História do Brasil.

e o subalterno emergem em mútua e desigual interação, em uma ordem social e econômica com uma demarcação prévia distorcida de gênero (gendered)” (KIMMEL, 1998, p. 103). Para o sociólogo, a desvalorização de outras formas de masculinidades é parte constitutiva da construção de uma masculinidade hegemônica. Já Flores (2007) nos oferece um tipo de modelo masculino do início do século XX que, sem pretensões de esgotar todas as possibilidades, poderia ser sintetizada assim:

O ser-viril, o homem como ser universal, genérico e não generificado, forte, saudável, branco, moralizado, viria a incorporar o mito da virilidade. O anti-herói, o avesso do modelo de virtude, aquele que não serve para ser imitado, que aparece como sujeito discursivo, espelho invertido para que o modelo ideal se reflita nele e o negue, seria o doente, o não-viril e tudo o que ele representa: criminosos, tarados, homossexuais, miscigenados, degenerados, o feminismo e o semitismo, enfim, tudo o que, em nome do saneamento racial, deveria ser rechaçado e banido. Na palavra viril podia enfeixar-se o combate à degeneração da raça, os meios para saná-la e uma concepção de ordem e valores para a sociedade (FLORES, 2007, p. 207).

Essa passagem evidencia a construção de um modelo e de um contramodelo construídos concomitantemente e em oposição, muito próxima da ideia de Kimmel. Nossa hipótese é de que seria justamente com e contra esse modelo que os escritos dos e sobre os homens negros nos periódicos estudados estariam em tenso diálogo. Além do que os homens negros teriam se apropriado do discurso da regeneração da raça através da masculinidade/virilidade, não somente da “raça brasileira”, (termo muito usado nas primeiras décadas do século passado) mas, principalmente da “raça negra”, sobretudo por serem eles, na maioria das vezes, o paradigma do degenerado. Portanto, supomos que as associações aos modelos viris patrióticos seriam uma estratégia de reabilitá-los e, por conseguinte, “humanizá-los”, em especial se levarmos em conta que a perspectiva racial da época entendia que os homens negros estariam no caminho inverso da construção de um ideário de pátria civilizada e moderna vigente no período das duas grandes guerras mundiais (SILVA; FLORES, 2010, p. 82) com reflexos duradouros no pós-guerra.

As mulheres negras também teriam suas ambivalências nos periódicos, pois se no *A Voz da Raça* elas estariam representadas, mesmo que não exclusivamente, pela Mãe Preta, no *Quilombo* não teriam uma representação acabada para a identidade nacional, em contraponto estariam melhor caracterizadas tanto em quantidade e diversificação como por uma coluna permanente e exclusiva para a discussão de suas questões.

Em suma, cabe dizer com razoável grau de acerto que existiam associações entre patriotismo, nação, masculinidade, virilidade, raça e que esses conceitos foram habilmente mobilizados pelos periódicos, a fim de obterem determinados resultados frente à população negra e a sociedade em geral. E que tais apropriações foram feitas de diferentes maneiras,

enquanto no *A Voz da raça* encontramos um furor patriótico muito próprio da época, com referências ao integralismo e ao nacionalismo exacerbado, onde havia uma valorização explícita de uma “virilidade marcial”, no *Quilombo* esse “patriotismo viril”, além de ser mais moderado e virtuoso, estaria, em boa medida, circunscrito às manifestações eleitorais valorizando o poder político, a eloquência discursiva e um pensamento vigoroso. Essas nuances indicam que a “virilidade tradicional” tende a ser valorizada em momentos de maior crise, e minimizada em momentos de maior calma (OLIVEIRA, 2004; BADINTER, 1996) influenciando inclusive nas relações com as mulheres.

Mesmo assim, parece que ambos buscaram construir o vínculo à pátria com a intenção de serem integrados realmente à nação e não apenas simbolicamente, visando acessar os direitos de cidadania tendo como base de apoio atributos tidos como masculinos. A luta contra o preconceito e a discriminação de cor, segundo os periódicos, precisaria de homens fortes, íntegros, virtuosos e dispostos ao sacrifício pela pátria, isso pode ser traduzido como uma maneira de mostrar seu valor e com isso serem respeitados como verdadeiros cidadãos brasileiros, em que seu fenótipo não traria qualquer demérito moral, empecilho para o exercício de suas potencialidades humanas, e participação da vida pública, pois o que valeria seria seu caráter probo e viril.

#### 4 OS GRANDES HOMENS NEGROS DO PASSADO

Um estratagema recorrente da imprensa negra em geral, da qual *A Voz da Raça* e o *Quilombo* e não escaparam, era o de lembrar e enaltecer grandes personalidades negras da história brasileira. No que diz respeito à nossa discussão, os personagens masculinos serviriam como referências positivas de ser homem, e essas masculinidades exemplares poderiam ser reivindicadas por pelo menos três motivos: 1) dar visibilidade a personalidades importantes da história do Brasil, mas que não possuíam respaldo institucional e político das elites dominantes para terem suas histórias contadas e disseminadas de forma zelosa; 2) uma maneira de reverenciar a memória individual (desses personagens) e coletiva (da população negra em geral), devido ao apagamento e/ou minimização de seus feitos e importância para a história do país; e 3) oferecer inspiração para que as futuras gerações tenham modelos de respeitabilidade, resiliência e prestígio nas quais se basearem para o enfrentamento do racismo e dos estereótipos negativos vigentes.

A ideia deste capítulo é perscrutar as características intelectuais, morais e/ou físicas que são atribuídas a esses personagens com o intuito de examinar de que forma tais atributos poderiam estar ligados às expectativas masculinas e raciais desses periódicos e do contexto histórico nos quais estavam inseridos. Com base nesses elementos, e atentando para tais critérios, selecionamos algumas passagens dos jornais traçando, ao final, um quadro comparativo com a intenção de averiguar regularidades e transformações nos modos de entender os valores masculinos embutidos nessa dinâmica.

O capítulo se subdivide em quatro seções: 1) Na primeira apresento artigos do *Quilombo*, que ao desenvolverem as características de seus homenageados, sugerem um “tipo” de masculinidade que teria nas virtudes emocionais, força moral e sofisticação intelectual seus alicerces; 2) Nessa parte, seguindo os mesmos passos da primeira, me concentro no *A Voz da Raça*, o que nos ofereceu indícios de um outro “tipo” de masculinidade, nessa, seus sustentáculos seriam os ideais “guerreiros” e valores viris mais “tradicionais”; 3) Nessa seção, minha preocupação foi investigar de que maneira os homens brancos aparecem em ambos os jornais, tendo como ponto-guia os ideais masculinos presentes nos periódicos; e 4) Por último, descrevo e analiso as diferenças e semelhanças encontradas nas seções anteriores.

#### 4.1- A masculinidade virtuosa do *Quilombo*

Começamos pela sessão *Tópicos* do *Quilombo* nº 1 de dezembro de 1948, em que se comemora o aniversário do poeta simbolista Cruz e Sousa:

Figura 12 – O aniversário de Cruz e Souza.



Fonte: Jornal *Quilombo* nº 1, p.2, dez. 1948

Essa pequena homenagem do jornal *Quilombo* está farta de adjetivos raros para descrever características de homens negros. Vejamos, “genialidade” e “virtuosismo” são expressões que reservam um lugar de brilhantismo para Cruz e Sousa. Como poeta, sua matéria prima de trabalho eram as palavras, o que, por si só, já poderia colocá-lo no campo da excepcionalidade, dado que as associações usuais referentes aos homens negros incidiam sobre uma presumida aptidão natural para os trabalhos braçais devido aos seus supostos dotes

físicos extraordinários (STAUDT; SILVA e MAGALHÃES 2018). De qualquer forma, ao lidar com a palavra, e ter esse desempenho notável, segundo o *Quilombo*, o poeta teria outros atributos como “um finíssimo temperamento emocional”. Aqui é preciso um olhar um pouco mais detido e contextualizado, pois se conjugam elementos raciais e masculinos analiticamente fecundos.

O homem da primeira metade do século XX no Brasil tinha como uma das prescrições de comportamento masculino, sobretudo em público, a contenção emocional, quer dizer, a expressividade ampla de suas emoções, chorar copiosamente, gargalhadas sonoras, fúria insana etc. não era algo bem visto entre seus pares homens e, também, em boa medida, por mulheres (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013; FLORES, 2007). Essa “sisudez normativa” poderia ser considerada uma demonstração de “maturidade viril” (THUILLIER, 2013) que estaria, por sua vez, ligada à racionalidade e civilidade (em contraponto aos arroubos emocionais) e, portanto, no domínio de si, visto como uma das premissas básicas, também, para o domínio do outro, como papéis de destaque e liderança, em que a temperança e o comedimento seriam atributos desejáveis (FLORES, 2007). Ademais, podemos compreender esse “finíssimo temperamento emocional” como sinônimo de sofisticação e elegância. Sendo Cruz e Sousa um poeta simbolista, que ao longo de sua vida tratou de temas profundos e complexos como a morte, a transcendência, o sofrimento de ser negro, o desespero interior e a fé, o texto valoriza tal bagagem. Assim, rudeza, brutalidade e primitivismo usualmente imputados aos homens negros (FAUSTINO, 2014) foram deslocados para sentidos mais “nobres”.

Quando o *Quilombo* traz Cruz e Sousa e enaltece suas características emocionais, ele está empenhado em elevar moralmente e intelectualmente um “tipo de homem” que a princípio não teria as características “espirituais” necessárias para contribuir para o desenvolvimento da sua Nação, devido à sua cor/raça e gênero. Um forte indicador disso é que ao final do texto marca-se essa contribuição “(...) com seu talento, sua poesia, integrou sua raça e a si mesmo na inteligência de nossa pátria”. Isso expressaria a relevância de suas qualidades imateriais, não só para a sua raça como também para o Brasil. Evidente que há ambiguidades relevantes em relação a Cruz e Sousa, uma vez que a poesia, segundo os valores masculinos da época, não seria algo notadamente viril, podendo entrar no rol da “literatura de ficção, ao devaneio” (FLORES 2007), inclusive as duas características atribuídas à sua obra, como “suavidade e pureza”, com o provável objetivo de demonstrar seu refinamento artístico e intelectual, também não nos parece adjetivos típicos de um “ideal viril” (KRITZMAN, 2013, p. 220).

Essa sofisticação nuança a ideia corrente de masculinidade, geralmente associada ao porte e desempenho físico e à racionalidade das ciências duras, principalmente quando se está lidando com homens negros, que vulgarmente possuíam uma forte estereotipia do fisicamente grotesco, da morosidade intelectual e do desequilíbrio emocional. Isso pode indicar que tais ideais normativos passam por releituras e disputas que dilatariam, ou restringiriam, o vocabulário masculino, abrindo possibilidades de outras expressões que não somente uma virilidade dura, violenta e dominadora. Ademais, “suavidade e pureza” não são qualidades normalmente relacionadas aos homens, sobretudo aos negros, ou seja, este sujeito também teria a capacidade de criar obras belas e virtuosas demonstrando um embate narrativo com as noções comumente associadas aos homens negros. Mas vejamos o *Quilombo* nº2, na seção Negros da História com a homenagem a Luiz Gama.

Figura 13 – Luiz Gama, Heroi e Santo da Abolição



#### Luiz Gama, Heroi e Santo da Abolição

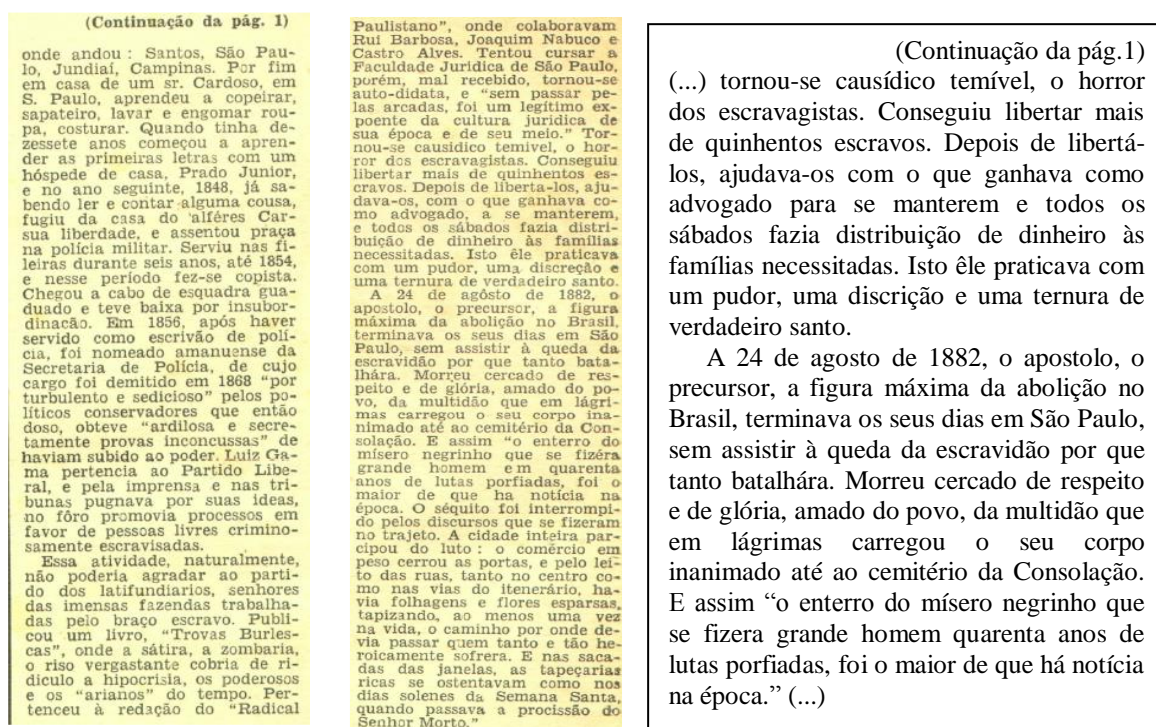
(...) Sud Mennucci, no seu belo livro sobre Luiz Gama, diz: “Na luta que Gama sustentou em nossa terra, a favor dos escravos, luta tenacíssima, áspera, sem quartel, em que ele jogou tudo, sem excetuar a própria cabeça, sem esperança da menor recompensa, teve de sua parte a veemência de uma ideia fixa, a intensidade irracionada de uma paixão amorosa e a irreversibilidade de um apostolado místico” Tudo nesse negro incomparável era grande e nobre. Seu coração e sua inteligência. (...)

(Continua na pág.2)

Fonte: Jornal *Quilombo* nº 2, p.1, jan. 1949<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-02/>

Figura 14 – Luiz Gama, Heroi e Santo da Abolição (continuação)



Fonte: Jornal *Quilombo* nº 2, p.1-2, 1949<sup>39</sup>

Nota-se nessa pequena biografia o esforço em retratar Luiz Gama quase como um "Santo Guerreiro" repleto de virtudes combativas e justas, um obstinado pela causa abolicionista. Expressões e frases como: "apostolado místico", "tudo nesse negro incomparável era grande e nobre", "uma discrição e uma ternura de um verdadeiro santo", pretendem acentuar algumas dessas características nobres do rábula, emprestando-lhe uma excepcionalidade modelar, com a intenção de impressionar aqueles que estão lendo o jornal, pessoas que poderiam se espelhar nesse vulto histórico para se orgulharem de quem são e, com isso, quem sabe, mudarem os rumos de suas vidas. De outra parte, é possível perceber o caráter viril de Luiz Gama, visto que é descrito como um homem enérgico, de ação, que se insurgiu contra seus superiores, afrontou latifundiários e libertou centenas de escravos. Não à toa "o enterro do mísero negrinho que se fizera grande homem em quarenta anos de lutas porfiadas foi o maior de que há notícia na época". Nesse caso, a descrição perpassa a excelência da conduta moral utilizando-se de um "virtuosismo católico". Dessa maneira, pode-se dizer que a masculinidade, e sua valorização, se encontra mais nuançada. Os casos acima, sugerem que a discrição dos traços viris (em Luiz Gama), e praticamente sua ausência (em Cruz e Sousa) não só não os rebaixaram, como os celebraram. Outro ponto perceptível no

<sup>39</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal\\_quilombo\\_ano\\_i\\_n2](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_i_n2)>.



texto é que a construção da masculinidade (e da virilidade) e seu prestígio social se dá por atos e ações.

O antropólogo Rolf de Souza traz uma definição de masculinidade muito pertinente para entendermos essa dinâmica de transformar-se em homem: “(...) a masculinidade é uma experiência coletiva em que um homem busca reconhecimento através de *práticas* com as quais conquistará visibilidade e status social perante seu grupo” (SOUZA, 2013, p. 36, grifo nosso). Não é sem motivo que tanto a obra literária de Cruz e Sousa quanto as lutas abolicionistas de Luiz Gama são frisadas, são elas que comprovariam suas virtudes. O historiador Michel Pigenet (2013, p. 269) ao tratar das virilidades operárias na França do século XIX entende que “[d]a mesma maneira que qualquer outra identidade, esta só tem valor, no entanto, na medida em que é mantida, demonstrada e reconhecida”. Essas demonstrações, entretanto, não se esgotariam nas classes populares ou subalternizadas, elas englobariam o “mundo dos homens” de maneira geral. Da aristocracia ao homem do povo, do duelo de pistolas e sabres, à briga de bar, do embate político, ao jornalístico, os valores masculinos seriam virtudes práticas, aliás, ao que tudo indica, toda virtude para ter reconhecimento social dependeria de atos.

Uma das explicações dessa necessidade de manifestação ativa dos valores masculinos foi esposada pelo naturalismo, sobretudo nas obras médicas do século XIX, ao combinar o físico e o moral. Na passagem a seguir, o historiador francês Alan Corbin (2013) destaca a relação entre a morfologia do pênis e a atividade masculina vinculando-as a um conjunto de prescrições:

O homem – à imagem de seus órgãos genitais – é voltado para o exterior. Sua energia e seu vigor o predispõem ao esforço. Sujeito à imposição do agir, dotado de ambição, possuidor do senso de iniciativa, cabe-lhe controlar suas emoções, dominar seus medos, demonstrar coragem e firmeza seja no trabalho, seja no campo de batalha. Ele precisa encarar desafios; se necessário, não recusar um duelo. Tudo isso implica o autodomínio. Longe dos caprichos e da decisão efêmera, o homem é destinado à realização de projetos duradouros. Essa temporalidade viril autoriza a dilatação, a expansão do ser. “A mulher é, o homem se torna”. Ele está sujeito ao perpétuo crescimento do eu. *O progresso provém do homem viril* (CORBIN, 2013, p. 20, grifo nosso).

Sem a pretensão de desvendar se esse tipo de explicação procede ou não, o que nos interessa é a dinâmica traçada entre o sexo masculino, sua “intrínseca” necessidade de ação, os preceitos que este deveria cumprir e sua suposta “missão civilizatória”, pelo simples fato de ter um pênis, ou seja, ser um macho da espécie humana. A externalidade do membro masculino é incorporada a esse conjunto de preceitos, havendo uma naturalização entre o membro viril e os ideais masculinos. Entretanto, tal naturalização sinaliza algo inacabado,

porque o tornar-se homem dependeria justamente da atividade, da perseguição dessas orientações para seu desfecho (nunca realmente conclusivo).

O masculino, nesse sentido, não seria um mero dado da natureza, como um atributo deveria de ser aprendida e exercitada, isso fica claro quanto à sentença “a mulher é, o homem se torna”. A bagagem biológica seria apenas um pré-requisito inicial. De toda maneira, esse tipo de explicação, que combina biologia e construção social, parece ter tido contundente influência nesse período (que ressoa até hoje), sobretudo pelo movimento eugênico brasileiro da primeira metade do século XX (SANTOS, 2008; STEPAN, 2005) e, por conseguinte, na composição de um imaginário social que influenciou uma parte considerável de nossos cientistas (sociais ou não), inspirando políticas públicas, conceitos e todo um arcabouço teórico-ideológico sobre o que seria um homem, como ele deveria se comportar, e qual seria seu papel na sociedade, inclusive com importantes clivagens raciais. De toda maneira, o importante é a possibilidade de presenciar muitos desses códigos morais e expectativas comportamentais nos jornais em análise, indicando a força de tais princípios através do tempo e espaço, mesmo que com adaptações e reconfigurações.

Com efeito, a masculinidade, e a virilidade, envolve uma série de convenções, a maioria delas difíceis de serem cumpridas, ela, em grande parte, é um ideal a ser realizado e, portanto, vulnerável e constantemente ameaçado. Penso que aí paradoxalmente está sua força e fragilidade, Bourdieu (2016, p. 77) vê a virilidade como uma carga e responsabilidade, estando os homens muitas vezes presos às representações dominantes e inalcançáveis: “Tudo concorre assim, para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma enorme vulnerabilidade” (p.77). Em todo caso, Luiz Gama provou seu caráter viril e sua masculinidade virtuosa, ao sair da condição social de “miserável negrinho” para “grande homem” através de condutas e realizações tidas como dignas por parte considerável da sociedade, sendo temido e respeitado inclusive por seus inimigos. É na provação que a virilidade se manifesta. “A virilidade é ensinada pelo exemplo e pela emulação” (CHAPOUTOT, 2013, p. 352). E foi através da produção poética de Cruz e Sousa que sua masculinidade sofisticada pôde ser aferida. Talvez esse seja um dos motivos que fizera com que essas figuras ganhassem destaque nos periódicos.

## 4.2 A masculinidade viril do A Voz da Raça

Nessa seção iniciaremos nossa investigação sobre a maneira como a masculinidade dos considerados “heróis negros” é apresentada no *A Voz da Raça*, a partir de um texto de autoria de Raul J. Amaral no nº 33 do periódico sob o título: *Que destino, afinal nos aguarda?*

Figura 15 – AVANTE – Que destino, afinal nos aguarda?

**AVANTE**  
Que destino, afinal, nos aguarda?  
RAUL J. AMARAL

Ha tres e meio século fomos arrepan- dos do habitat africano e transportados para o Brasil, nomele terra, inculta, embreticada; fomos os primeiros a des- vastar os imensos florestas virgens, abando picada, trilho e caminho, por onde haveriam de passar aventureiros e bandeirantes; preparamos a terra, seme- mos e colhemos para outros; fomos um exercito que pelejou, em conjunto com portugueses e espanhóis, nos fortins do Arrial de Nacis, nos caminhos do Ta- bouca, nos montes do Guarapes, no ex- pulsão dos invasores estrangeiros.

Ha dois meos século demos um exem- plante, imortal, de civismo, de ordem, com o abas da primeira república de- cisorio moza, o de Palmares, chefiados por Zumbi.

Negar a heróicidade dessa noção de negro que deram a vida pela liberdade, seria crime, como fazem alguns historiadores e sociologos modernos, deturpando os seus commodos intuitivos, com re- ferencia mais ou menos tibia reactiva ao negro, visando unicamente interve- nimentos especulativos mesmo da ação desta nossa raça na formação do Brasil. Formamos a vanguarda resistente, peno- trante, na caminha com o Paraguaiz, quando os magos, fillos do ardo, cam substituídos no campo da honra, por dois negros escravos, ha meio século firmes a nossa emancipação, codificados por grandes estadistas que no Imperio se re- velaram, e de áto em áto, preparamos a nossa final, ephémera foi 13 de maio.

Lançando este olhar retrospectivo, fi- xamos bem acento nos custos arrebrantar as algemas e os grilhões do jugo extran- ho; recordemos os martiros de todas as gerações, os que deram a vida pela liber- dade.

Si si consultamos historias, conside- rando dados de uma e de outra, havo- mos de ver grandes lances de bravura, detalhes que orgulhariam qualquer povo; vemos o negro-escravo, o negro-soldado, o negro-douto, o negro-artista, o negro-sábio, impondo-se distinguindo-se pela bravura, intelligência, patriotismo, resistência, abnegação e simplicidade; tudo isso muito claro e facilmente verificável.

(...) Há dois meos século demos um exemplo, imortal, de disciplina, de ordem, com o nacer do primeiro reduto defensivo nosso, o de Palmares, chefiados por Zumbi.

(...) Lançando este olhar retrospectivo, fixemos bem quanto nos custou arrebrantar as algemas e os grilhões do jugo extranho; recordemos os mártires de todas as gerações, os que deram a vida pela liberdade.

E si consultamos historia concatenando dados de uma e de outra, havo- mos de ver grandes lances de bravura, detalhes que orgulhariam qualquer povo; veríamos o negro-escravo, o escravo-soldado, o negro-douto, o negro-artista, o negro-sábio, impondo-se distinguindo-se pela bravura, intelligência, patriotismo, resistência, abnegação e simplicidade; tudo isso muito claro e facilmente verificável.

(...) O negro brasileiro de hoje tem tudo, porém lhe falta tudo, porque lhe escasseia confiança nas suas possibilidades nas suas qualidades objectivas, no seu poder de querer e de construir.

Outros povos seguem serenos, altivos confiantes, encarando as angústias, as crises, os colapsos económicos, com uma tranquila e admirável confiança na intelligência e no patriotismo de seus homens. E nós? (...)

“Si quisermos progredir, si aspiramos um destino honroso si almejamos sentir e irradiar as vibrações da força abandonemos os pessimistas, *vivamos a vida dos fortes*; trabalhamos e eduquemo-nos de civismo e de moral, cheios de fé, e, então a raça do qual foi filho, Dias, Souza, Gama, Patrocínio e outros, será uma potencia, sábia e forte, generosa e enérgica, exemplo de liberdade, democracia, garantia e ordem!...”

Fonte: Jornal *A Voz da Raça*, nº 33, p. 8, mar. 1934<sup>40</sup>

Amaral inicia seu texto comentando o desbravamento do Brasil pelos negros africanos e sua participação nas batalhas que, em conjunto com portugueses e espanhóis, expulsaram os

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-17031934/>>.

invasores estrangeiros. Refere-se ao nascimento do Quilombo de Palmares e seu líder Zumbi como “... um exemplo, imortal, de disciplina, de ordem, com o nascer do primeiro reduto defensivo nosso, o de Palmares, chefiados por Zumbi”. Repare que Amaral emprega um vocabulário militar para descrever Palmares, um artifício bastante recorrente no periódico. A seguir, se queixa de que todos esses atos heróicos não eram reconhecidos por uma parcela de historiadores e sociólogos modernos que tenderiam a distorcer e inferiorizar em seus escritos as contribuições dos negros para o Brasil. E cita, para reforçar seus argumentos, o papel central dos negros na Guerra do Paraguai “quando os moços, filhos do sinhô; eram substituídos no campo da honra, por dois negros escravos” com o provável propósito de *desvirilizar* senhores de engenho e seus filhos, pois, acovardados perante o campo de batalha, espaço visto como privilegiado para o desempenho da honra viril. E fecha a primeira parte de seu raciocínio ao colocar em primeiro plano os negros na conquista do 13 de maio.

Raul J. Amaral procura com essa narrativa histórica lembrar-se dos “mártires de todas as gerações, os que deram a vida pela liberdade”, e ao fazer isso resgataria não somente suas histórias, mas exemplos de “bravura, inteligência, patriotismo, resistência, abnegação e simplicidade”. A questão é: para que ele precisaria de tais exemplos? Porque, na concepção de Amaral, o negro estaria apático e inseguro, “sem confiança em suas próprias forças”, ou seja, *desvirilizado*. Logo, ele próprio seria um grande entrave para seu avanço na sociedade brasileira. A responsabilização do negro pela sua condição era uma perspectiva muito frequente no *A Voz da Raça*. Isso não quer dizer que os brancos não eram vistos como autores de discriminações, preconceitos e causadores de inúmeras mazelas pelas quais a população negra atravessava, no entanto, o negro tendia a ser considerado o maior de seus problemas e, também, das soluções.

De outra parte, Amaral nota a falta de determinados traços nos negros brasileiros, que estariam presentes em outros povos, que se apresentariam essenciais para enfrentar tensões e instabilidades societárias. Em suas próprias palavras, “Outros povos seguem serenos, altivos confiantes, encarando as angústias, as crises, os colapsos econômicos, com uma tranquila e admirável confiança na inteligência e no patriotismo de seus homens. E nós?” Essas qualidades se referem direta ou indiretamente a um *habitus viril* (AUDOIN-ROUZEAU, 2013, p. 504). Subentendendo-se, destarte, que povos viris teriam maiores condições de sobrepujar as adversidades, revelando a influência do discurso da *virilização* como meio de neutralizar o medo e o atraso que, de acordo com Raul J. Amaral, estaria acometendo a população negra.

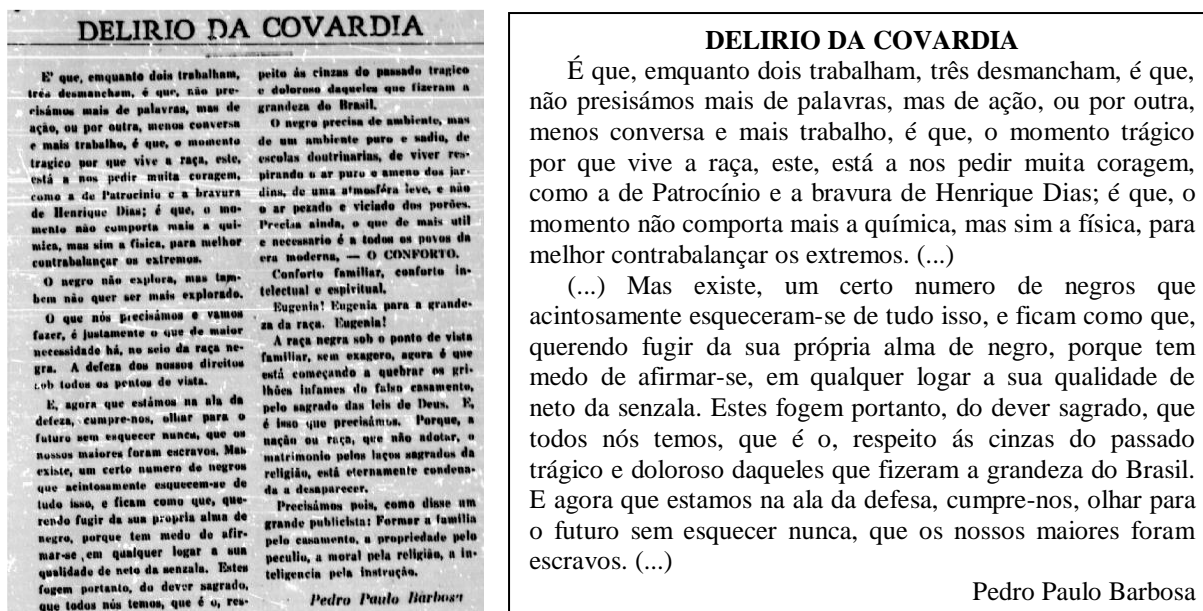
Não surpreende que nos dois últimos parágrafos apareçam o chamamento para a reação a este suposto estado de apatia, dispondo para essa empreitada de um conjunto de

postulados normativos baseados em virtuosos modelos de homens negros que lutaram ao longo de suas vidas pela liberdade. Conforme Amaral, os negros deveriam viver “as vidas dos fortes; trabalhamos e educamo-nos de civismo e de moral, cheios de fé, e, então a raça do qual foi filho, Dias, Souza, Gama, Patrocínio e outros, será uma potencia, sábia e forte, generosa e enérgica, exemplo de liberdade, democracia, garantia e ordem!...”. Em outros termos, os predicados basilares para seguir a *vida dos fortes*, reuniriam elementos morais, intelectuais e físicos que têm na virilidade sua substância vital.

É possível notar indícios da *gramática viril* em que os termos utilizados no texto ressaltariam traços de uma “masculinidade máscula”, vista como necessária para o enfrentamento da discriminação racial e a conquista da liberdade. E que essas características seriam forjadas através do trabalho, da educação moral e do patriotismo, reiterando a noção de que não se nasce viril, torna-se viril. (BAUBÉROT, 2012)

No *A voz da Raça* nº 6, encontra-se um texto intitulado *Delírio da covardia*, em que nele, dentre outras questões apontadas por Pedro Paulo Barbosa, esse autor faz uma crítica aos negros que não se colocam como tais, fugindo da sua “identidade negra”.

Figura 16 – Delírio da Covardia



Fonte: Jornal *A Voz da Raça*, nº 6, p.3, abr. 1933<sup>41</sup>

Para Barbosa, isso seria uma atitude covarde que indicaria uma fraqueza de caráter, e que esses negros, em razão do seu medo e passividade, estariam atrasando o trabalho

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-22041933/>>.

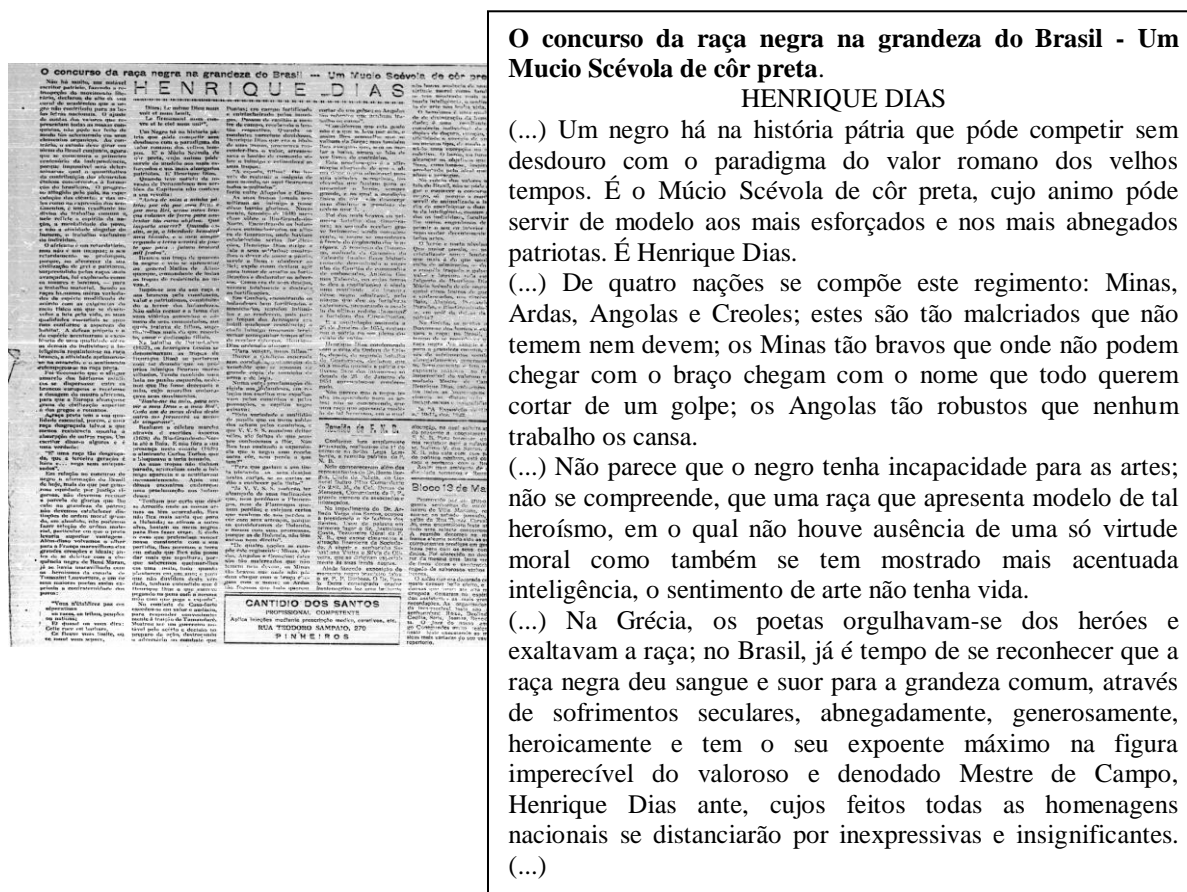
desenvolvido por aqueles que realmente estavam comprometidos com o avanço social da população negra. Ademais, Pedro Paulo Barbosa frisa a importância da ação e do trabalho, o que nos remeteria, mais uma vez, ao caráter laborioso da masculinidade.

Barbosa faz alusão a dois grandes vultos negros da história brasileira: José do Patrocínio e Henrique Dias para frisar essas características, que, no seu entendimento, seriam necessárias para aquele momento, no caso, a coragem do primeiro e a bravura do segundo. Ambas as personalidades invocariam signos guerreiros, isto é, homens destemidos e de ação, justamente o oposto dos covardes. Além disso, os quatro personagens citados até agora têm em comum ligações com lutas de libertação. Luiz Gama, Cruz e Sousa e José do Patrocínio com o movimento abolicionista, e Henrique Dias com a Insurreição Pernambucana.<sup>42</sup> Para Pierre Bourdieu (2016, p. 36), “as manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra”. Essas recorrentes citações e honrarias ligadas a homens de combate tendem a reforçar o arquétipo da masculinidade guerreira e heroica, aliando coragem física e moral como referências importantes para os membros da FNB e, em menor monta, no TEN. Henrique Dias é citado diversas vezes no *A Voz da Raça*, por exemplo, na edição de nº 9 em uma coluna voltada quase que exclusivamente para sua história.

---

<sup>42</sup> A Insurreição Pernambucana foi um movimento contra o domínio holandês na Capitania de Pernambuco (1662). Ele ocorreu durante a segunda das invasões holandesas no Brasil e resultou na expulsão dos holandeses da região Nordeste do país, devolvendo-a à Coroa portuguesa.

Figura 17 – O concurso da raça negra na grandeza do Brasil - Um Mucio Scévola de côr preta.



Fonte: Jornal *A Voz da Raça*, nº 9, p. 2, mai. 1933.<sup>43</sup>

Neste fragmento, é possível encontrar essa virilidade belicosa e tenaz perpassada por referências clássicas gregas e romanas, a começar pelo título vinculando a figura de Henrique Dias à Múcio Scévola, um herói romano que tem a mão inutilizada pelo fogo em uma demonstração de honra e coragem diante do rei inimigo. Dias, depois de ferido gravemente na mão, prefere decepá-la para poder continuar em combate. O texto enaltece as virtudes morais de Henrique Dias, tratando-o como um verdadeiro herói da pátria que livrou o Brasil dos holandeses, um personagem capaz de “(...) competir sem desdouro com o paradigma do valor romano dos velhos tempos”. E que este deveria ser homenageado à altura de seus feitos, juntamente com a “raça negra”, assim como “Na Grécia, os poetas orgulhavam-se dos heróes e exaltavam a raça...”.

O texto sugere vislumbres da *andreia* grega e da *virilitas* romana (SARTRE, 2013; THULIER, 2013). A despeito de suas particularidades, ambas as expressões possuem alguns sentidos em comum que aparecem no texto como: a força muscular, a coragem militar, o

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-13051933/>>.

sacrifício viril pela pátria, a dominação e a oratória. Essa menção a modelos clássicos não é gratuita, pois no final do século XIX e início do século XX pairava sobre a *intelligentsia* norte e latino-americana, europeia, e brasileira a preocupação sobre a decadência e degeneração das Nações Ocidentais. Maria Bernardete Flores (2007), baseando-se em uma bibliografia sobre o assunto, sobretudo das duas primeiras décadas do século XX, situa essa apreensão em uma leitura que enxerga a feminização da sociedade como sua causa principal. Essa feminização teria sido desencadeada por vários fatores, que será mais ou menos enfatizada de acordo com a pensadora, mas que em linhas gerais podem ser sintetizadas em: excesso de conforto e riqueza material das “sociedades avançadas” “amolecendo e afrouxando” os homens, contestação das hierarquias sexuais e sociais, demasiada transformações dos antigos modos de vida e tradições, certo embaralhamento dos papéis e modos sociais de homens e mulheres (mulheres masculinas e homens femininos), avanço das artes decadentistas, do pessimismo filosófico, dentre outros fatores. A historiadora cita, por exemplo, a obra *A decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler, de 1918, a qual o historiador e filósofo iria propor um retorno ao mundo clássico como forma de combater a perplexidade e insegurança que ameaçava o Ocidente. Christine Bard (2013) segue essa direção e coloca que “... a virilidade apresenta algumas constantes que remetem ao modelo da Grécia Antiga, sempre retomada no século XX, principalmente pelos naturalistas e pelos ginastas” (BARD, 2013, p. 117-118). Pelo visto, *A Voz da Raça* também utilizou desse tipo de recurso.

Essa *crise da virilidade* tem na modernidade seu estopim para a maior parte de seus intérpretes. As mudanças advindas dela com sua complexidade social, maior pluralidade dos papéis sociais, a relativa automação de alguns espaços de trabalho favorecendo a inserção das mulheres nas indústrias, no comércio, além da maior incorporação das meninas na educação e da luta do feminismo, causaram um pânico generalizado no mundo Ocidental. Flores (2007) assinala alguns pensadores europeus que por consequência dessa aparente crise adotaram um discurso de virilização com o propósito de remediá-la e sua influência no Brasil:

A *intelligentsia* brasileira, ciosa do papel de construtora da nação, desejosa de progresso e modernidade e atenta à produção literária européia, assimilou e adaptou às suas circunstâncias o discurso da virilização. Referências aos intérpretes da decadência, de Schopenhauer a Nietzsche e Freud, de Lombroso a Spencer, Nordau e Keyserling, aparecem nas páginas dos intérpretes do Brasil, de Sylvio Romero a Oliveira Viana, de Tristão de Athayde a Monteiro Lobato, Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, só para citarmos os mais conhecidos (FLORES, 2007, p. 199).

Essas reflexões indicam a dinâmica complexa entre modernidade e virilidade que arrebatou muitos pensadores brasileiros, e, ao que tudo indica, também os pensadores negros. Diferente da Europa, o Brasil não tinha um farto repositório de heróis masculinos que



poderiam ser acessados e reinventados para restaurar a “virilidade perdida”. A nação brasileira teria que forjá-los, inventar o caráter nacional (FLORES, 2007; LEITE, 2002). Durval Muniz de Albuquerque Júnior, no seu livro *Nordestino: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940)*, parte por outro caminho e trabalha também a questão da *feminização* ao utilizar mormente Gilberto Freyre. Para o historiador, Freyre e outros intelectuais e políticos do início do século XX interpretaram a Abolição da escravatura e o estabelecimento da República como “sérias ameaças para a ordem, a autoridade e, principalmente, para a hierarquia social” (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 28). Para esses “intérpretes do Brasil”, isso significaria a horizontalização da sociedade, sinônimo de feminização social, contestando o lugar do homem, macho, do Pai, representante da autoridade, da ordem e da hierarquia (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 29).

Sua análise das mudanças ocorridas no fim do século XIX e início do XX traça um panorama com muitos discursos apoiados no determinismo biológico e no naturalismo, como já mostrado acima. Essa horizontalização teria sua metáfora no ato sexual e, por conseguinte, na morfologia dos corpos de homens e mulheres, daquele que penetra (ativo) e daquela que é penetrada (passiva): “(...) o feminino é constantemente associado, nestes discursos, à horizontalidade. A mulher no próprio ato sexual representaria esta posição, enquanto o homem, o poder, o domínio, o ativo, representaria a verticalidade, a ordem hierárquica que não deveria ser ameaçada” (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 29). Albuquerque Júnior então discorre sobre os debates em torno das mudanças provocadas pela modernidade nas mulheres e nos homens, masculinizando as primeiras e emasculando os segundos: “O refinamento da vida moderna, que levava a uma delicadeza de falas, gestos e atitudes, era mais um indício deste processo” (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 45).

Para uma parcela dos intelectuais da época, os novos modos modernos, leia-se urbanos e de uma determinada classe média, trariam uma série de práticas vistas como não tão masculinas assim. As críticas que relacionavam modernidade e feminização (ou desvirilização) são relativamente comuns, por exemplo, Jean Jacques Courtine (2013) afirma que do final do século XIX até a primeira década do XX teria se configurado como um período de intenso questionamento acerca do domínio masculino e da virilidade. Além disso, entende que essa crise, não só envolveria o masculino como a própria nação.

O século que acaba de terminar e aquele que está começando parecem antes ser o teatro de uma crise endêmica, de recaídas tão frequentes, que ela acaba por parecer ininterrupta, e penetrar o prado cercado da dominação masculina, ou seja, a guerra, a relação com o outro sexo, a potência sexual. Desde o final do século XIX, dos anos de 1870 até a Grande Guerra, o espectro da desvirilização vem frequentando as

sociedades europeias: degenerescência das energias másculas, diminuição da força, multiplicação das taras. A virilidade está em perigo, e a nação com ela (COURTINE, 2013, p. 9).

Christopher E. Forth (2013) ao dialogar com Peter N. Stearns propõe que este autor “(...) relacionou a “crise” contemporânea da masculinidade com as estruturas sociais associadas, na longa duração, ao “vasto processo de transformação ligado à industrialização e à urbanização, e ao desenvolvimento da sociedade moderna e à modernização das atitudes desde o final do século XVIII” (FORTH, 2013, p. 164, grifos do autor). A revolução industrial seria “a linha divisória entre a virilidade tradicional e as variantes burguesas” (FORTH, 2013, p. 180). Em uma perspectiva de tempo mais largo, a própria modernidade trouxera uma série de alterações dinâmicas que colocou muitos dos papéis sociais, modos de comportamento e valores sociais masculinos e femininos em “xeque”. Não obstante, Forth é um pouco resistente à ideia da modernidade como um momento histórico de ruptura entre modelos mais tradicionais de virilidade e novos, pois considera que a própria história comprovaria uma “sequência de crises” desde a Antiguidade greco-romana, em que os próprios queixavam-se de que “o “luxo” ameaçava “amolecer” a virilidade” (FORTH, 2013, p. 181). Segundo o autor, “[t]entar definir historicamente uma crise de gênero leva, a uma regressão quase infinita no tempo, em que as ilusões de uma estabilidade passada se chocam com a realidade dos fatos” (FORTH, 2013, p. 181).

Elisabeth Badinter (1992) aventa algumas crises anteriores a dos séculos XIX e XX citando a França e Inglaterra dos séculos XVII e XVIII que, no seu entender, seriam mais brandas que as posteriores, devido ao seu alcance reduzido às classes dominantes. De qualquer maneira, em maior ou menor grau e dependendo do autor, a modernidade traria questionamentos e mudanças inquietantes para os ideais viris. Assim, os modelos clássicos de guerreiros virtuosos era uma forma de se contrapor a suposta degeneração, que atormentava a elite brasileira, e ao que parece, a elite letrada negra paulistana encarnada na FNB, ao balizar os comportamentos considerados verdadeiramente viris em seus personagens. Provavelmente a aproximação com figuras do classicismo ocidental emprestaria um ar de nobreza a esses personagens, construindo possíveis pontes com os homens brancos e contrapontos aos estereótipos de degradação racializada associados aos homens negros.

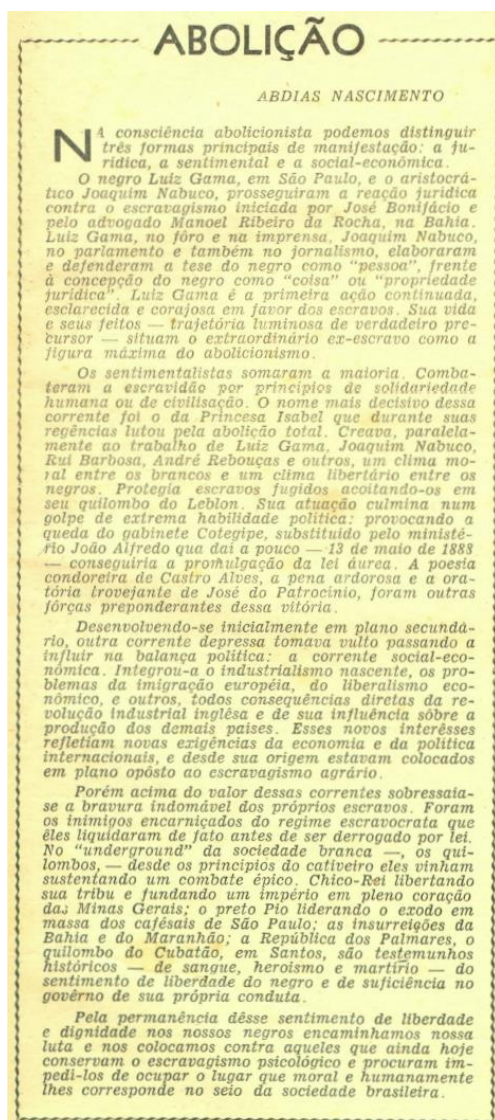
Voltando ao texto sobre Henrique Dias, ainda que haja a menção de referenciais romanos e gregos, o texto aborda as nações africanas que formariam o regimento de Henrique Dias composto exclusivamente por homens negros. As quatro nações eram: Minas, Ardas, Angolas e Creoulos. Cada uma delas possuiria qualidades viris inerentes. Os últimos seriam

audaciosos; os primeiros, bravos; os Ardas, ardorosos; e os Angolas, vigorosos. É curioso como o texto mistura elementos de tradições culturais diferentes para a confirmação viril de Henrique Dias e seus homens. Isso poderia exprimir, até certo ponto, uma perspectiva própria do jornal, de apreensão dos discursos dominantes com seus arquétipos de masculinidades prestigiosas, conjugando-os com a valorização de elementos culturais africanos como uma maneira de traduzir uma imagem para negros e brancos de um homem negro virtuoso. Em suma, o texto evoca as virtudes morais e físicas, mormente de Henrique Dias misturando componentes viris do patrimônio cultural africano e Ocidental, em uma aparente busca de reabilitar o negro (na figura do homem negro), ou melhor, de “humanizá-lo”. Ao conjugar ingredientes físicos, morais e intelectuais, o texto procura ampliar as dimensões de apreensão do homem negro que o racismo procura reduzir ao encarcerá-lo em poucos estereótipos depreciativos, geralmente ligados à condição de escravizado.

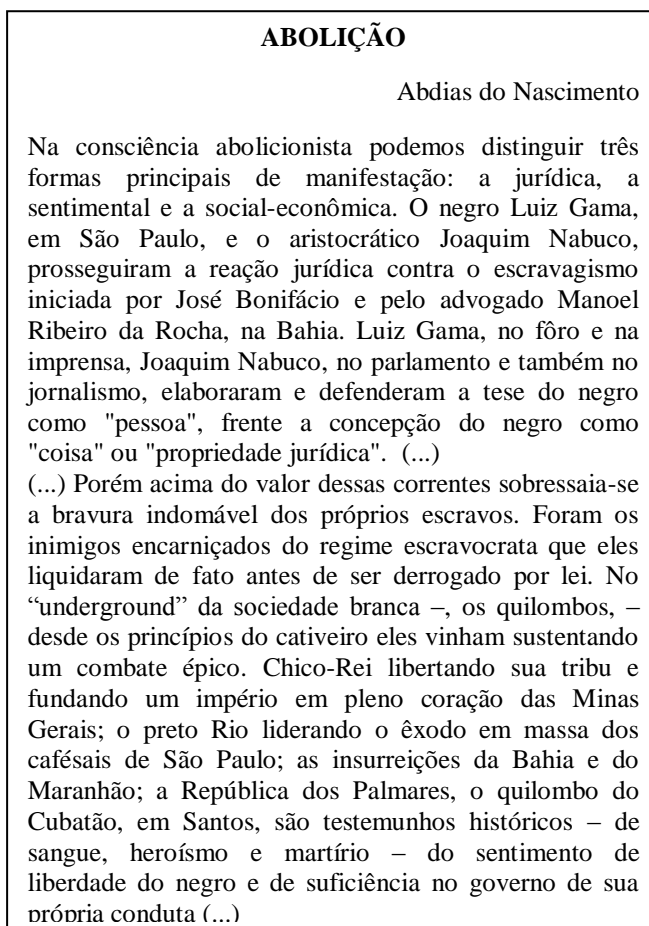
#### **4.3 Homens negros e brancos do passado no *Quilombo* e no *A Voz da Raça***

Para finalizar as análises deste capítulo, iremos nos debruçar em quatro artigos a fim de esquadrihar as relações por vezes fraternas e tensas nas representações de homens negros e brancos nos periódicos do TEN e da Frente. O primeiro artigo é de autoria de Abdias do Nascimento, chamado *Abolição*.

Figura 18 – Abolição



Fonte: Jornal *Quilombo*, nº 2, p. 1, maio 1949. <sup>44</sup>



O líder do TEN procura demonstrar o que ele entende como as três principais formas da consciência abolicionista: a jurídica, a sentimental e a social-econômica. E assim, discorre sobre figuras importantes de cada corrente e suas contribuições para a abolição. Luiz Gama, Joaquim Nabuco, José Bonifácio, Manoel Ribeiro da Rocha, Princesa Isabel, Rui Barbosa, André Rebouças, Castro Alves e José do Patrocínio são os nomes elencados como fazendo parte das diversas formas da consciência abolicionista. Mostrando, assim, uma amplitude de personagens, abarcando pessoas brancas e negras, homens e mulheres.

O interessante, porém, é que acima dessas três correntes haveria “a bravura indomável dos próprios escravos”. Segundo Abdias, eles é que teriam impellido de fato o código legal da

<sup>44</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal\\_quilombo\\_ano\\_i\\_n2](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_i_n2)>.

abolição. A partir desse momento, o autor coloca em relevo alguns líderes revoltosos, como Chico-Rei em Minas Gerais e preto Pio nos cafezais de São Paulo. Registra as insurreições na Bahia e Maranhão, menciona os quilombos de Palmares e Cubatão e relata que esses quilombos “são testemunhos históricos – de sangue, heroísmo e martírio do sentimento de liberdade do negro e de suficiência no govêrno de sua própria conduta”.

Constata-se uma narrativa em que, apesar da importância das três formas de consciência citadas acima, as lutas e proezas heroicas dos escravizados e seus líderes que teriam dado as condições fundamentais para a derrubada do estatuto servil das pessoas negras. Em outras palavras, foram a virilidade física (força) e moral (coragem estratégica) compreendidas nessas sublevações que teriam desencadeado o processo abolicionista.

De certa forma, Abdias hierarquiza as contribuições dos dois grupos, o primeiro formado por grandes figuras, pertencentes em diferentes níveis a uma elite letrada e/ou econômica, dependeria, em última instância, das façanhas viris do segundo para seu sucesso, formado basicamente por (ex)escravizados e quilombolas. Melhor dizendo, na conquista da liberdade e dignidade, da qual fala Abdias no último parágrafo, a virilidade das “classes subalternizadas” se configurou indispensável. Isso remete à ideia, mais ou menos, generalizada de que tais classes, dependentes de trabalhos braçais, seriam mais viris que as classes intelectualizadas, reforçando o vínculo entre virilidade e fisicalidade. Ademais, esse arranjo hierárquico insinua uma postura política da parte do autor em priorizar “o povo negro” dessas classes subalternizadas, como personagem principal desse importante fato histórico, e também de outros, algo profundamente relacionado aos objetivos do TEN e do *Quilombo*. É um expediente parecido com aquele usado no texto sobre Henrique Dias no *A Voz da raça*, no qual simultaneamente em que arquétipos e personalidades brancas são enaltecidos, as negras também o são, em muitos momentos até mais.

Na coluna *Democracia Racial*, temos o texto de Orestes Barbosa intitulado *Uma carta esquecida*, no qual o autor debate algumas leis do período escravocrata (Lei do Sexagenário, Lei do Ventre Livre e Lei Áurea), além de uma carta do General Manoel Deodoro dirigida à Princesa Isabel versando sobre a interrupção da perseguição e aprisionamento dos escravizados fugitivos por parte do exército.

Figura 19 – Democracia Racial: uma carta esquecida

**DEMOCRACIA Racial**

**UMA CARTA ESQUECIDA**

ORESTES BARBOSA

Especial para o "QUILOMBO"

No próximo ano de 1950 deve ser comemorado — si não houver esquecimento, — a lei de 1850, que proibiu o tráfico de negros escravos para o Brasil.

★

Tem 100 anos, portanto, a primeira etapa da libertação da raça que o português transformou em mercadoria.

★

Temos, a seguir, a lei que libertou os escravos maiores de 65 anos; a Lei de 28 de setembro de 1871, em que Rio Branco fez o Ventre-Livre, e, afinal, o 13 de Maio de 1888, que foi o resultado das campanhas em que a pena e o discurso revelaram o talento, a coragem e o altruísmo de homens brancos que se bateram denodadamente, como se viu na impavidez de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Ferreira de Menezes e José Mariano, pai do poeta Olegario Mariano, legítima glória da literatura nacional.

★

Não é aqui lugar de recordar todos os heróis dessa batalha de libertação, que teve no marquês de S. Vicente, o jurista Pimenta Bueno, um abnegado raramente referido, quando se sabe que foi ele o primeiro parlamentar autor de um projeto abolicionista, em 1866.

★

Mas, vamos deixar de histórias. Estas linhas têm como objetivo único chamar a atenção dos historiadores para um documento que anda esquecido e que precisa ser destacado quando se fizer um volume único e sintético narrando a fria e o que foi a grande luta para a liberdade da raça que nos deu Cruz e Souza, André Rebouças, Patrocínio, Luiz Gama, Henrique Dias e o Zumbi...

Quero aludir á carta do general Manoel Deodoro da Fonseca — carta que esse militar dirigiu á Princesa Isabel, em nome do Club da sua classe, em Outubro de 1887. Nesse escrito, o futuro Proclamador da República acendeu um sinal vermelho, mandando parar o horror que flagelava as vítimas da escravidão.

★

Eis a carta :

"Senhora :

Os oficiais membros do Club Militar pedem a Vossa Alteza Imperial vênha para dirigir ao governo um pedido que é, antes, uma súplica.

Eles todos que são e serão os amigos mais dedicados e os amigos leais servidores de S. M. o Imperador, e de sua dinastia, os mais sinceros defensores das instituições que nos regem; eles que jamais negaram, em vosso bem, os mais dedicados sacrificios, esperam que o governo Imperial não consinta que nos deslancamentos do Exército que seguem para o interior, com o fim, sem dúvida, de manter a ordem, tranquilizar a população e garantir a inviolabilidade das famílias, os soldados sejam encarregados da captura dos pobres negros que fogem á escravidão, ou porque vivam cansados de sofrer-lhe os horrores, ou porque um ralo da luz da liberdade lhes tenha aquecido o coração e iluminado a alma.

Por isso, os membros do Club Militar em nome dos mais santos princípios de humanidade; em nome da solidariedade humana; em nome das dores de S. M. o Imperador, vosso augusta pai, (cujos sentimentos julgam interpretar e sobre cuja ausência choram lágrimas de saudade); em nome do vosso futuro e do futuro de vosso filho, esperam que o governo Imperial não consinta que os oficiais e praças do Exército sejam desviados da sua nobre missão.

De vossa Alteza, respeitador, Manoel Deodoro da Fonseca."

**Democracia Racial**

**UMA CARTA ESQUECIDA**

Orestes Barbosa

Especial para o "Quilombo"

Temos a seguir a lei que libertou os escravos maiores de 65 anos; a Lei que libertou os escravos maiores de 65 anos; Lei de 28 de setembro de 1871, em que Rio Branco fez o Ventre-Livre, e, afinal, o 13 de Maio de 1888, que foi o resultado das campanhas em que a pena e o discurso revelaram o talento, a coragem e o altruísmo de homens brancos que se bateram denodadamente, como se viu na impavidez de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Ferreira de Menezes e José Mariano, pai do poeta Olegario Mariano, legítima glória da literatura nacional.

(...) Mas, vamos deixar de histórias. Estas linhas têm como objetivo único chamar a atenção dos historiadores para um documento que anda esquecido e que precisa ser destacado quando fizer um volume único e sintético narrando a fria o que foi a grande luta para a liberdade da raça que nos deu Cruz e Souza, André Rebouças, Patrocínio, Luiz Gama, Henrique Dias e o Zumbi...

Quero aludir á carta do general Manoel Deodoro da Fonseca — carta que esse militar dirigiu á Princesa Isabel, em nome do Club da sua classe, em Outubro de 1887. Nesse escrito, o futuro Proclamador da República acendeu um sinal vermelho, mandando parar o horror que flagelava as vítimas da escravidão.

Fonte: Jornal *Quilombo*, nº 4, p. 6, jul.1949. <sup>45</sup>

Desde logo, Barbosa notabiliza a participação para as referidas leis “de homens brancos que se bateram denodadamente, como se viu na impavidez de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Ferreira de Menezes e José Mariano, pai do poeta Olegario Mariano, legítima glória da literatura nacional”. E continua, ao exaltar o marquês de S. Vicente, “primeiro parlamentar autor de um projeto abolicionista, em 1866”. Toda essa apresentação vem acompanhada de qualidades como: coragem, altruísmo, abnegação e impavidez. Segundo Barbosa, esses eram alguns dos “heróis dessa batalha de libertação”.

Em seguida, o autor salienta que a despeito da necessidade de se lembrar desses personagens o seu objetivo maior é chamar a atenção dos historiadores para a carta do General Manoel Deodoro da Fonseca endereçada à Princesa Isabel. Carta esta, que além de demonstrar a preocupação do general com a barbárie da escravidão, seria parte fundamental de uma história que contasse “a grande luta para a liberdade da raça que nos deu Cruz e Sousa, André Rebouças, Patrocínio, Luiz Gama, Henrique Dias e o Zumbi...”. Assim, Orestes

<sup>45</sup> Disponível em: <[https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal\\_quilombo\\_ano\\_i\\_n4](https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasile/docs/jornal_quilombo_ano_i_n4)>.

Barbosa notabiliza homens brancos e seus esforços para a abolição da escravatura, colocando os homens negros, que ele cita cerimoniosamente, em segundo plano. Talvez essa ênfase se dê por causa do fato de um homem branco<sup>46</sup> estar escrevendo em um jornal formado majoritariamente por negros, com o objetivo justamente de ressaltar as realizações deste grupo para a história do Brasil. De maneira que ao focar sua narrativa nos homens brancos, essa poderia ser uma forma de mostrar que os negros, com toda a legitimidade que possuem de contar a história do Brasil pelo seu prisma, não poderiam negligenciar os brancos que se aliaram à luta pela liberdade.

Há um contraste interessante com o texto de Abdias, pois este vai justamente no caminho inverso, ao mesmo tempo que reconhece a contribuição de brancos e negros das classes abastadas no movimento de libertação, sublinha os homens negros das “classes baixas” e seus líderes, estabelecendo uma convergência entre raça e classe. Barbosa, por outro lado, reconhece a participação dos homens negros, mas destaca os homens brancos, inclusive conferindo-lhes traços viris. Com efeito, o conteúdo ideológico implícito na postura discursiva de Orestes Barbosa foge apenas em parte das leituras canônicas sobre os personagens que deveriam ganhar notoriedade em momentos históricos marcantes do Brasil.

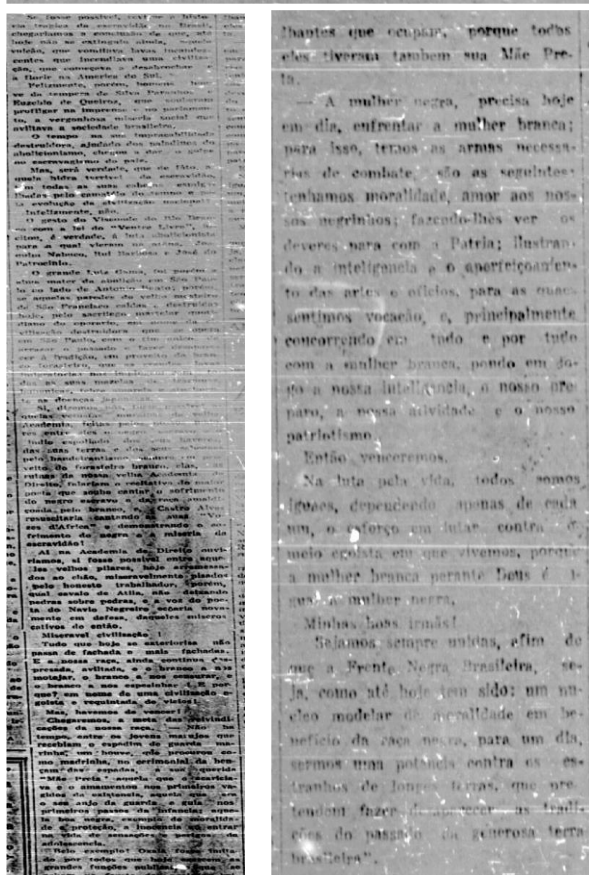
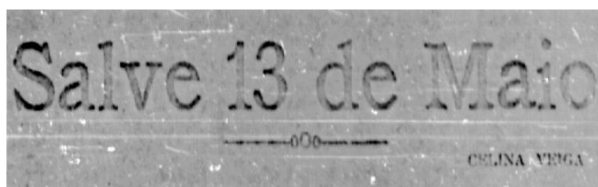
Richard Miskolci, no livro *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX* (2012), argumenta que o nacionalismo normalmente atrelava a cidadania aos homens em contraponto às mulheres, estas recolhidas ao âmbito doméstico, assim “Os heróis da nação eram “grandes homens”, de forma que o projeto nacional se revelava um desejo masculino de domínio, luta e conquista em que, curiosamente, a nação, seu objeto era feminizada” (MISKOLCI, 2012, p. 61). Posto isso, ao “racializar” esse homem e essa mulher outras análises são necessárias, pois, no caso das mulheres negras, a rua não era um espaço interdito para elas, diferente das mulheres brancas, quanto aos homens, como o próprio Miskolci examina, o exercício da política moderna e do fenômeno do nacionalismo no Brasil de fins do XIX possuía um “caráter de elite, masculino e branco” (MISKOLCI, 2012, p. 61). Então, quando Abdias realça o papel de homens negros escravizados e quilombolas, ele minimiza o elemento elitista e branco da equação, mas nem tanto em relação ao gênero feminino. Já Orestes Barbosa tenta equilibrar sua narrativa, visto que, ao mesmo tempo em que privilegia em seu texto o “caráter” supracitado, apresenta nominalmente homens negros. A mulher branca é representada pela Princesa Isabel e a mulher negra se encontra ausente.

<sup>46</sup> Pesquisa Google imagens: Disponível em:

<[https://www.google.com/search?q=orestes+barbosa+foto&sxsrf=ALeKk01s9QHEwGiC-ALWDs6-jos4Br\\_MKg:1592689099539&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi6u4-grZHqAhUxK7kGHWeJA40Q\\_AUoA3oECBQQBQ&biw=1366&bih=657](https://www.google.com/search?q=orestes+barbosa+foto&sxsrf=ALeKk01s9QHEwGiC-ALWDs6-jos4Br_MKg:1592689099539&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwi6u4-grZHqAhUxK7kGHWeJA40Q_AUoA3oECBQQBQ&biw=1366&bih=657)>.

A mulher negra aparece no trecho abaixo do *A Voz da Raça* como articulista ao discutir o 13 de maio, algo raro no jornal. Celina Veiga elenca vários homens históricos que desempenharam algum tipo de papel no longo processo de abolição da escravatura brasileira: Silva Paranhos, Eusébio de Queirós, Visconde do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José do Patrocínio, Luiz Gama e Antônio Bento.

Figura 20 – Salve 13 de Maio



Fonte: Jornal *A Voz da Raça*, nº 45, p. 2, maio 1935.<sup>47</sup>

É pertinente destacar que, a despeito da ênfase dada a Luiz Gama, “O grande Luiz Gama, foi porém a alma mater da abolição em São Paulo...”, a maioria dos nomes listados são de homens brancos. Outro ponto curioso é que, em contrapartida, o texto é repleto de críticas aos brancos, “E a nossa raça, ainda continua desprezada, [sic] aviltada e o branco a nos motejar, o branco a nos censurar, e o branco a nos espezinhar! E por que? [sic] em nome de uma civilização egoísta e requintada de vícios! Mas, havemos de vencer!” Essas

### Salve 13 de Maio

Celina Veiga

Felizmente, porém, homens houve da tempera de Silva Paranhos e Euzébio de Queiroz, que souberam perfilgar na imprensa e no parlamento, a vergonhosa miséria social que aviltava a sociedade brasileira. (...)

O gesto do Visconde do Rio Branco com a lei do “Ventre Livre”, incitou, é verdade, á luta abolicionista para a qual vieram na atêna, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e José do Patrocínio.

O grande Luiz Gama, foi porém a alma mater da abolição em São Paulo ao lado de Antônio Bento (...)

E a nossa raça, ainda continua desprezada, aviltada, e o branco a nos motejar, o branco a nos censurar, e o branco a nos espezinhar! E por que? em nome de uma civilização egoísta e requintada de vícios! Mas, havemos de vencer!”

(...) a sua querida “Mãe Preta” aquela que o acariciava e o amamentou nos primeiros vagidos da existência, aquela que era o seu anjo da guarda (...)

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-11051935/>>.



ambiguidades parecem indicar que, aqui, os homens brancos aparecem, simultaneamente como redutores e algozes. Quando a autora recorre à figura da “mãe preta” isso fica ainda mais notório, porque ela é usada de uma maneira “sentimental”, na qual os brancos (nem todos é claro) por terem tido uma relação afetiva com ela na infância, amamentados e protegidos, tiveram não somente a possibilidade de galgarem os estratos sociais mais altos, ascendendo às “grandes funções públicas”, como isso supostamente promoveria uma maior sensibilização pela causa negra. O que é profundamente questionável, mas ainda era algo que na época fazia parte do imaginário social que o *A Voz da Raça* reproduzia. Quanto a parte que ela discorre sobre a disputa entre as mulheres negras e brancas, é deveras importante.

Celina Veiga, que, segundo Petrônio Domingues (2008), fazia parte do departamento de instrução da Frente, entende essa disputa como um verdadeiro combate que deveria ser enfrentado usando a moralidade, o amor, a instrução aos filhos e crianças negras, estimulando o patriotismo nos pequenos. Além disso, a própria deveria adquirir certas qualidades como: “...a inteligência e o aperfeiçoamento das artes e ofícios, para as quaes sentimos vocação, e, principalmente concorrendo em tudo e por tudo com a mulher branca, pondo em jogo nossa inteligência, o nosso preparo, a nossa atividade e nosso patriotismo. Então venceremos.” A articulista usa, assim como os homens, determinados signos para os desafios frente o preconceito e a discriminação. Assim, trabalho, educação e patriotismo estão em seu discurso mostrando o papel relevante das mulheres negras na empreitada da Frente pela elevação do negro, dialogando com determinados marcos da época, mais centrados na figura da mãe. A autora não descreve seus personagens históricos, com isso não é possível avaliarmos que tipos de características seriam usados por ela. O fato é que nesse artigo a centralidade gira em torno dos homens brancos, seja para criticá-los, seja para exaltá-los, isso, juntamente com os artigos acima, mostra o quão complexas e frequentemente tensas e negociadas essas relações se colocam dentro desses periódicos e nos próprios movimentos, informando que dificilmente há lugares fixos para os grupos em questão.

No próximo e penúltimo fragmento, chamado *Datas Históricas*, Arlindo Veiga dos Santos contrapõe aquilo que ele chama de “romantismo racista” à “literatura séria”, aquela que faria a “reabilitação nacional dos filhos de Henrique Dias”. O pano de fundo é uma disputa daqueles personagens históricos que deveriam ser homenageados, no caso Tiradentes e “o Estado Palmarino”, e “dos seus reis ou Zambys”. Essa contraposição se dá em função de Arlindo Veiga postular que, a celebração das datas históricas deveria contemplar “as etapas da vitória negra no país” e que isso serviria como mecanismo de reconhecimento da contribuição

fundamental do negro para a formação brasileira e para o processo de “elevamento cultural completo do Negro Brasileiro”.

Figura 21 – Datas históricas

## Datas históricas

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

<p>Vai já indo longe o tempo em que se cuidava apenas de rebaixar o maior contributo racial da formação brasileira: o Negro. Há, hoje, toda uma literatura séria, que deixou o campo do romantismo racista para entrar no campo rijo da observação do real, numa dissecação sociológica do nosso caso nacional de miscigenação. E, de toda essa prova em que foi pôsto nomeadamente o elemento africano, resultou uma glorificação da verdade, que vem a ser, afinal, uma reabilitação nacional dos filhos de Henrique Dias. Já que, neste nosso querido Brasil, vale muito mais do que o testemunho do real a afirmação duma ciência, ainda que de carregação seja ela, salando portanto para o terreno ressaltado do cientificismo ôco, — é o caso de darmos os parabéns a todos os heróis da grande campanha que se está processando no Brasil para o elevamento cultural completo do Negro Brasileiro, produto das mais variadas mestiçagens não unicamente africanas, mas ainda com os incólas e lusos, acrescidas hoje-em-dia da ligação com os novos advenas no Brasil Sulino.</p>	<p>Cumpre, pois, tratar-se da celebração das datas que marcam as etapas da vitória negra no País, a caminho das reivindicações totais, acalentadas pela F. N. B. não abstratamente, senão em um contínuo lidar organizado que é a melhor demonstração que dá o Negro nacional da sua capacidade de vida policiada e sob severa mas paternal disciplina.</p> <p>Vai comemorar-se, neste mês, a data de Tiradentes, sonhador de uma revolução sentimental, revestida de todos os caracteres do romantismo que antepôs á realidade do negro forte e operoso do Brasil o índio esquivo que vivia na improdutividade das selvas. No entanto, há em nossa História uma página épica de organização, trabalho, sangue, luta e independência: O Estado Palmarino.</p> <p>Incluamos a celebração de PALMARES ao menos no calendario frentenegrino. Fixamos um dia, o dia dos Palmares e dos seus reis ou Zambys. E não se dirá mais que foi Tiradentes quem primeiro pensou em independência!</p>
---	--

DATAS HISTÓRICAS  
Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Vai já muito longe o tempo em que se cuidava apenas de rebaixar o maior contributo racial da formação brasileira: o Negro. Há, hoje, toda uma literatura séria, que deixou o campo do romantismo racista para entrar no campo rijo da observação do real, numa dissecação sociológica do nosso caso nacional de miscigenação. E, de toda essa prova em que foi pôsto nomeadamente o element africano, resultou uma glorificação da verdade, que vem a ser, afinal, uma reabilitação nacional dos filhos de Henrique Dias.

(...) é o caso de darmos os parabéns a todos os heróis da grande campanha que está se processando no Brasil para o elevamento cultural completo do Negro Brasileiro (...)

Cumpre, pois, tratar-se da celebração das datas que marcam as etapas da vitória negra no País (...)

Vai comemorar-se, neste mês, a data de Tiradentes, sonhador de uma revolução sentimental, revestida de todos os caracteres do romantismo que antepôs á realidade do negro forte e operoso do Brasil o índio esquivo que vivia na improdutividade da selva. No entanto, há em nossa História, uma página épica de organização, trabalho, sangue, luta e independência: O Estado Palmarino.

Incluamos a celebração de PALMARES ao menos no calendário frentenegrino. Fixamos um dia, o dia dos Palmares e dos seus reis e Zambys. E não se dirá mais que foi Tiradentes quem primeiro pensou em Independência!

Fonte: Jornal *A Voz da Raça*, nº 64, p. 1, abr. 1937.<sup>48</sup>

Segundo o frentenegrino, a revolução proposta por Tiradentes não estaria apoiada na realidade, seria apenas uma “revolução sentimental, revestida de todos os caracteres do

<sup>48</sup> Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-041937/>>.

romantismo”. Arlindo Veiga opõe esse sonho de Tiradentes à realidade “do negro forte e operoso do Brasil o índio esquivo que vivia na improdutividade das selvas”. E adiciona um terceiro elemento na equação: o Estado Palmarino que teria sido uma “página épica de organização, trabalho, sangue, luta e independência”. Adiciona-se à gramática viril comum à linguagem do *A Voz da Raça*, e sobretudo a do próprio Arlindo, a independência, exatamente para fazer frente à Tiradentes. Palmares surge, nesse sentido, como uma organização fundada na realidade concreta e não em sonhos românticos, e, portanto, merecedora de uma data comemorativa para si, além, é claro, de antecipar Tiradentes em quase cem anos.

Podemos perceber que Arlindo Veiga procura reivindicar certo vínculo entre Palmarinos e Frentenegrinos, tanto como organização quanto nas suas pretensões, principalmente na primeira. Isso fica sugerido quando o texto afirma que a FNB faria reivindicações concretas “em um contínuo lidar organizado que é a melhor demonstração que dá o Negro nacional da sua vida policiada e sob severa, mas paternal disciplina”. Quando conectamos com a “épica organização” do Estado Palmarino e com “as etapas da vitória negra no país”, é como se houvesse um *continuum* histórico, onde Palmarinos e Frentenegrinos compartilhassem ações e sonhos que impulsionariam o progresso, não só dos negros, mas de toda a Nação, liderados por homens negros valorosos.

No mesmo jornal e página em que Palmares e Tiradentes são objetos da contenda levantada por Arlindo Veiga, Francisco Lucrécio, no texto *Tiradentes*, enaltece esse personagem. Para Lucrécio, Tiradentes era “o eterno exemplo moral, e do que possa considerar sobre a dignidade humana!” Repudia aqueles que desdenhavam de seu nome e sentença que “Joaquim José da Silva Xavier, o inesquecível TIRADENTES foi a expressão moral do Brasil! Soube com elegância e beleza de suas atitudes dar a nossa emancipação POLÍTICA”, indicando que esse movimento conflitivo e conciliatório entre homens negros e brancos era algo relativamente comum nas páginas dos jornais estudados.

#### **4.4. Distinções e afinidades entre masculinidades**

Baseado nas discussões levantadas até o momento, é possível ter uma amostra do elogio elaborado pelos jornais a determinadas personalidades históricas de homens negros (e também de homens brancos) e que tal enaltecimento se apresentaria em diversas ocasiões, como as retratadas no capítulo, interligado aos valores viris, teoricamente desejáveis para as

ações notáveis desses homens. Ações que, se não se destacam no campo da luta contra o racismo diretamente, forneceria modelos de masculinidade para os movimentos utilizarem como substrato na sua própria luta.

Suspeitamos que havia, em certo grau, a apropriação, por parte dos periódicos investigados, dos ideais de virilidade de seus respectivos períodos, *virilizando* os homens negros, sobretudo nos seus aspectos subjetivos e morais. Áreas consideradas de grande sensibilidade, visto que era ali que a degenerescência recaía sobre eles com mais frequência, ou seja, no seu caráter. Para Flores (2007, p. 207), “Na palavra viril podia enfeixar-se o combate à degeneração da raça, os meios para saná-la e uma concepção de ordem e valores para toda a sociedade”. Raça, nessa passagem, está relacionada ao brasileiro, mas nos jornais estudados, geralmente refere-se à raça negra, *generificada* no homem negro. Isto é, a ansiedade com a constituição de um caráter viril para o povo brasileiro, como analisado no capítulo anterior, era algo que envolvia homens negros e brancos (e também as mulheres). É nesse sentido que se deu a apropriação, através de uma leitura da virilidade como meio de regenerar a raça negra opondo-se às estereotípias comuns àquela época. Elas mesmas construídas, em boa medida, por homens brancos. No entanto, isso não implicou forçosamente em seu menosprezo. É perceptível nos trechos examinados uma admiração dos homens negros pelas suas realizações e destaque. O inverso também é verdadeiro, até porque os homens brancos que escreviam nos periódicos eram aqueles que de certa forma se colocavam como aliados “da causa negra”.

As mulheres, negras e brancas, aparecem pouco como heroínas a serem lembradas e comemoradas, a exceção é a Princesa Isabel, reverenciada como libertadora dos escravos, uma perspectiva bem comum à época. A Mãe Preta aparece como “representante mítica” da mulher negra, a cuidadora exemplar. No conjunto, são muito restritos os nomes homenageados, a maioria deles homens ligados à abolição, às guerras ou grandes feitos intelectuais.

Muitos dos termos usados pelos periódicos corroboram com os sentidos tradicionalmente atribuídos à virilidade, mostrando que mesmo com as mudanças próprias de qualquer conceito e com seus usos em diferentes contextos, as referências à força, à coragem e à dominação permanecem prestigiados.

Por outro lado, há certas diferenças de “intensidade” na apropriação desse discurso pelos dois jornais quanto ao tema desse capítulo. O periódico *A Voz da Raça* aproxima-se de uma retórica pomposa, grandiloquente e belicosa. Em contrapartida, o *Quilombo* inclina-se para uma linguagem mais comedida e ligada a ideais de sofisticação espiritual (mental e

emocional), muito característica de seus momentos históricos. Com isso, nos parece que a virilidade, no periódico do TEN, não seria reivindicada com tanta frequência e ímpeto como uma característica indispensável para elogiar um grande homem negro do passado, mas sobretudo a erudição, a finesse. Diferente do *A Voz da Raça* que, ao buscar a elevação moral e intelectual de seus grandes personagens, utilizaria com mais recorrência desse expediente. Em suma, apesar de não serem excludentes, para retratar “os grandes homens negros do passado” *A Voz da Raça* exploraria os sentidos mais tradicionais de uma masculinidade viril, enquanto o *Quilombo* investiria em uma masculinidade mais refinada e virtuosa.

## 5 O HOMEM NEGRO EDUCADO E TRABALHADOR

O tema da educação teve um papel expressivo nos movimentos negros e em sua imprensa, notadamente a partir dos fins da década de 10 do século XX (PINTO, 2013). As lideranças negras sempre se preocuparam com o acesso à educação da população negra e viam nela uma oportunidade de ascensão, quase um sinônimo para a integração social de fato. O analfabetismo era uma grande preocupação dos jornais da imprensa negra, a percepção era de que a ausência de educação teria a capacidade de impingir um acervo de vícios à população negra, e que, ao contrário, seu acúmulo, uma série de virtudes, com a tendência de produzir a ascensão social. Assim, no discurso sobre educação cabia, por um lado, vícios e pobreza, e, por outro, virtudes e posses.

Outra característica desse tema é que a imprensa negra comumente entendia que parte da responsabilidade pela formação educacional do negro era dele próprio, no sentido de que o seu descaso não seria creditado apenas ao Estado e às instituições privadas e religiosas. Assim, deveria haver um esforço individual de cada negro e negra em investir na sua formação cultural e intelectual, e na de sua família. Dessa maneira, bailes e boemias em geral eram vistos como “distrações”, ou mesmo tidas como nocivos. Em contrapartida, a responsabilização individual não interditava um olhar mais amplo e histórico sobre a condição do negro, em que o pós-abolição passava por uma leitura crítica em que as leis abolicionistas, o desamparo, o descaso das autoridades, e a ausência de políticas educacionais eram também entendidos como fatores relevantes para o estado de carência educacional dos negros (PINTO, 2013; FERRARA, 1985).

A nossa proposta é verificar como essa imprensa, representada no *A Voz da Raça* e no *Quilombo*, correlaciona a educação com a masculinidade e suas interconexões com o trabalho. Para isso, iniciaremos a primeira seção com algumas matérias do jornal da Frente, na segunda com o *Quilombo* e na terceira com um pequeno quadro comparativo. O que se pode adiantar, tendo as concepções da época e o material empírico como referências, é que o ensino escolar no TEN, especialmente para os homens negros, pode ser considerado uma forma, mais ou menos eficaz, de se contrapor as expectativas que os confinavam em seu corpo, ideologicamente hipervirilizado, aos trabalhos físicos. Trabalhos estes marcadamente masculinizados, em que “a força física, a habilidade manual e a dureza da tarefa são ainda valorizadas. No entanto, os empregos pouco qualificados e que envolvem as qualidades viris são geralmente desconsiderados e vistos enquanto sinônimo de rebaixamento” (BAUBÉROT,

2012, p. 213). Ao passo que no *A Voz da Raça* a educação passava mais por um rechaço aos estereótipos de preguiça, vadiagem e inaptidão para o trabalho, estimulando a ideia de um homem negro trabalhador com um grau satisfatório de educação especializada e técnica, e cumpridor de seus deveres morais.

Havia um drama nos quais os homens negros estavam imersos. Suas experiências de trabalho durante a escravidão eram depreciadas, no pós-abolição sua racionalidade e moralidade seriam contestadas, sobrando apenas um físico hipoteticamente forte e resistente, ou doente e deteriorado. Aqueles que pudessem desenvolver os ofícios pesados ocupariam quase que invariavelmente setores de baixa estima social, os que não pudessem e não tivessem educação formal, estariam praticamente fadados à indigência. Já os mais educados poderiam ter algumas pretensões sociais, e até mesmo ocupar cargos intermediários (e alguns poucos de destaque) na iniciativa privada e na administração pública.

### 5.1 Masculinidade, educação e trabalho no *A Voz da Raça*

Diante do exposto, iniciamos nossas investigações com o texto *Pensando na vida*, que adota um tom contundente e de cobrança quanto às condições de vida e projetos de futuro da população negra. O texto, logo de início, traz uma saraivada de perguntas direcionadas, provavelmente aos homens negros adultos, pelo uso do pronome de tratamento Sr. ou Senhor.

Figura 22 – Pensando na Vida

**Pensando na Vida**

**Patrício negro!**  
O Sr. está contente com a sua situação social atual?...  
Vive bem?...

Não sofre continua diminuição por toda parte?...  
E' o senhor respeitado pelos brancos?...

Tem o seu salario garantido?...  
E a sua instrução como anda? Sabe lêr bem, escrever e contar?... Tem profissão? Máa supponhamos que o sr. tenha tudo quanto é bom. E que é que o sr. espera de futuro para seus filhos?...

Vão crescer analfabetos, sem educação, sem officio, viciosos, pela corrupção do meio. Vão ser vencidos na concorrência com os mais aparelhados e com os estrangeiros que imigram para cá.  
E na doença? E na invalidez se o sr. por qualquer desgraça na vida, não puder mais ganhar para o sr. e para os seus?...

E você, mocinho negro, qual é a sua garantia na vida?  
Na desgraça, os companheiros de esporte, de baile de farras como vocês dizem, o largarão "na rua falando sózinho".

Os srs. todos não podem proteger-se sósinhos, e fiquem certos de que, estando cada negro separado para um lado, ninguém cuidará deles. E preciso união que cooperativamente facilitará tudo, cada vez que um precisar.

Hoje será um o necessitado, amanhã outro. E a contribuição de todos estabelecerá o principio cristão e nacionalista de "todos por um e um por todos".

A união se faz por meio de uma associação. Para o negro ela já existe: — é a "Frente Negra Brasileira" com sede central à Rua da Liberdade. Lá funcionam:  
Proteção juridico-social, curso de alfabetização (de momento só noturno), caixa beneficente, clinica dentaria, barbearia, e cabeleiraria, departamento teatral, musical e festivo, officina de costura, para confecção de qualquer roupa, com escola de aprendizagem de costura e côrte, sessões instrutivas de educação moral e civica, domingueiras, etc.

Que é então que os srs. esperam? Querem se defender? Vão esperar a hora de apuros para recorrer à F. N. B.?

Patrícios! um homem prevenido vale por dez. O negro precisa deixar de ser explorado e tapeado de toda a maneira;

"Ajuda-te, que Deus te ajudará" diz o proverbio.

Será que somente brasileiro e especialmente o brasileiro negro, há-de ser sempre bobo? Todos à F. N. B. alistar-se. Rua da Liberdade, 196.

Fonte: Jornal *A Voz da Raça* nº 12, p. 1, jun. 1933<sup>49</sup>

<sup>49</sup> Disponível em: <biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-10061933/>.

### Pensando na vida

Patricio negro!

O Sr. está contente com a sua situação atual?...

Vive bem?...

Não sofre continua diminuição por toda parte?...

É o senhor respeitado pelos brancos?...

Tem o seu salário garantido?...

E a sua instrução como anda? Sabe lêr bem, escrever e contar?... Tem profissão? (...) E que é que o senhor espera de futuro para seus filhos?

Vão crescer analfabetos, sem educação, sem ofício, viciosos, pela corrupção do meio. Vão ser vencidos na concorrência com os mais aparelhados e com os estrangeiros que imigraram para cá.

E você mocinho negro, qual é a sua garantia na vida? (...)

A união se faz por meio de uma associação. Para o negro éla já existe: - é a "Frente Negra Brasileira" com sede central á Rua da Liberdade.

Patrícios! Um homem prevenido vale por dez. O negro precisa deixar de ser explorado e tapeado de toda a maneira; (...)

Será que somente o brasileiro e especialmente o brasileiro negro, há-de-ser sempre bobo?

Indaga-se se esse homem negro não é diminuído ou respeitado pelos brancos, mostrando sua experiência de rebaixamento moral perante o homem branco e o quanto era importante que fosse estabelecida uma equalização nessa convivência. Lembrando que um traço fundamental da construção da masculinidade, como já pontuado outrora, é o seu reconhecimento por outros homens, mas quando isso não ocorre ou é dificultado, é como se esses homens não fossem admitidos como tais, mas apenas como negros e, portanto, inferiores (FANON, 2008).

O reconhecimento pelos homens brancos da masculinidade/humanidade dos homens negros não era uma trivialidade, visto que a maioria das posições de poder nos períodos analisados estava nas mãos dos homens brancos. Sendo assim, tornava-se crucial que esse grupo os enxergasse como homens capazes. A matéria postula que para que tal reconhecimento ocorresse, seria necessária a união dos negros, no caso, em torno da Frente Negra Brasileira, que ofereceria uma série de atividades e benefícios para seus associados. Com isso, a FNB se colocava como um grupo que teria mecanismos eficazes de, em última instância, humanizar os homens negros.

Outra pergunta que o autor faz, e que merece nossa atenção, é sobre ter um salário garantido, o que era absolutamente relevante, pois, como muitos autores têm demonstrado



(DOMINGUES, 2004; ANDREWS, 1998; FERNANDES, 2008; CHALHOUB, 2012), grande parte dos homens negros viviam de bicos e biscates, na informalidade, como diríamos hoje em dia. Se aceitarmos a premissa do historiador Sidney Chalhoub de que no início do século XX “[o] homem se define principalmente pela sua dedicação ao trabalho, pois sua obrigação fundamental é prover a subsistência da família” (CHALHOUB, 2012, p. 180), o homem negro, e a maioria dos homens das classes populares de diversas origens étnico-raciais, teriam não só dificuldades de corresponder a esse papel social, como teriam que reinventar sua masculinidade com outros parâmetros. Essa dimensão da masculinidade tem relação direta com as outras questões da matéria, e a principal do capítulo: a educação. Não é sem significação que o autor pergunta: “E a sua instrução como anda? Sabe lêr bem, escrever e contar? ... Tem profissão? ... E que é que o senhor espera de futuro para seus filhos?...”. Pelo visto, essa parte do texto é direcionada ao homem negro adulto com uma família, algo prezado pela Frente. Desse modo, entra em cena o homem provedor, “pai de família”, assim é elencado alguns pré-requisitos vistos como necessários para alcançar essa valorizada posição social, isto é, ter uma educação razoável e prática, uma profissão e projetos de médio e longo prazo em relação à sua família.

Logo a seguir, surgem outras duas preocupações frequentes da FNB: o vício e os imigrantes. Vejamos: “Vão crescer analfabetos, sem educação, sem ofício, viciosos pela corrupção do meio. Vão ser vencidos na concorrência com os mais aparelhados e com os estrangeiros que imigram pra cá”. Quer dizer, a ausência, ou escassez de educação, de uma profissão e o “andar com más companhias” poderia levar os filhos aos vícios (álcool, jogatinas, boemias etc.), o que poderia ser traduzido em uma única palavra: vadiagem. Um estereótipo e uma experiência profundamente arraigada no imaginário social no pós-abolição que perseguia o masculino negro, aquele que deveria passar por um processo de moralização para expurgar uma suposta subjetividade deformada pelos anos de cativo (FERNANDES, 2008). A preguiça, promiscuidade sexual, violência e malandragem compunham o universo ideológico das elites a respeito das ditas “classes perigosas”, ou seja, populares, negras e mestiças (CHALHOUB, 2012, p. 80).

Nesse sentido, a educação nessa passagem assume ser uma ferramenta essencial para a ascensão social, porque ofereceria condições para que o homem negro tenha uma profissão, e com isso possibilidades de formar e sustentar sua família, o que, por sua vez, poderia trazer maior respeitabilidade entre os próprios negros e entre negros e brancos. Além de formação moral, evitando os vícios e no fornecimento de recursos técnicos e intelectuais para enfrentar a concorrência dos brancos-imigrantes. A educação, por este prisma, seria praticamente uma

panaceia para a resolução de grande parte dos problemas dos homens negros e, por conseguinte, da população negra. Por último, o autor foca na juventude negra reforçando alguns dos argumentos já apresentados e enfatizando a necessidade da união entre os negros sob o apoio da FNB. Em síntese, o texto procura convencer o homem e jovem negro a participar da FNB, elencando os inúmeros desafios que estes atravessavam e/ou iriam atravessar, principalmente no que diz respeito àqueles que interferiam, sobremaneira, nas expectativas em torno de suas atribuições masculinas.

Com um debate bem próximo ao texto *Pensando na Vida*, no que diz respeito à figura do pai e suas reponsabilidades para com a educação dos filhos, Horacio da Cunha, em *Um apello aos pretos brasileiros*, opera com a perspectiva do tripé: instrução, profissão e educação. Seria através dele que o negro poderia ter justiça e alcançar posições sociais mais seguras e importantes. No 15º parágrafo, Cunha aponta que pretos, mulatos e caboclos pobres deveriam ser os maiores responsáveis por mandar seus filhos às escolas “porque nós, os pobres, o que podemos deixar de herança para nossos filhos é a instrução, profissão e educação que representam maior valor do que dinheiro e bens imóveis”. Desse ponto de vista, para os pobres não brancos, que não teriam bens materiais para transmitir como herança para seus filhos, o crucial seria dar-lhes condições para obtê-las.

Figura 23 – Um apelo aos pretos brasileiros



Um apelo aos pretos brasileiros  
Horacio da Cunha

Quando foi proclamada a republica em 1889 diziam muitos deputados que era preciso dar instrucao e educacao aos filhos dos ex-escravizados que tanto lutaram para esta gloriosa terra.

Esses discursos entusiasticos com palavras de liberdade, igualdade, não passaram de utopia para nós os pretos.

(...) Para isso é preciso que nossos irmãos brancos nos auxiliem na ocasião em que este ou aquele suba as escadarias de uma escola superior para prestar um exame de admissao.

Muitos não pensam assim, e dizem: Por que pretos Médicos, Engenheiros, Dentistas, Professores, Advogados?"

Eu digo: É porque têm vocação como os demais porque a inteligência quem dá é Deus e não é privilégio de nenhuma raça neste mundo.

(...) É verdade nem todos os pretos têm recursos para seus filhos cursarem uma escola superior, mas esses que têm recursos não devem ser vedados.

(...) O que nós pretendemos é o nosso direito de Justiça. Instrução, Educação e Profissão, conforme tem sido facilitado para as demais raças.

(...) É preciso que todos os pretos, mulatos e caboclos mandem seus filhos para as escolas, porque nós, os pobres, o que podemos deixar como heranças para nossos filhos é a instrução, profissão e educação que representam maior valor do que dinheiro e bens imóveis.

(...) Em 13 de Maio de 1938 completará 50 aniversários da Libertação dos Escravos e ainda há pretos que não querem compreender que todo homem que é autor da vida de um seu semelhante, é obrigado a manter e educal-o?

Se há quem não pense assim esses são inimigos da raça...

(...) Eu não tenho ofício porque nasci no tempo da escravidão, mal consigo para manter minha família, mas para os meus filhos todos graças Deus eu fiz uma força á Joe Louis para que eles pudessem aprender lêr, escrever e contar.

(...) Muitos pretos dizem: Eu não tenho meio para mandar meus filhos para escolas.

(...) Mas para outras cousas sem futuro para nossos filhos, nós conseguimos recursos.

Eu tenho certeza que no futuro muitos dos meus irmãos pretos, hão de ouvir dos seus filhos estas frases:

Eu sou analfabeto e o culpado é o meu pae.

Este é o conselho do ultimo dos pretos brasileiros.

Fonte: Jornal A Voz da Raça nº 68, p. 2, ago. 1937<sup>50</sup>

Horacio da Cunha critica aqueles que fugissem de tais responsabilidades, considerando-os “traidores da raça”. Em suas palavras, “(...) e ainda há pretos que não querem compreender que todo homem que é autor da vida de um seu semelhante é obrigado a manter e educa-lo?” A responsabilidade paterna é um pilar para a Frente, pois a família o é. Esse é

<sup>50</sup> Disponível em: <biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-081937/>.

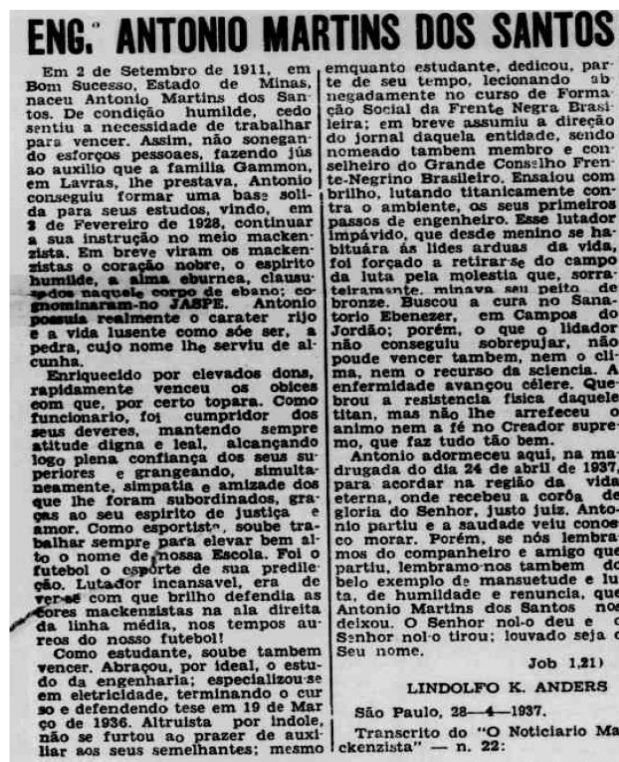
um ponto interessante, pois na bibliografia sobre paternidade, a filiação paterna indica uma referência importante na transmissão de valores culturais e deveres, além de ser um integrador entre o mundo da casa e o público (DEL PRIORE; AMANTINO, 2013). No campo específico da educação, a presença do pai é considerada um dos fatores decisivos para o desenvolvimento social e cognitivo dos filhos, favorecendo o potencial de aprendizagem, o acesso à agressividade – no seu sentido de sobrevivência, ação e criação (BADINTER, 1992) – além de favorecer a integração do jovem no mundo do trabalho.

Isso fica mais evidente quando Horácio da Cunha se coloca nesse lugar, de pai zeloso, cumpridor de seus deveres, que apesar de não ter tido a possibilidade de estudar por ter nascido durante a escravatura, e de ter muita dificuldade para manter financeiramente sua família, se esforçou para que seus filhos “(...) pudessem aprender lêr, escrever e contar”. Ademais, ironiza os “pretos” que dizem não ter meios de colocar seus filhos na escola, “mas para outras cousas sem futuro para nossos filhos, nós conseguimos recursos”. Caminhando para o fim de suas reflexões, garante que por suas negligências muitos pais irão ouvir de seus filhos no futuro, “Eu sou analfabeto e o culpado é o meu pae”. Ou seja, o pátrio poder no trecho apresentado é permeado de obrigações para com os filhos, sendo a principal delas a formação educacional para a profissionalização.

Cunha, logo no início da matéria, declara que a República não foi capaz (ou não tinha a intenção) de fornecer educação aos ex-escravizados, apesar dos discursos. Discute ainda a entrada do negro no ensino superior, adiantando algo que irá aparecer no *Quilombo* de forma mais regular. O autor, então, critica as dificuldades que os brancos impunham aos negros que almejavam o ensino superior, colocando que, na verdade, eles deveriam ajudá-los. E apresenta os questionamentos dos brancos: “Por que pretos Médicos, Engenheiros, Dentistas, Professores, Advogados?” E Cunha mesmo responde dizendo que a vocação e a inteligência não seriam privilégio de nenhuma “raça”, mas um “dom” de Deus. E mesmo que alguns negros, segundo o articulista, não tenham intenção de estudar, ou mesmo recursos caso os tenham, deveriam ter oportunidade. Logo, paternidade, educação (superior) e profissionalização, tendo como pano de fundo as disputas entre negros e brancos por espaço, eram questões que afligiam os homens negros. Ademais, o fato de a educação ter a capacidade de lhes oferecer uma melhor perspectiva de vida dialogava estreitamente com o desempenho de suas atribuições masculinas.

Em *Eng. Antonio Martins dos Santos*, de Lindolfo K. Anders, é homenageado o engenheiro em questão, já falecido, com uma sintética biografia em virtude da inauguração de seu quadro nas dependências da Frente.

Figura 24 – Eng. Antonio Martins dos Santos.



#### ENG. ANTONIO MARTINS DOS SANTOS

Em 2 de Setembro de 1911, em Bom Sucesso, Estado de Minas, nasceu Antonio Martins dos Santos. De condição humilde, cedo sentiu necessidade de trabalhar para vencer. Assim, não sonegando esforços pessoais, fazendo jús que a família Gammon, em Lavras, lhe prestava, Antonio conseguiu formar uma base solida para seus estudos, vindo em 3 de fevereiro de 1928 continuar sua instrução no meio mackenzistas o coração nobre, o espírito humilde, a alma eburnea, clausurados naquele corpo de ébano; cognominaram-no JASPE. Antonio possuía realmente o carater rijo e a vida lusente como sóe ser, a pedra, cujo nome lhe serviu de alcunha. (...)

Como funcionário foi cumpridor dos seus deveres, mantendo sempre attitude digna e leal alcançando logo plena confiança dos seus superiores e grangeando, simultaneamente, simpatia e amizade dos que lhe foram subordinados graças ao seu espírito de justiça e amor. (...) Foi o futebol o esporte de sua predileção. Lutador incansável, era de ver-se com que brilho defendia as cores mackenzistas na ala direita da linha média, nos tempos áureos de nosso futebol! (...)

Ensaioi com brilho lutando titanicamente contra o ambiente, os seus primeiros passos de engenheiro. (...) A enfermidade avançou célere. Quebrou a resistência física daquele titan (...).

Porém, se nós lembramos do companheiro e amigo que partiu, lembramo-nos também do belo exemplo de mansuetude e luta, de humildade e renuncia, que Antonio Martins dos Santos nos deixou.

Fonte: *Jornal A Voz da Raça*, nº67, p.4, jul. 1937.<sup>51</sup>

O texto fala da dedicação de Antônio Martins dos Santos aos estudos e à Frente Negra Brasileira, mais especificamente no curso de formação social. Como de costume no periódico, conta-se uma história de superações e desafios. Constata-se o esforço do narrador em apontar

<sup>51</sup> Disponível em: <biton.uspnet.usp.br/imprensaneagra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-071937/>.

os atributos considerados positivos desse homem, destacando as barreiras que tivera que sobrepor e apresentando sua trajetória como a origem, a persistência e o lugar social atingido. Essas matérias buscavam, através dos exemplos, expor os leitores negros a perspectiva de ascensão social que os estudos poderiam oferecer e algumas características pessoais necessárias para tal feito, algo também muito recorrente no *Quilombo*, como poderemos verificar. Pode-se identificar no trecho a exaltação da inteligência de Antônio Martins, quer dizer, retrata-se um homem negro de grande envergadura moral e intelectual, comprometido com o conhecimento e buscando a emancipação das pessoas negras ao integrar os quadros da FNB.

No tocante a certos atributos valorizados no universo masculino, marcados por Anders, misturam-se faculdades mentais e atributos físicos. O caráter rijo procura sintetizar seu temperamento sólido e firme, que aparece na sua dedicação aos estudos e no cumprimento de seus deveres no trabalho, o que não anularia a estima de seus subordinados “graças ao seu espírito de justiça e amor.” O “coração nobre” tenta definir um aspecto emocional de grandiosidade que parece se fazer presente na sua “atitude digna e leal”, algo que deita raízes da noção de “camaradagem” na literatura especializada, que pode ser sumarizada na construção de laços de amizade, respeito e confiança entre homens (ALMEIDA, 1995).

Uma dimensão que se repete de sua personalidade é a humildade. Aliás, essa é uma característica reiterada nos discursos da época e da própria imprensa negra, que se refere tanto à modéstia e discrição como à submissão e passividade. A fonte empírica dá a entender que ela estaria mais relacionada aos sentidos cristãos de simplicidade, e não com a sujeição. Tanto é assim que além do texto possuir referências claras à religião, no último parágrafo a humildade vem junto com renúncia. Mesmo assim, é um adjetivo eivado de ambiguidades, porque mesmo em uma perspectiva cristã, busca imprimir no homem negro a virtude da singeleza, na qual mesmo que esse homem possuía inúmeros predicados, ele deveria se portar despretensiosamente. E, portanto, uma masculinidade ambiciosa que aspirasse a voos profissionais mais altos, na figura de um homem negro, poderia ser vista como petulante e ingrata. Dessa maneira, ainda que por hipótese, elogiosa, pode ser uma forma de controle baseada nos lugares sociais vigentes de negros e brancos.

No primeiro parágrafo há o seguinte trecho: “Assim, não sonhando esforços pessoais, fazendo jús ao auxílio que a família Gammon, em Lavras lhe prestava...”. Depois de uma pesquisa na internet, verificamos que a família Gammon é uma família branca, de elite, com

grande renome no campo da educação em Lavras.<sup>52</sup> Ao mesmo tempo em que é parte da história do autografado, também pode ser considerado uma forma de colocá-lo, mesmo que não de forma deliberada, em dívida com os brancos, e com isso uma “trava” em sua possível insubordinação e rebeldia (o que também não era muito bem visto pela Frente), sobretudo se acrescentarmos que essa matéria fora transcrita do “O noticiário Mackenzista” nº 22, isto é, um jornal de circulação fora dos meios negros. Outra referência interessante é “(...) o coração nobre, o espírito humilde, a alma ebúrnea enclausurados naquele corpo de ébano; cognominaram-no JASPE”. A alma desse homem negro seria, então, branca, alva, ou seja, o famoso “negro de alma branca”.

Desta feita, os aspectos nobres da masculinidade desse sujeito, que o fizeram destacar-se tanto pessoalmente quanto profissionalmente, podem ser entendidos como oriundos da brancura de seu espírito, “presos” em um corpo negro. Essa associação tão manifesta de uma “masculinidade branca” em um corpo negro não é tão presente no *Quilombo*, mesmo que este travasse diálogos e muitas das referências de comportamento fossem os homens brancos. Isso se deve, em certa medida, à perspectiva de valorização de certos elementos africanos e afro-brasileiros na arte e cultura brasileira, mesmo que os modelos de cristandade e moralidade burguesa ainda fossem a tônica.

No que diz respeito aos aspectos físicos, segundo Anders, ele seria um homem de porte robusto, porque ébano. Além de significar cor negra, ébano designa também uma madeira resistente e escura. Ademais, a enfermidade teria quebrado “a resistência física daquele titan”, reafirmando o vigor de sua compleição física. O vigor físico de Santos se entrelaça com seu temperamento e atitudes, posto que era um “lutador incansável” no futebol, e “lutando titanicamente contra o ambiente” no início de seus estudos de engenharia. Percebe-se uma coesão entre o físico e o mental, algo que podemos encontrar na concepção do *Homem Brasileiro*, representação ideológica mais bem acabada das pretensões das elites intelectuais dos anos 30 e 40 sobre como deveria ser o homem, e que tivera repercussões nacionais.<sup>53</sup> Para ilustrar esse argumento, a educação, e mais especificamente a educação física foi escolhida

<sup>52</sup> dalvasueli.com.br/2017/08/01como-vi-e-vivi-o-gammon/

<sup>53</sup> Segundo Marina Cerchiaro, “O Ministério da Educação e Saúde foi responsável por um projeto de renovação cultural que tinha como base a regeneração do homem brasileiro e a construção da identidade nacional, como fica explícito em sua política educacional, que buscava veicular, por meio das escolas, ideias moralizadoras e nacionalistas, padronizar o sistema de ensino e dissolver valores culturais relacionados a grupos étnicos, tidos como minoritários” (CERCHIARO, 2016, p. 2). Maria Bernardete Ramos Flores entende que “No Brasil, o *Ministério de Educação e Saúde*, designado por Capanema como *Ministério do Homem*, marcaria “uma era de fecundas realizações”, graças à parceria entre governo e artistas.” Sob a linguagem de um Brasil novo, projetado para o futuro, o edifício fora inaugurado no dia 3 de outubro de 1945, dia do aniversário da Revolução de 30, para marcar, segundo palavras de Capanema, “o vosso plano (o de Getúlio) de elevação da qualidade do homem brasileiro” (FLORES, 2007, p. 146).

como disciplina privilegiada para construir esse indivíduo. Na revista de Educação Physica<sup>54</sup>, nº 5, de 1942, encontramos uma passagem do Dr. Peregrino Jr. em que ele explica como fazer isso: “(...) pelo esforço simultâneo nesses dois sentidos – o de preparação cultural das elites e o da formação eugênica das massas é que se poderá realizar afinal o milagre da *formação integral do Homem Brasileiro – forte de corpo, claro de espírito, puro de coração*”.

As três qualidades do Homem Brasileiro são aquelas conferidas ao engenheiro Antônio Martins dos Santos, em que o físico forte “próprio” do negro, aliado à sua boa índole e depurado pela “educação branca” edificariam o protótipo do “Homem Brasileiro Negro” na FNB. O tema do Homem Brasileiro na Revista de Educação Physica é rotineiro, expressando uma inquietação por parte de sua linha editorial. No número 32, de 1939, existe a tradução do artigo de uma revista norte-americana de autoria do Dr. I. Fisher, no qual é frisado o papel da nova educação física na construção de um novo homem para a época:

A nova educação física deverá formar um homem típico que tenha as seguintes características: detalhe mais delgado que cheio, graciosos de musculatura, flexível, de olhos claros, pele são, ágil, desperto, erecto, dócil, entusiasta, alegre, viril, imaginoso, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de atos e de pensamentos, dotado com o senso da honra e da justiça, participando no companheirismo dos seus semelhantes (Revista Educação Physica, nº32, 1939).

Esse “novo homem”<sup>55</sup> parecia ser uma aspiração internacional para os novos tempos, os postulados normativos dessa descrição percorrem várias dimensões da masculinidade e a maioria deles encontramos em Antônio Martins, mas o interessante são os termos dócil e viril. Uma leitura apressada poderia considerá-los contraditórios, no entanto, a educadora física Joyce Silva (2015) nos fornece uma explicação plausível, na qual a docilidade estaria relacionada com a “contenção da energia revolucionária e crítica desta parcela da população desde a tenra idade, por meio da atividade física objetivando apenas a saúde para o aumento da força produtiva” (SILVA, 2015, p. 79).

A população que a pesquisadora se refere são as crianças pobres e não brancas, mas acrescentaríamos que essa contenção também incorporaria as classes abastadas e brancas, porque o ímpeto revolucionário não era bem visto em nenhuma classe, vide a repressão contra os partidos comunistas e socialistas que adotavam tal narrativa nesse período (MARQUES, 2011). Desta forma, compreendemos que a virilidade do Homem Brasileiro (Negro) estaria,

<sup>54</sup> A Revista de Educação Physica foi criada no Rio de Janeiro em 1932 perdurando até 1945, com um total de 88 edições. Foi uma publicação estreitamente ligada à eugenia que tivera no período Vargas uma ampla difusão nos meios acadêmicos e políticos, pois tinha com um dos seus principais objetivos a “criação” de um novo homem. O projeto nacionalista e desenvolvimentista de Vargas necessitava “(...) robustecer a raça, construir um exército forte para a defesa da nação, bem como preparar os operários fisicamente para suportar as novas exigências do trabalho” (CAMARGO, 2010, p. 71).

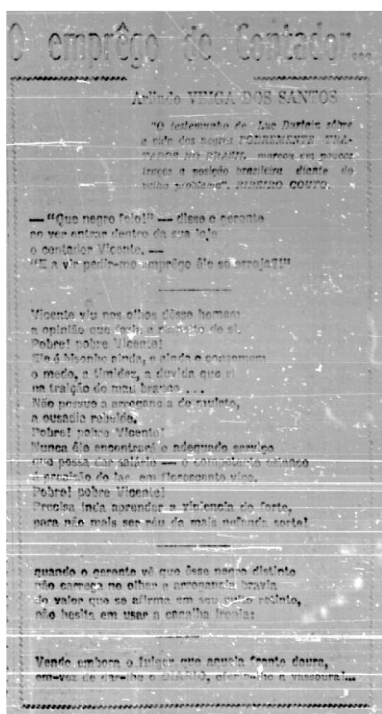
<sup>55</sup> Tópico abordado no capítulo II.



nesse trecho, encerrada dentro de uma “missão”, ordeira e civilizadora, em prol do trabalho pelo progresso da nação, assim como a virilidade do engenheiro Antônio Martins estaria regulada pela humildade, benevolência e os bons modos. Essas caracterizações no *A Voz da Raça* e no imaginário da época remetem a um tipo de masculinidade educada, domesticada e produtiva.

O próximo texto, *O emprego de Contador...*, de Arlindo Veiga dos Santos, trata da insuficiência da formação acadêmica para conseguir um emprego, devido ao preconceito racial e a atitude individual. O nosso alvo de exame é o ângulo masculino com que Santos narra o encontro entre dois homens, um negro, outro branco, um contador com o objetivo de conseguir um emprego, e um gerente de uma loja.

Figura 25 - O Êmprego de Contador



### O Êmprego de Contador...

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

– “Que negro feio” – disse o gerente  
Ao ver entrar dentro de sua loja  
O contador Vicente, –  
“E a vir pedir-me emprego ele se arroja?!”  
Vicente viu nos olhos dêsse homem  
A opinião que fazia a respeito de ele  
Pobre! Pobre Vicente  
Ele é bisonho ainda, e ainda o consomem o medo, a timidez, a  
dúvida que ? na traição do mau branco...  
Não possui a arrogância do mulato,  
A ousadia rebelde (...)  
Precisa inda aprender a violência do forte,  
para não mais ser réu da mais nefanda sorte!  
quando o gerente vê que êsse negro distinto  
não carrega no olhar a arrogancia bravia  
do valor que se afirma em seu vulto retinto,  
não hesita em usar a canalha ironia:  
Vendo embora o fulgor que aquela frente doura,  
Em vez de dar-lhe o DIÁRIO, ofereceu-lhe a vassoura!

Fonte: Jornal *A Voz da Raça*, nº 61, p. 1, jan. 1937.<sup>56</sup>

Logo de início o gerente faz uma avaliação negativa da aparência do contador balizado em seu fenótipo negro “– “Que negro feio – disse o gerente”, e se surpreende que esse homem venha lhe pedir emprego. Na troca de olhares, o contador percebe o juízo depreciativo que o gerente tinha a seu respeito, então Arlindo Veiga enumera algumas características do contador. “Ele é bisonho ainda, e ainda o consomem o medo, a timidez, a dúvida...”. Todas características débeis, que no homem ganha um matiz de covardia, a característica antiviril

<sup>56</sup> Disponível em: <biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-011937/>.

por excelência. Esses traços seriam frutos de uma vida permeada de constrangimentos e humilhações? Seria devido a uma sociabilidade de sujeição que o homem negro “aprenderia” a se portar desse modo? Ou algo muito pessoal? Ainda que não tenhamos elementos suficientes de Vicente, o contador, para responder satisfatoriamente a essas questões, Fanon pode nos auxiliar nessa tensa relação do mundo branco com o homem negro e sua dinâmica “castradora”:

O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. *Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse* (FANON, 2008, p. 107, grifo nosso).

Isto é, seu estatuto de homem é obstado pelo racismo. Em outro momento, diz: “deslizo pelos cantos, permaneço silencioso, aspiro ao anonimato, ao esquecimento” (FANON, 2008, p. 108). Essa é uma das características da masculinidade subalternizada: acanhada, amedrontada, que resvala na frouxidão moral. No caso, um homem ontologicamente menor que outros homens, pelo simples fato de ser preto. Não obstante, o que parece diferenciar as masculinidades do contador Vicente e do engenheiro Antônio Martins é a virilidade, pois no segundo a docilidade e a retidão combinadas com algumas qualidades viris lhe reservava um lugar de prestígio entre seus pares, enquanto que o contador não possuindo tais qualidades aparentes, recairia na covardia. Dessa maneira, o processo de subalternização da masculinidade dos homens negros possuiria diversas camadas, não se restringindo à mera e irrestrita submissão.

Arlindo Veiga dos Santos ainda faz uma conexão com o mulato inferindo que este seria arrogante, possuidor de uma “ousadia rebelde”, necessária nesse tipo de situação, provavelmente essa ousadia viria do fato de ele estar mais próximo da brancura, e, com isso, mais apto a reivindicar uma posição equânime com os brancos. “Precisa inda aprender a violência do forte” e com essa expressão Arlindo deixa claro o papel da força moral (dificilmente da violência física), nesse tipo de embate com o qual Vicente se defronta agora. Retornamos, assim, à noção do homem ativo, em que a masculinidade deve ser a todo momento provada com ações, adotando uma postura enérgica diante dos obstáculos, pois seria ela que daria a possibilidade do homem ser senhor de si, e, por conseguinte de seu próprio destino, “para não mais ser réu da mais nefanda sorte!”, como coloca Arlindo.

Já ao final, Arlindo Veiga mostra que a despeito da distinção do negro contador, este “não carrega no olhar a arrogância bravia”, essa ausência teria favorecido sua desmoralização final pelo gerente branco, quando lhe ofereceu a vassoura ao invés do “diário”. A vassoura poderia simbolizar a emasculação de Vicente, por dois vieses: o trabalho doméstico, e, com isso, sua aproximação com o mundo feminino (BADINTER, 1993; TARAUD, 2013), e pelo

desprestígio da tarefa em si, marcada pela escravidão, que pode ser, à grosso modo, resumida em: “limpar a sujeira do homem branco”. Por esse ângulo, a educação não bastaria para que um homem negro obtivesse um trabalho digno, para Arlindo Veiga a masculinidade viril seria imprescindível nesse tipo de situação, pois é “um comportamento social vinculado à coragem, ao destemor, à independência e à iniciativa” (ROSA, 2006, p. 3). Logo, para o êxito do homem negro no mercado de trabalho, educação e virilidade deveriam estar combinadas, engendrando, assim, uma masculinidade enérgica e decidida no enfrentamento, em um plano micro, as vicissitudes nas relações interpessoais entre negros e brancos.

Ainda no *A Voz da Raça*, temos o texto *O que foi a Raça Negra*, em que demonstra as contradições do ensino para crianças negras e desenvolve diálogos com nacionalismo da época de Getúlio Vargas.

Figura 26 - O que foi a Raça Negra



**O que foi a Raça Negra**

E porque o negro se destaca. A sua inteligência e a sua coragem fazem tremar os fracos, intelectuais. Pois bem, se o indivíduo não está em condições de ensinar o negro, é conveniente que deixe a sua cadeira a outro que o suporte, pois o governo paga aos mestres para ensinar as crianças e não para ensinar as crianças brancas.

O ódio opressor que atua sobre o negro, é devido aos muitos vultos que têm se destacado, tanto intelectual como no campo de batalha ou nos serviços de grandes riscos de vida. Essa obscuridade vem arrastando o Brasil ao abismo, pois a falta dos braços negros cessou o grande desenvolvimento que vinha tendo dentre as demais nações. (...)

Tudo se passou até 1930. Até essa época tudo se via; o próprio exército não queria aceitar um homem de côr em suas fileiras. Em S. Paulo, nem a Força Pública nem o comércio, não queriam ver o negro transitar em seu meio, enquanto os brancos, que mal assinavam os nomes, viviam galhardamente enfeitados sem saberem cumprir a missão que lhe era atribuída. (...)

O ciclo Getulino apareceu e os monopolizadores dos bens nacionais desapareceram com todo o orgulho e com suas empáfias. (...)

Pois bem, o negro, como verdadeiro brasileiro sentindo a dor que traspasa o coração de verdadeiro patriota, pronto pra regar a terra com seu suor pretende aproveitar a boa vontade que lhes facultam o direito de cidadãos, vem por em prática tudo que se pôde admetir a uma raça em pleno vigor da civilização.

Fonte: Jornal *A Voz da Raça*, nº 33, p. 4, mar. 1934<sup>57</sup>

<sup>57</sup> Disponível em: <biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-17031934/>.

Olimpio Moreira toca em um assunto sensível: a resistência de muitos professores e professoras em educar crianças e jovens negros. Havia uma predisposição ideológica em subestimar a capacidade intelectual delas, sobretudo dos meninos negros, que além de tidos como ineptos, eram considerados bagunceiros e brigões, “mini-homens negros” intrinsecamente degenerados (HOOKS, 2005). Com isso, o tratamento oferecido era, no mais das vezes, de desprezo e censura, dificilmente de incentivo. Ainda que houvesse muitos docentes negros nas primeiras décadas do século XX, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, ao longo do governo Vargas eles foram sendo substituídos, principalmente por mulheres brancas (DÁVILA, 2005). Em todo caso, com ou sem docentes negros, o usual, na imprensa negra, era uma crítica à forma como os estudantes negros eram tratados. Olimpio Moreira a faz, de início, invertendo os símbolos negativos que recaem nos negros atribuindo-lhes predicados favoráveis.

Inteligência e coragem são logo as duas primeiras virtudes selecionadas por Olimpio para desaprovar a postura discriminatória de professores, e caso não estivessem satisfeitos que deixassem a cadeira, “pois o governo paga aos mestres para ensinar as crianças e não para ensinar as crianças brancas”. No segundo parágrafo, o autor associa o ódio sobre o negro aos seus “muitos vultos que têm se destacado, tanto intelectual como no campo de batalha ou nos serviços de grande risco da vida”. Segundo o autor, o ressentimento consubstanciado no ódio dos brancos se daria por causa da capacidade intelectual e energia do negro, condensada em seus vultos (ver capítulo 3). É interessante a junção que o texto promove entre inteligência, força física e moral. A ausência desses elementos, na figura dos negros, provocado pelo preconceito e discriminação racial dos brancos, estaria prejudicando o desenvolvimento do Brasil pela “falta dos braços negros”.

É como se no texto de Olimpio a “fase viril”<sup>58</sup> (SILVA; FLORES, 2010) não fosse possível de ser concretizada sem a presença do negro, do trabalho do homem negro. Afinal de contas, “uma raça em pleno vigor da civilização” (sic) não poderia ser facilmente dispensada. Ademais, segundo o texto, ele seria o “verdadeiro brasileiro” e patriota, disposto aos sacrifícios necessários para o progresso da nação, “pronto para regar a terra com seu suor”. A questão do sacrifício aparece diversas vezes no *A Voz da Raça*, como podemos ver nesse e em capítulos passados, o que pode ser considerado como uma modalidade de provação da

---

<sup>58</sup> Essa expressão se relaciona com a ideia de “virilização da raça” tratada no capítulo 2. Mário Pinto Serva entende essa fase como “(...) positiva, construtiva, civilizadora pela posse da razão, da ciência do espírito prático e utilitário, do trabalho e da ordem (...)” (SILVA; FLORES, 2010, p. 83).

masculinidade, em que aquele que passou por isso teria seu prestígio como homem reafirmado, e por isso recompensado.

Ainda mais se levarmos em conta homens que têm um passado secular baseado no trabalho escravizado, essencialmente braçal, tanto é que a falta desses braços, segundo Olimpio, estaria levando o Brasil ao declínio. Então, há um esforço em enobrecer esse passado, com o objetivo de legitimar o trabalho do homem negro no pós-abolição. Assim, seu sacrifício é convertido em nobreza de caráter, e os riscos que ele passou seriam em nome da pátria, incrementando seu “capital viril” para a entrada em um mercado de trabalho em mudanças que ainda o via como degenerado. No entanto, para que essa valorização fosse eficaz se fazia imprescindível a educação, unindo os valores masculinos da fisicalidade e hombridade de espírito com os conhecimentos chancelados na conjuntura histórica para o exercício de um trabalho respeitável e seguro.

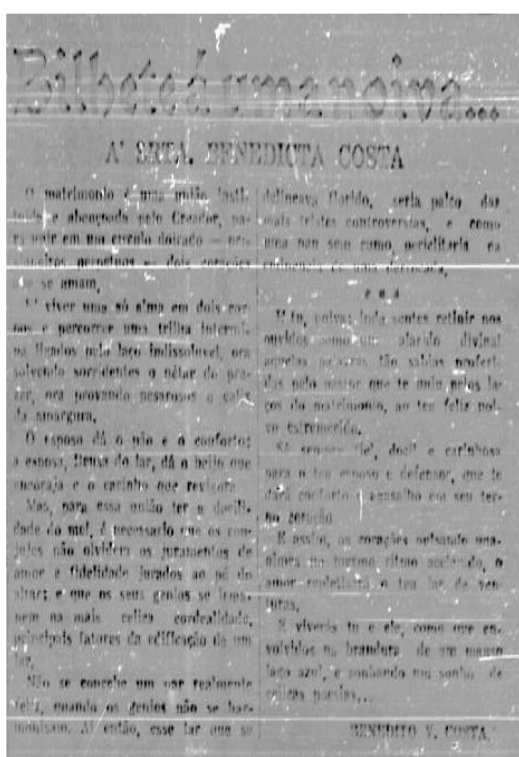
Olimpio marca que até o período de 1930 as circunstâncias eram mais difíceis. O exército, a força pública e o comércio não aceitavam “um homem de côr”. Francisco Lucrécio, sobre a proibição da entrada de negros na Guarda Civil de São Paulo, afirmou que esta não aceitavam negros, exigindo uma determinada altura para estes como pretexto: “E o diretor da força pública era Pedro Kafman, um alemão, de forma que aceitavam ali poloneses, húngaros, alemães, mas os negros eram preteridos” (BARBOSA, 2012, p. 57). Isso indica a acirrada disputa entre homens negros e brancos (brasileiros e imigrantes) por postos de trabalho. Se pensarmos a Guarda Civil como um espaço de homossociabilidade, que exerce autoridade frente a outros homens e mulheres, temos um embate marcadamente masculino e racializado por poder. Da articulação da Frente com Getúlio, foi possível que, em 1933, os negros fossem admitidos na Guarda Civil. Marcello Orlando Ribeiro, outro integrante da Frente, fala dessa entrada de negros nessa corporação:

Uma das grandes conquistas da Frente Negra foi ter conseguido essa inclusão de negros na Guarda Civil. Foi um fato muito interessante porque a Guarda Civil tinha um bom ordenado para a época, e como a sociedade paulista via a mulher negra somente como cozinheira, a entrada de negros na Guarda fez com que as negras passassem a ser donas de casa. Daí em diante as negras não iriam mais trabalhar como domésticas, obtendo um *status* social. Isso foi até publicado nos jornais da época, da grande imprensa. A partir dessa época, se concretizou o impacto, porque esses negros que trabalhavam na Guarda tiveram oportunidade de pôr seus filhos para estudar em escolas, colégios, e outros negros puderam construir sua casinha própria, ou adquirir uma propriedade. Realmente houve uma profunda mudança de *status* no ambiente negro da época (BARBOSA, 2012, p. 86, grifos do autor).

Observa-se a importância de obter um emprego com tudo aquilo que ele poderia proporcionar para as famílias negras: educação para os filhos, uma casa ou propriedade e a

possibilidade da mulher negra não se submeter aos humilhantes e desgastantes trabalhos domésticos em “casas de família”. Por isso o ganho de status ao ser dona de casa, em um ambiente social onde as mulheres negras, e das classes populares em geral trabalhavam, ser dona de casa era um privilégio das mulheres (brancas) das classes médias e altas. Essa visão de Ribeiro, que foi durante alguns anos da Guarda Civil, demarca, de maneira direta, na FNB e no período em geral, o papel idealizado do homem como trabalhador, provedor e pai de família, e da mulher como dona de casa, esposa e todas as atribuições que daí advêm. Um exemplo nesse sentido é o texto “Bilhete a uma noiva...”, de Benedito V. Costa, em que é delineado os deveres de homens e mulheres no casamento.

Figura 27- Bilhete á uma noiva...



**Bilhete á uma noiva...**

**Á SR.TA. BENEDICTA COSTA**

(...) O esposo dá o pão e o conforto; a esposa, Deusa do lar, dá o beijo que encoraja e o carinho que revigora.

(...) Sê sempre fiel, dócil e carinhosa para o teu esposo e defensor, que te dará conforto e agasalho com seu terno coração.

**BENEDITO V. COSTA**

Fonte: *Jornal A Voz da Raça*, nº 55, p. 3, jul. 1936<sup>59</sup>

Como é possível observar, as responsabilidades de ambos são bem demarcadas, o homem assumindo o papel de provedor, companheiro e protetor, e a mulher de esposa dedicada, amorosa e meiga. O homem ocuparia o espaço público, enquanto a mulher o espaço doméstico. Como já adiantado por Marcello Orlando Ribeiro, essa dinâmica é bastante complexa, pois ao mesmo tempo que havia a pretensão de reproduzir essa organização familiar pautada na masculinidade do homem branco de classe média, a experiência vivida

<sup>59</sup> Disponível em: <biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-071936/>.

por homens e mulheres negros pouco correspondiam a esse modelo. Na própria FNB havia o Departamento de Colocações Domésticas, “que funcionava como uma espécie de agência de emprego. Seu objetivo era conseguir serviços domésticos – cozinheira, passadeira, copeira e lavadeira – para as fretenegrinas” (DOMINGUES, 2007, p. 357). Assim, ao mesmo tempo em que havia as necessidades práticas do cotidiano, requerendo profissionalização e reivindicação de direitos por parte do trabalho das mulheres negras, esperava-se, por outro lado, fazer com que elas não precisassem trabalhar.

Florestan Fernandes (2008) frisa a importância das mulheres no provimento financeiro da família negra, pois, segundo o sociólogo, a mulher negra teria encontrado maior facilidade de inserção no mercado de trabalho livre, como *serviçal doméstica*, devido às relações paternalistas “herdadas” do sistema escravocrata e por ser um tipo de trabalho que não teria encontrado uma competição tão acirrada com a imigração, relegando o homem negro à dependência e ociosidade deliberada (FERNANDES, 2008). Em suas palavras:

O trabalho ocasional e o ganho esporádico conduziam os homens a um estado tal de dependência e de penúria, que as mulheres se converteram no seu principal expediente na “luta pela vida” (...) Muitos homens se entregaram, assim, à ociosidade permanente e descobriram, no convívio com outros homens da mesma condição, um ótimo passatempo. As reuniões em pequenos grupos, pelas esquinas, e principalmente a concentração em botequins fizeram desse passatempo algo mais atrativo, do ponto de vista seja das relações de camaradagem, seja do prazer que se poderia retirar dessa rotina. A contrapartida moral dessa situação de dependência aparecia na desmoralização crescente do negro, primeiro no seu próprio estilo de vida, depois na consideração aberta dos brancos (FERNANDES, 2008, p. 97).

Mesmo que essa passagem se insira na lógica da suposta anomia social da família negra, muito criticada por autores já citados anteriormente, ela nos apresenta dois pontos pertinentes para o nosso debate: 1) a *vilanização* da masculinidade do homem negro, no sentido de colocá-la como indolente e exploradora do trabalho da mulher negra; e 2) as poucas oportunidades de trabalho oferecidas para os homens negros. Isso, claro, não quer dizer que esse tipo de fenômeno, do qual Fernandes nos apresenta não possuísse respaldo na realidade da época. Aristides Barbosa, ex-integrante da Frente Negra, faz a seguinte declaração em uma entrevista dada a Márcio Barbosa: “Você vê: na década de 30 nós estávamos numa atmosfera de senzala. Lá na Bela Vista, por exemplo, se você chegasse à tarde, num dia de semana, encontrava homens negros nos bares, desempregados, enquanto as mulheres é que trabalhavam” (BARBOSA, 1998, p. 36). Não é nosso objetivo discutir a abrangência desse fenômeno, nem esmiuçar a maneira como homens e mulheres lidavam com isso. O que se pode afirmar com significativo grau de certeza é que isso rebaixava o status

social dos homens negros, porque o ócio, forçado ou deliberado, era visto como algo vergonhoso por grande parte da sociedade:

(...) o ocioso é um perverso, um viciado que representa uma ameaça à moral e aos bons costumes. Um indivíduo ocioso é um indivíduo sem educação moral, pois não tem noção de responsabilidade, não possui respeito pela propriedade. Sendo assim, a ociosidade é um estado de depravação de costumes que acaba levando o indivíduo a cometer verdadeiros crimes contra a propriedade e a segurança individual (CHALHOUB, 2012, p. 75).

Em vista disso, o ócio é um modo de desmoralizar o homem negro, mas também de emasculá-lo. Por outro lado, para as mulheres negras, o trabalho precarizado também não seria uma porta de entrada para o prestígio social, nem a desqualificação dos homens de seu grupo racial. Porém, matizando esse comentário sobre as mulheres, Chalhoub acreditava que o trabalho remunerado da mulher pobre (e negra) lhe rendia certa independência financeira, o que lhe proporcionaria maiores condições de autonomia e equidade com seus parceiros afetivos. Com efeito, “o modelo dominante da mulher frágil, passiva e economicamente dependente do macho não dá conta da realidade em questão” (CHALHOUB, 2012, p. 207).

Por fim, o texto *Por acaso*, de Aristides Teixeira, revela a, muitas vezes, tensa relação entre os fretenegrinos e homens negros de fora do movimento, sobretudo em torno das questões morais. Aristides não condena o divertimento, mas procura adequá-lo aos anseios da ascensão social e do trabalho em prol dos negros feito pela Frente.



Figura 28 - Por acaso

**Por acaso**

Aristides Teixeira.

Todos os negros têm por de negrinhas convencidas, que pen-  
sar ser Frentenegrino.  
Porque?  
É muito natural que o negro  
se dedique ao divertimento, mas  
é preciso que ele lembre-se que  
é necessário obter uma posição  
social.  
Mas para obter essa posição  
é preciso que ele seja Frentene-  
grino.  
Relembrando um fato que ha-  
dia se deu comigo.  
Proximo a rua do Paraizo en-  
contrei-me com varios patricios  
que não se lembram de outra  
coisa senão do baile.  
Estive em ligeira palestra  
até que chegamos ao ponto de  
falar da Frente Negra brasilei-  
ra.  
Expliquei-lhes por um meio  
pratico, o que de fato é a Frente  
Negra Brasileira, e após me-  
sistirem responderam:  
— “Porque ei de ser socio da  
Frente, pagar dois mil réis para  
não ter divertimento nenhum, e  
mais a mais na Frente Negra  
existe um bloco de negrinhas.”

Inisti por outro meio expri-  
dolhes que estavam enganados,  
mas foi em vão.  
Estes negros a quem me refi-  
ro são uns pobres inexperientes,  
que além de falta de cultivo, es-  
tão entregues a ignorancia.  
É este o meu maior aborreci-  
mento por uns homens fortes,  
que poderiam auxiliar-nos em  
nossas lutas entregues aos vícios  
e aos bailes, não querendo seguir  
um caminho reto e seguro, que  
nos Frentenegrinos seguimos.  
Esta é uma das partes do meu  
programa.  
No mesmo dia estes mesmos  
patricios me convidaram para  
assistir um baile que se realizo-  
va numa travessa ali em frente,  
ao chegar a porta do referido  
baile, notei que se tratava de  
uma sociedade de bom gosto, so-  
ciedade.  
Para não contrariar os patri-  
cios entrei na referida socieda-  
de, onde fui encontrar diversos  
negros que podiam estar ao nos-  
so lado trabalhando para a de-  
fesa da raça, entregues aos pra-  
zeres da dança, e do alcool, foi  
por isso bem pessima a minha  
impressão com a tal sociedade.  
Notei pois meus caros, tri-  
bunas Frentenegrinos, em que si-  
tução se acham os outros nos-  
sos irmãos de raça, atualmente  
afastado de um movimento  
social e que ainda não tiveram  
tempo para pensar no futuro, e  
pensam que é por aquilo que  
não espelhamos que deviam seguir.  
Progo pois para os meus patri-  
cios e irmãos de raça, que que-  
rem fazer parte do nosso movi-  
mento, que vivem perdidos  
num charco de ignorancia, não  
que mais tarde possam com-  
preender, que também não ha-  
vem ignorancia a nós, e que poderiam  
tambem colaborar para a gra-  
ndeza de nossa raça.

**MEDICINA VEGET**

LABORATORIO VEGETARIANO

EXIJAM ESTA MARCA

Distribuição gratuita em  
da Medicina Vegetal, que encor-  
ta a saúde e a felicidade e a vida.

### Por acaso

Aristides Teixeira

(...) É muito natural que o negro se dedique ao divertimento, mas é preciso que ele lembre-se que é necessário obter uma posição social.

Mas para obter essa posição é preciso que ele seja Frentenegrino. (...)

Próximo a rua do Paraizo encontrei-me com varios patricios que não se lembram de outra coisa senão do baile. (...)

Expliquei-lhes por um meio pratico, o que de fato é a Frente Negra Brasileira, e após me ouvirem responderam:

“Por que ei de ser socio da Frente, pagar dois mil réis para não ter divertimento nenhum, e mais a mais na Frente Negra existe um bloco de negrinhos e negrinhas convencidos, que pensam que são mais do que nós.” (...)

É este o meu maior aborrecimento ver uns homens fortes que poderiam auxiliar-nos em nossas lutas entregues aos vícios e aos bailes, não querendo seguir um caminho reto e seguro, que nós Frentenegrinos seguimos.

(...) Estes negros a quem me refiro são uns pobres inexperientes que além de falta de cultivo, estão entregues á ignorancia.

(...) Para não contrariar os patricios entrei na referida sociedade, onde fui encontrar diversos negros que podiam estar ao nosso lado trabalhando para a defesa da raça, entregues aos prazeres da dança, e do alcool, foi por isso bem pessima a minha impressão com a tal sociedade.

Fonte: *Jornal A Voz da Raça*, nº 47, p. 4, ago.1935<sup>60</sup>

Para ilustrar seu argumento, Aristides conta uma situação que viveu recentemente, em que alguns patricios que só falavam sobre bailes são confrontados com a opção de fazerem parte dos quadros de sócios da FNB. Porém, há um questionamento a respeito disso por um deles: “Por que ei de ser sócio da Frente, pagar dois mil réis para não ter divertimento nenhum, e mais a mais na Frente Negra existe um bloco de negrinhos e negrinhas convencidos, que pensam que são mais do que nós”. Quem seriam o nós? Aqueles que não fazem parte da Frente Negra? Que gostam de baile? Que não querem ascender socialmente? Que compõem a maioria dos trabalhadores negros? Que não comungam dos mesmos valores de “ascetismo” do movimento? Aristides mesmo responde: “Estes negros a quem me refiro são uns pobres inexperientes que além de falta de cultivo, estão entregues á ignorancia”.

<sup>60</sup> Disponível em: <[biton.uspnet.usp.br/imprensaneagra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-31081935/](http://biton.uspnet.usp.br/imprensaneagra/index.php/a-voz-da-raca/a-voz-da-raca-31081935/)>.

Insultos de parte a parte, uns convencidos, outros ignorantes. Aristides ainda lamenta a situação de “homens fortes que poderiam auxiliar-nos em nossas lutas, entregues aos vícios e aos bailes, não querendo seguir um caminho reto e seguro, que nós Frentenegrinos seguimos”. Nesse fragmento está bem demarcado as distinções entre os dois grupos de homens, hierarquicamente separados por códigos morais. Os frentenegrinos imbuídos de virtudes, os patrícios imersos na devassidão. Aristides segue a narrativa contando que aceitou o convite para ir a um baile com eles, e sua impressão fora péssima, porque chegando lá encontrou “diversos negros que podiam estar ao nosso lado trabalhando para a defesa da raça, entregues aos prazeres da dança e do álcool”.

Em síntese, havia uma disputa entre associações dançantes (PINTO, 2013; BASTIDE, 1983) e a FNB, que se colocava como uma associação que transcendia o mero divertimento, pois trabalhava para a “elevação da raça negra”. Os frentenegrinos se colocavam como modelo de virtude, calcado no que Roger Bastide define como puritanismo: “Numa palavra, é preciso criar um meio digno, respeitoso, sério, de trabalho e de honestidade, de boas maneiras e de linguagem decente” (BASTIDE, 1983, p. 152). De outra parte, muitos da “massa negra” viam os frentenegrinos como presunçosos e esnobes que menosprezavam seus modos de ser e de viver. Existiriam dois perfis conflitantes de masculinidade no excerto, para os homens negros da FNB, uma austera, porém moralmente ostentosa, depreendida de um ideal burguês que buscava provar seus valores superiores. E outra, mais ruidosa e vulgar, ligada aos padrões de comportamento das classes populares, em que a boêmia e a bebida alcoólica teriam seu papel nas comemorações, ritos de passagem e provações de resistência (PILLON, 2013). Em uma perspectiva mais ampla, percebemos que o caráter moralizador da Frente estava em sintonia com um projeto de regeneração moral dos trabalhadores negros com a finalidade de transformá-los em bons cidadãos, amando o trabalho, a família e sua raça.

Em suma, as dinâmicas entre educação e trabalho prefiguram no *A Voz da Raça* uma masculinidade que procurava condensar a formação educacional às qualidades viris, atenta às propriedades morais e físicas estimadas naquele momento histórico, e que tinham nas condições sociais de homens e mulheres negros seu substrato. O estado de penúria e privações no qual estavam imersos, como vimos, era uma realidade muito presente no *A Voz da Raça*. O intuito era construir condições comportamentais, educacionais e profissionais para uma melhor inserção no disputado mercado de trabalho. Na FNB, o trabalho parecia ter uma função pragmática, no sentido do aperfeiçoamento moral de vida dos homens negros, e simultaneamente a respeitabilidade ao possibilitar o acesso aos bens simbólicos valorizados à época, além de se desvincularem das estereotípias de vadiagem, o que, para a Frente,

favoreceria sua condição de trabalhador. Com isso, segundo a FNB, a tão sonhada cidadania, e a consequente integração e equiparação com os brancos, poderia ser alcançada.

Quanto às mulheres negras, as expectativas estavam de acordo com as concepções dominantes de gênero da época. Apesar de elas ajudarem ou arcarem, muitas das vezes, sozinhas, com as despesas dos lares das famílias negras, e de serem bastante atuantes na FNB, a perspectiva adotada pelos homens negros do movimento, e por elas próprias, era da primazia dos papéis de mães e esposas. A sua educação e formação profissional eram voltadas em alguma medida para o trabalho no espaço público, mas, principalmente, para contribuir na construção das futuras gerações (filhos) e no suporte às atividades do marido.

## 5.2 Masculinidade, educação e trabalho no *Quilombo*

O debate da educação no *Quilombo* surge em um contexto um pouco diferente do *A Voz da Raça*. A expansão da educação pública e as reformas empreendidas pelo governo de Getúlio Vargas buscavam a inclusão de brasileiros não brancos e pobres, tendo como ideologia subjacente a ideia de “aperfeiçoar a raça” – criar uma ‘raça brasileira’ saudável, culturalmente europeia, em boa forma física e nacionalista” (DÁVILA, 2006, p. 21, grifos do autor). Esse “projeto”, em fins da década de 40, já estava bem avançado em comparação com meados da década de 30.

O Rio de Janeiro, então capital federal, serviu de modelo para o país quanto às políticas educacionais criadas pelos pioneiros da educação no Brasil, que, do ponto de vista racial, se sustentavam em uma visão binária entre brancura, significando ciência, mérito e modernidade, e negritude, expressando criminalidade, primitivismo e falta de saúde. Desse modo, apesar das mudanças de inserção dos negros na educação em geral, o currículo e a visão de uma nação racialmente mista, porém carente da “brancura vitalizante” (DÁVILA, 2006) continuava praticamente intacta. Não é sem razão que, segundo Abdias, dois objetivos do TEN eram:

- a) Resgatar os valores da cultura africana, marginalizados por preconceitos à mera condição folclórica, pitorescas e insignificantes; b) através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tentar educar a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão etnocentrista de se auto considerar superiormente européia, cristã, branca, latina, ocidental. (NASCIMENTO, 1978, p. 187-188).

Além do mais, mesmo com a expansão da educação, no primeiro número do *Quilombo*, ao enumerar o programa do TEN, encontramos a reivindicação para que os estudantes negros sejam incorporados, com subsídio estatal, nas escolas particulares em todos os graus, enquanto a escola pública não for capaz de absorvê-los (QUILOMBO, nº1, p. 1). Assim como a FNB, o TEN também ofereceu cursos de alfabetização e profissionalização para a formação de pessoas negras.

No primeiro texto dessa seção, é entrevistado um homem negro chamado Abelardo Santana, de São Paulo, que faz uma crítica a respeito da postura do negro, em particular do homem negro, frente à sociedade brasileira, que, no seu entendimento, estaria impedindo seu avanço socioeconômico.

Figura 29 – São Paulo

**SÃO PAULO**

O pernambucano Abelardo Santana vive há anos em São Paulo. É fiscal no ponto de automóveis da Praça da Liberdade e tem uma banca de livros usados, jornais e revistas ao lado da famosa Capela dos Enforcados. "A Época", em 29 de janeiro último achou de entrevistá-lo. E o negro não se fez de rogado. Falou muito acertadamente sobre o papel do negro na formação material e espiritual do Brasil, criticou os pontos fracos de seus patrícios de cor — No dia em que os negros deixarem de ser apenas trabalhadores do pesado e boemios; no dia em que houver possibilidades para os patrícios de Henrique Dias ingressarem nas escolas, da primária à superior, sem constrangimentos; no dia em que meus irmãos de raça seguirem o exemplo da formiga ou dos imigrantes europeus que trabalham e poupam no verão para não perecer no inverno, nesse dia o Brasil terá em mãos um material humano muitas vezes superior ao importado de alem-mar. Porque o negro, além de possuidor de uma resistência impressionante para o trabalho, quando bem preparado e educado tecnicamente, é tão capaz e aproveitável quanto o europeu."

#### São Paulo

O pernambucano Abelardo Santana vive há anos em São Paulo. É fiscal no ponto de automóveis da Praça da Liberdade e tem uma banca de livros usados, jornais e revistas ao lado da famosa Capela dos Enforcados. (...) No dia em que os negros deixarem de ser apenas trabalhadores do pesado e boemios; no dia em que houver possibilidades para os patrícios de Henrique Dias ingressarem nas escolas, da primária à superior, sem constrangimentos; no dia em que meus irmãos de raça seguirem o exemplo da formiga ou dos imigrantes europeus que trabalham e poupam no verão para não perecer no inverno, nesse dia o Brasil terá em mãos um material humano muitas vezes superior ao importado de alem-mar. Porque o negro, além de possuidor de uma resistência impressionante para o trabalho, quando bem preparado e educado tecnicamente, é tão capaz e aproveitável quanto o europeu.

Fonte: Jornal *Quilombo*, nº 2, p. 3, jan.1949<sup>61</sup>

Segundo Abelardo Santana, a concentração dos homens negros como “trabalhadores do pesado” seria um problema, pois essa leitura tende a assinalar certo rancor e aversão a esse tipo de trabalho, pelo próprio histórico de escravidão com a execução de trabalhos braçais

<sup>61</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-02/>>.

degradantes e extenuantes, ainda que diversas outras atividades também fossem feitas. E porque no pós-abolição, o “trabalho de negro” (DOMINGUES, 2004) era quase invariavelmente associado ao trabalho físico mal remunerado, pouco qualificado e ultrajante.

O ponto de vista do entrevistado, ao demandar uma mudança de postura do homem negro, acaba tensionando o estereótipo muito comum do intrinsecamente apto a trabalhos físicos, visto que sua própria constituição corporal seria supostamente mais resistente e robusta, e, por conseguinte, mais adequada para tais trabalhos. O que, por sua vez, estaria relacionado com o seu “tipo racial” (STAUDT; et al, 2018). Esse ganho de propriedades corporais implicava na perda de faculdades intelectuais e na obtenção de fragilidades morais, compondo uma masculinidade “patológica, viciosa e degenerada” (STAUDT; et al, 2018, p. 490).

Esse tipo de olhar, da degenerescência quase atávica, é tão arraigado que logo em seguida Abelardo Santana fala da boêmia como outro obstáculo para a ascensão dos negros, mostrando que, assim como no *A Voz da Raça*, nesse trecho aparece também essa preocupação. Entretanto, é preciso fazer uma diferenciação importante, no *Quilombo*, de forma geral, essa preocupação é residual, não há no jornal uma dedicação ao assunto dos vícios, sobretudo daqueles relacionados à boemia e ao alcoolismo. Ao que tudo indica, o periódico do TEN estava mais interessado em destacar os aspectos positivos dos negros, suas aspirações e conquistas.

Em todo caso, ao mesmo tempo em que há essa relação perniciosa entre dotes físicos e moralidade, não se pode perder de vista que a figura do trabalhador braçal, muitas vezes, é associada aos atributos mais notórios da virilidade: “potência física e determinação moral” (PIGENET, 2012, p. 250). Isso significa que se, por um lado, há esse enquadramento simbólico do trabalho braçal como bruto e vulgar, por outro, as características mais frequentemente associadas ao sexo masculino como: vigor, força, energia, resistência etc. também podem e são vinculadas a esses trabalhadores. Isso aparece no fim da entrevista quando Santana diz: “Porque o negro além de uma resistência impressionante para o trabalho, quando bem preparado e educado tecnicamente, é tão capaz e aproveitável quanto o europeu”.

Pode-se constatar que o homem negro é visto como naturalmente resistente, pelos motivos acima colocados, mas que para fazer frente ao imigrante deveria ser “preparado e educado tecnicamente”, o que, como colocado alguns trechos acima, poderia significar passar pela escola “primária à superior, sem constrangimentos”. Assim, não bastaria a “positivação do estereótipo”, transformando-o em uma virtude viril, para se afirmar como trabalhador competitivo, mas, seria imperativo o aperfeiçoamento intelectual, através da educação, algo já

presente no *A Voz da Raça*, e que no *Quilombo* ganharia amplitude, uma vez que o curso técnico superior e as portas que poderiam se abrir com essa formação ganham maior materialidade, como poderemos ver mais à frente.

Aliado a isso, uma passagem anterior no texto chama a atenção, porque afirma que os negros deveriam seguir o exemplo “(...) da formiga ou dos imigrantes europeus que trabalham e poupam no verão para não perecer no inverno, nesse dia o Brasil terá em mãos um material humano muitas vezes superior ao importado de alem-mar”.

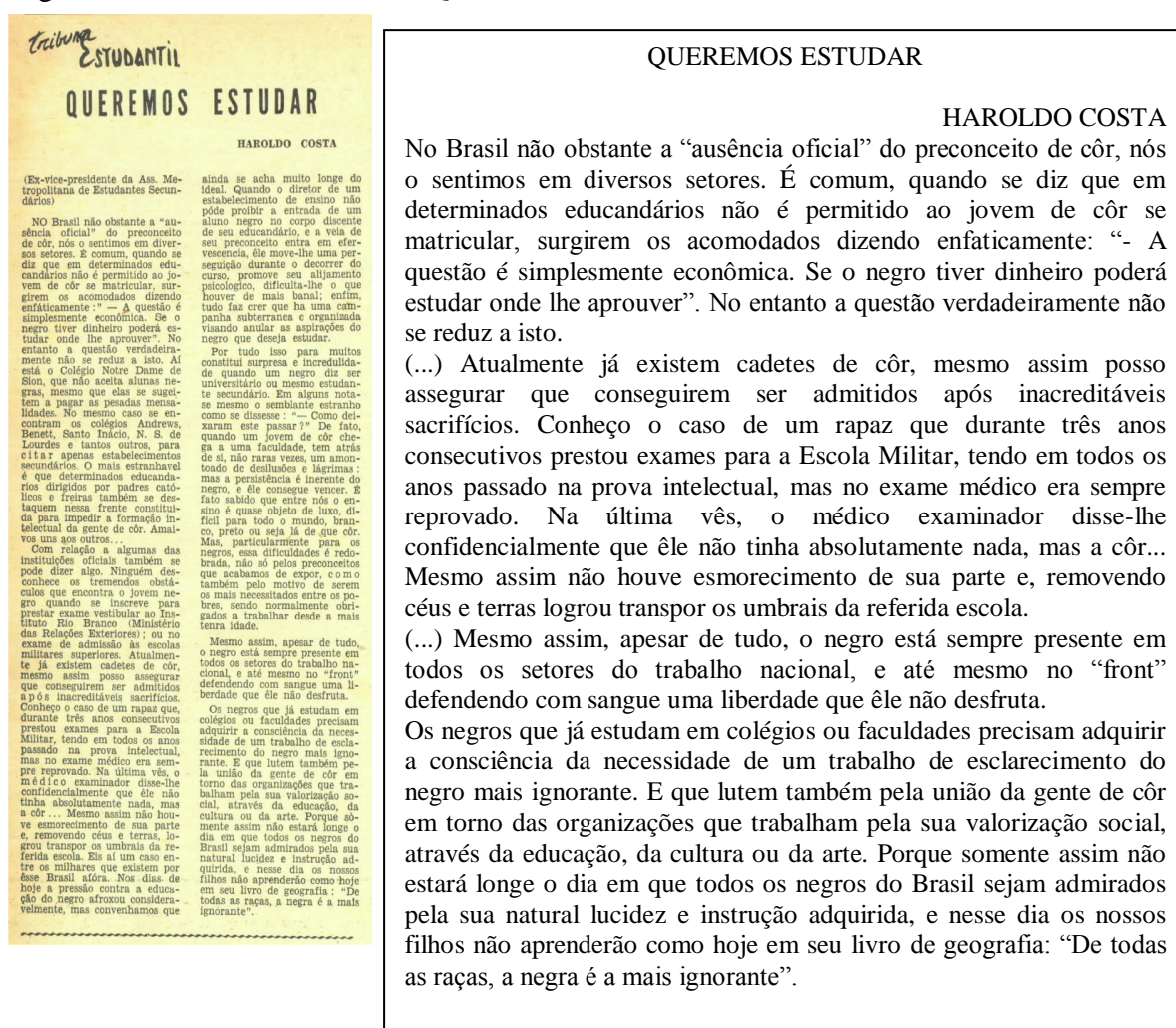
Por esse ângulo, o trecho sugere que os imigrantes possuiriam uma “mentalidade moderna, racional e estratégica” (PAIXÃO, 2014, p. 310). Uma “racionalidade de poupança”, que utilizaria a habilidade e experiência de gerenciar custos e investimentos, para com isso prosperar. Detendo esse tipo de mentalidade, junto a uma formação técnica, o homem negro, teoricamente, já superior fisicamente ao homem branco, ganharia na disputa no mercado de trabalho, porque não dispersaria seus poucos recursos, provavelmente com a boemia. São passagens interessantes, posto que jogam com as *ambivalências* dos estereótipos vigentes. Hall (2016) nos alerta para essa dinâmica em que um estereótipo é usado para combater outro, o que, entretanto, reforçaria o primeiro. Ou melhor, ao integrar o homem negro “hipermasculino” no discurso, com o intuito de ganhar uma vantagem competitiva em relação aos imigrantes europeus, é, quase obrigatório, não só reafirmar, em algum nível, sua potencial agressividade, como aceitar a superioridade racional-técnica deste, e, portanto, seu próprio déficit de racionalidade, mesmo que construído socialmente.

A busca por educação se torna, então, uma obsessão desses periódicos (com suas diferenças, claro), dentre outras razões, porque a hipotética superioridade física do homem negro não lhe conferiu acesso aos setores privilegiados do mercado de trabalho urbano, pelo contrário, os confinaram nos *trabalhos de negros*, como já colocado. Simultaneamente, o descarte da potência física (mesmo a estereotipada) não é algo fácil, ou mesmo, desejável de se fazer, porque seria também um traço da masculinidade atrelada à noção de virilidade. Ainda assim, o *Quilombo* o faz com maior desenvoltura do que *A Voz da Raça*, neste a identidade dos trabalhadores negros, com os quais a FNB lidava, ainda estava muito atrelada aos ofícios manuais pouco especializados, e, portanto, mais propícios à valorização da masculinidade viril. No primeiro, o nível da educação retratada e o tipo de trabalho almejado e/ou exercido, como será demonstrado, tendem a ser mais intelectualizados, logo a virilidade seria depurada pelo refinamento dos valores e comportamentos.

Evidente que isso não pode ser considerado uma regra, mas sim uma “moldura argumentativa” na qual ao mesmo tempo em que o material empírico o fundamenta também o

relativiza, não só quanto aos principais intelectuais de ambos os periódicos, como Arlindo Veiga dos Santos e Abdias do Nascimento, que utilizam uma retórica, muitas vezes viril, para ilustrar suas ideias, mas também quando é marcada a trajetória dos homens negros para obter um melhor emprego e/ou educação. Essas ambiguidades podem ser verificadas nos próximos três fragmentos, o primeiro referente ao texto de Haroldo Costa sob o título *Queremos estudar*, do *Quilombo* nº 1, no qual a problemática central são as dificuldades que a discriminação racial provoca para a entrada e permanência do negro nas escolas, sejam elas, públicas, privadas, cristãs ou militares.<sup>62</sup>

Figura 30- Tribuna Estudantil – Queremos Estudar



**QUEREMOS ESTUDAR**

**HAROLDO COSTA**

No Brasil não obstante a “ausência oficial” do preconceito de côr, nós o sentimos em diversos setores. É comum, quando se diz que em determinados educandários não é permitido ao jovem de côr se matricular, surgirem os acomodados dizendo enfaticamente: “- A questão é simplesmente econômica. Se o negro tiver dinheiro poderá estudar onde lhe aprouver”. No entanto a questão verdadeiramente não se reduz a isto. Al está o Colégio Notre Dame de Sion, que não aceita alunas negras, mesmo que elas se sujeitem a pagar as pesadas mensalidades. No mesmo caso se encontram os colégios Andrews, Bennett, Santo Inácio, N. S. de Lourdes e tantos outros, para citar apenas estabelecimentos secundários. O mais estranhável é que determinados educandários dirigidos por padres católicos e freiras também se desqualifiquem nessa frente constituída para impedir a formação intelectual da gente de côr. Anais-voe uns aos outros...

Com relação a algumas das instituições citadas também se pode dizer algo. Ninguém desconhece os tremendos obstáculos que encontra o jovem negro quando se inscreve para prestar exame vestibular ao Instituto Rio Branco (Ministério das Relações Exteriores); ou no exame de admissão as escolas militares superiores. Atualmente já existem cadetes de côr, mesmo assim posso assegurar que conseguem ser admitidos após inacreditáveis sacrifícios. Conheço o caso de um rapaz que, durante três anos consecutivos prestou exames para a Escola Militar, tendo em todos os anos passado na prova intelectual, mas no exame médico era sempre reprovado. Na última vez, o médico examinador disse-lhe confidencialmente que ele não tinha absolutamente nada, mas a côr... Mesmo assim não houve esmorecimento de sua parte e, removendo céu e terras, logrou transportar os umbrais da referida escola. Eis aí um caso entre os milhares que existem por esse Brasil afora. Nos dias de hoje a pressão contra a educação do negro atroxou consideravelmente, mas convenhamos que

ainda se acha muito longe do ideal. Quando o diretor de um estabelecimento de ensino não pôde proibir a entrada de um aluno negro no corpo discente de seu educandário, e a veia de seu preconceito entra em efervescência, ele move-lhe uma perseguição durante o decorrer do curso, promove seu alijamento psicológico, dificulta-lhe o que houver de mais banal; enfim, tudo faz crer que há uma campanha subterrânea e organizada visando anular as aspirações do negro que deseja estudar.

Por tudo isso para muitos constitui surpresa e incredulidade quando um negro diz ser universitário ou mesmo estudante secundário. Em alguns nota-se mesmo o semblante estranho como se dissesse: “- Como deixaram este passar?” De fato, quando um jovem de côr chega a uma faculdade, tem atrás de si, não raras vezes, um amontoado de desilusão e lágrimas; mas a persistência é inerente do negro, e ele consegue vencer. É fato sabido que entre nós o ensino é quase objeto de luxo, difícil para todo o mundo, branco, preto ou seja lá de que côr. Mas, particularmente para os negros, essa dificuldade é redobrada, não só pelos preconceitos que acabamos de expor, e o também pelo motivo de serem os mais necessitados entre os pobres, sendo normalmente obrigados a trabalhar desde a mais tenra idade.

Mesmo assim, apesar de tudo, o negro está sempre presente em todos os setores do trabalho nacional, e até mesmo no “front” defendendo com sangue uma liberdade que ele não desfruta.

Os negros que já estudam em colégios ou faculdades precisam adquirir a consciência da necessidade de um trabalho de esclarecimento do negro mais ignorante. E que lutem também pela união da gente de côr em torno das organizações que trabalham pela sua valorização social, através da educação, da cultura ou da arte. Porque somente assim não estará longe o dia em que todos os negros do Brasil sejam admirados pela sua natural lucidez e instrução adquirida, e nesse dia os nossos filhos não aprenderão como hoje em seu livro de geografia: “De todas as raças, a negra é a mais ignorante”.

(...) Atualmente já existem cadetes de côr, mesmo assim posso assegurar que conseguem ser admitidos após inacreditáveis sacrifícios. Conheço o caso de um rapaz que durante três anos consecutivos prestou exames para a Escola Militar, tendo em todos os anos passado na prova intelectual, mas no exame médico era sempre reprovado. Na última vez, o médico examinador disse-lhe confidencialmente que ele não tinha absolutamente nada, mas a côr... Mesmo assim não houve esmorecimento de sua parte e, removendo céu e terras logrou transportar os umbrais da referida escola.

(...) Mesmo assim, apesar de tudo, o negro está sempre presente em todos os setores do trabalho nacional, e até mesmo no “front” defendendo com sangue uma liberdade que ele não desfruta.

Os negros que já estudam em colégios ou faculdades precisam adquirir a consciência da necessidade de um trabalho de esclarecimento do negro mais ignorante. E que lutem também pela união da gente de côr em torno das organizações que trabalham pela sua valorização social, através da educação, da cultura ou da arte. Porque somente assim não estará longe o dia em que todos os negros do Brasil sejam admirados pela sua natural lucidez e instrução adquirida, e nesse dia os nossos filhos não aprenderão como hoje em seu livro de geografia: “De todas as raças, a negra é a mais ignorante”.

Fonte: Jornal *Quilombo* nº 1, p. 4, dez. 1948<sup>63</sup>

<sup>62</sup> No caso do jovem do texto, é também uma questão de trabalho, porque o soldado era remunerado. Além da estabilidade status e segurança que este trabalho daria.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>>.

Para demonstrar os percalços, Costa usa um jovem que “durante três anos consecutivos prestou exames para a Escola Militar tendo em todos os anos passado na prova intelectual, mas no exame médico era sempre reprovado”. Essas reprovações foram confidenciais pelo médico como uma questão de “côr”. “Mesmo assim não houve esmorecimento de sua parte e, removendo céus e terras, logrou transpor os umbrais da referida escola”.<sup>64</sup> Mais uma vez, a determinação é a qualidade destacada para o enfrentamento do racismo, que tem no jovem negro, aspirante à militar, não por acaso uma instituição masculina por excelência, seu representante. Independente de todos os obstáculos colocados diante do negro que quer estudar, ele “(...) está sempre presente em todos os setores do trabalho nacional, e até mesmo no ‘front’ defendendo com sangue uma liberdade que êle não desfruta”.

Percebemos o empenho de Costa em colocar o negro como o trabalhador exemplar, que a despeito de toda discriminação, com sua versatilidade, determinação e sacrifício, características que também aparecem no *A Voz da Raça*, não se resignaria diante das dificuldades. Um diferencial aparece no último parágrafo, no qual “Os negros que já estudam em colégios ou faculdades precisam adquirir a consciência da necessidade de um trabalho de esclarecimento do negro mais ignorante”. Ou seja, a despeito das dificuldades, os negros formalmente educados surgem aqui como algo mais comum que no periódico da Frente, uma classe diferenciada de homens instruídos com potencial para “iluminar” os incultos, papel este parecido com a pequena elite intelectual da FNB.

No próximo trecho, *Vida Trabalhista*, de Mauro de Carvalho, é apresentado um rol de homens negros que trabalhavam no Banco do Brasil em cargos administrativos de destaque. O autor salienta a falta de unidade dos homens de côr brasileiros, e que, por isso, os esforços individuais seriam providenciais para sua ascensão. “É um contingente poderoso, com integral capacidade de trabalho”, referindo-se aos homens que galgaram a cargos importantes no mencionado banco. Reafirmando, com isso, uma ética do trabalho, em que parte dos homens negros estaria plenamente adaptada, distinguindo-se de seus pares como arrolado no primeiro parágrafo.

Esses homens, para Mauro de Carvalho, seriam exemplos a serem seguidos “(...) porque bem sabemos a que reservas de energia precisaram recorrer, para galgarem à posição que ostentam contra ‘a linha de cor’ em que os situa a política de bastidores do banco.” Ao longo dos capítulos, vimos em diversas passagens do *Quilombo* e do *A Voz da Raça*

---

<sup>64</sup> Esse exemplo dialoga com aquele da Guarda Civil no *A Voz da Raça*, em que os homens negros eram barrados com a justificativa da altura.



referências à energia, que poderia ser resumida ao vigor físico, moral e intelectual necessário para alcançar determinado objetivo. E que negros precisariam ter uma reserva de energia maior devido ao preconceito de cor e as barreiras artificiais advindas dele. Por isso, as recorrentes menções à vitalidade dos homens negros para enfrentarem essas adversidades, algo que inclusive irá espalhar-se como uma característica também importante para as mulheres negras.

Figura 31 – Vida trabalhista

**VIDA TRABALHISTA**  
MAURO DE CARVALHO

AINDA não há, entre os homens de cor brasileiros, a necessária unidade de vistas, capaz de suavizar a luta individual. Apesar dessa dispersão de energias, repontam a cada instante, aqui e ali, valores indiscutíveis, providos de um curtimento profissional que os distingue do seus pares.



Saul Gonçalves

Assim, por exemplo, o Banco do Brasil também tem os seus pretos e mestiços. Além da multidão de modestos servidores de portaria e quadros anexos, que concorrem para a prosperidade da nossa principal casa de crédito, não pouco são os postos de influência administrativa daquele banco ocupados por herdeiros de sangue africano.

É um contingente poderoso, com integral capacidade de trabalho. Homens que representam para a causa dos negros brasileiros um magnífico estímulo, porque bem sabemos a que reservas de energia precisaram recorrer, para galgarem à posição que ostentam, contra a “linha de cor” em que os situa a política de bastidores do banco.

Francisco Prado, destacado auxiliar da carteira de Câmbio, Ernani Esmeraldo, matemático e figura preeminente da agência de Nova Iguaçu, Jacques de Oliveira Rocha, gerente no norte, Elso Eiras, fiscal de bancos, Murilo Pedreira, de Londrina, Saul Gonçalves, da agência do Meyer, e um não mais acabar de tantos outros, são homens que sobre merecerem nossa admiração, conseguem levar ao extremo a prova de capacidade, como integrantes da elite negra do país, pelo que psicológica e inofismavelmente realizam no sentido de remover um estado de coisas que só se mantém por culpa de espíritos divorciados da realidade brasileira.

Só lhes desejamos, portanto, que não deixem quedar o seu ânimo combativo, para que possamos abreviar, sempre mais, a cristalização do treze de maio...

### VIDA TRABALHISTA

Mauro de Carvalho

AINDA não há, entre os homens de cor brasileiros, a necessária unidade de vistas, capaz de suavizar a luta individual. Apesar dessa dispersão de energias, repontam a cada instante, aqui e ali, valores indiscutíveis, providos de um curtimento profissional que os distingue do (sic) seus pares.

Assim, por exemplo, o Banco do Brasil também tem os seus pretos e mestiços. Além da multidão de modestos servidores de portaria e quadros anexos, que concorrem para a prosperidade da nossa principal casa de crédito, não pouco são os postos de influência administrativa daquele banco ocupados por herdeiros de sangue africano.

É um contingente poderoso, com integral capacidade de trabalho. Homens que representam para a causa dos negros brasileiros um magnífico estímulo, porque bem sabemos a que reservas de energia precisaram recorrer, para galgarem à posição que ostentam, contra a “linha de cor” em que os situa a política de bastidores do banco.

Francisco Prado, destacado auxiliar da carteira de Câmbio, Ernani Esmeraldo, matemático e figura preeminente da agência de Nova Iguaçu, Jacques de Oliveira Rocha, gerente no norte, Elso Eiras, fiscal de bancos, Murilo Pedreira, de Londrina, Saul Gonçalves, da agência do Meyer, e um não mais acabar de tantos outros, são homens que sobre merecerem nossa admiração, conseguem levar ao extremo a prova de capacidade, como integrantes da elite negra do país, pelo que psicológica e inofismavelmente realizam no sentido de remover um estado de coisas que só se mantém por culpa de espíritos divorciados da realidade brasileira.

Só lhes desejamos, portanto, que não deixem quedar o seu ânimo combativo, para que possamos abreviar, sempre mais, a cristalização do treze de maio...

Fonte: Jornal *Quilombo* nº 6, p. 4, fev. 1948.<sup>65</sup>

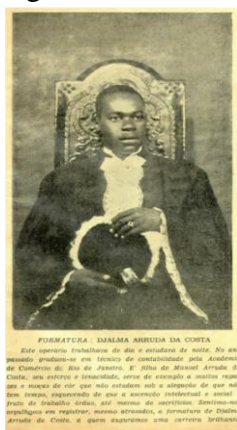
<sup>65</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-06/>>.

No 4º parágrafo, Mauro de Carvalho nomeia os homens e seus respectivos cargos, fazendo referência à formação de um deles: matemática. Uma ciência “dura”, atrelada à lógica e, de forma mais abrangente, à racionalidade, algo contestado aos negros pelas estereotípias vigentes do período, como temos visto no decorrer da pesquisa. A simples menção a uma instituição financeira indica uma diferença não só do momento histórico em relação à FNB, mas sobretudo de perspectivas de formação educacional e atuação profissional para os homens negros. Como temos dito, isso irá impactar na própria noção de masculinidade dos movimentos, gerando na FNB uma filiação mais aproximada dos valores masculinos dos segmentos das classes trabalhadoras, enquanto que no TEN se aproxima de uma pequena burguesia negra educada.

Mais à frente Carvalho associa esses homens a uma elite negra, outra caracterização interessante em comparação com a FNB, enquanto essa elite era mais uma aspiração dos fretenegrinos, tendo a própria Frente como referência, no TEN isso já era algo mais palatável, sugerindo, pelo menos na visão do movimento, uma pequena, porém crescente elite. No último parágrafo, o texto mostra o apoio do TEN a esses homens para “que não deixem quedar o ânimo combativo, para que possamos abreviar, sempre mais, a cristalização do treze de maio...” Com efeito, o ânimo combativo teria impulsionado o relativo sucesso desses trabalhadores em obter um bom emprego. Isto é, como no trecho anterior, não se pode nem parece desejável abdicar inteiramente do vigor moral para alcançar os objetivos.

O próximo texto que também dialoga com a questão do penoso processo de ascensão e integração do homem negro está no *Quilombo* nº 9, da coluna social, e anuncia a formatura de Djalma Arruda da Costa.

Figura 32 - Formatura: Djalma Arruda da Costa



#### FORMATURA: DJALMA ARRUDA DA COSTA

Este operário trabalhava de dia e estudava de noite. No ano passado graduou-se em técnico de contabilidade pela Academia de Comércio do Rio de Janeiro. É filho de Manoel Arruda da Costa, um negro e tenacidade, serve de exemplo a muitos rapazes e moças de cor que não estudam sob a alegação de que não tem tempo, esquecendo de que a ascensão intelectual e social é fruto de trabalho árduo, até mesmo de sacrifícios. Sentimo-nos orgulhosos em registrar, mesmo atrasados, a formatura de Djalma Arruda da Costa, a quem auguramos uma carreira brilhante.

Fonte: Jornal *Quilombo* nº 9, p. 11, mai. 1950<sup>66</sup>

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no09/>>.

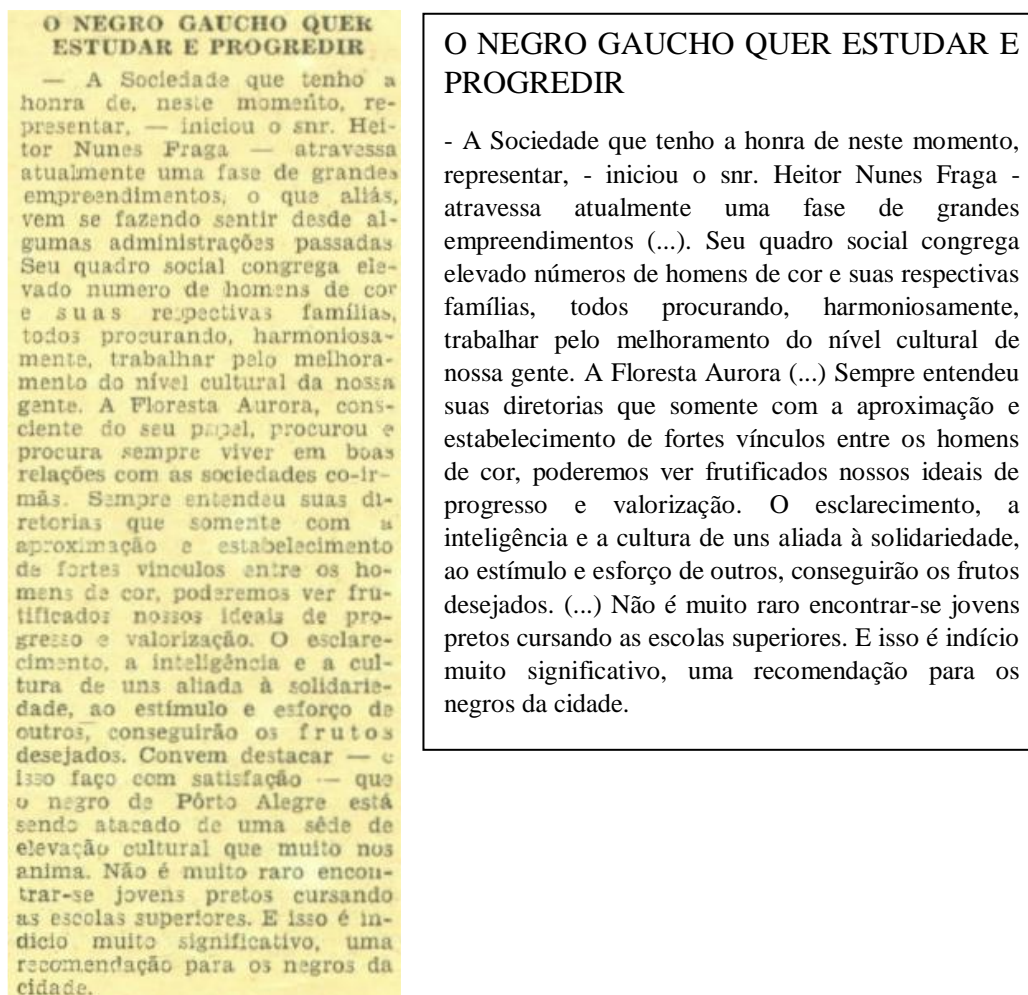
Enquanto a foto mostra um jovem negro em vestes formais, o texto explora suas qualidades como trabalhador e estudante, mostrando o “seu esforço e tenacidade” para conseguir se formar, que Djalma deveria servir de exemplo para “rapazes e moças de côr” que justificam sua ausência da rotina de estudos por falta de tempo. Essas são as qualidades que aparecem vinculadas a um homem negro, servindo de modelo exemplar para que homens e mulheres negros tenham sucesso na sua jornada.

O texto defende que “a ascensão intelectual e social é fruto de trabalho árduo, até mesmo de sacrifícios”. O mérito individual, ou “a ética da superação”, em contraponto aos prejuízos da discriminação racial é algo muito presente no *Quilombo* e no *A Voz da Raça*, e serve como referência para os leitores dos jornais. Djalma Arruda da Costa é técnico em contabilidade, que diferente do contador Vicente, de Arlindo Veiga dos Santos, é retratado de maneira altiva. Por estratégias diferentes, ambos os jornais incensam a masculinidade, um pela sua “falta”, outro por “possuí-la”. No caso de Djalma, dificilmente sem ela seria possível galgar as necessárias etapas educacionais, já em Vicente a formação educacional por si só não proporcionaria a entrada no mercado de trabalho.

O pai de Djalma Arruda é citado nominalmente, Manoel Arruda da Costa, sem mencionar, entretanto, sua mãe, isso pode se dar por diversos motivos, mas o significativo é que a família, mesmo não tendo tanta centralidade discursiva quanto na Frente, continuaria sendo uma instituição importante na organização da luta contra a discriminação racial, soerguimento moral e material da população negra. Sendo assim, o pai não poderia ficar ausente.

Na próxima matéria veremos a relação entre família e o estudo como sinergia importante para a projeção social, além de certas nuances em relação ao *A Voz da Raça*.

Figura 33 - O negro gaúcho quer estudar e progredir



Fonte: Jornal *Quilombo* nº 3, p. 2, jun 1950<sup>67</sup>

A Floresta Aurora, sociedade organizada por negros gaúchos, demonstra que seu quadro social “congrega elevado número de homens de cor e suas respectivas famílias, todos procurando, harmoniosamente, trabalhar pelo melhoramento do nível cultural da nossa gente”. A grande presença de “homens de família”, incluindo pais, reforçaria seus papéis na condução do avanço social da população negra. A figura do pai tem representado historicamente autoridade e responsabilidade (VALENTE et al, 2011), seu enfraquecimento, por outro lado, tem sido historicamente uma estratégia de castração simbólica do homem negro.

O texto notabiliza os laços de solidariedade, esforço e inteligência desses homens visando o progresso e a elevação cultural dos negros de Porto Alegre, e que “não é muito raro encontrar-se jovens pretos cursando as escolas superiores”. Assim como no texto de Santana e Costa, aqui também aparece a referência ao estudo superior, e que seria a partir do empenho

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-03/>>.

das famílias negras guiada pelos homens que, segundo o trecho, essa tarefa poderia ser realizada, e, por conseguinte, a entrada em carreiras profissionais mais promissoras. Apesar de Vicente (contador) e Antônio Martins (engenheiro) possuírem formação superior, o ensino universitário no *Quilombo* aparece como uma possibilidade mais plausível aos negros, sobretudo àqueles oriundos das classes ascendidas, um traço distintivo que começa a se desenhar entre os periódicos. O texto que versa sobre a fundação da União dos Homens de Cor do Distrito Federal chamado *Ministros, Senadores e Diplomatas Negros: Objetivos da "Uagacê" do Distrito Federal na palavra do Snr. Joviano Severino de Melo* nos oferece um bom exemplo disso.

Figura 34 - Ministros, senadores e diplomatas negros

**MINISTROS, SENADORES E DIPLOMATAS NEGROS**

**Objetivos da "Uagacê" do Distrito Federal na palavra do Snr. Joviano Severino de Melo**



finalidades, o Snr. Joviano esclareceu:

— União da família brasileira para quebrar o preconceito de cor herdado da escravidão. E de acôrdo com a Declaração dos Direitos do Homem, aprovados pela O. N. U., em dezembro de 1948, pleitear o ingresso do negro na alta administração do país. Queremos ter homens de cor Ministros de Estado, Senadores, Deputados, Prefeitos, Juizes, Diplomatas...

— Mas como pretendem atingir tal objetivo?

— Estamos arregimentando os intelectuais negros, os portadores de diplomas superiores, afim de nos ajudarem. A presença, entre nós, desses médicos, advogados, professores, engenheiros, dentistas, assistentes sociais, servirá ainda como incentivo aos estudantes de cor em seus possíveis complexos, e marca também o rumo educacional do que propomos realizar.

— E como vão caminhando os trabalhos da União?

— Satisfatoriamente. Basta assinalar a existência, em pleno funcionamento, dos diretórios da Tijuca, dirigido por Eustaquio Correia Chagas, com cerca de oitocentos socios inscritos; da Múda, dirigido pelo aplaudido compositor popular Sinval Silva, com mais de duzentos inscritos e o de Benfica, sob a minha responsabilidade e secretariado pela Srta. Idaleta de Melo, também com mais de duzentos socios. Cêdo ser coeficiente bastante recomendável para um trabalho de apenas dois meses e pouco.

— E os projetos para o futuro?

— Ainda é cedo para se falar deles. Entretanto, posso adiantar que é nosso desejo a imediata organização de um departamento feminino sob a direção de mulheres de cor esclarecidas e cultas, portadoras de diplomas de medicina ou de assistência social. Em breve funcionará também nosso diretório no morro de Mangueira. Para finalizar: a União tem como distintivo uma mão branca apertando outra preta, como símbolo dessa compreensão e harmonia racial que almejamos.

Prof. José Pompílio da Hora, presidente da "União do Distrito Federal"

A "União dos Homens de Cor do Distrito Federal" foi fundada a 19 de março do corrente ano por um grupo de negros e mulatos, animados do propósito de trabalhar pela elevação social dos seus patrícios. Entre os que sonham e lutam pelo melhoramento de seus irmãos de cor, está o grupo que constitue a primeira diretoria da "União". Srs.: p.of. José Pompílio da Hora, presidente; Dr. Heilo Chaves, vice-presidente; Antônio Troizilo Filho, 1.º secretário; Joviano Severino de Melo, inspetor federal; Eustaquio Correia Chagas, tesoureiro.

O Snr. Joviano Severino de Melo, que agora exerce as funções de sec.et.-geral da União, foi quem nos prestou estas informações:

— Pretendemos modificar os Estatutos da "União dos Homens de Cor dos Estados Unidos do Brasil" por que foram feitos durante o regime ditatorial, em Porto Alegre, no ano de 1943. Nossa União do Distrito é autônoma, se bem que suas finalidades sejam quase as mesmas da outra. Vamos enquadrar o novo Estatuto dentro das normas democráticas...

A nossa pergunta sobre quais eram precisamente essas

#### MINISTROS, SENADORES E DIPLOMATAS NEGROS

Objetivos do "Uagacê" do Distrito Federal na palavra do Snr. Joviano Seberino de Melo

A "União dos Homens de Côr do Distrito Federal" foi fundada a 19 de março do corrente ano por um grupo de negros e mulatos, animados do propósito de trabalhar pela elevação social de seus patrícios.

(...) A nossa pergunta sobre quais eram precisamente essas finalidades, o Snr. Joviano esclareceu:

— União da família brasileira para quebrar o preconceito de cor herdado da escravidão. E de acôrdo com a Declaração dos Direitos do Homem, aprovados pela O.N.U., em Dezembro de 1948, pleitear o ingresso do negro na alta administração do país. Queremos ter homens de cor Ministros de Estado, Senadores, Deputados, Prefeitos, Juizes, Diplomatas.

— Mas como pretendem atingir tal objetivo?

— Estamos arregimentando os intelectuais negros, os portadores de diplomas superiores, afim de nos ajudarem. A presença, entre nós, desses médicos, advogados, professores, engenheiros, dentistas, assistentes sociais, servirá ainda como incentivo aos estudantes de cor em seus possíveis complexos, e marca também o rumo educacional do que propomos realizar.

(...)

Fonte: *Jornal Quilombo* nº 3, p. 8, jun. 1950<sup>68</sup>.

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-03/>>.

Dentre os objetivos que anuncia o subtítulo estão: “União da família brasileira para quebrar o preconceito de cor herdado da escravidão... pleitear o ingresso do negro na alta administração do país. Queremos ter homens de cor Ministros de Estado, Senadores, Deputados, Prefeitos, Juizes, Diplomatas...”. Existe um forte apelo para a formação de uma elite letrada formada por homens negros para compor os quadros da alta administração pública. Ademais, não só a família continua tendo sua importância por parte dos movimentos sociais negros como agora surge uma masculinidade mais ambiciosa, que quer ocupar cargos decisórios nos rumos do país pós-Estado Novo, aspirando a posições e profissões até então impensáveis acerca de quinze, dez anos atrás.

Para cumprir tais objetivos, a Uagacê do Distrito Federal estaria arregimentando “(...) intelectuais negros, os portadores de diplomas superiores (...)”. Os profissionais convocados seriam “(...) médicos, advogados, professores, engenheiros, dentistas, assistentes sociais (...)”. Ou seja, a formação superior seria fundamental. Além disso, estaria nos planos para o futuro da União organizar “(...) um departamento feminino sob a direção de mulheres de cor esclarecidas e cultas, portadoras de diplomas de medicina ou de assistência social.” Assim como outras organizações negras, como a Frente criou, a União dos Homens de Cor, e o próprio TEN, estavam planejando implantar um departamento feminino. Interessante observar que a formação dessas mulheres estava ligada à área do cuidado, um enquadramento profissional profundamente inscrito nos papéis de gênero.

Por outro lado, ao dizer medicina e não enfermagem, por exemplo, o entrevistado Joviano Severino de Melo adotava um discurso que, se não rompia, tensionava esses mesmos papéis, algo relevante para a época. Ao fechar a entrevista, Joviano anuncia “(...) uma mão branca apertando outra preta, como símbolo dessa compreensão e harmonia racial que almejamos”. Indicando que a noção de democracia racial que se não era uma realidade, pelo menos era uma inspiração a ser concretizada. Essa matéria indica que havia uma sintonia de outros movimentos negros com o seu tempo, com expectativas diferenciadas, muitas vezes mais ousadas do que de seus predecessores.

As mulheres negras do TEN enfrentavam alguns dos dilemas também colocados para as mulheres da FNB, como a parca educação e os trabalhos precarizados. E assim como as primeiras, se organizaram para enfrentá-los. Abaixo, temos a inauguração do “Conselho Nacional das Mulheres Negras”, nome dado ao departamento feminino do TEN.

Figura 35 - Instalado o “Conselho Nacional das Mulheres Negras”



Fonte: Jornal Quilombo nº 9, p.4, jul. 1950<sup>69</sup>

**Instalado o “Conselho Nacional das Mulheres Negras”**

**CRIAÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS** de uma academia de artes domésticas, de teatro e ballet infantis – Objetivos do departamento feminino do TEN na palavra de sua diretora Da. Maria Nascimento.

Aberta a solenidade pelo sociólogo prof. Guerreiro Ramos, foi este eminente cientista patricio exposta em traços rápidos a verdadeira situação da gente de côr na sociedade brasileira, acentuando o ilustre orador que no Brasil não enfrentamos uma linha racial conforme acontece nos Estados Unidos. O problema racial aqui é secundário, sendo murgente uma ação educativa e de preparação profissional da gente de côr afim de que ela esteja em condições de acompanhar os estilos de comportamento social das classes superiores.

A mulher negra sofre várias desvantagens sociais. Por causa do seu despreparo cultural, por causa da pobreza da nossa gente de côr, pela ausência de adequada educação profissional. Não vamos desconsiderar ainda como fator da inferioridade social desfrutada pela mulher negra o preconceito de cor existente entre nós (...)

Este movimento de elevação cultural e econômica do povo de côr, que por pura tática de seu fundador se denominou Teatro Experimental do Negro, terá doravante no Conselho Nacional das Mulheres Negras o seu setor especializado em assuntos relativos a mulher e a infância.

Este departamento feminino tem por objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social, pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico.

(...) Desejamos fazer funcionar imediatamente um curso de arte culinária, de corte e costura, de alfabetização. Quanto aos demais cursos que pretendemos instalar, como: datilografia, admissão, ginásio, e outros mais (...)

Irão funcionar imediatamente os seguintes setores do Conselho Nacional das Mulheres Negras: Ballet infantil (...)

Educação e instrução (...)

Curso de orientação às Mães (...)

Teatro Infantil (...)

Assistência jurídica (...)

Orientação sociológica (...)

Corte e costura (...)

Tricot (...)

Bordados (...)

Natação (...)

Educação física (...)

Datilografia (...)

<sup>69</sup> Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-09/>>.

No subtítulo podemos observar alguns dos objetivos do conselho: “criação de uma associação profissional das empregadas domésticas, de uma academia de artes domésticas, de teatro e ballet infantis – Objetivos do departamento feminino do TEN na palavra de sua diretora Da. Maria Nascimento.” O texto é atravessado pela necessidade dos negros e, em especial da mulher negra, terem acesso ao estudo. O sociólogo Guerreiro Ramos, que abriu a solenidade, no segundo parágrafo diz: “O problema racial aqui é secundário sendo urgente uma ação educativa e de preparação profissional da gente de cor a fim de que ela esteja em condições de acompanhar os estilos de comportamento social das classes superiores”. Naquele periódico havia muita ambiguidade quanto à influência da discriminação racial para a posição social do negro, mas não só isso, Guerreiro Ramos deixa claro o modelo a ser alcançado através da educação e do trabalho: as classes superiores. Majoritariamente branca e das camadas médias e altas.

Já Maria Nascimento, no tópico sobre *A integração da mulher de cor na vida social*, do mesmo texto aponta não só o “preconceito de cor” como causa da inferiorização da mulher negra, mas também “(...) seu despreparo cultural, por causa da pobreza de nossa gente de cor, pela ausência de educação profissional”. E que para reverter tal situação “Este departamento feminino tem por objetivo lutar pela integração da mulher negra na vida social pelo seu alevantamento educacional, cultural e econômico”. Para isso, haveria diversos cursos “de arte culinária, de corte e costura, de alfabetização”. E mais à frente de “datilografia, admissão, ginásio, e outros mais”. Os setores que, segundo o texto, funcionariam imediatamente seriam: Ballet infantil, Educação e instrução, Curso de orientação às Mães, Teatro infantil, Assistência jurídica, Orientação sociológica, Corte e costura, Tricot, Bordados, Natação, Educação Física e Datilografia.

É perceptível que a formação educacional e profissional continuava importante no TEN, assim como na FNB, e as mulheres negras, mesmo que com papéis sociais ainda muito delimitados, como podemos ver inclusive pelos cursos e setores elencados pela autora, almejavam melhores condições de vida e de inserção no mercado de trabalho que não se restringissem ao trabalho doméstico. Havia, portanto, um viés pragmático com a organização e objetivos do departamento feminino. Já nos textos da coluna *Fala Mulher*, propostas mais ambiciosas e de estímulo para o crescimento profissional das mulheres negras era a tônica, como vimos em alguns exemplos no capítulo *Patriotismo viril*. Um avanço que aparece no TEN é quanto as maiores possibilidades, de homens e mulheres negros, poderem exercer outras profissões que seriam improváveis na década de 30. Além da perspectiva de constituir-se uma elite negra erudita, composta especialmente por homens negros.



### 5.3- Masculinidade, educação e trabalho no *A Voz da Raça* e no *Quilombo*

O que se pôde aventar, tendo por base o material empírico e o diálogo teórico, é que há o uso da gramática viril no *A Voz da Raça* como um artifício para potencializar o discurso sobre a educação para seu público interno e externo, no sentido de forjar uma personalidade máscula capacitada para enfrentar o preconceito de cor e os estereótipos correntes sobre os homens negros, que aliada a uma formação educacional adequada poderia oferecer aperfeiçoamento moral, melhores condições para a inserção no competitivo mundo do trabalho, além de contribuir para o soerguimento da população negra.

Esse realce na virilidade parece ter uma estreita relação com os anos 30, década de muitos conflitos políticos (inclusive armados), no caso paulista de tensões raciais agudas, fruto dos próprios rearranjos das posições sociais entre os diversos grupos, como os periódicos indicam. Nesse sentido, o acesso à educação e ao mercado de trabalho se apresenta como um campo de grande tensão, sobretudo entre homens negros e brancos. Ademais, a FNB era um movimento de massa que mirava no homem negro comum, assim, o uso dessa “gramática viril” assinalaria uma preocupação em se conectar com seu “público alvo”. Com isso, a ênfase em uma masculinidade viril tende a responder não somente aos padrões vigentes de masculinidade, mas também às dinâmicas das relações masculinas dentro do próprio grupo negro.

No *Quilombo*, mesmo que traços viris apareçam certas vezes, o realce é na distinção cultural e intelectual que a educação poderia oferecer. Parece haver a intenção de construir uma masculinidade moderna e sofisticada, afeita ao seu tempo de entusiasmo, do pós-guerra e pós-Estado Novo. Havia a pretensão, mais evidente, de formar uma elite educada de homens negros para liderar e ocupar cargos, sobretudo na administração pública e na política, calcando-se em um ideário da democracia racial. A educação nessas circunstâncias adquire sentidos diversos, enquanto no *A Voz da Raça* ela poderia ser entendida mais como um instrumento pragmático para burlar a pobreza, angariar respeito e aceitação entre negros e brancos, no *Quilombo* a educação se travestiu de chance de notoriedade, distinção e influência no espaço público. Não obstante, nos dois periódicos a educação dotava-se de um teor emancipatório individual e coletivo, além de colocar aqueles que a possuísem como “representantes da raça”, de uma masculinidade reconstruída com as mais altas virtudes.

Desse modo, foi a educação uma das maneiras dos homens negros se colocarem em pé de igualdade com os homens brancos, assim como modelos para outros homens e mulheres

negros (ou não). Isso pode ensejar uma interpretação em que os homens negros poderiam estar simplesmente emulando os valores e comportamentos dos homens brancos para com isso poder melhor enfrentá-los. Isso é verdade até certo ponto. bell hooks (2019) advoga que nos EUA homens negros comprometidos com o “aprimoramento da raça” estariam mais inclinados a concordarem com as normas de masculinidade estabelecidas pela cultura do homem branco. Segundo hooks, o aprimoramento da raça seria uma ideologia desenvolvida nos EUA em fins do século XIX e início do XX que teria na classe média negra seu grupo irradiador, em que o autoaperfeiçoamento através da cultura e da educação seriam as principais ferramentas para combater o racismo e se igualar aos brancos. Como foi possível ver no percurso do capítulo, isso também ocorreu nos dois movimentos sociais analisados, principalmente no TEN.

Nossa apreciação, porém, agrega outra perspectiva, ao operarmos com o repertório do universo masculino queremos revelar uma dinâmica que estaria por trás dos valores e comportamentos que orientariam seus discursos. Se muitos deles, sobretudo os valorizados, à primeira vista pertenceriam aos homens brancos, podemos considerar que seja uma questão de “apropriação ideológica”. Em outras palavras, os códigos masculinos e de virilidade não são monopólios de nenhum grupo específico de homens, mas se são vistos como tais, é devido a um longo processo de usurpação, ou depreciação, desses códigos em outros grupos de homens. Expropriados deles, e degradados em seus significados, esses homens seriam vistos como inferiores, quer dizer, emasculados ou hipermasculinizados. Se um tipo de vestimenta, linguajar, gestual, conhecimento ou conduta é respeitado em uma conjuntura, e é associado ao homem branco e o homem negro o utiliza, não é obrigatoriamente para copiá-lo, no sentido de se tornar como ele, mas sim para ter acesso, ao que aqueles elementos significam, que, no caso, sinalizariam o “prestígio da masculinidade” (SOUZA, 2013).

A centralidade da educação nesse processo teria um percurso histórico, segundo bell hooks, no seu livro *We real cool: black men and masculinity* (2004), os homens negros estariam na dianteira para que a população negra tivesse acesso à educação:

More than any other group of men in our society black males are perceived as lacking in intellectual skills. Stereotyped via racism and sexism as being more body than mind, black males are far more likely to be affirmed in imperialist white supremacist capitalist patriarchy for appearing to be dumb or as we called it growing up in the fifties, appearing to be slow (meaning not quite bright). From slavery to the present day individual black men have been at the forefront of African-American efforts to acquire education on all levels. In the late nineteenth century and early part

of the twentieth, any black male seeking to move from bondage to freedom looked to education as a way out<sup>70</sup> (HOOKS, 2004, p. 32).

Como temos visto no decorrer do capítulo, também é algo que perpassava os dois movimentos sociais negros, a saber: uma luta contínua contra a estereotipia aviltante de sua inteligência e a importância dada à educação para que não somente os estereótipos, mas a própria condição de vida dos negros fosse alterada para melhor. A demanda por educação, nesse sentido, estaria intimamente ligada à realidade social vivida pelos negros, e especificamente às masculinidades dos homens negros. Já as mulheres negras não ficaram muito atrás no que se refere à busca por melhores condições de vida através da educação, mesmo com as limitações impostas pelos ordenamentos de gênero dos seus respectivos períodos históricos. No caso, *A Voz da Raça* parece ter produzido uma masculinidade que enxergava as mulheres negras pelo prisma do moralismo e dos ideais familiares vigentes, o que, diante da difícil realidade vivida por muitas, procurava reabilitá-las através da educação formal e moral, priorizando seu papel social doméstico como mãe e esposa, embora promovendo simultaneamente maiores possibilidades profissionais.

Já o *Quilombo* buscou valorizar a presença e a atuação das mulheres negras no jornal, enfatizando suas questões, trajetórias profissionais e artísticas. Em ambos os casos, seja no âmbito doméstico ou no espaço público, a mulher negra representou uma parceira importante na luta contra a discriminação e na regeneração de sua masculinidade, visto que ao exaltar sua beleza, decência, maternidade e profissionalismo, sua “honra” era restabelecida.

---

<sup>70</sup> Tradução livre: “Mais do que qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade, os homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais. Sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que mente, homens negros estão propensos a serem recebidos pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, como sujeitos que parecem ser idiotas ou, como nós que crescemos nos anos 1950 costumávamos dizer, pessoas lentas (isto é, pouco inteligentes). Desde a escravidão até os dias atuais, alguns homens negros têm estado na vanguarda dos esforços que os afro-americanos têm realizado para adquirir educação em todos os níveis. Em fins do século XIX e começo do século XX, qualquer homem negro que procurasse passar da escravidão para a liberdade via a educação como uma saída.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do nosso trabalho, argumentamos sobre a relevância da masculinidade para a compreensão de certos aspectos do TEN e da FNB na figura de seus periódicos. Visto que ambos possuíam um grande volume de homens negros, e alguns brancos, como articulistas. A probabilidade de que estes homens veiculassem aceções sobre si próprios, suas atribuições na condução da luta contra a discriminação racial, e dos papéis de gênero e raça na sociedade era muito grande. Deste modo, tais movimentos poderiam nos fornecer um “olhar masculino e negro” sobre si e a sociedade brasileira. Em outras palavras, ao trazer o homem negro, racializado e, sobretudo, generificado, para o centro das interpretações sobre o Brasil, toda uma realidade latente poderia vir à tona.

Além do mais, o uso discursivo do repertório masculino mobilizado pelos periódicos visou humanizá-los, no sentido de referendá-los como cidadãos de pleno direitos. Esse repertório compreenderia não só elementos historicamente relacionados aos homens negros, como a força física, mas sobretudo aqueles que se configurariam como pertencentes aos homens brancos, principalmente das classes médias e altas, como inteligência e racionalidade.

Essa dinâmica entre masculinidade e humanidade, que, como vimos, possui, por vezes, um forte viés viril, se contrapunha diretamente com o estereótipo de degeneração conferido ao homem negro. Nesse sentido, um processo de disputas e alianças se instaurou nas páginas dos jornais entre homens negros e brancos. Ao mesmo tempo em que os homens brancos eram vistos como adversários pelos bens societais, usando o preconceito e a discriminação racial para benefício próprio, também eram estimados pela posição social e simbólica que ocupavam na sociedade, seu papel de destaque na história brasileira e por seus pactos com as pessoas negras contra o racismo. Do mesmo modo, os homens negros que frequentemente eram vistos como uma ameaça às posições de poder dos homens brancos, eram respeitados pelas suas contribuições intelectuais, culturais e políticas à nação.

Esse jogo de concorrências e convergências mostrou as ambiguidades nas relações entre homens pertencentes a grupos sociais historicamente hierarquizados. Em diálogo com Rolf de Souza (2013), que indica de forma mais preponderante os elementos de dissenso e conflito, o material empírico nuança essas interpretações apresentando outras direções onde a admiração e o respeito mútuo também são elementos integrantes das relações entre esses homens, mesmo que pontuais e dentro de contextos bem circunscritos como são os nossos

casos. Hegemônicos e subalternos (nos termos de Connel, 2013), não se furtariam de seus usos para elaborarem suas masculinidades.

Ainda que Connel (1995) destaque a fluidez intrínseca à sua tipologia das masculinidades (hegemônicas, cúmplices, subalternas e marginalizadas) ela possui certo grau de fixidez e limitação. Em nossa pesquisa isso apareceu de forma mais dinâmica. Tal porosidade, sobretudo no que diz respeito em certa aderência dos homens negros dos movimentos analisados aos valores masculinos hegemônicos da época. Isso se configuraria menos com um “embranquecimento” desses homens do que com uma reapropriação de ideais e valores “saqueados” pelos processos de escravização e subalternização. Isso aparece com maior clareza em relação ao trabalho e à educação, dois recursos fundamentais para a conformação de uma masculinidade estimada. Se para obtê-los havia a necessidade de algum grau de enquadramento às condutas e normas dominantes, compreendidas como mais adequadas para a ascensão social, que assim fosse, pelo menos na visão desses dois movimentos. No entanto, isso não quer dizer que eles mimetizassem sem nenhum crivo crítico, hábitos considerados predominantes nas classes médias brancas. Podemos considerar que a absorção de algumas dessas características fosse parte de uma estratégia, em certa medida pragmática, para o acesso aos instrumentos necessários para, novamente, o exercício da cidadania e exemplo para outros homens e mulheres negros. Como se fosse uma espécie de “masculinidade híbrida”.

Paralelo a isso temos a ressignificação das estereotípias e representações dos homens negros. Se nos estudos de Vigoya as questões referentes à potência muscular e sexual é central, em nosso cenário o sexo é deslocado. Assim, a força física, intelectual e de caráter ganham relevo, grosso modo, a suposta superioridade física do homem negro (quando reivindicada) somada à erudição e/ou aos conhecimentos técnicos e à dignidade de caráter, se tornariam um ativo no concorrido mercado de trabalho emergente nos períodos estudados. O que simultaneamente contribuiria para sua integração real na identidade brasileira, não como figurante, mas como fator civilizacional.

A virilidade, nessa perspectiva, se verificou um conceito produtivo na compreensão das elaborações discursivas entre esses sujeitos, tornando inteligível certas estratégias dos homens nos periódicos estudados, que, de maneira geral, a utilizaram para resgatar suas humanidades através do processo de *virilização*. Mesmo quando seus sentidos mais usuais ligados à força física e à potência sexual não eram reivindicados, seus atributos morais e intelectuais foram. E mais, sua ausência discursiva conjugada com outros atributos já indicava mudanças nas configurações da própria masculinidade. Em outras palavras, a ausência, a

presença e a seletividade nos elementos viris para compor a masculinidade tende a modificá-la sobremaneira, fazendo perceber as nuances entre as construções na FNB, no TEN e em relação aos homens de fora dos movimentos.

Como fruto da investigação, foi possível captar em cada tópico, na figura dos capítulos, semelhanças e diferenças entre essas masculinidades. No capítulo sobre o *Patriotismo viril* verificamos que no *A Voz da Raça* a masculinidade assume características guerreiras, militarizadas, moralizadoras e nacionalistas. Por sua vez, no *Quilombo* o comedimento, o espírito público, a afeição à política, o refinamento intelectual e a urbanidade se mostraram basilares de sua constituição. Em comum podemos mencionar a coragem e o patriotismo. No capítulo sobre *Os Grandes Homens Negros do Passado*, *A Voz da Raça* preferiu destacar a força moral e física, a coragem e a belicosidade de seus homenageados. O *Quilombo*, por outra via, ressaltou a sofisticação cultural, intelectual e virtuosidade deles. Em ambos os jornais, o heroísmo, o sacrifício e a bravura marcam presença. Sobre o *Homem negro educado e trabalhador*, o aperfeiçoamento moral e técnico confluem para forjar um homem negro modelo no periódico da FNB. No do TEN, a erudição, a elevação cultural e a constituição de uma elite letrada são a tônica. Em comum, a laboriosidade.

Em suma, por trás de todas essas nuances subjaz o que seriam “projetos de homem negro”, pois cada movimento social, através de seus jornais, procurou construir para si uma imagem sólida, referência para todos os seus interlocutores, que não se esgotavam nos próprios movimentos, nem nas pessoas negras, mas abarcavam também as brancas, confundindo-se, portanto, com projetos de sociedade. Dessa maneira, mulheres, negras e brancas, estavam presentes. Apesar de não ter sido o enfoque do nosso trabalho, vimos que a construção discursiva dos homens passava por elas, sobretudo as negras. Essas mulheres, que formavam um contingente importante em ambos os movimentos, estavam inseridas no mercado de trabalho de forma, desproporcionalmente, precarizadas. Os periódicos, então, estimulavam sua formação educacional e profissional, por um lado, e de outro, a possibilidade de serem donas de casa cuidando por tempo integral do lar e de suas famílias.

No *A Voz da Raça*, esse papel mais definido de homens no espaço público e mulheres no espaço doméstico se mostrou mais valorizado. No *Quilombo*, havia sim a valorização da família e da maternidade, mas conjuntamente com maior ênfase um processo de ampliação da presença das mulheres no espaço público (no trabalho, nas artes e na política) com maiores expectativas que as suas congêneres da década de 30. Isso se refletia, inclusive, nas páginas dos dois periódicos. Se no *A Voz da Raça* as imagens de mulheres eram raras, no *Quilombo* era comum, muitas vezes em trajes impensáveis para o contexto da FNB. A presença de

articulistas mulheres no periódico da FNB era mais dispersa, no *Quilombo* temos a coluna fixa *Fala Mulher*, de Maria Nascimento.

Todas as diferenças e similaridades colocadas até então demonstram concepções de homem marcadamente atreladas aos seus contextos, regiões e projetos políticos, mostrando que a construção da masculinidade dos homens negros se dá não somente entre homens negros e brancos, mas também entre homens (e mulheres) negros em diferentes tempos históricos e geográficos. Isso pode parecer óbvio, mas quando temos concretamente as variações no modelo de masculinidade, a obviedade abstrata ganha materialidade empírica. A *generificação* dos homens negros nesse trabalho procurou abrir novos horizontes de abordagem e interpretação sobre o movimento negro brasileiro, fazendo emergir uma realidade que talvez estivesse naturalizada. Em última instância, a sinergia entre os conhecimentos sobre homens e mulheres negros podem fornecer subsídios interessantes para pensar não só a população negra, mas a sociedade brasileira como um todo.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Jayme de. Mãe Preta. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 58, p. 4, out. 1936.
- AIRIAU, Paul. A virilidade do padre católico: certa ou problemática? In: COURBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 302- 320.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste 1920/1940)*. Maceió: Catavento, 2003.
- AZEVEDO AMARAL. *A crise no Brasil atual*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.
- AMARAL, Raul. J. Que destino, afinal, nos aguarda? *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 33, p. 8, mar. 1934.
- ANDERS, Lindolfo K. Eng. Antônio Martins dos Santos. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 67, p. 4, jul. 1937.
- AUDOIN -ROUZEAU, Stéphane. A Grande Guerra e a história da virilidade. In: COURBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 503-512.
- BADINTER, Elizabeth. *XY: A identidade masculina*. Lisboa: ASA, 1996.
- BARBOSA, Colú. De pé como homem... *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 2, p. 2, mar. 1933.
- BARBOSA, Márcio. *Frente Negra Brasileira: Depoimentos*. São Paulo. Quilombhoje, 1998.
- BARBOSA, Orestes. Democracia Racial: Uma carta esquecida. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 6, jul. 1949.
- BARBOSA, Pedro Paulo. Delírio da covardia. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 6, p. 3, abr. 1933.
- BARD, Christine. A virilidade no espelho das mulheres. In: COURTINE, Jean-Jacques (ed.) *História da Virilidade 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 116-153.
- BERETA DA SILVA, Cristiani; RAMOS FLORES, Maria Bernardete. Gênero e Nação: a série fontes e a virilização da raça. *Revista História da Educação*, v. 14, n. 32, septiembre-diciembre, 2010, p. 77-107.
- BERTAUD, Jean-Paul. O exército e o brevê de virilidade. In: COURBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 74-94.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.



BORGES, Dain. “Inchado, feio, preguiçoso e inerte”: A Degeneração no Pensamento Social Brasileiro, 1880-1940, *Teoria & Pesquisa*, 47, jul/dez de 2005.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARVALHO, Mauro de. Vida trabalhista. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n. 6, p. 4, fev. 1948.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHAPOUTOT, Johann. Virilidade fascista. In: COURTINE, Jean Jacques (ed.). *História da virilidade 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 335-363.

CONNEL, [Raewyn] Robert. *Masculinities*. Berkeley, CA: University of California Press, 1995.

CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 424, 2013.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Prefácio. In: CORBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 1: A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.7-9.

CORBIN, Alain. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. In: CORBIN, Alain (ed.) *História da Virilidade 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 16-34.

COSTA, Benedito V. Bilhete á uma noiva... á Sra. Benedicta Costa. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 55, p. 3, jul. 1936.

COSTA, Haroldo. Tribuna Estudantil: Queremos Estudar. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n. 1, p. 4, dez. 1948.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. *O Negro no Rio de Janeiro: Relações de raças numa sociedade em mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 7-12.

CUNHA, Horácio da. Um apelo aos pretos brasileiros. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 68, p. 2, ago. 1937.

CUNHA, Vanessa Lima. *As muitas vozes presentes na coluna Arquivo do jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro (1948/1950)*. VI Congresso Internacional de História, setembro de 2013, Paraná.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DÁVILA, Jerry. O valor social da brancura no pensamento educacional da era Vargas, *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 111-126, 2005. Editora UFPR, p. 112.

DEMOCRACIA racial: A Conferência do Negro e as Nações Unidas. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 7, jun. de 1949.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978) “Viva a nova monarquia brasileira; Viva Dom Pedro III!”, *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p.517-536, Jul/Dez 2006.

DOMINGUES, Petrônio. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 28, p. 345–374, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644809>. Acesso em: 21 fev. 2020.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARGE, Arlette. Virilidades populares. In: CORBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 1: A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.495-523.

FAUSTINO, (NKOSI) Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-104.

FAUSTINO, Deivison; RIBEIRO, Alan. Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos sobre Masculinidades Negras na Diáspora, *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, n. 10, pp.163-182, 2017.

FAUSTINO, Deivison. Prefácio. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs). *Diálogos Contemporâneos sobre Homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 13-20.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes (1º vol.)*. São Paulo: Globo, 2008.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

FORMATURA: Djalma Arruda da Costa. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n. 9, p. 11, mai. 1950.

FORTH, Christopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: COURTINE, Jean-Jacques (ed.). *História da Virilidade 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 154-186.

FRIEDMAN, David M. *Uma Mente Própria: A História Cultural do Pênis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

GOMES, Flávio. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GRAHAM, Jessica. A virada antirracista do Partido Comunista no Brasil, a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista na década de 1930. In: GOMES, Flávio; DOMINGUES, Petrônio. *Políticas da Raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014, p. 353-375.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. “Notas sobre Raça, Cultura e Identidade Negra na Imprensa Negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950”, *Afro-Ásia*, v. 29-30, Salvador, 2003, pp. 247-70.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais Negros e Formas de Integração Nacional, *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, São Paulo, IEA-USP, 2004a, pp. 271-84.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. Sage Publications, 1997.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HANCHARD, Michael. *Orfeu e poder: movimento negro no Rio e São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: *História da Virilidade 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 15-34.

HENRIQUE Dias. *A Voz da raça*, São Paulo, 13/05/1933, Nº 9, p.2.

HINO da Gente Negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 7, p. 3, abr. 1933.

INSTALADO o Conselho Nacional das Mulheres Negras. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n. 9, p. 4, jul. 1950.

KIEL, Joaquim Pedro. Frente Especial para A Voz da Raça. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 2, p.4, mar. 1933.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-117.

KRITZMAN, Lawrence D. A virilidade e seus outros: A representação da masculinidade paradoxal. In: VIGARELLO, Georges (ed.). *História da Virilidade 1: A invenção da virilidade - Da Antiguidade às Luzes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 217-241.

LEÃO, Fernando Antônio Fontenele; FILHA, Maria de Lourdes Macena. *Teatro Experimental do Negro: contribuições ao teatro brasileiro*. In: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação, VII, 2012, Palmas Tocantis. *Anais VII Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação*. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/77328201-Teatro-experimental-do-negro-contribuicoes-ao-teatro-brasileiro>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LIPSET, David. O que faz um homem? Relendo Naven e The Gender of the Gift, *Cadernos Pagu*, n.33, p.57-81, jul/dez, 2009.

LUCRÉCIO, Francisco. Aproxima-se o cincoentenário da abolição da Escravatura no Brasil. *A Voz da Raça*, São Paulo, mar. 1937, n. 63, p. 4.

LUIZ Gama, Herói e Santo da Abolição. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 2, Coluna Negros da História, p.1-2, maio 1949.

MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 4, p. 3, abr. 1933.

MILÍCIA Frentenegrina. *A Voz da Raça*, São Paulo, 29/04/1933, n. 7, p. 3, abr. 1933.

MINISTROS, senadores e diplomatas. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n. 3, p. 8, jun. 1950.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MOREIRA, Olimpio. O que foi a raça negra. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 33, p. 4, mar. 1934.

MOURA, Clovis. *Imprensa negra*. Imprensa Oficial, Edição Fac-Similar, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. Minha candidatura. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 7-8, p. 1, mar.-abr. 1950.

NASCIMENTO, Abdias. Nós e a Sucessão. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 3, p.1-4, jun. 1949.

NASCIMENTO, Abdias. Abolição. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 2, p.1, maio 1949.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetórias e reflexões. *Revista Estudos Avançados*, 18 (50), 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/B8K74xgQY56px6p5YQQP5Ff/?lang=pt>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

NUNES, Rafael dos Santos. *A formação e educação do negro pelo Teatro Experimental do Negro (TEN): Um estudo a partir das páginas do jornal "Quilombo"*. Dissertação (mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012. Disponível: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10350>>. Acesso em: 23 out. 2020.

O ANIVERSÁRIO de Cruz e Souza. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 1, Coluna Tópicos, p. 2, dez. 1948.

O CONCURSO da raça negra na grandeza do Brasil - Um Mucio Scévola de côr preta. Henrique Dias. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 9, p. 2, mai. 1933.

O NEGRO e as eleições. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, jun. 1950, n. 5, Coluna: Tópicos, p.3.

O NEGRO gaúcho quer estudar e progredir. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n. 3, p. 2, jun. 1950.

OLAVO, Antônio. Abdias Nascimento: luta e memória negra. *Presente! Revista de educação* Ano XVI, n. 63, jun.-ago. 2008, p. 50-55.

OLIVEIRA, Laiana Lannes. *A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; GOMES, Eduardo Rodrigues; WHATELY, Maria Celina. *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro (orgs.). *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 166 p. (Política e Sociedade)

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade, *Revista Estudos Feministas*, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PAIXÃO, Marcelo. *A lenda da modernidade encantada: por uma crítica ao pensamento social brasileiro sobre relações raciais e projeto de Estado-Nação*. Curitiba: CRV, 2014.

PENSANDO na vida. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 12, p. 1, jun. 1933.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. *Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Minas Gerais: Nandyala, 2009.

PICCHIA, Menotti del. *Soluções Nacionais*. Rio de Janeiro: José Olympio, (1935) [1931].

PIGENET, Michel. Virilidades operárias. In: CORBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 249- 301.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? *Revista Democracia Viva*, n. 22, p. 64-69, jun/jul, 2004.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa; São Paulo: Editora UEPG; Fundação Carlos Chagas, 2013.

QUERINO, Manuel Raimundo. O colono preto como fator da civilização brasileira. *Afro-Ásia*, n.13, 1980, pp. 143-158.

RAUCH, André. O desafio esportivo e a experiência da virilidade. In: CORBIN, Alain (ed.). *História da Virilidade 2: O triunfo da virilidade – O século XIX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 321-381.

RIOS, Flávia M. Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000). *Sociedade E Cultura*, 12(2), 2010, p. 263–274. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sec.v12i2.9100>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ROSA, Daniela Roberta Antônio. *Teatro Experimental do Negro: Estratégia e Ação*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281890>>. Acesso em: 18 maio 2018.

SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador: EdUFBA; Pallas, 2003.

SANTOS, Arlindo Veiga dos. Datas Históricas. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 64, p. 1, abr. 1937.

SANTOS, Arlindo Veiga dos. O emprego de contador. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 61, p. 1, jan. 1937.

SANTOS, Arlindo Veiga dos; PIRES, Alfredo. Hino da Gente Negra Brasileira. *A Voz da Raça*, São Paulo, 29/04/1933, n. 7, p. 3.

SÃO Paulo. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, n. 2, p. 3, jan. 1949.

SARTRE, Maurice. Virilidades Gregas. In: VIGARELLO, Georges (ed.). *História da Virilidade 1: A invenção da virilidade - Da Antiguidade às Luzes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 217-241.

SCHMIDT, Patricia. *Plínio Salgado: O discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, Ano 25, n. 2, 2003, p. 215-235.

SILVA, Maria Aparecida Pinto. *A Voz da Raça: Uma expressão Negra no Brasil que queria ser branco*. Tese (Doutorado em Ciência Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

SOUZA, Rolf Malungo. As representações do homem negro e suas conseqüências. *Revista Forum Identidades*. n. 3, v. 6, jul-dez de 2009.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. *Revista Antropolítica*, n. 34, p. 35-52, 2013.

STAUDT, Jéferson Luis; SILVA, André Luiz dos Santos; MAGALHÃES, Magna Lima. Aptos aos trabalhos braçais, suscetíveis aos vícios morais: representações do homem negro na revista educação física (1939-1944). *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 483-494, abr./jun. de 2018.

TAVARES, Julio César. Teatro Experimental do Negro: Contexto, Estrutura e Ação. In: MÜLLER, Ricardo. Gaspar. (org.). *Revista Dionysos*. Especial: Teatro Experimental do Negro. Organização: Ricardo Gaspar Muller. Rio de Janeiro: FUNDACEN, 1988.

TEIXEIRA, Aristides. Por acaso. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 47, p. 4, ago. 1935.

THUILLIER, Jean Paul. Questões de léxico/ Virilidades Romanas: vir, virilitas, virtus. In: VIGARELLO, Georges (ed.). *História da Virilidade 1: A invenção da virilidade - Da Antiguidade às Luzes*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 73-122.

TÓPICOS: o negro e as eleições. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*, Rio de Janeiro, n. 5, p.3, jun. 1950.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si*. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade. Lisboa: Fim de Século. 1995.

VEIGA, Celina. Salve 13 de maio. *A Voz da Raça*, São Paulo, n. 45, p. 2, maio 1935.

VIGARELLO, Georges. A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: VIGARELLO, George. *História da Virilidade 1: A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.11-16.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

VIANA, Oliveira *Populações meridionais do Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Governo do Estado: UFF, 1973.